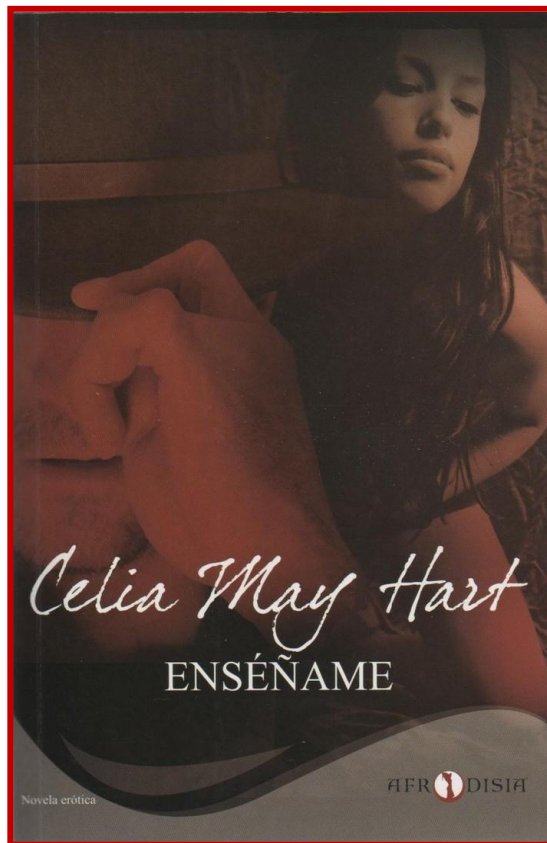




Me ensina

CELIA MAY HART



PROJECTO REVISORAS TRADUCÇÕES

PRT

Este livro faz parte, da união de pessoas que gostam da leitura e o repasse,
sem fins lucrativos, é de fãs para fãs.

A comercialização deste produto é estritamente proibida.



Ela tinha curiosidade...

A biblioteca dos Barrington é única... E a senhorita Portia Carew só bisbilhotava uma história tentadora de desejo, um desejo proibido, cheio de luxúria e desesperadamente erótico. Mas ela quer mais. Muito mais. É uma sorte que esteja sozinha e escondida...

Bom, quase escondida; esse atraente canalha do Mark Knightson presenciou a sessão de seu prazer secreto e sabe que ela está preparada para experimentar o que somente ele pode lhe dar. Um prazer delicioso, tabu, carnal...

Nota da Revisora Rosilene: O livro se resume em sexo, sexo e mais sexo. Faltou uma trama... nem que fosse uma insignificante. A mocinha é basicamente uma depravada sem noção e o mocinho um patife aproveitador.

O que compensa são as cenas hhhhhoooooooootttttttttt... Me mandem um bombeiro (de preferência bem gostoso) para apagar o incêndio. KKKKK.

Capítulo 1

O honorável Mark Knightson estava recostado no divã e as almofadas de seda vermelha se afundavam sob seu peso. Completamente liberado de qualquer elemento próprio do traje de um cavalheiro, incluído o lenço, centrou-se na bela e descorada silhueta da senhorita Adeline.

Ela se levantou do chão, onde tinha estado ajoelhada junto a seus pés, e se sentou na minúscula penteadeira para retocar a maquiagem dos lábios. Através do espelho barato lhe dedicou um olhar mais que insinuante ao homem deitado.

O olhar de Mark deslizou pela dourada cascata de sua juba até o lugar onde terminava, sobre os perfeitos e arredondados pêssegos de suas nádegas.

A senhorita Adeline não era absolutamente uma inocente donzela, a não ser uma das melhores garotas de Madame Garbadine. A madame atendia todas suas necessidades e ele, nas raras ocasiões, em que visitava seu estabelecimento, fazia que lhe resultasse lucrativo fazê-lo.

Adeline fazia um trabalho excelente o levando até o ponto justo do frenesi, antes que ele se deixasse ir em sua ampla e ávida boca. Esteve a ponto de falhar, já que as lembranças de sua última conquista, do quão perto que lady Cecily Lambeth tinha estado de apanhá-lo, quase baixaram a ereção.

Matrimônio.

Só a palavra já conseguia que seu pênis ficasse flácido. Se não tivesse sido pela chegada da segunda garota, uma impressionante ruiva que posava daquela forma tão atraente enquanto brincava com suas magníficas tetas, tudo teria acabado em um absoluto desastre.

Mesmo assim, o sexo não tinha conseguido acalmá-lo; só tinha sido uma distração temporária de seus problemas. Amaldiçoou entre dentes. Tinha que haver uma maneira de sair desse dilema. Voltou a analisar a situação.

Tinha tomado lady Cecily por uma viúva aborrecida, uma mulher consumida pelo tédio desde os primeiros dias de seu matrimônio com um lorde senil que tinha esperado em vão um herdeiro e que ao final lhe fez o favor de morrer.

Ainda vestida com o crepê negro do luto, pôde vê-la flertar com um jovem atraente atrás de outro. Chegou à rápida conclusão de que lady Cecily compartilhava seus encantos com liberdade e decidiu se unir ao grupo. Sabia que ia ter êxito em seus avanços, embora não tivesse nenhuma vontade de se contagiar da sífilis de outro homem.

E lady Cecily se enganchou a ele, em público e em privado, rechaçando aos outros aspirantes. Mas a idiota era mais inocente do que ele teria desejado e acreditou que sua decidida perseguição ia conseguir que, no final, ele se deixasse pôr as cadeias.

Casar-se com ela? Tinha tirado a idéia de sua cabeça e tinha deixado de freqüentar sua companhia para depois vir aqui a afogar a sensação que lhe tinha ficado de estar tão perto da catástrofe.

Mas não podia se refugiar dentro de um bordel para sempre. Devia encontrar alguma solução para fugir das expectativas de lady Cecily.

Se levantou e se vestiu. Colocou o lenço com uma precisão quase perfeita. Há essa hora tão tardia ninguém se fixaria em um lenço enrugado, exceto possivelmente Beau Brummel e seu grupo, e ele preferia evitá-los.

Bem. O que fazer agora?

Sua solução tradicional nestas ocasiões, a de fugir para o continente, tinha ficado descartada pela guerra, embora ficasse a Itália como último recurso.

Teria que ser o campo.

A senhorita Portia Carew penetrou na biblioteca e fechou a porta atrás dela. Ainda não levava um dia completo em Willowhill Hall e já estava farta das insistentes ameaças de sua mãe para que encontrasse a alguém com quem contrair matrimônio. Pior ainda, tinha notado que outros hóspedes a olhavam e fofocavam em sussurros que escondiam com suas mãos. Fofocavam sobre ela.

A sociedade reconhecia que a tinha tratado injustamente, mas ainda circulavam rumores e as dúvidas seguiam se acumulando.

Portia passou seus dedos sem luvas por cima dos lombos dos livros. Suas unhas produziam um satisfatório som seco cada vez que topavam com a borda de um dos volumes. Esse pequeno som entrecortado lhe resultou agradável e a tranqüilizou.

Um título lhe chamou a atenção: Clarissa, de Richardson. Seus lábios se curvaram. Ela não acabaria como essa moça panaca. Morrer por se ver comprometida? Ela não!

Chutou o chão, seu pé calçado com uma sapatilha mal fez ruído no suave tapete sobre o qual pisava. Sua irritação voltou a crescer. Não, não era irritação; era ira.

Não importava que todos os rumores fossem certos: tinha lutado muito para manter a confiança de seus pais e convencer ao resto de seu círculo social.

E tinha funcionado, em geral.

Percorreu com o olhar os títulos dos livros e percebeu a uniformidade das encadernações douradas. Era uma biblioteca que só estava de adorno ou alguém a utilizava? Se tirasse um livro, alguma das páginas estaria marcada como se alguém o tivesse lido alguma vez? As encadernações variavam em cor: o vermelho marroquino cobria um conjunto completo de enciclopédias e, mais abaixo, pôde ver lombos verde oliva.

Olhou em outras estantes. Aborrecida geografia, política ainda mais aborrecida e entradas de enciclopédia até chegar a enjoar. Não havia nada interessante ali?

Voltou-se para poder abranger toda a pequena estadia.

Uma série de janelas deixavam entrar uma luz oblíqua que ficava peneirada pelas cortinas translúcidas, que estavam fechadas. Estantes embutidas fabricadas em uma madeira de tonalidade dourada cobriam as paredes restantes do chão ao

teto. Havia duas escadas fixadas a um trilho metálico para fazer que fossem mais firmes e facilitar seu movimento de uma estante a outra.

Também examinou estas. Jogou a cabeça para trás para poder vislumbrar os lombos dos livros que ficavam fora de seu alcance. Todos eram volumes de temáticas tediosamente similares, nenhuma só sinal de novelas românticas ou de comovedoras aventuras. A menos que...

Os livros das estantes superiores eram um amálgama de tamanhos e encadernações diferentes. Notou que alguns não eram mais que simples edições baratas.

Seguro que aí era onde estavam as leituras interessantes.

Recolheu as saias de seu vestido de corte alto e subiu a escada. Não havia nenhum título nos lombos. Nos livros mais grossos se gravaram algumas iniciais, mas nada mais.

Tudo isso despertou sua curiosidade. Portia tirou um volume: A sedução de Julia.

Esteve a ponto de voltar a pô-lo em seu lugar. Não lhe interessava absolutamente nenhuma versão de Clarissa. Mas se deteve quando tinha a parte inferior do livro já apoiada sobre a estante; se tratava de uma variação sobre a atroz história que sua mãe lhe tinha obrigado a ler, por que não tinha ouvido alguma vez falar desse livro, se supunha que tinha «melhorado» o original?

Ainda subida na parte alta da escada, Portia passou as páginas até chegar à primeira. Se não era bom, voltaria a colocá-lo e procuraria outro.

Lorde Darkmoor gemeu. As línguas de três belezas diferentes roçaram seus duros bicos do peito, seu ventre plano, seu possante pênis...

Portia fechou o livro com um golpe seco. Com a respiração agitada voltou a introduzi-lo em seu lugar na estante. Se tranqüilizou, sem abandonar sua posição na escada. Não posso acreditar nisso! Essas coisas por escrito!

Estendeu a mão, que tremia visivelmente, para agarrar outro. Seriam todos como o anterior? Leu o título do seguinte: Lady Godown e a senhorita Bottom. Arqueou as sobranceiras e abriu o livro por uma página ao azar.

A senhorita Bottom estava deitada, aberta ante ela, suas coxas brancas muita separadas e suplicando por suas carícias de mulher. Sua pele era como o leite e suave ao tato.

Lady Godown deslizou um dedo pelas costelas da garota, observando com prazer que a moça se estremecia. Com apenas um toque os mamilos da garota se endureceram, preparados para que os lambesse.

A mulher aceitou o convite e acoplou seus lábios vermelho rubi sobre a carne atritada da mais jovem, chupando e lambendo...

Portia estremeceu alagada por uma emoção indefinível, e se agarrou à escada com mais força. O que sentiria se lhe fizessem isso? Seus seios já conheciam como era o tato das mãos de um homem, mas como seria uma boca?

Apertou as pernas com força sentindo como o desejo crescia. Luxúria. Os livros não deveriam provocar essas sensações.

Devia voltar a colocá-lo em seu lugar e ver se as estantes continham algo menos lascivo.

Mas, em lugar disso, seguiu lendo. A escada tinha um estreito assento incorporado. Tirou-o e se sentou nele, passando um braço ao redor do cabo de segurança da escada para se assegurar.

Seguiu lendo e levantou uma mão para cobrir os seios. Se uma mulher podia fazer isso à outra, ela poderia fazer a si mesma? Se atreveria?

Portia deslizou uma mão dentro de seu sutiã e deixou que seus dedos se convertessem na língua e na boca da senhora, beliscando e roçando seu mamilo. Como poderia parecer-se mais a uma boca? Experimentou utilizando as pontas de todos os dedos e depois só com o polegar e o indicador. Talvez se os umedecesse... Ah, mas então talvez ficasse uma marca no sutiã depois. Melhor não se arriscar.

A mulher do livro começou a prodigalizar atenção a ambos os seios e a mão de Portia seguiu o caminho que ela marcava.

O calor a envolveu. Seus mamilos se endureceram até se converter em pedras e cresceram até duplicar seu tamanho. Uma urgência brotou de seu ventre e Portia soube que essas sensações logo decairiam e se desvaneceriam. Isso era o que passava normalmente.

A senhora foi riscando um caminho de beijos pelo ventre da moça em direção ao espaço entre suas pernas, que já estava aberto para ela. Apertando com força as pernas uma contra outra Portia leu que as partes íntimas da garota brilhavam a luz da vela. Adivinhou o que o autor queria dizer com a palavra «boceta». Que mais podia haver por aí abaixo?

A mão de Portia se deslizou para o ângulo agudo que se formava na parte superior das coxas. Não se atrevia a subir a saia. E se entrasse alguém?

Talvez fosse melhor voltar a pôr o livro de novo em seu lugar... Não... Tinha a biblioteca para ela sozinha.

Pressionou com os dedos contra sua carne e notou o início da fenda. Oh, quanto o desejava! Mas não. Voltou a brincar com seus seios. Tão quentes e sensíveis, quase não podiam suportar que seguisse tocando-os.

Gemeu muito baixinho, de uma forma quase inaudível e com uma mão desabotoou o sutiã. Se já estava perdida, ao menos o ia desfrutar. De todas as maneiras já levava o sutiã completamente inclinado.

Liberou ambos os seios da prisão de tecido em que se encontravam e o ar fresco da biblioteca foi como um bálsamo para eles. Suspirou de alívio e retomou sua leitura, retorcendo os mamilos e sentindo que um calor ainda mais escuro lhe crescia nas virilhas.

Algo estava despertando e começava a doer e a demandar mais atenção que o simples esforço de apertar suas magras coxas. Se remexeu em seu estreito assento e sua respiração se converteu em uns breves ofegos.

Alguém pigarreou.

O livro escapou dos fracos dedos de Portia e golpeou contra o chão. O potente ruído surdo que fez o livro ao cair ao chão de madeira a assustou. Se agarrou com mais força à escada para evitar uma queda.

Não havia ninguém na porta. Em frente à entrada, um homem a olhava fixamente aparecendo por cima de uma poltrona de respaldo alto. Atrás de suas pálpebras entreabertas brilhava uma expressão similar a de um falcão que localizou a sua presa.

Ela se estremeceu e se cobriu. Voltou a abotoar o sutiã com dedos rapidíssimos. Se apressou a descer da escada e escapar dali.

Agora sim está destruída por completo, moça, pensou.

—Não tão rápido. —Mark Knightson se colocou atrás daquela mocinha tão impudicamente travessa. Pôs uma mão sobre o ombro meio nu dela. Estava tremendamente excitado e enfrentava a um dilema.

Estava claro que se tratava de uma das hóspedes, e isso a convertia em uma mulher intocável, embora ele não soubesse quando ouviu pela primeira vez seus suspiros e seus gemidos afogados.

Oculto pelo respaldo da poltrona escapuliu até seu refúgio e escutou até que não pôde suportar mais. Seu pênis pressionava o tecido de suas calças, desejando se unir à diversão, desejando fazê-la gritar.

E por isso saiu de seu esconderijo, para descobrir que seu objeto de desejo não era uma viúva jovem, a não ser uma senhorita com o rosto marfim, melhor dizendo, rosado.

Se aproveitar dela ali mesmo, sobre o chão da biblioteca, deixou de ser uma opção. Voltou a respirar profundamente para recuperar o controle de seus nervos alterados.

A garota levantou a cabeça.

—Por favor, vá—murmurou.

Os dedos dele acariciaram um sedutor cacho escuro. O justo para seguir se mantendo sob controle.

—Por quê?

Ela voltou o rosto para um lado para que ele pudesse ouvi-la mais claramente, embora a maior parte de seu rosto ainda ficava oculto. Não esqueceria esse rosto, apurada, avermelhada pelo desejo, com os lábios deliciosamente separados. Tinha estado perto do clímax e da liberação. Devia se encontrar terrivelmente frustrada.

Ele a liberou de seu contato e se aproximou para recolher o livro.

—Uma escolha interessante.

A garota deve ter se dado conta de que ele não tinha intenção de deixá-la escapar, porque se voltou e enfrentou a ele.

—Foi... Foi algo inesperado.

Estendeu o livro para ela.

—Sinto ter interrompido seu prazer.

Se ruborizou mais, mas deu de ombros com certa indiferença.

—Já tinha terminado.

Terminado? Essa garota nem sequer tinha alcançado o ponto de ebulição ainda.

—Agradeceria que não dissesse nada disto.

—Pode estar segura de que serei discreto. —Fez uma pausa. Realmente não era seu assunto— Posso perguntar por que disse que havia... bom... terminado?

—Não há nada mais lá.

Pobre menina frustrada.

—Há.

Ela abriu muito os olhos.

—Não segundo minha experiência. Não pretenda me enganar.

Ele levantou uma mão.

—Por minha honra que não mentiria. —Pensou que possivelmente a olhava com lascívia e se apressou a esclarecer— De fato eu só pretendia lhe ajudar a alcançar essa conclusão.

Seu rosto não perdeu o rubor, mas arqueou as sobrancelhas em uma tentativa de aparentar certa frieza.

—Ajudar a mim ou satisfazer seus instintos?

—Seguro que pergunta isso como resultado de sua experiência pessoal.

Mordeu-se o lábio, mas não respondeu. Sem dúvida tinha se dado conta muito tarde de que acabava de ficar em evidência. Se perguntou se estaria planejando fazer a bagagem assim que saísse daquela sala. Não lhe interessava isso.

—Juro que nenhuma palavra do que ocorreu ou do que se falou nesta sala sairá de meus lábios.

A garota deu um passo atrás, se afastando dele, como se estivesse se preparando para sair correndo. O medo e a incerteza consumiam suas claras feições e lhe conferiam uma expressão de animal encurralado.

—Mas se equivoca ao dizer que já tinha terminado. Há muitas coisas mais à frente, muitas cúpulas que escalar ainda. Eu poderia mostrar a você.

Aparentemente seu cérebro não estava tomando parte nessa conversa, exceto para proporcionar mais alimento a seu já dolorido pênis.

Ela voltou a retroceder até topar com a escada.

—Me mostre.

—Existe toda uma arte em relação a como tocar a gente mesmo, se excitar e levar tudo isso a bom término. —Falou em voz baixa em um esforço por manter a calma. Se fosse por ele, demonstraria a ela essa arte ali mesmo e nesse momento.

Em qualquer momento seu pênis ia romper as barreiras que o constrangiam em seu afã por possuí-la— Estou muito familiarizado com o corpo da mulher.

Ela entreceitou os olhos.

—Claro que está. Mas que tipo de mulher acredita que sou?

Ele riu.

—E me pergunta isso depois do que acabo de ver?

—É que... Só seguia o que estava escrito no livro. —Voltou a ruborizar com essa deliciosa sombra rosada em suas bochechas.

Ele arqueou a sobrancelha direita. Tendia a acreditá-la nesse ponto em concreto. OH, não se tratava de uma juvenzinha lasciva. Tinha algum tipo de experiência, de fato o tinha confessado de alguma forma, mas, fosse quem fosse seus anteriores amantes, não tinham sido suficientemente competentes na hora de lhe dar satisfação.

—Claro —disse ao fim— mas tem uma sensualidade natural, que me doeria na alma que se desperdiçasse.

Seus olhos se encheram de fogo e apertou os punhos.

—E quem diz que vá se desperdiçar? Como se atreve a dizer isso, senhor!

Ele deu um passo atrás para lhe fazer uma pequena reverência.

—Minhas desculpas. —murmurou. Voltou a se aproximar, sucumbindo à necessidade de acariciar sua bochecha ruborizada. Era muito suave...— Mas pense nisso. Espero sua resposta a meu oferecimento.

Ela o olhou durante um momento, com sua pequena e bonita boca aberta.

—OH! —exclamou com um bufido indignado, e saiu como uma tromba da biblioteca.

Mark sorriu. Observou que ela ainda agarrava o livro contra seu nada desdenhável decote. Podia fingir que era uma senhorita inocente ofendida, mas ele sabia, inclusive apesar do pouco tempo que tinham compartilhado que não era assim.

Serenou-se passeando acima e abaixo na pequena biblioteca. Incitar à moça para que lhe deixasse levá-la até a culminação sexual não tinha conseguido mais que estimular seu apetite em um lugar onde devia controlá-lo. Consumar seu plano era farinha de outro saco. OH, não é que tivesse nenhum problema em fazê-lo. Imaginava à garota disposta em frente a ele, nua e lhe rogando que a fizesse gozar.

Sorriu maliciosamente. Inclusive teria que lhe ensinar essas palavras, claro.

Seu sorriso se fez mais amplo. Ensinar a uma doce senhorita da boa sociedade a dizer coisas sujas? OH, e isso não faria que seu futuro esposo levasse a surpresa de sua vida?

Mark suspirou coçando a cabeça. Por que tinha se permitido ficar a sonhar com os olhos abertos? Se a garota era, ao menos, medianamente respeitável, nem sequer voltaria a lhe dirigir a palavra em tudo o que ficava de estadia.

E inclusive, se o era de tudo, a garota já estaria gritando a sua mãe a forma em que esse homem lhe tinha posto em um compromisso. Sobre tudo se a moça tinha

algum tipo de plano em mente de arranjar para apanhá-lo com os laços do matrimônio. De fato talvez fosse melhor que recolhesse suas coisas e se fosse...

Se deteve. Fugir? Um Knightson? Sem provas, a garota destruiria sua reputação se fizesse uma declaração tão imprudente como essa. Não, no momento seguia estando seguro.

Além disso, e se lhe dissesse que sim?

Portia subiu as escadas correndo e cruzou o sombrio corredor forrado de painéis de madeira até chegar ao quarto que lhe tinha correspondido. Orgulhava-se de não se perder nunca. Embora só estivesse em Willowhill Hall há algumas horas, já conhecia o caminho.

Entrou bruscamente em seu quarto e encontrou a sua mãe esperando-a. Grunhiu para seus adentros. A senhora Carew era uma mulher grisalha e corpulenta e uma galinha poedeira, no que se referia aos cuidados de suas filhas.

—OH, Portia! Como agradeceria que não desaparecesse dessa forma! Tem que recuperar sua reputação. —Sua mãe retorceu as mãos.

Portia agachou a cabeça com aparente contrição.

—Sinto muito, mamãe. Fui à biblioteca para ver se encontrava algo para ler. —Deu um coice afogado. Ainda tinha esse livro indecente nas mãos, à vista de todos! Tremendo lutou contra o impulso de escondê-lo atrás de suas costas.

Mamãe pareceu se acalmar ao ouvir sua resposta.

—E o que encontrou?

—Uma novelinha de aventuras bobas. —A resposta veio aos lábios, rápida como o raio— Lady Barrington tem uma boa coleção.

—São de seu sogro, querida.

De repente Portia sentiu o desejo de saber mais sobre o velho lorde Barrington. Seria tão incrivelmente masculino como o homem que encontrou na biblioteca? Se trataria do espírito do velho lorde Barrington? Não, não podia ser, parecia muito real e muito atual. Tinha que haver um retrato em alguma parte. Já procuraria.

—Portia?

—Sim, mamãe? —Não estava prestando atenção à conversação de sua mãe. Pestanejou para limpar a visão desfocada das paredes cor creme de seu quarto e voltou à atenção para sua mãe.

—Sente-se. Vou arrumar seu cabelo para o jantar desta noite. Logo você arrumará o meu. Não temos tempo a perder, devem nos apresentar a todo mundo com antecipação.

Portia obedeceu e se sentou em frente ao espelho da penteadeira de cerejeira que havia no quarto. Não tinham atribuído a elas as melhores habitações da casa e a sua era bastante pequena, mas ao menos não tinha que compartilhá-la com sua mãe.

A mulher ficou de pé atrás dela e começou a tirar suas forquilhas. Portia fechou os olhos. Em qualquer momento começaria a diatribe: faz isto... Não faça o outro... A seus vinte e um anos, Portia já tinha ouvido tudo.

Várias vezes.

—Portia, querida, esta noite deve ser o mais doce que possa. —Começou a pentear o cabelo de Portia— Lady Barrington convidou a muitos solteiros jovens disponíveis. Um é um visconde, o filho de um duque, nada menos! Deve tentar conquistar a ele, querida. Que agradável seria verte bem situada e com um título! Seu querido pai estaria tão orgulhoso de você se obtivesse algo como isso... Embora o filho de lady Barrington esteja em idade de se casar e lady Barrington me confiou que ele estará procurando um bom partido nesta pequena festa em sua casa. Estou segura de que ela não teria me contado esse detalhe se não pensasse, se não esperasse, igual a mim, que nossa amizade pudesse se estreitar graças à bênção que supõe um matrimônio. Você e Freddy! Imagine, Lady Barrington e eu poderíamos nos ver mais freqüentemente e isso seria...

—Mamãe... —Portia tinha captado a mensagem— Lady Barrington e você não necessitam um matrimônio para se verem mais freqüentemente. Pode vê-la sempre que quiser.

—Não até que você esteja casada, querida menina. Não fugirei de meu dever com você por uma amizade frívola.

Portia suspirou. Não se atrevia a dizer a sua mãe que a ela realmente não importava o matrimônio. Já não. E muito menos agora, que logo ia ter a capacidade de dar prazer a si mesma, sem o brutal inconveniente que supunha um homem.

Isso se atrevia a aceitar a oferta do estranho.

Suspirou de novo. Sua mãe e lady Barrington tinham sido muito amigas da breve temporada que ambas passaram no colégio para senhoritas.

—Sua amizade não é frívola. — disse para tranquilizá-la— Está segura de que ela quer que me case com Freddy? Com todas essas fofocas horrendas circulando...

Nem sequer isso podia dissuadir a sua mãe.

—Tolices, menina. Lady Barrington sabe tão bem como eu que você é completamente inocente dessa culpa. Esse homem é um libertino e um canalha, e só desejaria ter sabido isso antes de permitir que ele a cortejasse. Quem ia supor que ele ia ser tão mesquinho para romper o compromisso? É um desgraçado, um descarado. Oxalá nunca tivesse pousado os olhos sobre ele.

—O mesmo digo, mamãe. —A ressentida resposta de Portia não tinha nenhum duplo sentido desta vez.

—Mas, querida, por isso deve entender a importância de se converter no verdadeiro paradigma da inocência infantil. Deve parecer recatada em tudo o que faça. E não deixar que nenhum cavalheiro tome a mais mínima licença com você. E não duvide que o tentarão, dado que conhecem esses tremendos e horríveis falatórios.

—Mamãe... —Portia tentou frear a sua mãe, mas ela não a escutou.

—Nem sequer o mais leve dos beijos, Portia. Nem uma paquera com o leque, nem conversações sussurradas que ninguém possa ouvir. E, por cima de qualquer outra coisa, Portia, nunca deve ser vista a sós com nenhum cavalheiro, porque lady Barrington e todos outros hóspedes pensariam o pior.

—Se não puder paquerar, mamãe, como se supõe que vou atraí-los?

—Com sua doce e dócil natureza, querida. — respondeu sua mãe, risonha.

Portia moveu a cabeça bruscamente para diante em uma tentativa por ocultar uma gargalhada. Ela? Dócil?

—Fique quieta carinho, ou todos seus cachos ficarão torcidos.

—Sim, mamãe. —Portia adotou uma postura reta e olhou fixamente a seu reflexo no espelho. Seus olhos ainda dançavam pela diversão que tentava reprimir, brilhantes pelas lágrimas de risada não derramadas.

Sua mãe se fixou nelas.

—Vamos, vamos, querida. Tudo se arrumará ao final, já o verá. Encontraremos um bom marido para você e poderá enfrentar à sociedade londrina sem um pinga de vergonha.

Portia duvidada, mas não disse nada e dedicou a sua mãe um tímido sorriso antes de dominar suas feições para formar algo que se aproximasse de uma leve docilidade.

—Boa garota. — a animou sua mãe. Seguiu enroscando o cabelo negro de Portia formando mais cachos— Agora repassemos aos cavalheiros que estarão aqui esta noite. Deve expressar interesse em tudo o que digam, mas ajuda que lhes diga algo que demonstre um moderado interesse em resposta. Nada que pareça muito inteligente, pequena, ou pensarão que é mais inteligente que eles e isso não nos convém. Não permitirei que perca um marido porque se deu carta branca para bisbilhotar na biblioteca de seu pai.

—Sim, mamãe. —Portia se absteve de pôr os olhos em branco, mas ao menos assim teria uma técnica para espantar a qualquer pretendente que decidisse ir atrás dela a sério, independentemente, do que dissessem os falatórios.

—Bom primeiro está lorde Freddy Barrington. É óbvio que não preciso lhe descrever isso nem a ele, nem suas virtudes. Já o viu em muitas ocasiões.

Certo, o conhecia. Freddy parecia perfeitamente conveniente para alguém que estivesse louco pelos cavalos, a caça e a bebida, mas não era seu caso.

—Logo, está o visconde Winterton. É o filho mais novo do duque de Winterton...

—Mamãe, como sabe tudo isso?

—Porque lady Barrington e eu tivemos um pequeno bate-papo sobre o tema esta tarde assim que chegamos e, é obvio, porque consultei minha cópia do Debrett's Peerage.

Que provavelmente ocuparia ao menos a metade de uma das bolsas de sua bagagem. Portia grunhiu para seus adentros.

—De qualquer modo, minha querida menina, isso não importa. O visconde Winterton nos interessa...

—Interessa-nos? —Portia tinha perdido o fio da conversação. O que queria dizer sua mãe?

—Sim, querida, talvez esteja pensando que está fora de seu alcance porque é o filho de um duque, mas é o filho mais novo e tem três irmãos mais velhos para herdar o título de seu pai antes dele, assim há poucas possibilidades de que ele chegue algum dia a possuir esse título. O qual faz a ele (e a sua família) um pouco menos especial quanto ao fato de com quem se case. E dinheiro, se nos permite falar de algo tão vulgar embora só seja um momento, é algo que não necessita, porque o duque é imensamente rico.

—Não é muito rico para nós?

—Não. Lady Barrington me disse que o jovem visconde herdará uma pequena propriedade quando se casar, o qual lhe proporcionará, a ele e a sua futura esposa, uma posição bastante confortável.

—Se isso for certo...

—Claro que é certo! Por que lady Barrington ia mentir para mim?

Em certas ocasiões, sua inocente mãe dominava à perfeição a manipulação.

—Não sei. —A Portia lhe ocorria ao menos uma razão: para mantê-la afastada de lorde Freddy e que seu adorado filho não se visse poluído pelo escândalo.

Sua mãe colocou cuidadosamente flores de seda no cabelo de Portia.

—Tenta não as perder, querida. São caras e custa muito as substituir.

—Sim, mamãe. — respondeu Portia mansamente— E esses são todos os solteiros disponíveis? —Isso, esperava ela. Seria o misterioso estranho da biblioteca o filho mais novo do duque?

—Também está o honorável Mark Knightson. Seu pai é um visconde e ele herdará todo o patrimônio. É mais velho que os outros, mas não parece ter nenhuma intenção de sentar a cabeça e se casar.

—Por que não? —Portia de repente sentiu frio nos ombros. O homem que se encontrou não era nenhum juvenzinho como Freddy. Poderia se tratar de Knightson?

—Quem sabe? —Sua mãe examinou o penteado de Portia no espelho— Sim, assim está bem. Não sei por que lady Barrington o convidou a vir. Sem dúvida fará companhia ao lorde Barrington; ouvi que é sua mão direita.

Portia se levantou para deixar o assento a sua mãe e se dispôs a penteá-la.

Isso que contava sua mãe parecia encaixar com o estranho. Alto, de ombros largos e com uma expressão no rosto que dizia que havia visto muitas coisas, embora talvez não tantas como para não se surpreender ao ver uma jovem dama se tocando em uma biblioteca. Rosto escuro e taciturno, cabelo ondulado e negro e olhos azuis, olhos que ardiam tanto de frio como de calor. Tinha que se tratar de Knightson.

—Portia! Deixa já de sonhar acordada. Ainda há muito que fazer.

Os convidados de lady Barrington se reuniram no salão esperando que os avisassem para jantar. Uma profusão de paredes forradas de papel azul real e excessivamente, decoradas com arabescos de um dourado esvaído, saudaram Portia. A cor ouro voltava a aparecer nas bordas dos delicados móveis, dispersados de uma forma quase indiferente por toda a estadia.

—Senhor Knightson, posso lhe apresentar à senhorita Portia Carew?—As palavras de lady Barrington se perderam naqueles incriveis olhos azuis que brilhavam com o que Portia suspeitou que fosse algum tipo de diversão privada.

Murmurou algo junto a sua mão, antes de beijá-la. Seu calor transpassou o leve contato e alagou sua pele; ela murmurou algo em resposta, desconcertada.

Deixou que lady Barrington a conduzisse até a seguinte pessoa sem desmaiar nem se mostrar confusa. Portia endireitou os ombros. Se negava que o olhar risonho do homem a intimidasse.

Ao fim terminaram de lhe apresentar ao resto das damas da festa: a senhora Chalcroft, de rosto afiado, e suas duas filhas, que, felizmente, não se pareciam com ela.

Portia calculou que havia dois homens de menos para o jantar, o qual, tendo em conta a ordem atual de prioridades, deixava a ela sozinha, a reboque do grupo, ou cotovelo com cotovelo com uma das garotas Chalcroft, a mais jovem, fosse a que fosse. Esse não era um bom começo para encontrar um marido.

Reprimiu um sorriso vitorioso.

Lady Barrington deve ter notado que apertava os lábios.

—Não se inquiete querida. Ainda não chegaram todos os hóspedes. Uns amigos de Freddy vêm da cidade e chegarão dentro de uns dias. Espero que possa suportar o desequilíbrio momentâneo.

Portia lhe dedicou um sorriso genuíno.

—Não é nenhum problema, milady. Certamente passo muito bem conhecendo melhor às senhoritas Chalcroft.

A senhorita Sophia Chalcroft resultou ser a mais nova.

—Eu não deveria estar aqui com você. — murmurou Sophia a Portia— Eu sou a que minha mãe quer casar. A oportunidade de Lucy já passou faz muito tempo.

Portia estalou a língua para demonstrar sua lástima, arquivando em sua mente aquela fofoca que acabava de saber. Lucy podia se converter em sua aliada em outro momento, no caso de que a perseguição de seus pretendentes se fizesse muito intensa.

Tomaram assento. Portia percorreu a mesa para poder ver o lugar onde Knightson tomava assento.

Se sentou, aparentemente, alheio a ela, conversando com a mais velha das senhoritas Chalcroft, Lucy.

Agora que tinha oportunidade de olhá-lo com atenção, Portia se deu conta de que suas primeiras impressões da biblioteca tinham sido precisas, exceto quanto a sua expressão, que agora parecia mais distendida.

Seu sorriso de moço parecia não concordar com a escura excitação a que ela enfrentou na biblioteca. O teria imaginado como consequência de seu arrebatamento de paixão?

Knightson a olhou e sua expressão se congelou; durante um breve instante seu olhar ávido se embebeu dela e seus lábios abertos retiveram o ar que acabava de inalar.

Portia afogou uma exclamação. Os olhos ardentes do homem voltavam a lhe fazer a mesma pergunta: ia permitir a ele se converter em seu professor do prazer autoadministrado? Nem seu olhar lascivo nem sua proposição eram imaginações dela. Mas se atreveria a seguir adiante?

Capítulo 2

O que devia fazer? Portia sabia com toda segurança que permitir que o honorável Mark Knightson lhe ensinasse a levar a cabo essa atividade íntima a fazia vulnerável a sofrer outro escândalo. E, além disso, a convertia em suscetível a ser utilizada.

Não o conhecia. Podia então confiar nele?

Embora, se não concordasse que a ensinasse, o que estaria perdendo? Ele havia dito que se podiam alcançar cotas maiores de excitação.

E como sabia ele que já não as tinha alcançado? E se tinha mentido? Sempre tinha pensado que havia algo que ficava além de seu alcance, mas, uma vez atrás de outra, nunca tinha chegado a tocá-lo. Essa ânsia formava parte da experiência e era o que a fazia voltar sobre ela e repeti-la uma e outra vez.

Sua mente deu milhões de voltas sem que lhe incomodasse absolutamente o aborrecimento da senhorita Sophia, a sua esquerda, nem o da senhora Chalcroft, a sua direita. Por uma vez podia ver as vantagens de ser desprezada.

Portia olhou para o lugar da mesa onde Knightson estava sentado. Devia tomar cuidado. Sua mãe a tinha advertido que devia mostrar seu melhor comportamento e que outro escândalo acabaria com sua posição na sociedade para sempre.

Os planos de futuro de Portia não incluíam o exílio absoluto.

Depois da sobremesa, as damas voltaram para o salão onde tinham estado todos antes para tomar o chá. Portia se situou na periferia do grupo feminino, não porque ela quisesse, mas sim porque sua mãe tinha guardado um lugar para ela a seu lado e Portia não tinha intenção de se ver apanhada ali toda a noite.

Aceitou uma xícara de chá das mãos da criada e sorveu pouco a pouco a bebida quente. Quando entrariam os cavalheiros? Ardia em desejos de fazer perguntas ao

senhor Knightson, de descobrir qualquer tipo de traição que se escondesse atrás de sua oferta antes de se atrever a aceitá-la.

Ignorou a conversação, principalmente centrada em mitigar as queixa de Sophia.

—Sophia é muito imatura para sua idade.

Portia quase derramou o resto de seu chá sobre seu vestido azul pálido. Olhou para o lugar de onde tinha vindo à voz.

A senhorita Lucy Chalcroft estava sentada junto a ela, também com uma xícara de chá nas mãos.

—Desculpe-me. Não queria sobressaltá-la. — disse Lucy com voz rouca.

—Não, não se preocupe. Temo, que estava sonhando acordada.

Os olhos azuis de Lucy brilharam, dando vida a seu anterior semblante lúgubre. É obvio, o vestido de um cinza apagado e seu cabelo loiro recolhido em um coque apertado não davam nenhuma amostra do ar travesso que guardava em seu interior.

—Com o homem com o que vai se casar?

Portia a olhou fixamente e emitiu um bufo muito pouco próprio de uma dama.

—Nada disso.

O rosto de Lucy se enrugou para formar um sorriso.

—Então por que está aqui?

—Minha mãe. —Portia assinalou com a cabeça em direção ao lugar onde se encontrava sua progenitora.

—Há... Ao menos você ainda tem a possibilidade de sonhar com um futuro marido.

Portia entreabriu os olhos.

—E você não?

—Minha mãe diz que passei da idade. — disse Lucy em voz baixa. Sua cabeça se inclinou e se aproximou da de Portia com ar de conspiração— É Sophia a que deve ter prioridade quanto aos homens. Eu tenho que servir de floreiro, segundo minha mãe, e lhe fazer companhia. —Lucy dirigiu um olhar rápido à mulher mais velha que fofocava sobre o futuro de Sophia— Embora o certo é que ela não me necessita.

A cabeça de Portia se encheu de expressões tópicas, mas não chegou a pronunciá-las, simplesmente deu uns tapinhas na mão enluvada da senhorita Chalcroft.

—Deseja encontrar um marido?

—Não mais que você, realmente. Uma vez sim o quis, mas já não.

Portia lhe sorriu.

—Então seremos amigas íntimas e aliadas. Me ajudará a evitar a pescar um marido, não é?

Lucy lhe devolveu o sorriso.

—Inclusive se tiver que correr o perigo de encontrar eu um!

Ambas as garotas riram.

—Conhece algum dos cavalheiros? —perguntou Portia.

—Nem a um se quer, —confessou Lucy— embora o jovem Barrington pareça quase em fraldas para andar já procurando esposa.

—Não há nada de mal em ser jovem e estar ansioso. —brincou Portia— É filho único. Certamente seu pai quer herdeiros e reservas antes que a propriedade saia da família.

—Apostas, senhorita Carew? —A voz cálida de Lucy se esfriou e a versão aborrecida e afetada da senhorita Lucy Chalcroft reapareceu.

Portia se ruborizou um pouco.

—Só certamente sobre coisas seguras, senhorita Chalcroft. Me perdoe, temo que mamãe me lançou aos braços de alguns pretendentes muito jovens e devo ter me contagiado com algo de sua linguagem.

—Está tão desesperada assim?

—Tenho uma irmã mais jovem que entrará na sociedade no próximo ano. E ela não quer que eu ande incomodando-a.

—Estou segura de que isso não é certo.

Portia suspirou.

—Sim o é. Quer me ver bem situada, antes que minha irmã, mais bonita que eu...

Lucy se separou de Portia.

—Oh! Sinto muito, não pretendia ofender. —Que descuido por sua parte esquecer a situação de Lucy.

—Esquecido.

—Não é certo! —insistiu Portia inclinando-se para a frente e agarrando a mão de Lucy— Me perdoe. Parece que ambas estamos no mesmo navio e eu sei perfeitamente como dói. Não me dava conta do que dizia, me mostrei absorvida por minhas queixa. Me perdoa?

—Perdoada. —O sorriso de Lucy e o apertão que deu a sua mão o selaram. Levantou a vista— Aqui vêm os cavalheiros.

Entraram em um pandemônio de risadas que se sossegaram ao ver as mulheres que os esperavam. Lorde Freddy Barrington se dirigiu diretamente à senhorita Sophia e logo a afastou de suas carabinas. Sem deixar de emitir risadinhas se sentou ao piano e tocou os primeiros acordes de um dueto muito conhecido. Freddy se uniu a ela na canção.

—Vai ser uma noite muito longa. — sussurrou Lucy a Portia.

—Melhor ela que eu. — respondeu Portia. Viu que a senhora Chalcroft agitava seu lenço— Acredito que a senhora Chalcroft está tratando de chamar sua atenção.

Lucy olhou em sua direção e suspirou.

—Desculpe-me, por favor. —levantou-se e cruzou a sala até chegar ao lado de sua mãe, junto à qual se inclinou para escutar.

Mark Knightson ocupou o lugar que a moça acabava de deixar livre. Manteve uma distância respeitável, embora estivesse o suficientemente perto para manter uma conversa em voz baixa. Muito perto, pensou Portia. A afligia essa elegante aparência exterior, que escondia em seu interior uma fome de sexo voraz. Portia quase podia cheirá-la.

—Boa noite, senhorita Carew. —Sua voz, intensa e escura como o chocolate, não ajudou a emendar a opinião que tinha dele.

Começou a se remexer em seu assento, suas coxas roçando uma contra a outra, antes de se dar conta que Knightson se precaveu de seu sutil movimento.

—Boa noite, senhor Knightson. O porto e os charutos foram de seu agrado?

—Francamente, não.

Portia arqueou ambas as sobrancelhas.

—Mal pude saboreá-los. —se aproximou mais, sua voz suave e seu acento peculiar, como um ronrono, ressoaram em seu sexo— Só queria falar com você, dissipar seus medos.

Portia ficou muito quieta, muito fria. Não podia permitir que ele visse como a afetava. Nem tampouco que ninguém mais na sala o notasse.

—E o que é que tenho a temer?

—A mim.

Ao menos era sincero. Ela tragou saliva.

—Sou consciente dos perigos.

—Então me deixe lhe assegurar que eu sou um homem de palavra. Não irei além do lembrado e sou o paradigma da descrição.

Não queria entrar nela? Penetrá-la até fazê-la gritar? Portia apartou sua decepção.

—Parece ansioso de me ensinar. — murmurou Portia— Me pergunto por que.

O dueto cantado por Sophia e Freddy mascarava seus murmúrios.

—Tem uma sensualidade selvagem, senhorita Carew. Uma que necessita que a domem...

—Não desejo absolutamente ser domesticada, senhor Knightson — espetou Portia com raiva contida e endireitando as costas.

—O que queria dizer é que, se aprender a se satisfazer sozinha, não precisará se ver envolvida em perigosas relações com outros homens.

O frio a envolveu. Ele também tinha ouvido os falatórios? Ou só a estava advertindo?

—Senhor Knightson, estive prestando muita atenção a certos rumores desagradáveis.

A comissura de sua boca disparou para cima.

—Esquece que vi quão desatado está seu desejo, senhorita Carew. Isso lhe trará problemas.

—Se eu fosse um homem e decidisse ter aventuras, ninguém falaria de «problemas». —Posou sua xícara de chá no pires e a porcelana produziu um tinido espantoso.

Knightson se remexeu em seu assento e uma ruga de preocupação marcou sua testa durante um momento.

—Não, a menos que o homem em questão fosse conhecido por ser uma causa de problemas. As mulheres tendem a manter as distâncias com esse tipo de homens.

—Mas ele seguiria sendo aceito pela sociedade, poderia se casar dentro dessa sociedade, e inclusive seria possível que seguisse com suas amantes depois disso.

Para sua estupefação, Knightson soltou uma gargalhada e tentou ocultá-la com uma de suas grandes mãos.

—Senhorita Carew, supõe-se que não deveria saber essas coisas.

—Senhor Knightson, as mulheres não estão tão cegas como vocês gostariam!

Fez-se um silêncio entre eles. Portia fingiu escutar outro dueto de Freddy e Sophia. Lucy não brincava ao dizer que ia ser uma noite longa.

O senhor Knightson falou de novo, o humor estava ausente agora de sua voz. Em vez disso, Portia percebeu paciência e compreensão.

—Estou de acordo com que não é justo para as mulheres, mas as coisas são assim e todos temos que aprender a viver com essas limitações. Se me deixar lhe ensinar a se dar prazer, talvez se veja menos inclinada para buscá-lo em outra parte. E também pode resultar útil se seu marido falhar.

Portia soprou.

—Não tenho nenhuma intenção de me casar. —Girou a cabeça para olhá-lo e avaliar sua reação.

Os olhos do homem se abriram de par em par.

—Então, por que está aqui?

—E por que você está aqui?

—Necessitava um descanso de Londres.

Portia voltou a levantar as sobrancelhas.

—E não tem casa aonde ir?

—Sim tenho. —Knightson deu de ombros— Mas contém a um pai que insiste em que me case e engendre herdeiros. Eu tampouco estou interessado no matrimônio, asseguro.

Uma quebra de onda de alívio a alagou.

—Então não haverá nenhum vínculo, nenhum compromisso entre nós, se aceito sua oferta.

Com seu pai fora da equação, Knightson recuperou seu encanto sussurrante.

—Nenhum absolutamente. Acredite em mim, nunca me deitei com uma mulher mais de cinco vezes sem me cansar dela. —Franziu as sobrancelhas escuras— Fique avisada.

Quantas mulheres? Portia queria perguntar, mas não se atreveu. Isso fazia dele um perigo maior; não só era um homem experiente, mas também uma caveira.

—Não serão necessárias mais que uma ou duas aulas. — deixou cair ele. Pareceu conter o fôlego.

—Duas aulas. —Ela assentiu baixando a cabeça— Aceito.

—Excelente.

—Oh, Portia, querida. — gorjeou sua mãe desde seu lugar no sofá— Estão formando casais para o whist. Por que não se une ao jogo?

Portia se levantou tentando não mostrar o tremor de suas pernas.

—O dever me chama.

Ele mostrou um sorriso picante.

—Encontre-se comigo na biblioteca amanhã pela manhã, às nove.

Ela voltou a assentir e se apressou a se unir à mesa de whist. Sentou-se em frente a Freddy Barrington, que, por sorte, se cansou de cantar com Sophia (que seguia esmurando o piano) e tinha se transladado à mesa para jogar contra seus pais.

Ela perdeu estrepitosamente, para indignação de Freddy. Tinha a mente longe do jogo, sua imaginação estava cheia das possibilidades sobre o encontro com Knightson na biblioteca na manhã seguinte.

Inclusive nesse momento era consciente de seu olhar ardente em suas costas. Se perguntou o que estava fazendo. Estaria flertando com Sophia ou Lucy? Ou, Deus não o quisesse, falando com sua mãe? Não se atrevia a se voltar e olhar, não se atrevia a demonstrar que a afetava tão profundamente.

Jogou outra mão nefasta e fez um gesto de dor em direção a Freddy. Seu pai, lorde Barrington, alardeava de seu triunfo.

E como Knightson ia lhe ensinar? Mordeu o lábio. Teria um livro cheio de diagramas ou estava planejando uma aproximação mais íntima?

Portia apostava que optaria pelo último.

Incapaz de tomar nada mais que uma xícara de chocolate para tomar o café da manhã, Portia saiu correndo para a biblioteca. Por que Knightson tinha insistido em uma hora tão cedo?

Se concentrou nos sons matutinos da casa, que estava despertando, e nos passos calados dos criados se movendo acima e abaixo, imersos em suas tarefas matinais.

Penetrou na biblioteca e fechou a porta atrás dela.

Mark Knightson estava junto a uma das janelas, olhando a manhã que crescia no exterior.

—Há uma chave na fechadura. Feche-a.

Portia obedeceu. Isso a trancava ali com ele, mas ela não tinha nenhuma intenção de se ver mortalmente apanhada no que fosse que Knightson tivesse planejado para ela.

—Você é uma garota imprudente, senhorita Carew. —Ele seguia de pé, lhe dando as costas.

Ela admirou seus largos ombros.

—Me fez uma oferta muito tentadora para me negar, senhor Knightson.

—Claro. A curiosidade matou o gato.

Um primeiro calafrio de medo a percorreu, mas ela o confrontou com decisão.

—Como começamos?

Ele se voltou para olhá-la com as mãos às costas.

—O que é que a excita?

—Perdão? —Muito nervosa para se sentar, Portia caminhou e se situou de forma que um sofá ficasse entre ambos.

—O que é que a estimula, o que a leva a se tocar?

—Eu... Não sei. — se odiou por se ruborizar. Suas bochechas despediam calor.

—O livro que tomou emprestado ontem pela tarde... que a excitou. —Agora uniu suas mãos na frente— Qual era?

—Chamava-se Lady Godown e a senhorita Bottom.

As sobancelhas do homem se dispararam.

—Literatura erótica lésbica? Interessante. Não é de admirar que não queira se casar.

—Não me interessam as mulheres desse modo. — exclamou Portia— Deu a casualidade de que esse foi o livro que encontrei. Os outros eram muito... muito perturbadores.

—Perturbadores? —Knightson sorriu. Portia se perguntou se aquele livro que encontrou primeiro não seria nada, comparado com o que Knightson tinha em mente.

—Muito bem. — disse ele caminhando para ela— Vejamos o que mais excita seu apetite. —Subiu pela escada até o mesmo lugar onde Portia tinha estado lendo no dia anterior— As palavras, como verá, aumentam a excitação e, com uma boa imaginação, podem inclusive chegar a satisfazer.

Portia apenas o escutava. Knightson levava uma casaca curta e as calças pegavam às nádegas como uma segunda pele. Ela observou como os músculos de seu traseiro se esticavam e relaxavam enquanto subia, para logo ficar quietos enquanto procurava nas estantes.

Como seria cobrir suas nádegas com as mãos e afundar as unhas nelas enquanto esfregava seu corpo contra o dele? Que pena que seu acordo excluía tais coisas.

Baixou e Portia apartou o rosto para recuperar a compostura. Sua respiração se acelerou, como se fosse ela a que tivesse subido pela escada.

—Tome, isto leia. —Agitou um livro sob seu nariz.

O calor dele atrás dela resultava quase ameaçador. Ela leu o título: As aventuras eróticas de Julia. Por que as heroínas sempre se chamavam Julia? Portia considerou por um momento a possibilidade de trocar o nome.

Abriu o livro e deu uma olhada aos títulos dos capítulos.

—Quer que comece pelo princípio?

—Traga, me deixe. —Knightson recuperou o livro— Já aprenderá a saltar as passagens até chegar às seções que a excitam. Aqui há um.

Estendeu o livro aberto.

Portia leu as palavras, sentindo já que suas vísceras se esquentavam.

—Em silêncio não.

—Como? —Ela levantou a vista para olhá-lo, surpreendida.

—Como posso saber o que a excita se o lê para si, em silêncio? Quero ouvi-lo. Quero ouvir a luxúria, o desejo em sua voz.

—Oh. —Apontou o sofá— Posso me sentar?

—É obvio. —Ele se sentou junto a ela, suas pernas se tocando. Rodeou-a com um braço e olhou por cima de seu ombro— Comece. Aqui. —Seu comprido dedo apontou a passagem.

Como ia poder ler com ele tão perto dela? Inspirou profundamente uma vez para se tranquilizar, e depois outra vez. Podia fazê-lo. O demonstraria. Portia leu:

Os jardins do Vauxhall estavam cheios de gente. Os grupos jantavam em reservados e os casais dançavam com a música enérgica e acalmada. As pessoas passeavam pelos caminhos iluminados, uns em grupo, outros em par. Era uma alegre noite da primavera e as almas estavam felizes.

Em meio de tudo isto, Julia passeava sozinha, seu guarda-sol fechado podia lhe servir como arma se por acaso alguém tentasse abordá-la.

—Senhorita Julia! Senhorita Julia! É você?

Julia se voltou e despertaram repentinamente todos os sentidos.

—Joshua Raven! Quanto tempo passou?

—Muito. —Raven lhe pôs a mão no braço— Passeie comigo.

Portia olhou para Knightson e encontrou seus penetrantes olhos azuis perto, atentos, observando.

—Por que me faz começar tão cedo?

Knightson grunhiu:

—Siga lendo.

Portia voltou para a história.

Julia ainda não tinha aprendido como negar a Joshua nada que ele quisesse, que ele necessitasse.

Ela fez uma pausa. Seria isso igual ao que ocorria a ela com Knightson? Entrando e saindo de sua vida e ela sucumbindo ante uma só palavra pronunciada por ele... Tolices. Depois daquela festa no campo nunca voltaria a vê-lo. Por que pensar que isso ia ser diferente?

Continuou a leitura.

Suas vísceras se agitaram pela excitação quando viu que ele a guiava para os caminhos privados, atalhos flanqueados por sebes altas que escondiam lugares secretos onde os amantes podiam se encontrar e desaparecer da vista.

Muito em breve Julia se viu frente a um casal que se beijava sentado em um banco de madeira que parecia cômodo. O homem tinha a mão dentro do sutiã da mulher.

Julia conteve a respiração. Só a visão do casal fez que se agarrasse com mais força ao braço de Raven. Era isso o que estava planeando? Não podia esperar.

Knightson se aproximou ainda mais e ela sentiu seu fôlego quente no pescoço. Portia sentiu que lhe roçava a nuca com os lábios.

—Senhor Knightson, o que acredita que está fazendo? —exclamou olhando fixamente o livro, petrificada por seu contato.

—Criando um pouco de ambiente. — respondeu, em voz baixa, com esse peculiar acento ronronante que sublinhava os res.

Ela se voltou para o olhar no rosto.

—E isso é absolutamente necessário?

—Absolutamente. — confirmou ele com as feições sérias, embora, seus olhos azuis flamejassem.

O coração caiu aos pés, pulsando com excitação durante todo o percurso. Ele a desejava. Tudo isso tinha sido um grande engano.

—Imaginá-lo é parte do processo de chegar ao prazer completo. Pode imaginar o fôlego de Raven no pescoço da Julia, desejando-a?

—Concordamos que... —começou a dizer Portia tremula.

—Senhorita Carew, sua virgindade permanecerá intacta. Não tenha medo por isso. Mas devo lhe dizer que as lembranças do êxtase ajudam a chegar até esse ponto uma segunda vez.

Portia pensou que Knightson resmungava muito, mas claudicou e se reclinou contra ele para seguir lendo.

—Essa é minha garota. — suspirou Knightson.

Julia se deu conta de que Raven tampouco se moveu, atraído pela visão do apaixonado casal. Se aproximou mais a ele e seu braço lhe rodeou a cintura. Sob a jaqueta, Julia sentiu a dureza familiar de seu corpo e um delicioso estremecimento a percorreu.

Em transe ante a intimidade do casal, Julia observou a forma em que se moviam seus corpos de uma vez enquanto as roupas ficavam apartadas a um lado pela ânsia de se fundir e se combinar. Ela apertou as coxas, escondendo e por sua vez exacerbando sua excitação. A mão de Raven subiu desde sua cintura para rodear um de seus seios.

Sem emitir uma palavra, Knightson se moveu e subiu por seu sutiã de corte alto imitando a ação de Raven. Portia, embora quase esperasse que fizesse algo como isso, se viu surpreendida de todas as formas.

Sua mão apertou muito levemente antes de ficar relaxada. Uma respiração e lhe acariciou o mamilo.

Portia inalou com força e exalou para poder continuar lendo.

Julia fechou os olhos um momento, se deleitando com a sensação. Seus mamilos se endureceram sob seu contato.

Portia tragou saliva. Como podia seu corpo copiar algo que estava lendo em um livro?

Raven persistiu em seu assalto sensual, avivando esse pequeno ponto duro que era seu mamilo debaixo da fina seda de seu vestido...

—Knightson!

Ele não se apartou. A cabeça de Portia caiu para trás contra seu ombro enquanto deixava que essa sensação a alagasse. Knightson não lhe amassava o peito com a mão como o tinha feito seu traíçoeiro prometido. Suas firmes carícias sabiam, exatamente, como excitá-la.

—Sim, querida? —sussurrou-lhe ao ouvido, sua respiração lhe fazendo cócegas.

Portia se ruborizou.

—O que estava fazendo... O que está fazendo agora, —se corrigiu— não é correto. Quero que... que pare.

—Que pare? De verdade? E vai abandonar as aulas tão cedo? Não pensava que fosse uma covarde.

—E não o sou. —Portia se endireitou, se afastando um pouco dele. Knightson não afrouxou a mão que lhe apertava o seio— É só que... que... —ficou sem fôlego. Como se supunha que ia poder pensar enquanto ele fazia isso?

A respiração de Julia se fez mais profunda. Raven levantou a outra mão para explorar seus dois seios arrebitados ao mesmo tempo.

Knightson se moveu sob ela e lhe cobriu os dois seios com as mãos.

Portia reprimiu os sons de prazer. Todo seu corpo ardia, desejava que Knightson tomasse. Não queria que ele soubesse, mas temia que seu corpo já a tinha traído.

Umas mãos tão grandes, pensou Portia, não pela primeira vez... Seguiu lendo, aterrorizada ante a incipiente submissão a esse homem.

Raven a acariciou e a estimulou até que lhe arderam ambos os seios. Julia não queria que o fogo se apagasse, então se esfregou contra o túrgido pênis de Raven, que pressionava a parte baixa de suas costas.

Ante eles, a mulher abriu de um puxão as calças de seu acompanhante. O homem, com a cabeça meio enterrada no decote da mulher, agarrou suas saias e a empurrou sob ele. As pernas vestidas com as meias da mulher chutaram o ar, encantadas.

Raven baixou uma mão, deslizando-a por seu estômago, até deixá-la descansar sobre seu...

Portia fez uma pausa. Knightson não o faria, ou sim?

—Até deixá-la descansar onde? —inquiriu Knightson, sua grande mão aberta sobre seu baixo ventre.

Portia inspirou, trêmula.

Sobre seu monte de Vênus.

A mão de Knightson seguiu seu caminho para baixo. Através do fino tecido de suas saias, Portia sentiu como seu dedo do meio pressionava o início da fenda entre suas coxas.

Raven apertou sua mão contra ela. —É minha. — grunhiu junto à orelha de Julia, e esta soube que estava perdida.

Apertando-a contra ele, recolheu suas saias até que a deixou nua ante qualquer um que quisesse olhar. Sua mão cobriu seus cachos púbicos e seu dedo do meio abriu caminho para o interior da fenda úmida. O coração de Julia se acelerou e seu batimento de coração teve um eco em seus genitais molhados.

Reclinando-se ainda mais, Knightson a incitou a que deitasse sobre ele, de forma que suas pernas caíram a ambos os lados das dele e seus corpos ficaram recostados e cruzados sobre o sofá. Portia se sentiu estranhamente segura, embora notasse na base da coluna a pressão de seu membro excitado. Ele subiu suas saias até a cintura. Ambos ofegaram, embora não pelo esforço de trocar de postura.

Raven encontrou a ponta do clitóris, que já se sobressaía ansiosa. Roçou-a com a ponta do dedo e Julia abriu as pernas, o desejando sem nenhuma vergonha. Seu toque suave...

Portia conteve a respiração. O tato suave como uma pluma de Knightson a excitava muito mais do que se excitou ela tocando a si mesma até o momento.

A suavidade de Raven não durou muito, nem tampouco Julia queria que durasse, o desejando tanto como o fazia. Raven aumentou a pressão sobre seus clitóris, massageando essa ponta torcida em círculos e acima e abaixo...

Knightson não hesitou e seu toque perito enviou fogo líquido por suas veias. Oh, poderia rodar sobre si mesma e fazer com que a penetrasse. Ele devia estar tão quente como ela. Seguro que não podia permanecer indiferente ante isso. Não era seu pênis isso duro que tinha junto ao quadril?

Ao diabo com as aulas: isso era muito, muito melhor.

Os suspiros escaparam de seus lábios. Mas não gemeria em voz alta. O que aconteceria se alguém a ouvia e os interrompia? Knightson aumentou a intensidade de seu contato em uma urgência silenciosa para que continuasse.

Portia gemeu, incapaz de impedir que o som saísse de sua boca. Inspirou profundamente com a esperança de se tranquilizar e continuou:

Os quadris de Julia seguiram seus movimentos, aumentando a pressão sobre seus clitóris, desejando mais, muito mais. Ela começou a brincar com seus mamilos...

Knightson se ocupou disso por ela.

Através de suas pálpebras entreabertas viu que o homem entrava com força na mulher. Ardia em desejos de que Raven a tomasse assim, potente e sem pensar no que os rodeava. Ali e nesse momento. Seus quadris seguiam as investidas do outro homem.

Portia se ruborizou ao descobrir que seus quadris já se sacudiam sob o contato de Knightson.

A mulher os olhou por cima do ombro e um sorriso apareceu em seus lábios ao ver que sua representação tinha um reconhecimento. A Julia não importavam as olhadas. Proporcionavam uma conexão com a mulher. Ambas desejavam a seus homens e os teriam, em qualquer lugar e em qualquer momento.

Raven reduziu a intensidade, agora mal tocando sua carne faminta.

Knightson separou a mão de seu sexo. Portia choramingou.

Julia gritou; o corpo lhe doía de desejo. Como podia parar agora? Raven foi baixando...

Os dedos de Knightson abriram seus lábios, sua umidade lhe facilitava o caminho.

Porque estava úmida, Portia se deu conta. Isso era tudo o que ela tinha chegado a experimentar. Knightson a levaria mais à frente?

E seus dedos se inundaram em sua succulenta profundidade...

—Succulenta profundidade. — murmurou Knightson. Ela imaginou a tensão em sua voz?— Continua.

Portia se retorceu. A base do polegar de Knightson esfregava seus clitóris enquanto explorava a entrada de seu interior.

...para depois se deslizar para cima e voltar sobre seus clitóris. Julia gemia e boqueava em busca de ar.

Portia sabia como Julia se sentia. Ela mesma enfatizava cada frase com uma respiração entrecortada. Como podia seguir lendo?

Rodeava seus clitóris e voltava a baixar, recolhendo o fluxo de Julia do...

Portia fez uma pausa. Se atreveria a dizer essa palavra?

...buraco de sua boceta e lhe envolvendo o clitóris uma e outra vez.

Portia voltou a gemer, impotente ante esse contato contínuo e excitante.

—Oh, por favor. —suplicou.

—Quer deixar de ler? —Ele beijou sua clavícula e a beliscou com os dentes.

—Sim! Não, ooh, não. —O calor florescia nela. Arqueou as costas de forma que seu traseiro pressionou o sexo dele, tenso, procurando algo. As palavras lhe rabiscaram na página.

—É preciosa. —As palavras de Knightson foram quase um grunhido.

Se deixasse de ler, Knightson deixaria de tocá-la? Ela se atreveria?

Julia puxou brandamente seus mamilos.

Knightson espremeu um tenro mamilo. Portia afogou um grito.

O sexo de Julia estava à vista, brilhante, aveludado e úmido. Raven esfregava a borda superior antes de mergulhar entre seus lábios. Repetia o processo uma e outra vez até que Julia já podia antecipar onde ia tocá-la depois.

Portia emitia gritinhos a cada três ou quatro palavras. Tinha que terminar, tinha que fazê-lo.

Capítulo 3

Portia seguiu lendo.

Nenhuma só vez se introduziu dentro da ávida profundidade de Julia.
Seu polegar massageava seus clitóris...

Portia proferiu um gemido misturado com um soluço. Estava viajando mais longe do que ela já tinha chegado sozinha ou com um homem. Se sentia preparada para voar longe dessa avidez, essa tensão e esse ardor que abrasava seu interior e que ameaçava consumi-la por completo.

Por fim Raven entrou em seu buraco. Julia... Julia elevou os quadris para recebê-lo.

O dedo de Knightson deslizou em seu interior. Portia quis gritar de prazer, mas apertou os lábios com força para afogar um gemido.

Raven girou o dedo em seu interior...

—Oh, por todos os céus! —choramingou Portia. O que era que lhe estava fazendo?

...pressionando e introduzindo-o mais dentro.

Portia acompanhava todos e cada um dos movimentos de Knightson, seus quadris se moviam sem que ela tivesse controle sobre eles. De alguma forma conseguiu seguir com a leitura do livro. Entre soluços e incapaz de ler mais de uma palavra entre um ofego e outro, continuou:

Raven respondeu ao desejo de Julia introduzindo o dedo com mais força e mais profundamente...

—Oh! —queixou-se Portia— Knight... Mark! —Com que palavras podia pedir clemência quando não pudesse mais?

Uma e outra vez seu dedo a penetrou. Julia recebia cada movimento com entusiasmo.

O corpo de Portia se dissociou de sua mente. Ela era Julia.

—Oh, Knightson, por favor! —Não sabia o que era que lhe estava pedindo, só sabia que o queria. E que o queria agora.

O sexo de Julia apertou seu dedo. Ela se retorceu, estendendo os braços para trás para atraí-lo para ela.

— Aaah! —Portia gemeu, mais à frente já dos ofegos silenciosos. Algo maravilhoso estava crescendo em seu interior e ameaçava afogar todos os seus sentidos. Queria se render, mas o que passaria se o fizesse? E se ele parasse? A penetraria?

Julia gritou. Sua cabeça se remexeu contra o peito do homem, soluços suplicantes escapando com cada investida.

Portia pronunciou quase cada palavra acompanhada de um gemido aturdido. Estava muito surpreendida de que Knightson pudesse seguir o fio de sua leitura sem fôlego.

Seus movimentos dê... desesperados e espasmódicos...

Portia gritou de frustração. Nem sequer podia atacar uma palavra completa agora.

—Basta. —Knightson lhe arrancou o livro e o jogou contra o chão atapetado.

—Mas... —Portia protestou, ainda sentindo sua mão meio enterrada em seu sexo.

—Me deixe te dizer o que passa depois. — murmurou junto a seu ouvido— Conheço a história perfeitamente.

Portia se relaxou recostando-se contra ele e fechou os olhos.

—Da mão de Raven gotejam seus fluidos. —A voz profunda de Knightson parecia queimar com cada palavra que avivava seus já ardentes sentidos— Um dedo já não é suficiente para Julia e ele sabe. Libera o que tinha dentro do sexo de Julia e a seguir volta com dois. —Knightson empurrou com força seu interior— Até dentro, inteiros, até os nódulos.

Portia gemeu mais forte, um débil gritinho de espera. Algo incrível estava a ponto de passar, logo.

—Enquanto se retorce, a doce tensão explora no interior de Julia, deixando-a em chamas. Seu grito de felicidade se perde entre o estrondo dos foguetes que explodem sobre sua cabeça.

Que doce tensão incontida? Portia estava desejosa de encontrá-la.

—E esse é o fim da cena. —A voz de Knightson era quase um grunhido e soava rouca. Tirou a mão de seu interior, se levantou e caminhou para a janela.

Ao ficar tombada sozinha no sofá, Portia tentou restabelecer um pouco de ordem. Se sentou erguida e baixou as saias. Não se atrevia a perguntar pela razão de tão rápida retirada.

—Knightson?

Knightson se voltou para onde ela estava e se agachou para recolher o livro que acabava de atirar, mas a manobra não conseguiu ocultar o enorme vulto de suas calças.

—O objetivo destas aulas é que se deixe levar, Portia.

—E o tenho feito. — disse ela fazendo uma careta.

—Pois deveria tê-lo tentado com mais força. Um bloco de madeira teria estado menos tenso que você.

Isso significava que a auto-administração do prazer ficava denegada? Ela tinha algum defeito? Baixou o olhar e encontrou o sexo dele. Seu pênis se sobressaía, esticando com força suas calças. Tragou saliva. Era enorme. O que se sentiria ao ter isso metido até dentro em seu interior? Não pôde evitá-lo; se remexeu só de pensar nisso e lambeu os lábios.

—Knightson... Sinto muito. —Sinto que as partes que lhe pulsam não possam encontrar liberação, alívio, pensou.

—Estou seguro de que o sente. —se ajoelhou a seus pés. Separou-lhe os joelhos com as mãos— Se deite e tentemos de novo.

Portia obedeceu e subiu as saias. Apoiou um joelho contra o respaldo do sofá. O outro pendurava sobre a borda do mesmo. Era completamente desavergonhado por sua parte, mas resultava natural com ele. Já a havia tocado com muita intimidade, por que ia lhe negar a visão de seu ser mais íntimo e privado?

Enquanto olhava aos olhos viu que sua língua lhe roçava os lábios. Aproximou a mão e seus dedos entraram deslizando no buraco úmido enquanto o polegar manipulava o clitóris cheio.

—Deixe ir. — murmurou com a voz rouca— Portia, goze.

O contato com o clitóris, tão sensível, desatou-lhe um grito suave. Sua cabeça caiu para trás e se entregou às sensações. Suas genitálias ardiam e cada investida de seus dedos a levava perto, cada vez mais perto.

Tremeu enquanto seus quadris se sacudiam para acompanhar cada empurrão. Oh, o que daria agora mesmo por ter o grande pênis de Knightson dentro dela!

A liberação a golpeou como um murro. Mordeu-se um dedo e um uivo amortecido escapou de seus lábios. Não podia pensar em nada; só havia uma onda atrás de outra de energia deliciosa se transmitindo através dela ao mesmo tempo em que a deixava sem forças.

Portia abriu os olhos e encontrou Knightson olhando-a.

—Magnífico. — murmurou.

—Mais. — disse ela se endireitando e estendendo os braços para ele.

Ele não se moveu, permaneceu de joelhos entre suas pernas. Se inclinou para lhe beijar o joelho.

—Não me necessita. Já te dei tudo o que posso te dar.

Portia se sentou de um salto.

—Não, isso não é tudo. Sei que me deseja, posso vê-lo. —De fato suas calças tinham uma mancha escura no lugar onde algo já tinha escapado.

Knightson inspirou profundamente, trêmulo.

—Não.

Com um movimento veloz ela desceu do sofá para cair sobre seu colo, escarranchada sobre ele.

—Sim - ofegou ela.

Seus lábios tocaram os dele. Que estranho o beijar pela primeira vez quando já tinham tido tanta intimidade. Seus duros lábios ficaram comprimidos sob os dela.

Agarrou-a pelos braços e a separou dele.

—Posso me desfazer de você em um segundo. Não é rival para mim.

Portia se tombou de novo e seus braços se relaxaram, ficando a sua mercê.

—Então faça-o. — acrescentou entre ofegos.

Não se moveu. Ela o olhou aos olhos e pôde ver que se desenvolvia uma luta entre a resolução e a luxúria. Só se via vida em seus olhos, o resto dele permanecia quieto, como o granito, pedra sólida, dura e imóvel.

Ela se aproximou de novo. Seus lábios roçaram sua bochecha recém barbeada. Cheirava bem, a limpeza do sabão suavizando o calor masculino e umas notas mais escuras de sua fragrância natural se destacando sobre outros aromas.

—Faça-me isso Knightson.

Ele seguiu imóvel. As mãos dela subiram até seu colo e desabotoaram a parte superior de suas calças. Ficou de joelhos enquanto soltava os botões restantes.

Sentiu, mais que viu, como seu membro ficava livre. Se chocou contra seus músculos e pressionou contra seu sexo úmido.

Knightson deixou escapar um comprido suspiro, sua fachada de granito se fundia em um rio de lava. Suas mãos se lançaram para sua cintura e a agarraram com força.

—Deseja-o? —grunhiu.

—Sim. — ofegou ela se remexendo contra seu corpo. Seu pênis se deslizou e se acomodou no buraco.

—Quer que a foda? —conseguiu articular com voz estrangulada.

Emitiu um grito afogado ao ouvir essa palavra, que de uma vez a encheu com um delicioso estremecimento.

—Sim.

—Pois aí o tem.

Com um movimento rápido empurrou todo seu tamanho para seu interior. Ela caiu sobre ele, pressionando a boca contra seu ombro, mordendo com força o grosso material de sua jaqueta para afogar o grito.

Ele a deitou. Terrível e maravilhoso de uma vez, seu membro empurrava profundamente, lhe dando a sensação de que penetrava até seu ventre. Abraçou-a até que seus estremecimentos cessaram.

Então ela se atreveu a se mover, rodeando sua cintura com as pernas e sentindo que se movia em seu interior. Empurrou-a de novo contra o sofá. As almofadas dos assentos se afundavam sob os ombros dela.

Segurou-a pelos quadris e seguiu penetrando-a em investidas curtas e bruscas. Ela se sacudia com cada incursão. Nunca a tinham fodido com tanto abandono e de uma vez tal controle.

Portia seguia o suficientemente consciente para sentir que a fúria selvagem de Knightson seguia estando sob controle. Segurando-a com força de forma que ela ficava totalmente em seu poder. Deveria se sentir impotente e frustrada por isso, mas ela tinha pedido isso. E, Oh, Deus, isso a fazia se sentir muito bem.

Ele a animou a subir suas pernas mais acima por suas costas e entrou mais dentro. Ela pensava que não poderia se introduzir mais profundamente, mas a mudança de ângulo o fez possível e ele a penetrou ainda mais, fazendo que seus músculos se esticassem quase até o limite.

Grunhidos graves emanavam da garganta de Knightson; tinha a cabeça afundada pela concentração. O suor brilhava em seu cabelo.

A cabeça de Portia caiu sobre o sofá. Esse doce prazer crescente voltou a despertar nela. Não esperava experimentar essa deliciosa liberação de novo. Mas esta não lhe negou.

Sofreu uma sacudida, seu corpo se estremeceu enquanto se fechava com força ao redor do membro de Knightson, se retorcendo para aproveitar até o último momento desse clímax.

Ele emitiu um grunhido grave e ficou rígido, suas nádegas se flexionavam em movimentos rápidos.

Ambos caíram ao chão, rendidos, Knightson ainda agarrando a Portia em sua posição calmante. Ela sentiu como seu pênis saía dela deixando atrás de si um comprido fio pegajoso. O vestido, úmido pela transpiração, se pegava ao seu corpo.

—Maldita seja. — exclamou entre dentes.

Isso não era exatamente o que Portia esperava.

—O que? —perguntou apartando o ondulado cabelo negro da testa suarenta.

Knightson a olhou, seus olhos azuis pareciam estranhamente escuros.

—Gozei dentro de você. —Ela ficou olhando-o— Assim é como se fazem os bebês, senhorita Carew.

—Sei, senhor Knightson. —Portia manteve a voz firme. Valeria a pena viver com as conseqüências se vinham acompanhadas de mais sexo fantástico— E isso não estava planejado, não é?

Ele apertou os lábios, compungido.

—Não. —Inspirou profundamente— Tenho quebrado a promessa que te fiz. Peço desculpas.

—Eu o levei a isso. — disse ela, consoladora— Eu o desejava. —Sua voz se converteu em um sussurro— E ainda o faço. —Logo fechou a boca após ter pronunciado essa afirmação tão arriscada. Mas como podia ser tão idiota para se oferecer a ele assim? Uma vez já era suficientemente mau. Embora não tivesse feito que seu corpo deixasse de gritar por ele.

Ele inspirou com brutalidade.

—Não era virgem, era?

Sua acusação a golpeou no rosto como uma bofetada. Ela ficou rígida e escondeu sua reação atrás uma piscada e um movimento de pestanas.

—Me sentia como se fosse. —Logo decidiu deixar de enganá-lo. Depois de tudo o que tinham compartilhado, merecia a verdade. Ou algo parecido— Estava prometida, quase casada. E estando já quase casada, importava ou não esperar um pouco mais? Assim não esperamos. E depois ele rompeu o compromisso.

—Esse idiota.

—Sim, eu sinto exatamente o mesmo. —Dedicou a ele um breve sorriso— Não obstante, ele não... eu nunca...

—É próprio de você ficar sem palavras? —perguntou Knightson em voz alta enquanto lhe acariciava a bochecha, seus olhos de novo vivos pelo orgulho.

—Isso terá que descobrir com o tempo, não acha? —respondeu Portia enquanto se levantava. Passou por cima das coxas dele baixando as saias, zangada porque lhe tinha escapado parte da confissão de que lhe tinha dado um prazer que estava além de seus sonhos mais loucos.

O olhou por cima do ombro.

—Acabaram minhas aulas?

—Sim... Não. —Knightson sacudiu a cabeça— Há mais coisas que aprender, se você se atrever a confiar em mim.

—Eu não confio em ninguém, senhor Knightson. —Portia se rendeu e deixou de tentar recuperar algo que se parecesse com uma ordem em seu vestido— Mas quero saber como... como...

—Obter o mesmo. — a ajudou Knightson em voz baixa.

—Exato, e como fazê-lo por mim mesma, sem ajuda.

Knightson a olhou de cima abaixo durante longo momento. Portia manteve a cabeça alta durante seu exame, acreditando que sua desalinhada aparência não resultaria muito desejável.

Ele umedeceu os lábios, demonstrando que o que pensava ela não era certo.

—Vai ter que trocar de roupa.

O vestido se pegava a suas curvas empapadas de transpiração. Se voltou para ir-se.

—Minhas aulas?

—Já falaremos.

Mark Knightson esperou até que ela fechou a porta atrás de si para estirar seu corpo depois de ter estado ajoelhado tanto tempo. Apoiou um cotovelo sobre seu joelho elevado e ficou olhando fixamente a adornada porta de madeira.

—É magnífica, Portia. — sussurrou.

Depois sacudiu a cabeça. Não tinha vindo àquela festa no campo para se ver enredado em outro assunto de saias e, entretanto, já estava nesse caminho outra vez.

Mas podia resistir a essa encantadora garota, encarapitada na escada e se tocando? Completamente impossível. Resistir a suas sedutoras petições de que a fizesse dela? Que homem poderia? Bom, ele deveria tê-lo feito e deixá-la ir. Já tinha experimentado a satisfação uma vez, mal necessitava seu membro para nada.

Mas ela o tinha pedido com um atrevimento tão pouco próprio de uma senhorita que ele tinha tido que ceder, se perguntando de onde teria saído esta nova sedutora. Daria-lhe outra aula perfeitamente clínica, científica e segura, e depois a devolveria a sua vida anterior.

Não necessitava outra mulher que tentasse lhe jogar o anzol. Ela deveria saber também que se ficasse grávida atrás desse incidente que lhes tinha ido das mãos, ele a rechaçaria. Nem sequer o eventual nascimento de um filho de seu próprio sangue lhe separaria de sua idéia de evitar o matrimônio a todo custo.

Se levantou com um estremecimento e fechou as calças. Tinha danificado o lenço, ou, melhor dizendo, esse demônio da senhorita Carew o tinha feito, assim precisava se trocar antes que alguém o visse e começasse a se perguntar por suas atividades.

Willowhill Hall fervia de atividade invisível. Passada a hora do despertar da casa, Portia se arriscava a que a descobrissem. Voltou para seu quarto sem que ninguém a visse. Tirou o vestido, inundou uma toalha na água de banho da noite anterior e enxugou os seios.

Seus mamilos formigavam e ainda se notavam quentes sob as ásperas carícias da toalha fresca. Portia se voltou e se olhou no espelho. Seu cabelo desordenado necessitava que voltasse a penteá-lo e seu rosto estava muito avermelhado para que a vissem em público nesse momento. Seus mamilos estavam escuros, quase inchados, muito longe de sua cor rosada normal.

Tragou saliva. Ele a tinha trocado. Em seu interior, ela não era a mesma garota que tinha ido aquela manhã à biblioteca.

Passou a toalha úmida pelo rosto, esperando que a água fria fizesse desaparecer os sinais óbvios do prazer.

Portia baixou o olhar até o pêlo escuro que coroava suas coxas e que brilhava com a mescla de fluidos sexuais. Abriu as pernas e lavou a consciência.

Bom, já estava quase normal de novo.

Quase.

Tirou um vestido limpo e escondeu o outro no fundo do armário. A musselina roçou seus seios sensíveis e Portia se perguntou se isso ia ser a deliciosa agonia do dia.

Necessitava ajuda com as cintas, mas não queria chamar a ninguém. Não até que se acalmasse de tudo.

A porta se abriu. Portia deu um salto.

—Ainda não está vestida? —disse sua mãe enquanto entrava—. Dê a volta, eu atarei isso.

Portia obedeceu, aliviada de poder esconder assim o rubor a sua mãe, que de toda forma não parecia tê-lo notado.

—Vamos tomar o café da manhã com lady Barrington esta manhã. Eu recebi a mensagem faz um momento. —Fez uma pausa— É mais uma convocatória imediata. Temo que talvez tenha mudado de idéia sobre nos ter aqui.

O primeiro pensamento de Portia se centrou em Mark Knightson. Ir-se agora... Bom, seria uma boa lembrança que poderia utilizar para se tocar.

—E isso não seria muito cruel? Lady Barrington sabia antes de nos convidar, não?

Sua mãe permaneceu em silêncio.

—Mamãe? Sabia?

—Claro que sabe querida. E acha, como eu, que você é inocente.

—Mas... —insistiu Portia.

—Talvez eu tenha adornado um pouco o assunto. Não é adequado falar de coisas tão horríveis e de todas as formas é inocente, querida, e por isso...

—Oh, mamãe... —suspirou Portia. E agora tinha que enfrentar a essa velha bruxa com o rubor do sexo ainda nas bochechas? Se olhou no espelho e observou que a cor tinha desaparecido parcialmente. Graças a Deus.

Portia seguiu a sua mãe até o pequeno salão que havia junto ao dormitório de lady Barrington. Ela ainda estava de robe, um amontoado de fina cambraia e encaixe que se fundia com os tons creme e dourados do salão.

Lady Barrington lhes fez um gesto imperioso para que se sentassem.

Fizeram-no olhando a seleção de provisões dispostas sobre a mesinha baixa que havia ante elas.

—Comam. — disse lady Barrington, de novo com um gesto da mão.

Nenhuma das mulheres se atreveu a desobedecer. Portia se assegurou de comer o mínimo, como mostra de modéstia pudica. Verdade seja dita, não tinha fome... ao menos não de comida.

Quando terminaram de comer, lady Barrington pôs sua xícara em um extremo da mesa, junto a seu cotovelo.

—Minha querida senhora Carew, ouvi algumas coisas bastante inquietantes.

—OH, que horror. — murmurou a mãe de Portia— É uma honra que tenha acreditado em mim.

—Têm a ver com sua filha. —O olhar de lady Barrington passou rapidamente a Portia, que abaixou a cabeça— Você não foi do todo franca comigo, senhora Carew.

—Oh, mas não era minha intenção! —A mãe de Portia apoiou seu prato e suas mãos se agitaram no ar como traças encerradas em um frasco— Lhe contei o principal desses desagradáveis falatórios. Não podia suportar entrar em detalhes, minha querida lady Barrington, como poderia? Já é suficientemente mal ouvir essas calúnias que recaem sobre minha filha, imagine as repetir e que saiam de meus próprios lábios.

Lady Barrington relaxou e estendeu o braço para dar uns golpezinhos na mão da senhora Carew.

—Estava segura de que isso era tudo o que tinha passado, querida, mas isso me põe em uma situação complicada.

—Eu não pretendia isso. — protestou a mulher, deixando que sua voz fosse se apagando— É tão injusto com minha menina.

—Estou de acordo, mas a senhora Chalcroft veio se queixar. Me deu todos os detalhes sobre o assunto que rodeia à senhorita Carew. Também me preocupei porque me dei conta de que a senhorita Carew passou bastante tempo em companhia do senhor Knightson, ontem à noite, depois do jantar.

—Ele se aproximou e se sentou junto a mim. — murmurou Portia.

—Suspeito que conhecia os rumores e queria provar a verdade. Eu não queria que viesse, mas Freddy insistiu em que o convidasse.

—Não é um pouco velho para ser amigo de Freddy?

—É mais um amigo da família, em realidade. É bem sabido que o senhor Knightson e meu marido se levam muito bem. Assim sou minoria neste caso. —Lady Barrington estremeceu um pouco— Bom, basta já de tudo isto. —disse apontando para Portia— Decidi que vou permitir a vocês ficarem.

—Oh, obrigada! —gorjeou a senhora Carew, unindo as mãos ante seu amplo peito— Obrigada! Não se arrependerá, juro-o!

—Espero que não. — respondeu lady Barrington. Se voltou para Portia— Mas há condições. Se as deixa de cumprir, terei que pedir a ambas que façam suas malas e se vão.

Mamãe passou de um alegre alívio a um soluço de horror.

Portia olhou a sua anfitriã com uma calma serena.

—Estou segura de que meu comportamento será impecável, mamãe, não com o fim de permanecer aqui, a não ser para afastar esses terríveis rumores para sempre. Espero não ter que estar sempre demonstrando o que sou.

—Um marido arrumará tudo isso, minha menina querida — disse a senhora Carew enxugando os olhos— E quanto antes o encontre, antes passará todo este espanto.

Lady Barrington esteve de acordo.

—O que te parece meu Freddy?

Estava a velha bruxa se fazendo de casamenteira?

—Não o conheço o suficiente para opinar. — respondeu Portia cautelosamente— É jovem e bonito.

—Isso demonstre prudência, o que vai contra os rumores. — apontou lady Barrington, levantando as sobrancelhas.

Portia permaneceu tranqüila sob o exame da dama. Não importava que seu coração pulsasse com força. A lembrança da impetuosidade demonstrada com o senhor Knightson estava mais que claro em sua mente. Enquanto lady Barrington não descobrisse nada disso, Portia não tinha nada a temer. Exceto o que fosse que tinha em mente Knightson para a próxima vez. Estremeceu só em pensá-lo.

—Acredito que Freddy seria um maravilhoso marido para minha Portia, — a senhora Carew se apressou a dizer— não acha, lady Barrington? —Agora que tinha evitado que as jogassem, era evidente que sua mãe se sentia cômoda voltando para a antiga familiaridade com sua anfitriã.

—Preferiria não apressar essas coisas, querida. —o sorriso crispado de lady Barrington demonstrou o pouco que gostava do casal.

Mas isso não importava a Portia. Tampouco ela gostava em nada.

Entretanto, sua mãe seguiu sem se alterar.

—Oh, é obvio que não. Estes assuntos precisam ser alimentados pouco a pouco, apoiados. Teremos muito tempo nestas semanas que nos esperam. Mas só pense-o! Você e eu avós dos mesmos meninos!

—Mamãe gosta de sonhar. —tranqüilizou Portia lady Barrington, que tocava o lábio superior, com uma certa consternação. Lady Barrington esboçou um sorriso, intercambiando um olhar de cumplicidade com Portia.

—Agora devo deixá-las para ir me vestir. —Lady Barrington se levantou— Sigam com o café da manhã se quiserem, mas eu devo me preparar para nossos novos hóspedes. Esperamos sua chegada para a hora do almoço.

—Os Winterton? —A senhora Carew se inclinou para a frente, ansiosa.

Lady Barrington assentiu com atitude régia.

—Mas raciocine para que se comporte o melhor que possa, senhorita Carew. Sua Excelência não suporta o escândalo.

Portia se levantou e fez uma ligeira reverência.

—Sim, milady.

As duas mulheres abandonaram o café da manhã após a saída de lady Barrington. A mãe de Portia a seguiu a seu quarto e se deixou cair em uma poltrona.

—Oh, graças a Deus! —Agitou o fino lenço de cambraia ante seu rosto— Tem feito muito bem, querida. Acredito que por isso lady Barrington foi benévola conosco.

—Acredito que é mais provável que fosse por sua amizade com ela. —disse Portia, franzindo o cenho— Agora temos que enfrentar a essa bruxa da Chalcroft.

Mamãe fez um gesto de não lhe dar importância, afastando o problema.

—Tolices. Não devemos nos pôr a seu nível, querida. Nos comportaremos como se nunca houvesse falado contra nós. Deixaremos que lady Barrington acalme as

águas. Além disso, — disse com um sorriso nada bem-intencionado— se decide se retirar, isso deixará mais pretendentes para você.

Portia reprimiu um grunhido. Isso era a última coisa que queria.

—As damas vão se reunir para dar um passeio antes do almoço. — continuou a mãe de Portia sem se dar conta do mal-estar de sua filha— Veremos com quanta grosseria decidem se comportar as Chalcroft.

Portia, que caminhava atrás do grupo de mulheres que passeavam pelos extensos jardins de lady Barrington, descobriu logo que as Chalcroft eram muito preparadas para se comportar com grosseria. Sophia tinha franzido o cenho para ela e a senhora Chalcroft tinha passado apressadamente junto a ela para chegar até onde estava lady Barrington e encetar-se com ela em uma conversa em sussurros.

O sorriso de mamãe tinha ficado crispado, mas olhou a seu redor como se não lhe importasse nada no mundo.

A senhorita Lucy Chalcroft ficou atrás até ficar à altura de Portia para caminhar a seu lado.

—Minha mãe me contou as terríveis coisas que se dizem de você. — disse sem nenhum preâmbulo— São certas?

Durante um segundo, Portia pensou em dizer a verdade.

—Não, nada disso. Oh, talvez o permitisse me beijar, mas foi um engano terrível, terrível. —Baixou a voz— Logo quis mais.

—E você se negou?

—Naturalmente, e o canalha esteve sujando meu nome após.

—Que horror. — murmurou a senhorita Chalcroft.

Portia assentiu.

—E por isso que decidiu não se casar?

Portia assentiu enquanto olhava para o outro lado, fingindo que tentava ocultar as lágrimas. Fazia muito que tinha deixado de chorar por ele, a menos que isso conviesse a seus propósitos.

—Mas e se encontrasse o homem correto, um homem bom e honorável? — insistiu a senhorita Chalcroft.

—Não o vou encontrar porque não o busco. —Portia tentou não pensar no senhor Knightson. Se tinham em conta todas as razões sensatas, ele não era bom para ela, mas a verdade é que o tinha sido. Mordeu o lábio com força. Faria o que era honorável e manteria a boca fechada? É obvio que o faria. Não teria concordado em continuar com as aulas se não fosse assim.

—E o que passa com você, senhorita Chalcroft? —Portia recuperou o fio da conversa—Tão decidida está a ser uma solteirona?

—Por favor, me chame Lucy. Estamos muito atrás para que minha mãe se ofenda por isso.

Portia reprimiu uma gargalhada ante essa amostra de rebeldia contra o afã da senhora Chalcroft de se manter escrupulosamente dentro do decoro.

—Quanto ao de ser uma solteirona, não tenho muita escolha, não? Mas se nenhum homem quer se casar comigo porque não sou o suficientemente bonita, então seguro que estou melhor sem esses homens. Isso é o que decidi. —Lucy suspirou— E parece que todos são assim.

—Não todos.

Ambas as garotas deram um salto e gritaram. Também estiveram a ponto de golpear ao senhor Knightson com seus guarda-sóis.

—Me perdoem por assustá-las. Só me aproximei para dizer a lady Barrington que tinham chegado mais hóspedes e não pude evitar ouvir seu comentário.

Portia o olhou.

—A beleza não o interessa?

—A beleza é atraente, —admitiu— mas o que faz que um homem fique está além dela.

—Mas se não houver beleza, nunca o vão descobrir. — replicou Lucy avermelhando.

—Tão rápido se ofendeu, senhorita Chalcroft? —respondeu Knightson por sua vez— Você tem uma aparência agradável.

Portia viu que as bochechas de Lucy avermelhavam ainda mais.

—O... Obrigado.

—Muito bem, me alegro de que possa aceitar um elogio com graça, sem importar de onde venha. Agora, se me desculparem... —Adiantou-as indo atrás de lady Barrington.

—Ele... é agradável —gaguejou Lucy— Mais do que acreditei após ouvir falar sobre sua reputação.

Portia riu.

—Mais que agradável. — confessou, embora não ia se atrever a dizer de que forma— Parece que se fixou em você.

—Já, mas não dará em nada. Oh, olhe, giramos para voltar.

Portia tragou o interesse de Lucy por Knightson com dificuldade, embora conseguisse manter uma expressão agradável. Talvez fosse bom se fazer um pouco de casamenteira para Lucy, mas não com Knightson.

Ele era dela.

As duas mulheres voltaram a se unir ao extremo da procissão. A senhora Chalcroft chamou Lucy para que fosse na frente e logo a mandou para dar algum recado.

Portia sorriu, se compadecendo.

—Pobre. — disse Knightson se atrasando para caminhar junto a ela. Agarrou-lhe a mão e a colocou sobre seu braço.

Portia deu um giro desesperado a seu guarda-sol, tentando recuperar seus pensamentos, que tinham ficado dispersados pelo repentino calor de seu contato.

—Sim, sim, estou de acordo.

Ele baixou a voz até convertê-la em um ronrono surdo que fez que suas vísceras se acendessem pela antecipação.

—Estive pensando em nossa aula seguinte.

—Ah, sim? —Portia tentou parecer indiferente, mas não o conseguiu.

Ele não ocultou sua diversão e riu baixinho.

—Sim, tenho-o feito.

—Nos encontraremos na biblioteca de novo? —Sabia que a ânsia se notava na voz, mas não podia evitá-lo. Só de pensar em estar outra vez ao seu dispor fez que se umedecesse.

—Cedo pela manhã. — confirmou ele.

O grupo que ia na frente girou ao redor de uma sebe. Knightson a empurrou contra o arbusto divisório.

—Um momento. —ordenou.

Ela se rendeu e deixou que a sebe lhe cravasse as costas. Ele colocou a mão sobre seu sexo e a deslizou para baixo. Ela abriu as pernas, reprimindo a urgência de subir as saias e se revelar ante ele. E se alguém os visse?

Uma distância mínima os separava e o corpo dele irradiava um calor que transmitia a ela. Sua mão pressionou entre suas pernas, sondando. Necessitou de todo seu autocontrole para não se lançar nos braços do homem. Ficou muito quieta, vibrando pela tensão.

—Está úmida. — murmurou ele contra sua testa, a ponta de seu dedo roçando o princípio de sua fenda.

—Sim. — sussurrou. Sentia um comichão nos lábios— Parece que tem esse efeito em mim.

Knightson riu entre dentes. Brincou com seus clitóris uns momentos mais antes de retirar-se e liberá-la.

—Você é muito refrescante, senhorita Carew.

—Obrigado, senhor Knightson. Como pode ver, eu também sei aceitar os elogios. Por que não seguimos e nos unimos ao resto dos convidados?

Capítulo 4

Os dois cavalheiros Winterton eram um par bastante chamativo. O mais jovem tinha o cabelo cor cenoura e penteado até mostrar uma aparência perfeita. Seu traje de viagem, azul escuro e bem cortado, não mostrava nenhuma única bolinha branca que o danificasse.

E a pessoa podia compreender a razão ao ver sair o velho cavalheiro, o duque de Winterton, da carruagem. Tão magro como seu filho, o duque se esforçava por se inclinar ante as boas-vindas que lady Barrington lhe expressou e passeou o olhar

pelo resto dos hóspedes ali reunidos. Portia pôde ver que, ao recair seu olhar sobre ela, sua bem desenhada sobrancelha branca tremeu ligeiramente antes de seguir.

Portia suspirou pelo alívio. Isso significaria que o duque também tinha ouvido os rumores sobre ela e lhe pareceria que já estava muito poluída para demonstrar perfeição na totalidade de seu elegante traje. Seu cabelo branco e brilhante lhe dava um ar de austeridade. Caminhou para frente balançando uma bengala com punho de prata que, obviamente, não precisava usar.

Perseguir a seu filho. Todo mundo sabia que Sua Excelência mantinha um férreo controle sobre as vidas de seus filhos, independentemente de que estes fossem já adultos.

Lady Barrington não tinha feito nenhuma distinção entre Portia e as outras garotas e apresentou a ambos os cavalheiros como se não levasse o escândalo unido a seu nome.

O duque não se entretteve sobre sua mão nem um minuto mais do que a educação exigia. Portia sentiu que Knightson ficava tenso junto a ela e reprimiu o sorriso que vinha aos lábios, inexplicavelmente encantada de que ele se mostrasse possessivo. O mais jovem dos Winterton imitou a seu pai. Saudou Knightson com um sorrisinho. Não tinha se mostrado tão desinteressado depois de tudo. Portia conteve um suspiro de decepção e se foi para a mesa do almoço com outros.

Knightson conseguiu evitá-la durante o resto do dia. Não teve dificuldades porque lorde Barrington levou aos homens a ver a propriedade.

Portia subiu as escadas. Tinha sido fácil escapar do círculo de mulheres antes do tempo. Todas elas a ignoravam, à exceção da senhorita Chalcroft, que lhe lançava muitos olhares de cumplicidade, mas que teve que permanecer ao lado de sua mãe. Sim, inclusive a mãe de Portia fugia de seu olhar.

Notou que alguém subia as escadas atrás dela, mas não se deteve; não queria falar com ninguém. Os passos de pés calçados com botas lhe avisaram que era um homem quem se aproximava.

Um braço rodeou abruptamente sua cintura e a puxou para aproximá-la ao corpo masculino.

—Por que tem tanta pressa? —A voz de Knightson ronronou em seu ouvido.

—Vou me trocar para o jantar. —Portia não tentou lutar contra ele, embora tivesse gostado— Se alguém nos vê...

—Deixemos que olhem. —Knightson baixou a cabeça e mordeu com suavidade a pele de seu pescoço— Você gosta do perigo, não é assim?

—Ah, sim? —perguntou ela, pondo um pouco de resistência simbólica.

—Isso foi o que ouvi. Que você gosta de um pouco mais que às demais garotas. Portia ficou rígida rodeada por seus braços.

—Tolices, puras tolices. Agora me solte antes que venha alguém.

—Não quer que a foda igual ao que fizeram seus amantes anteriores? Onde o fizeram? Em um quarto de hotel? —Empurrava-a com cada pergunta, seu pênis

apanhado e já proeminente se esfregando contra seu traseiro— Onde? Em seu quarto? Fodeu com eles em público? Nos jardins de Vauxhall? No Támesis? Onde? Me diga.

Se seu prometido tivesse sido assim atrevido... Contendo uma repentina quebra de onda de medo, Portia respondeu, quase sem fôlego.

—E por que isso ia ser seu assunto?

—Você não é a pequena inocente ultrajada que pretende ser, não é? —Seu abraço se reforçou, lhe atendendo os braços— E se a fodo como quão mentirosa é?

Portia escapou de seu abraço e girou para encará-lo com os olhos em chamas.

—Entendo por suas palavras que minhas aulas foram canceladas?

—Quer aulas? —Voltou a segurá-la pelos braços, apertando-a contra ele— Eu te darei aulas.

Knightson a empurrou até terminar de subir as escadas, passou pela frente do quarto dela e a guiou até o lance de escadas mais afastado. Estas eram mais estreitas e tinham menos adornos; os criados as utilizavam para subir a suas habitações.

Portia se remexeu e tentou se soltar, mas só um pouco.

—Aonde me leva?

—Justo aqui.

A fez se voltar bruscamente e suas costas golpearam contra o peito dele. A obrigou a se inclinar sobre o sólido corrimão de madeira. Portia teve que exalar com um suspiro e se agarrou ao corrimão por medo de dar com a cabeça contra ele.

Knightson lhe subiu as saias e rasgou sua roupa de baixo. Colocou suas pernas entre as dela à força. Sua mão abriu caminho entre suas coxas, lhe separando os lábios das genitálias.

—OH, pequena puta. —grunhiu em seu ouvido— Está jorrando.

E o que podia lhe dizer? Que somente ouvindo sua voz suas vísceras se convertiam em líquido? Que inclusive furiosa como estava não deixava de desejá-lo?

Não respondeu. Ele empurrou seu pênis contra ela, apoiando-o contra sua abertura. Ela deixou escapar um leve gemido.

—O quer, não é?

Não tinha sentido negá-lo. Ela arqueou as costas, se apertando contra ele.

—Bruxa. —Agarrou-lhe os quadris e o colocou. Até o fundo.

Portia deixou escapar um gemido de assombro. A pélvis de Knightson golpeava seu sexo enquanto seu pênis bombeava dentro e fora dela. O som de sucção que produzia o roçar de seus sexos úmidos quando se separavam e se uniam de novo a voltou louca. Se retorceu contra ele e sentiu como suas coxas peludas esfregavam seu suave traseiro.

Permaneceu muito dentro, sem deixar de mover a pélvis, criando mais sensações novas em seu interior. Se formou essa doce tensão e Portia soube que estava a ponto de explodir. Apertou os músculos que rodeavam seu pênis, querendo sentir mais dele contra as paredes que pulsavam.

Ele saiu e voltou a entrar, profundamente e com força. A liberação a percorreu como se fosse um só talho de espada. Arqueou as costas e seu corpo ficou muito quieto, sentindo uma estranha urgência.

Knightson seguiu penetrando-a em investidas largas e bruscas que fizeram que começasse a suplicar aos quatro ventos que a levasse até a liberação. Ele soltou um grunhido surdo e esvazio sua semente em seu interior.

Obrigou-a a se endireitar e a puxou para si. Seu pênis ficou livre, deixando atrás de si um fio úmido que se mesclava com o sêmen que ainda saía e que corria pela parte interior das coxas dela. Respirava com dificuldade, mas não disse nada, só a agarrou.

Portia esperou até que sua visão se esclareceu e sua respiração voltou para a normalidade.

—Te disse a verdade, Knightson. Estávamos virtualmente casados.

—Nem sequer estavam prometidos. —Seu tom era neutro, mas soava cansado.

—Era um compromisso secreto. Mamãe não o aprovava de todo. — disse Portia lentamente, em um sussurro— Devia ter feito conta. Por uma vez tinha razão.

—Houve outros.

Rodeada por seus braços, Portia se atreveu a se sentir segura apesar de que a fúria reprimida de Knightson era evidente para ela. Segura e completamente a salvo do ingrato que quase tinha arruinado sua vida.

—Esse condenado mentiroso me tirou a virgindade. Nunca tinha chegado tão longe antes.

—Mas tinha feito algo mais que beijar a seus pretendentes.

—Sim. — sussurrou ela, tremendo. Inspirou de novo— Mas não fodi com eles.

A ira se desvaneceu de uma vez. Fez girar em seus braços e a obrigou a levantar a cabeça.

—Isso é verdade?

—É verdade. — afirmou o olhando aos olhos fixamente, cheia de desejo. Se impulsionou para cima ficando nas pontas dos pés e a boca de Knightson ficou sossegada pela sua.

Assaltou sua boca e sua língua a buscou. Ela devolveu o beijo enredando sua língua com a dele e rodeando o seu pescoço com os braços. Seus seios o roçaram e do fundo de sua garganta surgiu um gemido.

A mão dele se enterrou em seu cabelo e puxou sua cabeça para trás.

Ela o olhou e viu seus lábios úmidos.

—Eu não te amo.

Ela abriu os olhos de par em par durante um momento.

—E por que me diz isso?

—Digo por que isto é temporário, uma necessidade que ambos temos e que logo se verá satisfeita. Eu irei em busca de outras, inclusive se ficar grávida. Você aprenderá a se dar prazer. Isto não pode... não vai durar.

—E você acha que isso me importa, Knightson? Mal o conheço. —Ela escapuliu de seu abraço, que já não era tão forte, e escapou.

Ao chegar a seu quarto, fechou a porta atrás dela e observou a imaculada estadia. Sua aparência era um desastre, sabia. O vestido se pegava a seu corpo pelo suor. Knightson o tinha enrugado além da redenção. Um cacho caía sobre sua testa, indicando danos maiores em seu penteado.

Era fácil reparar o exterior. Mas no interior o coração pulsava com força e sua mente dava voltas a tudo o que acabava de ocorrer. Quase incapaz de respirar, se deixou cair sobre a cama.

Knightson tinha sido tão duro, tão cruel... Como ela podia imaginar que depois viria esse breve momento de enternecimento? Essa era a razão de sua declaração, avisá-la?

Considerou não assistir à velada da noite alegando que sofria uma dor de cabeça. Desejava que chegasse a manhã e a seguinte aula na biblioteca. Atirou-se na cama. Não, não ia se esconder. Ele pensaria que tinha ganhado e não ia permitir a ele ter tal satisfação.

Ainda não, ao menos.

Tirou o vestido e se lavou rapidamente com uma esponja antes de se vestir para jantar.

Knightson fechou as calças enquanto a via se afastar. Não tinha se equivocado ao chamá-la bruxa. Não tinha planejado voltar para foder com ela, repetir o que tinha ocorrido naquela manhã, mas quando o duque de Winterton revelou o alcance total dos falatórios sobre a senhorita Carew, se alegrou de que a cadeira ocultasse como seu pênis ia se pondo duro.

Se a senhorita Carew gostava de jogar sujo, o seu se convertia em jogo limpo, apesar de que o duque brincasse dizendo que isso a convertia em uma boa candidata para ser uma esposa desejosa e apaixonada.

E quem necessitava uma esposa? Ele não, certamente.

Mas tinha que tomar cuidado. Não tinha intenção de romper suas regras com a senhorita Carew e tinha que se assegurar de que ela não ameaçasse sua liberdade.

Baixou as escadas com um sorriso curvando a comisura de seus lábios. Se perguntou que aparência teria ela no jantar. Fresca e inocente de novo? Só de pensar fazia com que sentisse uma renovada tensão em seu sexo.

Portia chegou bem a tempo para o jantar e deslizou seu braço sobre o do jovem Freddy Barrington, que a olhou com certa perplexidade.

Supôs que Freddy já tinha ouvido o pior das fofocas. Se tivesse algum interesse em pescar ao moço, lhe teria tirado o sarro com essa informação. Imaginou a conversa completa em sua mente, o fingido flerte com Freddy que deixaria Knightson louco de ciúmes.

Mas em vez disso permaneceu dócil e calada, perguntando ao Freddy por seu passeio a cavalo e mantendo uma conversação ligeira e adequada. Se negou a olhar em direção a Knightson, nenhuma só vez! Enquanto as damas se retiravam e deixavam aos homens com seu porto e seus charutos, ela se sentiu cheia de orgulho.

A senhora Chalcroft manteve Lucy ocupada, evitando por todos os meios que ela voltasse a falar com Portia.

Portia estava decidida a não deixar acontecer esse desprezo sem fazer nada, assim que se sentou no piano sem que ninguém o pedisse e começou a tocar. Escolheu música tranqüila e relaxante, com a esperança de que isso evitasse as afiadas navalhadas que a senhora Chalcroft tinha em mente para ela.

Olhou a seu redor e viu a senhora Chalcroft beliscar a ponte do nariz. Em qualquer momento a mulher se queixaria de que tinha dor de cabeça e impediria Portia de seguir tocando, estava segura disso.

A chegada dos cavalheiros a impediu. Irromperam na habitação muito mais cedo do que tinham por costume. Lorde Barrington e o duque se acomodaram junto às damas mais velhas, mas os três homens mais jovens revoaram ao redor de Portia, ainda ao piano.

Dirigiu a Knightson um olhar curioso, se perguntando por que os outros homens tinham unido suas forças. Seu rosto não lhe revelou nada.

—Você toca piano deliciosamente, senhorita Carew. —O visconde Gareth Winterton se inclinou para frente, seus cachos avermelhados caíam e se enredavam sobre sua testa, escapando às restrições que lhes impunha o fixador. Tinham bebido muito antes de se reunir com as mulheres? O moço tinha as bochechas avermelhadas.

—Obrigado, milord. — respondeu Portia com o olhar baixo. Não deixou de mover os dedos sobre o teclado.

O jovem visconde não se deteve aí. Sentou-se junto a ela, encarapitado na mesma borda da banquetta do piano. Ela o olhou com receio.

—Toque uma canção de amor. — sugeriu Winterton.

Portia deixou que a música fosse chegando sozinha a um fim.

—Uma canção de amor?

—Um dueto possivelmente? —Winterton se aproximou mais.

Sem pensar, Portia olhou para Knightson pedindo ajuda, mas este simplesmente lhe dedicou um sorrisinho. Voltou sua atenção para Winterton, que parecia estar ainda mais perto que um momento antes. Ela se afastou um pouco, se dando conta muito tarde de que tinha permitido a Winterton ter a mesma posse da banquetta que ela.

—Conhece esta? —Tocou com rapidez uma introdução. Ele assentiu e ela se lançou a tocá-la.

Enquanto cantavam, Winterton se aproximou ainda mais. Desta vez, Portia olhou para Freddy em busca de ajuda, mas este parecia observar a ambos como se fossem moscas que corriam pelo cristal de uma janela. O que estava ocorrendo?

A canção contava a história de duas pessoas que procuravam o amor e a mulher e o homem foram cantando versos alternos até chegar ao final. Portia completou o primeiro verso e Winterton fez o mesmo com o segundo. Tinha uma voz de tenor muito agradável.

Tinha sido inocente seu pedido? Portia começava a pensar que sim quando Winterton lhe empurrou um pouco o cotovelo. Ela saltou uma nota, mas seguiu tocando. Ninguém esperava que sua interpretação fosse perfeita.

Winterton voltou a se aproximar até que sua perna pressionou contra a dela. Portia se afastou um pouco, mas não deixou o piano. O que se supunha que devia fazer? Permitir o contato?

A mão dele se situou firmemente sobre seu traseiro.

Isso era muito mais que suficiente! Fingiu um ataque de tosse, se inclinou e escapou da banqueta. Se apoiou no piano com uma mão e seguiu tossindo. Levantou o olhar e se dirigiu aos surpreendidos espectadores.

—Água. — articulou com voz afogada.

Lorde Freddy Barrington se apressou para a mesa onde estavam as bebidas, voltou com uma fumegante xícara de chá e a passou a ela.

Portia a aceitou com um sorriso agradecido. Bebeu vários goles longos enquanto lhe chegavam ecos de perguntas sobre o que tinha ocorrido dos sofás próximos.

—Acredito que engoli um inseto. —Consegui esboçar um sorriso choroso— Deve ter voado diretamente a minha boca. — se voltou para Winterton— Minhas desculpas por arruinar o dueto.

Winterton teve a delicadeza de parecer um pouco desconcertado.

—Não se preocupe, senhorita Carew. Você não tem culpa; foi coisa da natureza. —Sua expressão de desconforto se transformou em uma piscada lasciva.

Ela ficou olhando-o boquiaberta.

—Feche a boca ou entrará outro inseto, senhorita Carew. — murmurou Knightson em voz baixa.

Portia a fechou de repente e deixou o piano para Sophia, que estava desejando que chegasse seu turno de reluzir.

—Eu acabarei o dueto com você. — se ofereceu Sophia.

—Melhor não nos arrisquemos a que ocorra o mesmo com outro inseto voador. — declinou Winterton com uma reverência, e seguiu Portia.

Esta escolheu um assento que evitasse que Winterton se sentasse junto a ela e que não atraísse uma atenção indevida. O alívio alagou Portia ao ver que os homens se dispersavam. Freddy Barrington se sentou junto à senhorita Lucy e Knightson se uniu à conversa das damas mais velhas.

Winterton ficou aderido a ela como cola. Aproximou uma turca e se sentou dando as costas ao resto do grupo. Assim bloqueava de forma eficaz a linha de visão de qualquer um, exceto da senhorita Sophia, que se concentrava no piano.

Portia se remexeu em seu assento, incômoda.

—Teve uma boa viagem até aqui, milord? —aventurou.

Winterton sorriu, algo que não estava muito de acordo com sua resposta.

—Lento. A Sua Excelência não gosta que sua carruagem estrale como está acostumado. —Ele se inclinou para a frente— Foi muito amável ao desculpar meu atrevimento de antes.

—Não o desculpei, milord. Me separei dele, que não é o mesmo.

—Meus cuidados não são bem recebidos?

—Não o conheço, senhor. —Incontrolado, seu olhar se dirigiu para Knightson. Tampouco conhecia a ele. Knightson recebeu seu olhar com um breve assentimento de cabeça. Ela devolveu sua atenção ao jovem Winterton— Temo que você ingeriu seu porto com muita rapidez esta noite.

—Sou mais que capaz de controlar o álcool que tomo. — disse Winterton, irritado.

Portia grunhiu para seus adentros.

—Me perdoe. Como já disse, não o conheço.

—Então deveria me conhecer, senhorita Carew. Você me intriga. Os falatórios dizem que...

Ela levantou a mão para o interromper.

—Não me importa absolutamente o que digam os falatórios, milord. São cruéis e de todo incertos, o asseguro.

Ele entreabriu os olhos.

—Mas sabe o que dizem?

Portia baixou a voz.

—Que sou uma mulher de costumes libertinos.

O que provavelmente era certo, dado seu comportamento de um tempo a esta parte com Knightson. Enfrentou o olhar predador de Winterton.

—Sou muito particular, acredite.

—Então espero merecer que me tenha em conta. —Winterton estendeu a mão e lhe deu um rápido beliscão em um mamilo.

Portia não pensou. Esbofeteou-lhe a bochecha com força e ficou em pé de um salto.

—Você, senhor, definitivamente não foi capaz de moderar-se com a bebida. Mas como se atreve?

—Senhorita Carew? —A ressoante voz baixa de lorde Barrington se elevou por cima do barulho do resto de conversações— Se explique.

—Estou segura de que ele não pretendia fazê-lo. —Portia atravessou Winterton com o olhar, que adoecia a seu lado— Estou segura de que se desculpará por esse ato irrefletido e feridor.

—Gareth? —A suave voz do duque cortou o silêncio que seguiu como uma faca cortando a manteiga— Se desculpe com a senhorita Carew e se retire.

O jovem Winterton dirigiu a seu pai um olhar mal-humorado e murmurou algumas desculpas. Saiu da sala indignado, fechando a porta com força atrás dele.

A coleção de figurinhas de porcelana de lady Barrington cambaleou em suas estantes.

—Me desculpo pelo mau caráter de meu filho, lady Barrington. — disse o duque, tranqüilizador. Deu uns golpezinhos em um assento que estava junto a ele— Venha e se reúna conosco, senhorita Carew.

Portia o agradeceu e se uniu a ele com prontidão. Seu convite tinha impedido que lady Barrington a desterrasse definitivamente.

—Não vamos perguntar, senhorita Carew, que pecado meu filho cometeu. Suponho por sua reação, que um bastante grave.

—Obrigada. — disse ela com gesto de dor— Temo que atuei sem pensar. Não deveria ter batido tão forte.

O duque riu, aparando o grosso cabelo branco sobre sua cabeça.

—Não duvido que o merecesse, senhorita Carew. Por favor, não se preocupe mais.

—Obrigada. —ia ter que estar sempre dando graças a esse augusto cavalheiro?

—Eu sim quero saber a causa desse arrebatamento. — soltou a senhora Chalcroft com a rosto avermelhado— Nunca tinha visto um comportamento tão descortês. Se explique.

Portia olhou ao duque. Seus lábios se converteram em uma fina linha pelo desagrado, mas preferiu não falar.

—Preferiria não envergonhar a Sua Excelência com os detalhes.

—Fala, menina. — insistiu a senhora Chalcroft.

Portia examinou ao grupo. Lady Barrington assentiu levemente com a cabeça. Todos estavam espectadores ante suas palavras.

—Tinha bebido muito. Ele... Ele me... tocou de forma inapropriada. —E acrescentou em voz baixa em direção ao duque— Me perdoe, Excelência.

—Teria desejado que não o dissesse. — respondeu o duque em voz suficientemente alta para que todos o ouvissem— Mas como o tem feito... —Ele se deteve e Portia sentiu que um calafrio descia por sua coluna. Acabava de converter ao duque em um inimigo? Este se levantou e fez uma reverência às damas— Lady Barrington, meu filho e eu partiremos pela manhã.

—Oh, não! —gorjeou lady Barrington— Não se precipite! Se pode assegurar que não vai ocorrer de novo...

—Não voltará a ocorrer. — assegurou o duque— Falarei com meu filho e o informarei que foi indultado. Se me desculparem... —Repetiu a reverência.

Na porta se voltou e sorriu a Portia.

—Senhorita Carew, tenha por seguro que está perdoada. Faz muito tempo que uma mulher não colocava ao jovem Gareth em seu lugar. E já era hora de que alguém o pusesse em vereda. Espero que sua reação lhe tenha feito bem.

E saiu.

Não recaíram mais acusações nem castigos sobre Portia, embora uma vez mais os outros hóspedes a excluíssem da conversação. Depois de um momento, se desculpou e se retirou.

Ao menos, pensou, receberia uma aula mais antes que lady Barrington as jogasse de sua casa e a afastasse de Knightson.

Uma vez mais, o senhor Knightson tinha chegado à biblioteca antes dela. Uma seleção de livros grandes estava pulverizada sobre a mesinha baixa. Ele a viu hesitar.

—Ente. —disse— Sente-se.

Portia fez o que lhe dizia.

—Estes são textos de anatomia. —Disse como se fosse uma acusação. Ela se ruborizou. O que esperava? Uma aula mais íntima? É óbvio que sim.

O senhor Knightson apontou um.

—Este é um desenho das partes íntimas de uma mulher. —Fez uma pausa— A boceta ou o caduco.

Portia mordeu o lábio. Só essas palavras proibidas faziam que se umedecesse de desejo, de necessidade.

—Olhe aqui. Isto é o clitóris. Se o estimular, dará prazer à mulher.

—Como você fez a última vez. —por que soava como se estivesse sem fôlego?

Knightson lhe dirigiu um olhar rápido.

—Exato. —Mas não fez o que ela esperava; não se aproximou. Deixou um pequeno espaço entre eles no sofá.

—E aqui - continuou— está a entrada da boceta. O termo técnico para esse buraco é vagina.

—Mas isso não é uma cidade da América? —perguntou ela.

Ele soprou.

—Isso é Virginia, Portia.

Ela sabia. Sorriu-lhe e ele sacudiu a cabeça.

—Há um lugar dentro da vagina que, se o estimular, dá a uma mulher ainda mais prazer. Inclusive até chegar ao ponto de que a mulher ejacule, de forma muito parecida com um homem.

Como o sêmen já lhe resultava familiar, esta nova informação surpreendeu a Portia.

—Igual? Algo espesso e branco?

—O líquido é claro. — corrigiu ele. Sorriu e sua expressão se escureceu— Quer que lhe mostre isso?

Esse oferecimento a deixou sem fôlego.

—Sim — disse em um sussurro— Me ensine.

Fez um gesto para assinalar uma manta que estava estendida no chão. Não tinha se fixado nela quando entrou; seus olhos só eram para ele.

—Tire a roupa e deite aí.

Portia examinou a sala. Knightson tinha deslocado as cortinas e agora, além disso, se aproximou da porta e a fechou com chave. Ela afrouxou as cintas de seu vestido e o tirou. O recolheu e o colocou sobre o sofá.

—O espartilho. — pediu ela, lhe dando as costas. Ele foi em sua ajuda e soltou o cordão.

Nua, se deitou na manta. Sentiu a vasta lã cheia de protuberâncias que lhe arranhavam a pele. Se sentia estranha tão nua, tão vulnerável, enquanto Knightson estava de pé sobre ela, completamente vestido.

E excitado. A silhueta de seu membro era evidente contra o fino tecido de suas calças. A desejava. Ela umedeceu os lábios e estendeu os braços para ele.

Ele a ignorou e se acomodou a seu lado, incorporado sobre um cotovelo.

—Se deite —ordenou— e relaxe.

Relaxar? Impossível!

Ele começou a lhe tocar os seios e ela ficou rígida. Knightson arqueou uma sobrancelha.

—O que te fez ontem à noite? O jovem Winterton...

Portia sorriu.

—Beliscou-me. Forte. Aqui. — disse assinalando o mamilo afetado.

—Torpe bruto. — Knightson comentou com pesar— Me deixe que eu beije isso para pô-lo melhor. —Inclinou a cabeça sobre ela, roçando sua pele com a língua.

Ela afogou um gemido. Não lhe tinha feito isso antes. Por que tinha demorado tanto tempo? As deliciosas sensações lançaram uma rede de agulhas por seu seio e mais à frente. O calor de sua boca se filtrou para seu interior, despertando sinapses até então inativas e fazendo saltar faíscas em seu ventre.

Resistindo à necessidade de enterrar as mãos em seu cabelo para mantê-lo junto a seu seio, os dedos de Portia se curvaram sobre a manta. Divina tortura!

Knightson levantou o olhar um momento.

—Deve recordar isto, Portia. O que te faço com a boca; logo você poderá fazer isso para te dar prazer.

Portia choramingou pela decepção. Não queria isso. Estava mais que claro para ela que queria mais dele. Fechou os olhos com força. Não. Faziam um trato e não poderia ter mais de Knightson que essas poucas aulas.

E o que passava com esse assalto nas escadas? Seu sexo se esticou ao recordá-lo. Se isso não era mais que uma forma de cobrar as lições, ela estaria encantada de seguir pagando.

Mas não se falou de pagamento. O que Knightson queria?

Sua boca foi criando um caminho que descia por seu ventre e ele se moveu até ficar deitado entre suas pernas abertas. A ponta de sua língua acariciou seu... como

o tinha chamado? Ah, sim... Seus clitóris. Um espasmo a percorreu. Que tato mais sutil! Ela poderia reproduzir alto tão sutil e tão úmido toque, tocando a si mesma?

O pensamento consciente a abandonou, não existia nada mais que a língua que lambia e os lábios que chupavam seu clitóris. Ela vibrou sob ele, se esticando, acumulando tensão para capturar a liberação incrível que Knightson já lhe tinha proporcionado uma vez. Desejava perversamente tanto que não parasse nunca como que a agarrasse em seus braços e colocasse seu pênis nela enquanto alcançava essa liberação. Tentou reprimir um grito.

Oh, Deus, estava perto, que perto estava...

—Portia.

Levantou a cabeça e olhou para baixo, para onde estava ele, entre suas pernas. A parte inferior de seu rosto brilhava por sua umidade.

—Portia, necessito que confie em mim. Aconteça o que acontecer e sinta o que sinta. Não lute contra isso, deixe ir.

Sua cabeça voltou a cair sobre a manta enquanto se perguntava o que queria dizer com isso.

Ele deslizou os dedos em seu interior, acariciando a parede superior de seu buraco.

—Aqui. —disse, massageando um lugar— Recorda isto.

—Oh, Deus! —ofegou Portia.

Knightson riu e continuou sua estimulação do clitóris.

Portia se retorceu. A liberação estava aí, fora de seu alcance. Ainda conservava o suficiente de seus sentidos para se dar conta de que Knightson aumentava seu nível de excitação mantendo-a tensa, a ponto de saltar, mas lhe negando a possibilidade de deixar que seguisse.

—Mark, por favor! —ofegou com voz rouca. Suas genitálias ardiam; tinha-os levado a uma cota muito alta de sensibilidade.

Ele se deteve.

—É necessário que o faça durar, Portia. Não se deixe tentar por gozar muito rápido. A espera faz que o final seja maior.

Maior?

—Não me importa, Mark. Por favor, por favor, me deixe gozar.

—Recorda, deixe ir, relaxa os músculos.

Ela se esforçou por obedecer, por liberar toda a tensão à espera da liberação. Sua língua passava rapidamente sobre seus clitóris e seu dedo se deslizava em seu interior. Se retorceu, soluçou.

E então a parede a golpeou, afogando-a em sua cor dourada. Deixou escapar um grito gutural e sentiu que algo derramava entre suas pernas. Ele a manteve aí, no estado dourado, ordenhando-a com o dedo enquanto ela se derramava uma e outra vez.

Finalmente seus dedos saíram e se tombou junto a ela uma vez mais.

—Precioso, foi precioso. —murmurou.

Ela o olhou. O líquido gotejava pelo rosto dele. Portia sentiu um horror tremendo.

—Me... me urinei.

Knightson enxugou o queixo e lambeu a mão.

—Não, ejaculou. As mulheres também podem, querida. Como se sente?

—Eu... pensei que não podia chegar nada melhor... Mas tinha razão, isto é maior.

Ele sorriu.

—Quando fizer isso a si mesma, verá que é mais fácil se sentar na borda de uma cadeira. Te dará um ângulo melhor.

Portia estremeceu. Fazer a si mesma? Compreendeu, ao fim, o precioso presente que Knightson acabava de lhe fazer.

Liberdade. Liberdade para não ter que depender de um homem para se satisfazer. Já não necessitava a um homem. Nunca mais.

Olhou Knightson de soslaio. Mas ela desejava a ele.

—Obrigada. — disse ainda sem fôlego.

Seu sorriso ficou estranho, com uma repentina incerteza. Ficou de pé, golpeando os joelhos das calças para tirar o pó.

—Chegaremos tarde ao café da manhã. — murmurou— Deixarei que se vista.

Knightson se foi, deixando-a esparramada nua na manta. Ficou sem fôlego. Como podia ir-se assim?

Se levantou. Suas pernas tremiam. Torpe e vazia, se vestiu, penetrando dentro do espartilho e escondendo o cordão. Seu traje pareceria um pouco desordenado a um observador casual, mas Portia não tinha intenção de que alguém a visse.

Dobrou a manta e fechou os livros de anatomia para voltar a colocá-los com cuidado no centro da mesa.

Capítulo 5

Na hora do almoço, a senhora Chalcroft perguntou se alguém tinha pensado em ir ver o caramanchão.

—Ouvi que é um passeio encantador.

—O dia é bom. — assentiu lady Barrington— Vamos então?

Portia passeou a comida por seu prato. A abrupta saída de Knightson a tinha deixado pelos chãos e isso seguia chateando-a, embora não entendesse por que.

O grupo se reuniu para o longo passeio. Se agruparam em pares; Portia caminhava no meio da ordenada linha com a senhorita Chalcroft.

—Está bem? —A senhorita Chalcroft a olhou de debaixo da profunda asa de sua sombrinha.

Portia conseguiu esboçar um sorriso.

—Bastante bem, não se preocupe.

—Me perdoe, mas é que parece... um pouco apagada. Tem algo a ver com o que passou ontem à noite?

Queria dizer à senhorita Chalcroft que não tinha nada a ver com o que tinha ocorrido na noite anterior, a não ser com certas ações de certo homem essa manhã, mas isso descobriria sua mentira.

—Talvez. Já me levantei assim esta manhã. Não dormi bem. —Olhou as costas de Mark Knightson, que caminhava algo mais adiante junto a lorde Barrington.

—Levar a carga de comentários tão cruéis e injustos deve ser difícil. —se compadeceu a senhorita Chalcroft.

—E isso por que você não conhece nem a metade deles... —Portia deu um giro furioso a seu guarda-sol— Vá aonde vá, me importunam por eles. Às vezes me pergunto se não seria melhor me render e deixar que me condenem.

A senhorita Chalcroft respirou profunda e audivelmente e soltou o ar com uma risadinha.

—Então demonstraria a eles que tinham razão.

—Sim, mas não teria que me preocupar de defender minha reputação nem de ser desprezada. Ficaria livre de tudo isso.

A senhorita Chalcroft a observou.

—Diz a sério, não é? Rogo a você, não arruíne sua vida. Esses rumores passarão.

Portia duvidava, mas deu pequenos golpes ao braço de sua amiga.

—Sim, tem razão. É que hoje estou um pouco alterada me perdoe.

Caminharam através do bonito bosque convertido artisticamente, graças aos jardineiros dos Barrington, em um parque muito habilmente domesticado. O atalho, agora coberto de um escorregadio húmus formado pelas folhas caídas das árvores, rodeava um pequeno lago e chegava até uma pequena ponte sob o que um deságüe se convertia em uma cascata e depois em um riacho que gorgeara.

O som conseguiu acalmar Portia mais que a conversação da senhorita Chalcroft. Inspirou profundamente e cheirou o verdor profundo dos bosques, vivo e decadente de uma vez.

Deixaram atrás o pequeno bosque e subiram por uma longa colina; seu objetivo já estava à vista. O edifício de colunas brancas lhes esperava. Chegado este ponto a ordem de sua coluna expedicionária tinha trocado: as mulheres mais velhas tinham passado à retaguarda da linha e os homens jovens caminhavam bastante na frente. Portia viu Sophia entre eles.

Knightson se deteve e fez um gesto a lorde Barrington para que seguisse adiante. Se acomodou ao passo de Portia e articulou uma saudação torpe para a senhorita Chalcroft.

—Senhorita Carew, posso falar em particular com você?

Portia dirigiu um olhar surpreendido à senhorita Chalcroft.

—Não acredito que isso seja apropriado, senhor Knightson.

Knightson soltou um juramento entre dentes. Portia abriu muito os olhos. Ele olhou por cima da cabeça dela à senhorita Chalcroft, que lhe devolveu o olhar com uma expressão terminante e alegre.

Portia desejou rir ao ver a frustração de Knightson e sorriu à senhorita Chalcroft em agradecimento. O certo era que desejava que a senhorita Chalcroft fizesse caso da mal educada insinuação de Knightson e lhes deixasse sozinhos. Queria uma explicação de suas ações dessa manhã. Não, não de suas ações, mas sim de sua abrupta saída.

—Lucy! —A aguda voz da senhora Chalcroft danificou a diversão que estavam desfrutando as garotas frustrando as intenções do senhor Knightson— Lucy! Necessito de você.

Lhe dedicando um olhar de desculpa, Lucy ficou atrás para unir-se a sua mãe.

—Pobre garota. — murmurou Portia.

—Poderia ser você. — foi a resposta de Knightson.

O olhou um pouco zangada.

—Eu? Acredito que não. Não me casarei, mas tampouco serei a acompanhante de minha mãe.

—Valentes palavras. —murmurou Knightson— Recorda o lago?

Portia o olhou sem deixar de pestanejar, surpreendida pela mudança de tema.

—O que tem ele?

—Se encontre comigo ali amanhã pela manhã, antes do café da manhã. — Sorriu— Terá que se levantar cedo para estar aí na hora de costume.

—Outra aula?

Mas Knightson se afastou do atalho, apoiando um joelho no chão para ajustar a bota.

Portia lhe deu um giro exultante ao guarda-sol. Tinha acreditado que suas lições tinham acabado. Depois dessa manhã, que mais podia lhe ensinar? O lago parecia uma localização pouco usual. Talvez não se tratasse de outra aula... Possivelmente o que queria era a ela.

Seu sorriso ainda não se dissipara quando alcançaram o caramanchão. Os cavalheiros mais jovens já estavam deitados sobre a erva observando como se aproximava o resto do grupo. A senhorita Sophia parecia estar explorando o caramanchão por sua conta.

—Que delicioso sorriso, senhorita Carew! —gritou Winterton.

Desapareceu no mesmo momento. Olhou para trás para ver a que distância estavam dos outros e permaneceu onde estava, mantendo a distância entre ela e os homens. Recordou que devia recuperar o sorriso.

—Milord. — disse fazendo uma breve reverencia para agradecer o elogio.

—O passeio deu um brilho saudável a suas bochechas, senhorita Carew. — Winterton ignorou a exclamação de advertência de Freddy.

—Quer dizer que tenho uma aparência doentia em outras ocasiões, milord? — perguntou Portia docemente.

—Não, não, é obvio que não! —balbuciou Winterton, franzindo o cenho ao ouvir a risadinha de Freddy Barrington— Será que tudo o que faça vai lhe parecer desacertado?

Portia o examinou com ar de superioridade.

—Isso ainda está por ver.

O resto do grupo os alcançou e os criados serviram o chá sob a proteção que davam as colunas jônicas do caramanchão.

Após descansar, o grupo se preparou para o caminho de volta. Os serventes se encarregariam de recolher os restos do lanche. Rindo por algo que Freddy Barrington havia dito, a senhorita Sophia se levantou de um salto e correu até a borda da pequena plataforma.

Junto a Portia, Lucy conteve a respiração.

Antes que ninguém tivesse tempo de se mover, Knightson se levantou e agarrou à senhorita Sophia pelo braço.

—Senhorita Sophia, me faria a honra de me permitir acompanhá-la na baixada desta colina tão levantada?

Durante um segundo, Portia pensou que Sophia se negaria e levaria a cabo a loucura que Freddy Barrington tinha lhe sussurrado ao ouvido.

Mas a senhorita Sophia ficou tensa ante a recriminação não pronunciada. Knightson não disse nada, só mostrou um sorriso encantador. O aborrecimento da senhorita Sophia desapareceu ao se dar conta de que assim tinha conseguido a atenção do senhor Knightson.

Lucy deixou escapar o fôlego que tinha estado contendo.

—Graças a Deus. —murmurou— O senhor Knightson reagiu muito rapidamente, não foi?

—Sim que o tem feito. — respondeu Portia observando ao casal que baixava a verde colina.

—Lucy!

Murmurando desculpas, Lucy se afastou para se unir a sua mãe que a requeria.

Portia se preparou para fazer o caminho de volta sozinha. Para sua surpresa, o duque de Winterton se situou a seu lado.

—Posso caminhar com você, senhorita Carew?

—É obvio. —depois de tudo, esse homem tinha saído em sua defesa na noite anterior. Alterou seu passo para se acomodar ao do ancião.

Ele pôs o braço dela sobre o seu.

—Não é necessário que vamos tão devagar. Ainda não sou um inválido.

Portia se ruborizou.

—Não tenho problema em que você estabeleça o passo.

—De verdade? —O duque levantou uma sobrancelha branca e inquisitiva— Como encontrou a meu filho hoje?

—Não muito melhor que ontem à noite. —disse com sinceridade— Não realizou nenhuma afronta contra minha pessoa...

—Me alegro de ouvir isso. —respondeu o duque com acidez— Mas?

—Não está demonstrando a educação de um visconde, Excelência.

—Não tem meias palavras, não é, senhorita Carew? —riu o homem, dissipando assim os medos de Portia, que acreditava o haver ofendido— Acredito que meu filho ainda está ressentido por ontem à noite, igual a você, não o duvido. Não o julgue precipitadamente. Só estou pedindo que lhe dê tempo para demonstrar que o merece.

—Que merece o que?

—Sua mão, senhorita Carew. Apesar de sua franqueza, tem potencial para se converter em uma grande dama. A estarei observando para ver se minhas primeiras impressões se mantêm. —Deu-lhe uns pequenos golpes na mão— Só lhe peço que mantenha a mente aberta no que diz respeito a meu filho.

Lucy Chalcroft apareceu junto a Portia.

—Excelência, lady Barrington pergunta se você poderia atendê-la.

O duque assentiu.

—Recorde minhas palavras, senhorita Carew. —E ficou atrás esperando lady Barrington.

Lucy esperou até que estiveram o suficientemente longe do duque para que este não pudesse as ouvir.

—Que palavras?

—Que mantenha a mente aberta no que diz respeito a seu filho. —Portia não via o problema em contar-lhe Suspirou— Winterton pôs seus olhos em mim.

—E você preferiria que não fosse assim?

—Prefiro a alguém com mais experiência com as mulheres. É um pouco inculto.

—Mas é um visconde!

—Suspeito que tem mais a ver com o fato de que ele acredita que sou uma mulher de virtude relaxada que com seu status social. —Portia fez uma careta em direção à costas do homem.

—Oh, querida, tem-no feito tudo mal com você desde o começo, verdade? —Lucy suspirou— Uma pena, porque é bastante bonito.

Portia sorriu.

—Por mim, pode ficar com ele. —Demasiado cedo.

—A mim nem olhou, Portia. Eu estou completamente fora de tudo isto.

—Só porque sua mãe a faz levar esses ridículos chapéus.

—Não todo o tempo.

—Muito freqüentemente.

Lucy lhe deu razão.

—O que queria Knightson antes?

Portia deu de ombros. Não se atrevia a dizer a verdade a Lucy.

—Sabe que estou à venda no mercado, embora não tem feito uma oferta muito alta.

—No mercado! —Lucy riu— Que coisa mais terrível acaba de dizer!

—Mas é certo. —Suspirou de novo— Oh, Lucy, às vezes desejaria não ter lutado com tanta força contra os rumores. Poderia me estabelecer em alguma casinha em qualquer parte e viver tranqüila sem ter que lutar com tudo isto.

Na manhã seguinte, com a névoa ainda se abatendo sobre os vales, Portia caminhou até o lago. Em um primeiro momento se preocupou se por acaso alguém da casa chegasse a vê-la... Oh, não era provável que fosse sua mãe ou algum dos hóspedes (era muito cedo para eles), mas os serventes também fofocavam.

Quão seguinte ocupou sua mente (porque se negava a pensar em Knightson, não importava quantas vezes seus pensamentos voltassem para esse homem insofrível) foi o melhorado comportamento do jovem Winterton. Se comportou como um perfeito cavalheiro na noite anterior, tratando-a como a um anjo ao que adorar.

Ela o tinha permitido, e por que não? Knightson não lhe havia dito uma palavra do passeio até o caramanchão e nem sequer tinha olhado em sua direção em toda a noite. Se Winterton se reformou, por que ela não ia desfrutá-lo?

Entrou nos bosques e o ar se fez mais fresco. O sol não tinha chegado até ali ainda, nem tinha conseguido se filtrar através das folhas salpicadas e chegar a esquentar a terra. Acelerou o passo até que chegou a pequena ponte de madeira que cruzava o lago.

Desde esse ponto não se podia ver toda a água porque ali o leito se estreitava até se unir ao riacho que corria sob a ponte e se afastava dele.

Ficou ali de pé, indecisa. Não se viam sinais de Knightson por nenhum lado. Seria isto algum tipo de diabrura? Não queria lhe chamar, nem tampouco queria parecer nervosa ou insegura.

No dia anterior tinham tomado o caminho que se afastava do lago, mas Portia viu outro atalho que se bifurcava a partir desse e que seguia a linha da borda do lago.

Tomou este último. Se esta era a idéia de Knightson de diversão, ela desfrutaria do passeio e logo voltaria como se tudo isso tivesse sido idéia dela.

Dobrou uma curva do atalho e um oco nas samambaias revelou uma manta xadrez na cor azul estendida junto ao lago. Knightson estava sobre ela, com um braço atrás da cabeça.

Nu.

—Tinha pensado em que nos déssemos um banho, —disse despreocupadamente— mas a água está muito fria. —Seu sorriso apareceu, escuro e malicioso.

Portia cruzou os braços. Sua postura era rígida. Não queria que ele visse como lhe afetava seu delicioso corpo nu.

Recordava a uma estátua grega que respirava, viva: ombros largos, cintura estreita, coxas bem torneadas.

E seu membro... O acariciava preguiçosamente, sua grande mão esfregando acima e abaixo a grossa carne. Parecia mais largo e mais duro agora que quando ela chegou.

Recordou o que sentia quando esse órgão penetrava nela e soube que estava perdida.

—Qual... qual é a lição de hoje? —Sua voz tremia.

—Já te expliquei a importância das imagens no que diz respeito a levar a gente mesmo até a liberação. Hoje vou te mostrar um exemplo. —Seu olhar baixou até seu membro como se lhe estivesse dizendo que recordasse isso. Este e só este e não o membro de nenhum outro homem.

Portia pensou que não lhe resultaria difícil obedecer essa ordem não pronunciada. Se aproximou para deitar sobre a manta junto a ele, mas ele se adiantou.

—Tire sua roupa, Portia.

—Mas se for observar...

Seus olhos brilhavam.

—Observa, mas terá que fazê-lo sem roupa. Essa não é a única lição que vais aprender hoje.

Ela obedeceu a contra gosto. Tirou o vestido, o espartilho, que levava frouxo, e a roupa de baixo. Pendurou tudo em um ramo. Seus pés nus chapinharam na borda musgosa antes de caminhar por cima da manta seca. Uma das várias mantas que havia, observou. Se sentou junto ao quadril dele, rodeando-se com as pernas, seus olhos olhavam fixamente seu pênis.

Ele seguiu se acariciando preguiçosamente. Portia imaginou que ele repetia esses mesmos círculos que se estava fazendo com o indicador e o polegar, mas em seu sexo. Imaginou como entrava e depois saía. Se remexeu em sua posição; não queria seguir observando.

Olhou-lhe seu rosto e o encontrou observando-a, o olhar dele tão faminto como o seu.

—Acredito... —começou— Acredito que teria uma lembrança mais vivida se nós... se você...

—Diga Portia. — disse com um grunhido.

—Se me foder. —Ela trocou de postura e ficou sobre ele, escarranchado. Seu pênis ficava diante de suas pernas abertas. Deslizou um dedo sobre seu testículo.

Ele gemeu e suas mãos caíram sobre os quadris dela.

—Talvez devesse te torturar um pouco antes. — disse ela ronronante, embora não houvesse nada que desejasse mais que ser atravessada por seu pênis duro e disposto.

Ele emitiu um grunhido surdo para demonstrar sua aprovação. Algo líquido gotejou da ponta de seu pênis e ela o estendeu com carícias circulares. Seus dedos roçaram a seda aveludada que era a pele de seu membro. O músculo duro como a rocha se estremecia e se esticava mais com seu contato.

—Portia. — Knightson voltou a grunhir, agarrou-a pelos pulsos e a fez rodar até colocá-la sob ele.

Ela lutou contra ele. Seu pênis golpeava com seu sexo, resistindo a todas as tentativas dela para que ele a penetrasse.

Knightson seguia segurando seus pulsos e a puxou até colocar-lhe sobre a cabeça, capturando-a com uma de suas mãos grandes. As mãos dela se afundaram no barro, fresco e pegajoso.

Ele baixou a cabeça, beijou e mordeu os mamilos até que estiveram cheios, vermelhos e ardentes. Portia pensou que poderia gozar ali e nesse momento se ele continuasse com isso. O suave e não tão suave puxão de seus dentes combinado com sua língua úmida a estavam deixando louca.

Ela ofegou e gemeu, sem deixar de lutar sob seu corpo. Ele a segurou também pela cintura e torrões de barro mancharam seu ventre.

—Mark, Mark... por favor.

Ele trocou de postura para agarrar algo. Deslizou seu corpo algo mais acima e a ponta de seu pênis por fim empurrou brandamente no lugar desejado.

Portia o olhou fixamente, consciente de sua posição vulnerável, com as mãos presas por cima da cabeça e as costas arqueadas de forma que se sobressaíam seus seios. O frescor do lugar sombreado no que estavam se filtrou até seus ossos, a todo seu corpo exceto aos extremos quentes de seus mamilos e à profundidade de seu sexo.

O retirou um pouco; sujeitava entre ambos uma taça chapeada que parecia empanada pela condensação. Deixou cair algumas gotas de água sobre o peito dela.

Portia gemeu e suas costas se arquearam ainda mais. O frio a fez arder com mais intensidade e seus mamilos se endureceram até converter-se em botões tensos e dolorosos.

O gelo ardente correu por seu estômago.

Mark entrou nela, seu pênis quente enfrentando ao estremecimento frio e o dissolvendo. A investida foi dura e rápida. Portia não sabia se estava queimando e rachando como o gelo. Soluçou sob seu corpo, quebra de onda após quebra de onda de uma ardente liberação que a envolvia.

Implacável, Mark seguiu penetrando-a sem lhe dar um momento de descanso, mantendo-a em um estado de suma excitação. O ar abandonou seus pulmões e Portia ficou sem fôlego por causa da potência do clímax.

Mark lhe soltou as mãos e a puxou até que ambos ficaram sentados, Portia em seu colo com as pernas lhe rodeando a cintura. A mudança de posição provocou que a penetrasse mais profundamente inclusive, e ele impôs um movimento em que ambos se balançavam como um balancinho, seu pênis pulsava ainda em seu interior.

Portia decidiu suportar o que Mark lhe estava fazendo até que ele chegasse ao clímax, porque ela já se encontrava no ponto em que seu prazer adoecia, mas recordou as palavras de Mark do dia anterior de que relaxasse.

Tentou e descobriu que se sentia mais aberta a ele. Uma nova umidade começou a se deslizar por suas coxas.

—Sim! —O grito gutural de Mark ressoou entre as árvores. Começou a se balançar com mais força até que o que antes tinha sido dor explorou de novo em um prazer renovado, não, melhor dizendo, duplicado.

Portia gritou quando sua liberação chegou ao mesmo tempo em que a dele. A força de seu grito a deixou tão tremula como a intensidade do orgasmo.

Esgotada, exausta, se pendurou no corpo de Mark, com o rosto enterrado em seu pescoço. Não acreditava que pudesse se levantar embora o ordenasse. Ele cheirava à mescla de seus sexos, ao acre suor masculino e tinha um toque de sândalo. Os músculos de seu sexo se convulsionaram uma última vez graças ao puro gozo de respirar seu aroma.

Mark riu entre dentes e a empurrou brandamente para que se recostasse sobre a manta, de forma que ambos ficassem deitados com os rostos muito perto. Ela sentia a morna respiração dele em sua orelha e seus braços enroscados ao redor dela e lhe cobrindo os seios com as mãos.

Ela ofegou, ainda muito sensível. Os restos do barro faziam com que seu contato fosse quase insuportável, mas ao cobri-los com as palmas das mãos, ela se relaxou. Fazia que fosse consciente de sua presença, um pouco excitada e estranhamente segura.

Se deu conta de que essa era a primeira vez que não lhe tinha ordenado que se vestisse e ambos se foram, ou que ele se vestiu e partiu. Havia algo mais preparado para ela essa manhã?

A ponta da língua brincou com o lóbulo de sua orelha.

—Portia, nunca a tinha visto se deixar ir dessa maneira. Chiaste.

Ela se ruborizou e pensou em fazer que afastasse as mãos.

—Eu... sinto muito. —balbuciou. Para sua surpresa, sentiu que se formavam lágrimas em seus olhos. O tinha decepcionado? E por que importava tanto a ela?

—Não, não se desculpe. —Seu escuro ronrono se fez mais forte — Pensava que talvez minhas aulas fossem, em vão, que nunca fosse se deixar ir verdadeiramente, que nunca experimentaria... —Deixou que a frase se apagasse e lhe beijou a orelha— Mas o tem feito, minha doce Portia, o tem feito. É mais do que esperava, nada reprimida, a não ser uma mulher de uma grande e profunda paixão.

Suas palavras lhe chegaram à alma. Não era capaz de dizer nenhuma só coisa inteligente.

—O... Obrigada.

Ele voltou a rir.

—A deixei sem palavras querida? Tenho que lhe dizer isso estas expressões de carinho não me saem com facilidade.

Expressões de carinho? Eram mais coisas que a animavam a seguir com o sexo. Com ele e com ninguém mais.

—Eu... estou suja. —Isso era o melhor que podia dizer? Fez um esforço por se levantar. Mark a deixou ir. Não se voltou para olhá-lo, mas sim se dirigiu a borda da água e salpicou um pouco de água fria sobre seus seios e seu ventre, limpando o barro.

Desejou que a água fria e o desencardido não levasse também o aroma de Mark, nem seu rastro tampouco.

Descobriu uma folha seca em seu cabelo e a tirou. Se secou utilizando sua própria anágua. Colocou com esforço o espartilho e o olhou por cima do ombro.

—Poderia me ajudar com os cordões?

Ele franziu o cenho.

—Objetos irritantes. —levantou-se, ainda nu, e puxou os cordões para fechá-los. Se retirou enquanto ela se vestia.

Portia seguiu olhando para o outro lado. Já vestida, se preparou para ir.

—Portia.

Essa única palavra fez que detivesse seus passos. Mas não se voltou.

—Sim?

—O que ocorre? O que a perturba?

Ela o olhou e conteve o fôlego ao ver a forma despreocupada em que tinha as pernas colocadas, seu membro relaxado caindo sobre uma coxa. Como podia estar tão confortável, tão maravilhoso?

—Não me perturba nada. —Era mentira, mas Portia não tinha nenhuma razão coerente para suas ações.

—Isso não é verdade. Deveríamos ser sinceros um com o outro, Portia. Os amantes deveriam ser, pelo menos, honestos.

Amantes? Havia dito amantes?

—Há dito... Há dito que só ia me dar aulas, nada mais. Amantes? —Sua voz se elevou um pouco ao final, despontando um pequeno toque de histeria.

Ele se sentou erguido, apoiando os braços nos joelhos. Entreabriu os olhos.

—Se não quiser seguir comigo, Portia, só tem que dizê-lo. —Sua voz se voltou fria e dura.

—Eu... —Não querer seguir? Mas se ardia por ele? Estava além desse «querer», o necessitava. Para ela, as manhãs com ele eram tão essenciais como respirar. E em tão pouco tempo... Isso a assustava. Não queria isso. O fato de perder o Norte por um homem quase tinha arruinado sua vida há pouco tempo. E estaria arruinada de tudo se não tomasse cuidado.

O silêncio tinha sido muito longo.

—Oh! —disse chutando o chão. Ouviu um satisfatório chapinho de barro e correu pelo caminho de volta à casa.

Seu passo se acelerou pela ira e a frustração. Portia fervia. Queria lhe chiar «Como se atreve?» e se esconder atrás de sensibilidades pudicas, mas teve que reconhecer quase imediatamente a hipocrisia de tudo isso. Mark Knightson não era precisamente pudico. Tinha visto uma mulher, amadurecida e fácil de provocar, fácil de devorar e fácil de deixar de lado.

Engolindo seu soluço, correu para a casa.

Mark Knightson não podia culpar à garota. Apesar de todos os falatórios sobre ela, Portia Carew não era uma moça enfastiada de todo. Embora fosse certo que tinha suficiente experiência com os homens para não temer nenhuma provocação sexual que lhe expor. Sua avidez por aprender deveria o ter desagradado, mas em vez disso respeitava, sim, respeitava, suas razões.

Queria se sentir livre dos homens. O havia dito, não pretendia casar-se e conhecia, por própria experiência, as profundidades do desejo sexual. Assim, por que não pretender encontrar uma independência dos homens para isso?

Seu problema estava claro: quanto mais a ensinava, mais queria possuí-la só para si mesmo. Conhecia perfeitamente as sensações: o primeiro arrebatamento de desejo físico, a atenuada necessidade pelo outro que não se podia ignorar, o batimento do coração incessante da excitação que ficava só parcialmente mitigada em cada encontro.

Tudo passaria. Essa necessidade já tinha passado antes. Se desvaneceria e ele seguiria adiante com outra conquista. E ela? O que aconteceria a ela?

Ele tinha prometido lhe dar algo o que recordar. A idéia de que seria com sua lembrança, o de seus encontros sexuais, com o que ela ia se masturbar quase o fez gozar ali, nesse mesmo momento.

Grunhiu e embutiu seu membro excitado nas calças.

Oh, sim, o recordaria. Ele se asseguraria de que assim fosse.

As mulheres se reuniram no pequeno salão, cada uma estava absorvida por suas mínimas tarefas e mantinham uma conversação desinteressada. As Chalcroft e a senhora Carew se inclinavam sobre seus trabalhos de bordado e costura. Lady Barrington estava sentada em seu escritório atendendo a correspondência.

Portia se sentou no assento junto à janela com as pernas recolhidas sob seu corpo, e tentou ler um livro. Não obstante, tudo o que sentia era que seu sexo pulsava. Seus seios, horas depois, ainda não tinham deixado de lhe doer, o contato da fina camisa de linho lhe incomodava como se tratasse de lã barata.

Fechou os olhos e reviveu esses momentos selvagens na sombra salpicada de sol do lago. Mark não tinha lhe dado fuga, sem deixar de agarrar e pedir mais. E ela o tinha dado. Sem dúvidas, sem repulsões, embora houvesse muito poucas coisas que rodeassem a Knightson que pudessem ser qualificadas de repulsivas.

Devia pensar nele como Knightson, não como Mark. Um equívoco, um desliz ao o chamar «Mark» e ambos estavam perdidos. A expulsariam dessa casa e a enviariam a Deus sabe onde. Não podia suportar pensar nisso.

Um brilho de luz no exterior lhe chamou a atenção. Levantou a vista do livro que fingia ler. Uma carruagem puxada por quatro cavalos negros se aproximava.

Portia se voltou para as demais.

—Chega uma carruagem.

Lady Barrington levantou a vista para olhá-la.

—Uma carruagem? Me pergunto quem poderá ser...

As outras mulheres recolheram seus elementos de trabalho e, estirando os vestidos, se levantaram ao mesmo tempo em que lady Barrington. Quem chegaria sem convite?

As mulheres se organizaram em uma fila no vestíbulo, uma grande estadia aberta coberta de ladrilhos de mármore brancas e negras que culminava em uma escada que se elevava três rodadas.

Freddy Barrington chegou apressadamente e os outros cavalheiros o seguiram algo mais lentamente.

—Sinto muito, mãe! —disse se esforçando por colocar o lenço—. Convidei a outro amigo. Disse-me que podia.

Lady Barrington sorriu, toda elegância.

—Claro.

Portia atravessou a estadia com um olhar dirigido a Mar... a Knightson. A inesperada chegada tinha interrompido aos cavalheiros em meio de algum jogo, porque tinham as mangas levantadas e os lenços soltos. Não pareciam sentir a mesma urgência que o jovem Freddy por arrumar seu aspecto.

Seus olhares se encontraram. O de Knightson se obscureceu, mas não mostrou nenhum outro sinal externo. Portia olhou para o outro lado, pensando que talvez tivesse imaginado, que só tinha visto o que queria ver: que ele a desejava.

O mordomo dos Barrington abriu a porta. A primeira dos recém chegados, uma mulher, entrou na estadia. Era a viva imagem da última moda. Seu cabelo acobreado brilhante estava recolhido em um coquete chapéu arroxeadado coberto por um tule. Levava um casaco cinza aço e o cetim arroxeadado da saia também brilhava.

Sorriu ao grupo reunido.

—É muito amável por sua parte me receber, lady Barrington.

Lady Barrington pareceu perdida ao ver essa bela mulher.

Por alguma razão, Portia voltou a olhar ao outro lado do vestíbulo, para Knightson. Parecia esculpido em pedra.

Um por um, a mulher saudou cada um dos homens, ou, melhor, aceitou suas saudações com uma fria graça, totalmente consciente de sua beleza e do efeito que esta tinha nos homens.

O único que não se adiantou para recebê-la foi Knightson.

—Senhor Knightson. —A mulher voltou seu devastador sorriso para ele e inclinou a cabeça.

—Lady Cecily. —Portia ouviu a ira reprimida na voz átona de Knightson. Por que o incomodava a chegada dessa mulher?— O que está fazendo aqui?

—Convidaram-me...

Como se tratasse de uma unidade, todo o grupo se voltou para lorde e lady Barrington. Lady Barrington abriu a boca para responder, mas o segundo hóspede escolheu justo esse momento para fazer sua entrada.

O homem inclinou a cabeça para tirar o chapéu e olhou ao grupo congregado.

—Freddy, muito amável por sua parte me convidar. Trouxe uma amiga. Espero que não se importe.

Esse tom alegre e familiar congelou Portia no lugar que estava. Todo o sangue abandonou sua cabeça e formou redemoinhos em algum lugar perto de seus pés, possivelmente, inclusive penetrou pelas gretas dos ladrilhos do chão.

Não, ele não. Que seja qualquer um menos ele.

Lucy Chalcroft apareceu a seu lado e passou seu braço sob o de Portia.

—Tranqüila. — sussurrou.

Todo mundo sabia os rumores e todo mundo sabia quem os tinha feito circular.

O tenso sorriso de lady Barrington demonstrava que ela também se deu conta de que sua festa campestre acabava de converter-se em um desastre.

—Sir Guy Symon, que inesperado prazer!

Capítulo 6

Portia se agarrou a Lucy. Somente seu apoio conseguiu que se mantivesse em pé. Queria se deixar cair no chão com um desvanecimento cheio de graça. Qualquer mulher sensível e pudica certamente o faria ao se ver frente a quem a acusava.

Respirou fundo uma vez e logo outra. Olhou para Knightson, cujas feições mostravam uma mescla de fúria e preocupação. Essa arpia ainda estava colada a ele.

—Estou bem, Lucy. —Portia avançou, abrindo caminho através do grupo de mulheres e em direção a Sir Guy Symon, em alegre conversação com lorde Freddy Barrington.

Um gesto de Freddy fez que Sir Guy se voltasse.

—Portia. — virtualmente sussurrou seu nome.

Portia endireitou os ombros.

—Você, senhor, é um descarado. —E o esbofeteou com força no rosto.

O som da bofetada provocou um eco no silencioso vestíbulo. Ele encaixou o golpe. A pequena palma dela deixou uma marca de um vermelho vivo em sua bochecha. Conseguiu esboçar um sorriso que não conservava toda a glória que tinha mostrado anteriormente.

Incapaz de suportar a visão desse homem durante um segundo mais, girou e se dirigiu para a escada.

As palavras arrastadas de Sir Guy a detiveram a meio caminho do primeiro patamar.

—Essa é minha Portia. Com todo esse fogo!

Ela seguiu subindo as escadas se segurando ao corrimão e com passo lento.

—Por isso a amo. Por isso vim pedir que volte comigo.

Portia se voltou e o olhou com um horror impossível de ocultar. Agora sim sentiu que desmaiava. Fincou as unhas na palma da mão, terrivelmente consciente de que ela e Sir Guy se converteram no foco de atenção de todos os ocupantes da sala.

—Portia. — disse Sir Guy, com ar bajulador.

—Vá para o inferno. — respondeu. Desta vez subiu correndo o resto das escadas, sem deter sua precipitada fuga até que alcançou seu quarto. Deu uma portada ao entrar e se apoiou contra a porta que acabava de fechar.

Sir Guy queria que voltasse com ele? Será que ficou louco? Por quê? Portia não tinha esquecido as doces emoções que se desenvolveram ao seu redor. Tinham estado prometidos e ele tinha decidido romper esse compromisso e utilizar sua disposição a se deixar tocar como desculpa. Inclusive a tinha chamado porca e fulana entre outras coisas horríveis.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Se entregou a ele, tão segura como estava de seu futuro juntos. Ele a tinha rechaçado. Por que queria agora que voltasse?

Ou é que havia voltado para pô-la em ridículo de novo? Se negava a dar a ele essa satisfação.

Umas horas depois ouviu um suave arranhão na porta.

—Portia? Sou Lucy.

Portia se desenroscou sobre a cama com os olhos secos e abriu a porta. Lucy entrou rapidamente, fechando a porta atrás de si.

—Oh, Portia! Que impressão tão terrível!

Portia assentiu.

—Há dito mais coisas depois de ir. Coisas que acredito que deveria saber.

—Que coisas? —Portia se sentou na cama e indicou um espaço junto a ela sobre o simples edredom acolchoado cor creme.

—Que ele cometeu um engano. Que pôs em interdição sua reputação porque é o pior dos covardes e porque não queria se casar com ninguém, tampouco com você.

—E acreditou nele?

A seu lado, Lucy puxou sua saia para estirá-la e brincou com um cacho de cabelo loiro que escapou de seu penteado.

—Parecia muito sincero.

Portia suspirou.

—Sir Guy é encantador. Muito encantador. Se não como acha que a boa sociedade de Londres acreditou e se compadeceu dele até agora?

—O que você vai fazer? —murmurou Lucy, franzindo ligeiramente sua testa.

—Assumindo que lady Barrington não jogue a minha mãe e a mim por medo de que sua festa se veja ainda mais danificada pelo escândalo? Não quero saber nada dele. Nada.

—Mas terá que ser sociável...

—Não o serei! —exclamou Portia sentindo que o calor subia até suas bochechas - Pararei os pés completamente.

—Não será capaz! —A mão de Lucy se aproximou involuntariamente a sua garganta.

—Sim que o serei. Você não sabe do que eu sou capaz, Lucy. —Portia conseguiu sorrir— Não se preocupe, não voltarei a o esbofetear outra vez. Ao menos não até que cometa uma nova ofensa.

Portia enredou em seu dedo uma das fitas da manga de seu vestido e fez a pergunta que não deixava de queimar dentro com a mesma força que sua humilhação pela chegada do Sir Guy.

—Quem é essa mulher?

—Lady Cecily Lambeth. —informou Lucy com os olhos azuis brilhantes— É uma viúva e a vê muito em sociedade.

—Certo... —Portia se levantou e seguidamente se inclinou para se olhar no espelho da penteadeira e restabelecer um pouco sua aparência.

—É estranho que tenha vindo como a acompanhante de Sir Guy, embora ele pareça estar decidido a cortejar a você. —Lucy se uniu a ela em frente ao espelho, ajudando-a a recolher alguns de seus grampos.

—Aqui há mais coisas em jogo do que parece. —assentiu Portia voltando-se para seu amiga— Talvez tenha jogado o olho ao jovem Freddy e tenha ouvido falar do pequeno mercado matrimonial que está se organizando aqui. —Portia não acreditou essa história nem por um segundo. Estava segura de que o que tinha levado lady Cecily até ali era Mar... Knightson.

—OH, Lucy. Que confusão, não é?

Lady Barrington não pediu às Carew que fizessem as malas depois da cena dessa tarde, para grande alívio da mãe de Portia.

—E como ia fazer isso? —A mãe de Portia estudou sua aparência no espelho, acrescentando os toques finais a seu penteado antes de descer para jantar— Depois de tudo, minha querida Portia, Sir Guy tem que conter de algum jeito a essa boa peça que trouxe consigo. Se ele estiver aqui para a recuperar (e eu não direi nada se você quer lhe animar a que siga com seus cuidados), o certo é que trazer consigo a essa mulher é uma curiosa forma de fazê-lo.

Portia interrompeu a torrente de palavras de sua mãe quando esta se deteve um segundo para tomar fôlego.

—Acreditava que lady Cecily era uma dama respeitável...

—É viúva. —declarou mamãe— Tem mais liberdade que você ou que eu.

—Oh, mamãe, parece que está ciumenta!

—Tolices, menina. Por que ia estar ciumenta da curiosidade da sociedade? Quanto antes volte a se casar essa mulher, antes a sociedade deixará de se perguntar se abriga um álibi em seu colo coletivo.

—Um álibi! —Portia fechou a porta atrás dela e seguiu a sua mãe que já cruzava o vestíbulo.

—É obvio. Quem sabe se ela for do tipo das que roubam maridos ou prometidos? Há algumas que nunca voltam a se casar e, não deveria te dizer isto, querida, mas preferem manter uma sucessão de amantes que casar-se com um deles. E quem nos diz que esta lady Cecily não é uma dessa espécie?

Chegaram a sala de jantar sem incidentes ou, o que era mais surpreendente, sem que ninguém ouvisse sua conversação. A chegada de Sir Guy e lady Cecily tinha alterado a ordem de prioridade na mesa e Portia se encontrou com o senhor Knightson que era agora seu companheiro.

—Me guarde a valsa. — murmurou Knightson enquanto a ajudava a se sentar. Deu-lhe um apertão a seu braço— Me prometa isso.

—Farei-o. — sussurrou ela em resposta, agachando a cabeça para que ninguém pudesse distinguir seus lábios.

Portia descobriu que ter o senhor Knightson a sua direita era muito entretido. Seu elegante traje não recordava absolutamente a displicente nudez daquela manhã, nem tampouco à desordem da tarde.

Portia se viu presa em cada uma de suas palavras, fossem sobre o tempo, a política ou os últimos acontecimentos da sociedade, e descobriu que estava de acordo com ele em tudo. O observava comer com longos olhares de soslaio. Imaginou aquelas mãos, que dirigiam o faqueiro com essa graça ligeira, a obrigando a se colocar sob seu corpo, segurando-a contra o chão enquanto a penetrava.

Estremeceu e deu um rápido gole a seu vinho se por acaso alguém se atrevesse a perguntar pela cor de suas bochechas. Ao levantar a vista viu Sir Guy que a olhava, seus olhos azuis pálido brilhavam pelo reconhecimento.

Portia baixou o olhar para seu prato. Ele sabia. Ou adivinhava. Sir Guy tinha visto em primeira pessoa como a afetava o desejo. Devia pensar em coisas calma, em algo que não fosse Mar... Knightson. Dedicou toda sua atenção à abandonada senhorita Sophia Chalcroft durante o resto do jantar.

Para animar a noite, lady Barrington tinha proposto um baile e se negou a trocar os planos depois das inesperadas incorporações à festa. Reuniram-se no salão de baile. O fato de que a senhorita Lucy Chalcroft, apresentada voluntária por sua mãe, se sentasse ao piano, fez que o número de pessoas ficasse convenientemente equilibrado para formar casais depois que lady Barrington decidisse que gostava de dançar. Lorde Barrington, com seu pé afetado pela gota, sentou-se a um lado do salão.

—Querida Portia... —começou a dizer Sir Guy, que tinha chegado antes que o jovem Winterton e que Knightson para alcançar sua mão.

—Senhorita Carew para você, Sir Guy. Você já não tem direito a utilizar meu primeiro nome. —Pela extremidade do olho viu que Knightson dirigia ao jovem Winterton para lady Cecily enquanto aparentava que não se encaminhou para Portia diretamente desde o começo.

—Senhorita Carew, me concede a honra desta dança? —Sir Guy adornou a pergunta com uma reverência. Depois se endireitou olhando-a fixamente e baixou a voz— Se negar, não haverá mais dança para você esta noite.

Apesar de que estavam em público, Portia soube que isso era certo.

Embora isso não fosse uma reunião social propriamente dita, Portia sabia que isso seria assim. E ela não podia deixar passar a oportunidade de ver-se entre os braços de Knightson, não importava que fosse castamente.

Portia aceitou sua mão e ele a levou até a pista de dança onde estavam outros. Ela olhou para todos os lados, exceto, a seu indesejado companheiro. A senhorita Sophia parecia transbordante de entusiasmo ao encontrar um companheiro ao fim, embora só fosse temporário.

—Temos que falar. —disse Sir Guy.

Tinham que caminhar um para o outro nos primeiros passos do baile. Os Barrington tinham colocado o salão de forma que os bailarinos utilizassem a parte mais próxima ao piano. Mantinha o ambiente fechado e as conversações privadas eram quase impossíveis.

Portia olhou para um lado, ao jovem Winterton e lady Cecily, que estavam junto a eles.

—Não estou de acordo.

—Ao menos me dê a oportunidade de explicar...

—Já ouvi o que disse a todo mundo esta tarde. Não preciso ouvir mais.

—Sim necessita. —Uniram suas mãos levantadas para girar em círculo— Sinto muito, Portia.

Muito desconcertada para protestar pelo uso de seu primeiro nome de novo, Portia simplesmente o olhou fixamente. Dizia a verdade? Era sinceridade ou era parte de seu encanto natural?

—Cometi um engano.—continuou. Falava em voz baixa, mas era impossível que ninguém não lhe ouvisse— Me deixe falar com você em particular, Portia. Tenho mais coisas a dizer.

Ela se afastou com desprezo.

—E demonstrar a todas as pessoas que estão aqui que sou uma mulher tão fácil como você diz? Parece-me que não.

—Portia... —Sir Guy tentou enrolá-la com sua expressão de olhos muito abertos e seu olhar triste. Já tinha caído nisso uma vez; não o faria duas.

Portia não disse nada, permaneceu em silêncio o resto da dança. Não tinha intenção de voltar a sucumbir ao encanto de Sir Guy.

Lucy começou a introdução a outro baile de ar campestre. O jovem Winterton se aproximou e pediu a dança a Portia com a permissão de Sir Guy.

—Oh, senhorita Carew! —começou a dizer, ruborizando-se pelo entusiasmo— Nunca a admirei tanto como esta noite!

—E por que diz isso? —perguntou com certa frieza. Portia estava cansada das declarações dos homens.

—Que caráter! Que espírito demonstrou esta tarde! —O jovem Winterton aproveitou a oportunidade para lhe beijar a mão quando faziam o giro— Se mostrou divina. Eu gostaria de ver esse aspecto de você mais freqüentemente, senhorita Carew.

—Siga assim —respondeu Portia exasperada— e estarei mais que feliz de lhe dar de presente uma boa bofetada. —Será que todos os homens que a tinham insultado iriam tentar cortejá-la depois? Já não ficavam homens honestos?

Winterton se ruborizou ainda mais e soltou uma exclamação de deleite. Depois deles, Portia ouviu que Knightson reprimia uma gargalhada. Se conteve para não dar a Winterton o golpe que merecia. Além disso, isso os faria perder o passo da dança.

—Nunca imaginei, nunca, nem sequer ao ouvir todas as histórias de Sir Guy, que você possuísse tais profundidades desconhecidas.

—Profundidades? —Portia olhou com certa incerteza ao jovem Winterton— História?

Ele aproveitou a oportunidade para se aproximar mais a ela.

—Provocar dor para obter prazer, senhorita Carew. —Ambos se afastaram— Não tem nem idéia de quanto isso me seduz.

Portia se mordeu o lábio. Será que estava sugerindo...?

—Não estou segura de o compreender, milord.

—OH, com certeza que sim. — Winterton a informou estupidamente— O fará.

E depois a obsequiou com o que pretendia ser humor durante o resto da dança.

Terminaram ao fundo do grupo, perto do piano. Portia se encontrou com o olhar cheio de inveja de Lucy.

—Senhorita Chalcroft, me permita tocar um momento. Oh, milord, dance com a senhorita Chalcroft a seguinte peça. Que tal uma polonesa?

Antes que alguém pudesse protestar, arrancou Lucy da banqueta do piano e começou a tocar. O jovem Winterton ficou onde estava, com Lucy de pé incomodamente junto a ele.

—Milord, —Portia o olhou diretamente— se não fizerem o que lhes pedi, terei que os castigar. —Não sabia o que era que lhe tinha feito dizer isso além de que ele virtualmente o tinha suplicado durante todo o tempo que estiveram dançando.

Winterton voltou a se ruborizar.

—Oh, senhorita Carew, como me prova. Me diga que me castigará por dançar com a senhorita Chalcroft e eu irei imediatamente à pista com ela.

Sentiu que a bília lhe revolia o estômago.

—Talvez o faça, milord.

—Posso ao menos esperá-lo? —Winterton dançou um pouco— Vamos, senhorita Chalcroft.

Portia se lançou à polonesa ignorando os olhares de sua mãe e da senhora Chalcroft. Por que Lucy não ia poder se divertir um pouco? Uma dança ou duas não fariam mal a ninguém.

Lucy voltou rapidamente assim que terminou, seguida por um Winterton que não deixava de piscar os olhos.

—Senhorita Carew, não posso deixar que siga sentada outra dança. —inclinou-se e sussurrou ao ouvido de Portia— Minha mãe está furiosa.

Portia lhe deu um apertão na mão.

—Isso esteve bem?

—Ele é muito estranho. —Lucy sorriu.

Portia riu.

—Por que não toca uma valsa, senhorita Chalcroft? —Não podia esperar mais para dançar com Knightson.

Os olhos de Lucy se abriram muito só de pensar em tocar uma dança que ainda se considerava escandalosa nos círculos mais conservadores.

—É curioso, o senhor Knightson também me pediu que toque uma...

Portia sorriu sem se atrever a fazer nenhum comentário. Winterton seguia revoando a seu redor, mas não registrou a importância das palavras da senhorita Chalcroft. Portia desejou que seguisse permanecendo alheio.

Winterton se inclinou.

—Uma valsa! Que delícia! Senhorita Carew?

Ela sacudiu a cabeça.

—Minhas desculpas, milord, mas prometi esta dança ao senhor Knightson.

Knightson apareceu em cena, tomou sua mão e a levou até a pista. Em vez de se situar a um extremo do salão, levou-a até o centro do mesmo, mais longe dos que observavam.

Portia notou que o resto dos bailarinos seguiam seu exemplo. Com as primeiras notas, ela e Knightson uniram os braços e agarraram as mãos. Dançaram como se estivessem sozinhos, coisa fácil em um espaço tão grande com tão poucos casais.

Knightson deu um passo adiante e olhou a outros com um sorriso tranquilo.

—Bem. —murmurou enquanto olhava a pirueta que ela realizava sob seu braço— Agora podemos falar.

—Sobre o que, senhor Knightson? —perguntou Portia temendo ter se mostrado tremendamente descorada. As mãos dele sobre sua cintura enviaram um ligeiro estremecimento por todo seu corpo.

Sua voz baixou até se converter em um delicioso ronrono que fez que um fogo se acendesse em seu interior.

—Eu gostaria de falar de nós.

—De nós? —Portia deslizou as mãos até seus ombros, fazendo que se aproximasse mais. Fizeram vários giros.

—De nós. —Quando ambos olhavam em diferentes direções, rodeou-lhe a cintura com o braço e fez que sua outra mão ficasse suspensa sobre suas cabeças junto à dela. Rosto a rosto, ele a guiou para que fizesse um giro lento. O coração de Portia pulsou com força; estava o suficientemente perto agora para notar o aroma a madeira de sândalo e o aroma próprio dele, mais escuro e delicioso.

Knightson prosseguiu.

—Da forma em que desejo tirar esse recatado vestido, baixar isso pelos seus ombros e te beijar os seios até que seus pequenos mamilos fiquem duros, até que me deseje tanto que doa e me suplique que a penetre.

Voltaram a girar, ainda unidos em um abraço íntimo. Seu contato lhe queimava por cima do fino vestido de seda, lhe recordando outros lugares onde a havia tocado. Portia inspirou, trêmula, sem olhar a nenhum outro lado que não fosse a ele, seu ventre fervendo de desejo.

—Não é necessário que faça tudo isso. Já o desejo até a dor agora.

Viu o fogo que sua resposta provocou em seus olhos.

—Isso eu esperava. Se desculpe dizendo que dói a cabeça e saia. Me espere no salão que há do outro lado do vestíbulo e eu me reunirei com você quando puder.

A dança os obrigou a se separar para formar um casto corredor.

—Do outro lado do vestíbulo? —Portia levantou a vista para olhá-lo, surpreendida— Não está isso muito perto?

Outro passo e de novo ele rodeou sua cintura com ambas as mãos.

—Você gosta de estar calada, não? —provocou-a ele aproximando a boca de sua orelha.

Ela se ruborizou e teve que agachar a cabeça.

—Acredito que certamente desfrutaria mais se me fizer gritar.

Ele riu e a fez girar ao ritmo da música.

—Esta noite não. Embora me esforçarei para a fazer suplicar.

Atraiu-a para si um momento em um abraço mais íntimo. Olhando-o pôde ver em sua expressão o desejo que sentia por ela. Tremeu.

—Se segue me falando assim, logo estarei suplicando que me viole diante de todo mundo.

Atraiu-a ainda mais para si, escandalosamente. Portia não se importou. Que o visse todo mundo, mas que ele não deixasse de abraçá-la assim, seu corpo pressionado contra o dela.

—Te violar? Nunca faria algo assim, querida. Seria uma sedução lenta que todo mundo pudesse ver, e faria que me suplicasse que a levasse a liberação. Não haveria nada rápido em tudo isso.

Lucy tocou os temas finais da valsa. Portia recordou que queria perguntar a Knightson por lady Cecily, mas por que ela ia perguntar-lhe? Ele não tinha nenhum interesse nessa mulher se queria deitar-se com ela outra vez. Talvez se tratasse de um caso de simples desagrado...

Portia suportou outra dança com o jovem Winterton, apartando suas mãos desencaminhadas e ignorando sua estranha sugestão de algo que lhe parecia bastante desagradável.

A música terminou. Portia se desculpou ante sua mãe e lady Barrington aduzindo uma dor de cabeça. Ambas franziram o cenho porque não aprovavam que se retirasse tão cedo.

—Fica um momento mais querida. — sugeriu a mãe de Portia.

Lucy Chalcroft tocou o princípio de um minué. O duque de Winterton se aproximou dela do lugar que tinha ocupado junto ao piano e lhe fez uma reverência.

—Senhorita Carew, honraria-me se quisesse dançar com um ancião.

Não podia se negar. Não se atreveu a olhar nenhuma só vez em direção a Knightson enquanto colocava sua mão sobre a do duque e lhe permitia levá-la até a pista.

—Você não é um ancião, Excelência. —afirmou ela após completar os movimentos abertos em perfeita sintonia com o duque.

Lhe sorriu.

—Você é muito amável ao dizê-lo, querida.

Lhe dirigiu um breve sorriso. Por que o duque a havia convidado para dançar?

—Espero que me perdoe por importuná-la desta maneira, mas floresceu tão deliciosamente durante a valsa que queria desfrutar de um pouco de sua juventude.

Portia escolheu esse momento para recordar que o duque era viúvo. Ela tragou saliva.

—A valsa é muito vigorizante. —disse com despreocupação quando voltou a ter a oportunidade de falar com ele.

—E a dança com meu filho? Seu rosto brilha quando se ruboriza, senhorita Carew. Favorece-a muito.

—Se não tomar cuidado, Excelência, me fará ruborizar de novo. —Sorriu. Por que não flertar um pouco com o ancião?

Ele riu.

—Isso é modéstia, senhorita Carew, ou está me apresentando uma provocação?

O minué acabou e ambos fizeram reverências para se despedir.

—Digamos que se trata de modéstia, Excelência. —Portia voltou a inclinar-se— Se me perdoa, acredito que vou me retirar. Já me entretive muito.

—Foi muito amável ficando para dançar comigo, senhorita Carew. Quer que a acompanhe a seu quarto?

—Não! Não. —Portia tentou esconder todo sinal de pressa em sua expressão— Não desejo o incomodar.

O duque de Winterton a permitiu escapar. Ela escapuliu para o outro lado do vestíbulo, para o interior do salão cheio de sombras, todas as cores convertidas em cinzas.

Se deixou cair em uma poltrona e cobriu os olhos. No que se converteu? Uma mulher que respondia com tanta rapidez às demandas de um homem e que ao mesmo tempo se ruborizava pela confusão ao ouvir as insinuações profanas do jovem Winterton.

Isso não podia durar. No fundo de seu coração, Portia sabia. Knightson tinha lhe devotado «umas poucas» aulas que se estenderam até um incrível sexo ao que ela não tinha posto nenhuma limitação, embora tampouco tinha feito nenhuma promessa.

Tampouco ele tinha feito promessas além de declarar que a ia obrigar de novo a suplicar por sua liberação.

E por que ia fazer isso? Havia dito que não queria se casar e ele parecia ter entendido que este ia ser seu último caso amoroso. De fato, ele parecia acariciar a idéia de que o recordasse como seu último amante enquanto se esforçava por satisfazê-la.

Apertou as coxas. Funcionou. Só de pensar nele sobre ela, dentro dela, a fodendo, era suficiente para liberar esse calor que lhe corria pelas veias, para fazê-la desejar se tocar.

Mas devia esperar. Se Knightson queria que suplicasse, teria que trabalhar com ela, por que o ia pôr fácil?

Ao fim entrou na sala e a porta se fechou com um sonoro estalo.

Ela se levantou e se aproximou dele sem pronunciar uma palavra. Suas bocas se uniram, ávidas e necessitadas.

—Vou destroçar seu vestido. — murmurou contra seus lábios.

Mordiscou os seus, incitando com a ponta da língua.

—Segundo me lembro, —ronronou— é um amante habilidoso. Não te ocorre nada para evitá-lo? Senti sua falta, Mark.

—Não passou tanto tempo. —disse levantando uma sobrancelha.

—Certo, mas é bom no que faz. Que mulher não desejaria mais?

Ele a apartou um pouco, marcando a distância entre eles com seus braços.

—Não há nada mais, Portia. Fica com o que te ofereço e desfruta-o.

Ela conseguiu respirar com normalidade, embora não tivesse nem idéia de como o tinha feito.

—Com «mais» queria dizer um novo descobrimento quanto ao sexo. É bastante engenhoso.

Mark relaxou e a puxou de novo para ele.

—Enquanto o entenda assim...

—Assim o entendo. —A mão dela se deslizou entre ambos e acariciou seu apanhado pênis, que já estava se endurecendo— Não percamos o tempo falando. Além disso, talvez alguém nos ouça.

—Uma moça bem disposta. —disse sorrindo. Olhou a seu redor, à pequena sala— Venha aqui.

Levou-a até a janela, longe da porta. Ao apartar as cortinas, Portia viu que havia um assento cheio de almofadas.

—Se recline contra a parede. —indicou.

E assim o fez. Flexionou os braços atrás dela de forma que seus seios ficaram projetados para fora contra a seda do vestido. Era tremendamente descarado por sua parte, mas queria que ele visse sua predisposição. Gostava da expressão de Mark, seu olhar percorria os seios que lhe oferecia como se tivesse esquecido quais eram seus planos para eles.

Acariciou a extensão visível de seu decote e a ponta de um dedo roçou a borda de seu sutiã. Não longe de seu contato, seus mamilos ansiavam seus cuidados.

—Se não se importar, coloca o pé sobre o assento da janela... —Sua voz soava rouca pela paixão.

Ela obedeceu. A ação fez que separasse as coxas e que suas partes íntimas ficassem ao ar. Pareceu-lhe selvagem, decadente. Recordou-lhe à primeira vez que a havia tocado, na biblioteca, exceto que desta vez tinha uma companheira desejosa.

Espontaneamente, ela baixou as mãos por seus seios. Viu-o observar o caminho que suas mãos riscavam e se remexeu, e sentiu certo atordoamento ao ver o poder que parecia ter sobre ele. Sua pele estava quente sob a frescura do vestido de seda e ela empurrou o tecido contra seu ventre, se dirigindo para baixo.

Quando alcançou a sexo, Mark lhe agarrou a mão enluvada.

E a beijou.

—Esse prazer será meu. —advertiu. Ficou de joelhos enquanto tirava as brancas luvas de pelica.

Ela estremeceu, maravilhando-se ao sentir que esse simples ato podia tentá-la mais que as palavras.

Suas mãos percorreram suas panturrilhas, vestida com as meias, e foram se aproximando um pouco mais com cada carícia à parte superior de suas pernas. Subiu pela parte posterior de seus joelhos, surpreendentemente sensíveis ante seu contato. Sua saia formou redemoinhos no oco de seu cotovelo.

Atirou-lhe um beijo e colocou a cabeça sob sua saia e suas anáguas, abrindo caminho até que ficou justo sob seu corpo. Ela sentiu sua cálida respiração em frente a sua abertura úmida.

Salpicou de beijos a parte interior de suas coxas. Ela se remexeu, abrindo mais as pernas para dar a ele um melhor acesso, o animando a se aproximar mais. Por que sempre se empenhava em provocá-la?

Introduziu o dedo entre seus lábios e ela ouviu Mark gemer. Um breve e secreto sorriso apareceu em seus lábios. Ela já sabia que estava pronta para ele. Sua reação ao descobri-lo só provocou que ela estivesse ainda mais úmida.

Não perdeu tempo e colocou o dedo em seu interior. Ela flexionou os joelhos, desejando mais dele, mais dentro. Ele se moveu em seu interior, procurando esse ponto especialmente sensível que a tinha feito gritar em outra ocasião.

Ela gemeu quando ele o encontrou e estendeu a mão para baixo para lhe acariciar o cabelo através da fina seda de seu vestido. Os sutis movimentos de seu dedo já a tinham se retorcendo ante esse contato excitante.

Engoliu seus gritos. E se alguém passasse junto à porta e a ouvisse? Estariam perdidos. Tudo isso se acabaria e ela não queria que isso passasse justo nesse momento.

A ponta de sua língua roçou seus clitóris. Agarrou-o com força, mantendo-o aí. Seria possível morrer por esse prazer pecaminoso?

Um segundo dedo entrou para se reunir com o primeiro, empurrando para cima enquanto Portia se impulsionava para a frente para encontrar sua boca. Sentiu que os leves estremecimentos começavam, doce presságio de uma liberação maior que se escondia na borda de seus sentidos.

Seguiu gemendo baixinho, desejando poder soltar a gritos suas necessidades, mas com medo de que pudessem ouvi-la. O perigo de que os descobrissem dava um toque mais de prazer à situação. Teriam suficiente tempo para se refazer? Haveria suficiente tempo para que Mark a fizesse chegar a gozar?

Ela o animou puxando com as mãos as mechas de seu cabelo de uma vez que de sua saia. Todo seu ser estava tenso, uma cascata de maravilhosos estremecimentos percorria seu corpo. Se agarrou à parede que havia a suas costas porque seus joelhos começaram a falhar e lhe resultava impossível permanecer de pé.

De alguma forma, ele conseguiu que sua outra mão desse apoio a suas nádegas enquanto os dedos que a penetravam aceleravam o movimento. Sua boca lambia e chupava seus clitóris, lhe comunicando sua própria necessidade.

Desejava essa liberação que permanecia na borda de sua boca e de seus dedos. O orgasmo a golpeou sem saber como tinha chegado. Meteu a mão na boca para amortecer os gritos, seus quadris empurrando com força contra o rosto dele enquanto sentia como o fluxo escapava dela e gotejava por suas coxas.

Mark voltou a ficar de pé, escapando do confinamento de suas saias. Olhou-a. Seu rosto brilhava pelo fluxo.

Ela cambaleou até se sentar no assento da janela, se apoiando na parede, lutando por conseguir fôlego suficiente. Tremia da cabeça aos pés com as réplicas do orgasmo.

Ele lambeu os lábios antes de tirar um lenço do bolso de sua jaqueta e limpar a rosto. Manteve o tecido manchado junto a seu nariz um momento.

—Agora poderei respirar seu aroma quando não estiver comigo.

Só com suas palavras quase conseguiu que gozasse de novo. Ansiava por te-lo dentro dela. A fodendo. Duro e implacável até que ambos gozassem juntos.

—E o que passa com você? —Aceitou sua mão para ajudá-la a ficar de pé. Se apoiou contra ele, apertando a mão contra o vulto proeminente de suas calças.

Ele fechou os olhos durante um breve momento de deleite antes de abri-los de novo. Colocou sua mão sobre a dela, parando seus movimentos.

—Há coisas que poderia pedir, —disse quase do fundo de sua garganta— mas temo que já levamos muito tempo desaparecidos. Pode ser que alguém descubra que não está em seu quarto.

Ela se separou dele, reticente, dando um pouco de tempo para recompor sua figura. Ela se concentrou em estirar as rugas que acabavam de surgir em seu vestido e em convencer a suas pernas trêmulas para que funcionassem corretamente de novo.

Não queria pensar na forma em que se abandonou totalmente a ele, como tinha obedecido as petições de seu corpo sem pensar duas vezes. E, se o tinha pensado mais de uma vez, tudo tinha ficado logo enterrado sob as desculpas.

Olhou-lhe as costas, escura e atraente dentro da jaqueta do traje. Mark estava de pé junto à janela, com a palma contra o frio cristal, olhando o exterior, para a noite. No que estaria pensando para voltar a se serenar e afastar da borda do abismo?

Não lhe importava utilizar desculpas ou inclusive um raciocínio alterado. Se colocou nisso com os olhos muito abertos e o desejava. Isso era tudo. Logo enfrentaria a dor da separação quando chegasse, se chegasse.

Ao fim, ele pareceu se recuperar e se voltou para olhá-la uma vez mais. Olhou a braguilha e descobriu que sua ereção não tinha remetido de tudo.

A idéia de que ele ainda a desejava, de que ainda precisava gozar, despertou seu desejo de agarrá-lo e puxá-lo para a biblioteca ou o lago... Mas ele tinha razão; alguém podia descobrir que não estava onde devia e começar a se fazer perguntas.

Capítulo 7

Mark abriu a porta do salão e passeou despreocupadamente antes de girar para lhe fazer gestos de que o caminho estava livre. Sentiu que lhe roçava para sair, tão perto que pôde cheirar um toque de seu sexo excitado. Depois a observou correr pelo vestíbulo e subir a escada.

Não tinha planejado se retirar já, a não ser voltar para o baile, mas essa idéia não resultava atraente agora.

Seu punho fechado se estrelou contra a ombreira da porta com um ruído surdo. No que estava pensando? Por que a tinha excitado com a boca em vez de atirá-la contra o respaldo do sofá e fode-la sem piedade?

Esses suaves sons que escapavam de seus lábios... A forma em que se mostrou completamente aberta ante ele... Como ia resistir? O que lhe tinha feito se deter antes?

Mark caminhou acima e abaixo pelo salão. Que pouco próprio dele era se ver enternecido pela suavidade de uma mulher, inclusive uma desejosa e aventureira como Portia Carew. O que tinha sido então? Por quê?

Incapaz de enfrentar a resposta, Mark saiu do salão e subiu para seu quarto. Fosse qual fosse a razão, seu pênis necessitava um alívio.

Se deteve em frente à porta de um dos quartos. Ouviu vozes em seu interior, mas não as pôde distinguir.

Era o quarto de Portia? Teria sua mãe ido ver se ela estava bem?

Reprimiu a necessidade de irromper e assegurar à mulher... o que? Que ela não tinha estado paquerando com ele?

Sacudiu a cabeça e seguiu até seu quarto. Despediu-se da ajuda de câmara após se despojar da jaqueta e do lenço.

—Já terminei.

O mordomo lhe dirigiu uma piscada cúmplice. Mark suspirou. A parte dianteira de suas calças estava tensa pela ereção. Não tinha intenção de mostrar-se ao servente. Seguro que o homem esperava encontrar uma mulher na cama de Mark pela manhã.

Se despiu e se meteu na cama agarrando o lenço empapado com os fluidos dela. Levou a parte de tecido ao rosto e inalou com força.

Seu pênis se ergueu em resposta. Começou a se acariciar lentamente sem deixar de respirar um ar cheio dela. Em sua mente reviveu como a tinha estimulado verbalmente, mas em vez de se voltar para a janela e se amaldiçoar por ser um idiota e parar aí, em seu sonho ele segurava Portia entre seus braços.

Esfregando seu sexo contra o ventre dela, saqueava sua boca. Sua mão puxou seu membro até colocá-lo contra seu ventre sem deixar de esfregar a base.

Grunhiu em voz alta. Imaginou que levantava as saias de Portia até a cintura, e que a obrigava a girar e a se inclinar sobre o respaldo baixo do sofá.

Obrigava-a a abrir as pernas e esfregava seu membro contra sua fenda molhada. Oh, Deus, que sensação tão tremenda, tudo suave e úmido, envolvendo seu pênis de uma vez que ela gozava.

Os dedos apertaram o lenço contra seu nariz. Fez um movimento de bombeamento com seu pênis, imaginando como seria a primeira investida dura. E a segunda. E a terceira. Ele teria começado devagar, fazendo que chegasse a se perguntar quando chegaria a seguinte e ao fim a teria enchido, estirando seus músculos em um movimento brusco. Sentiu como seu sexo se fechava sobre ele, como o apertava, o ordenhava, o mantinha em seu interior.

E então ele sairia e faria uma pausa antes de entrar de novo. E uma vez mais.

Mark se abandonou ao prazer, fodendo Portia em sua mente com força e rapidez. Seus seios se sacudiriam em suas mãos e seus mamilos duros raspariam suas palmas.

Ela não deixaria de gritar e de gozar, rodeando-o. Rasgaria-lhe o sutiã e despiria seus seios, os apertaria com as mãos, possuindo-a.

Seu quadril se movia inverificada e sua mão realizava um movimento de bombeamento, acima e abaixo, sobre seu pênis. Estava a ponto de ejacular e imaginou seu esperma saindo disparado no mais profundo de Portia. Também se imaginou saindo, obrigando-a a girar e a olhá-lo, terminando seu clímax sobre seus

seios nus, seu líquido leitoso convertido em um atalho de pérolas pegajosas sobre sua pele clara.

Grunhiu. Sentia como lhe inchavam as bolas e como o esperma lutava por sair de seu...

—Mas, Mark! Se sentia tão sozinho, deveria ter vindo a mim.

Os olhos de Mark se abriram de par em par. Ao pé de sua cama estava lady Cecily Lambeth. Soltou-se o sutiã e estava se tocando descaradamente um mamilo. Quanto tempo levava ali de pé?

—Sai daqui. — disse com voz rouca.

—Essa não é forma de falar com uma dama. — ronronou lady Cecily. Aproximou-se dele tirando o sutiã pelos ombros— Especialmente em se tratando de uma dama que tem um buraco especial que encher.

Seu saco ardia. Como podia se desfazer dela para poder acabar de gozar?

—Não me interessa, Cecily.

—Me parece muito interessado. —sentou-se a seu lado lhe acariciando a coxa com seus dedos brancos como a neve— É um exemplar magnífico.

As pontas de seus dedos subiram por sua coxa.

Mark rodou sobre si mesmo para se sentar com um travesseiro cobrindo suas partes.

—Cecily, não dei permissão para me tocar.

—Lembro que uma vez me deu isso. Não tinha nem idéia de que tinha intenção de revogá-lo.

Mark grunhiu pela frustração. Seu pênis pulsava rodeado do frescor do travesseiro.

—Isso era um jogo, Cecily. Um jogo em que as normas impediam que as partes formassem uniões permanentes. Sabe que eu não tenho intenção de contrair nenhum tipo de compromisso. Era coisa de uma noite, Cecily. Não me interessa você, nem tampouco foder com você de novo. Acredito que não posso deixá-lo mais claro.

Ela franziu o cenho e agarrou o lenço que ele tinha deixado a um lado.

—Não, mas ficarei com algo que recorde a você.

Levou o lenço ao nariz. Se deteve e abriu muito os olhos.

—Já tem outra meretriz, não? E trouxe o aroma de seu sexo com você... Que pouco próprio do prolífico Knightson guardar um souvenir.

—Cecily... —Ele se inclinou para a frente e lhe arrebatou o lenço.

Cecily riu.

—E quem é ela? Uma das faxineiras? Uma das hóspedes? —Ele entrecerrou os olhos— Não é tão impassível como se acredita, Mark. Uma das hóspedes então. Suponho que é essa bonita morena que demonstrou ter um considerável caráter esta tarde. Essa garota com a que dançou esta noite, em vez de dançar comigo. — Fez uma pausa e soltou as fitas de seu vestido, deixando que este caísse ao chão— E, segundo lembro, se retirou logo e você saiu pouco tempo depois. O que, um

encontro? E ela o deixou insatisfeito? —Cecily se aconchegou sobre a cama— Me permita.

—Por Deus, Cecily, se tiver que a tirar a rastros desta habitação meio nua, farei-o.

Desceu da cama e colocou o vestido.

—Isso eu não gosto, Mark, e sabe. Mas o terei. Sempre obtenho o que quero e o que quero é você.

—Desta vez não. —Mark cruzou os braços sobre o peito nu.

—Esta noite não, —assentiu ela— mas já conhece meus encantos e ambos sabemos que agora está se deitando com essa moça, mas que isso não durará. O duque lhe jogou o olho para seu filho e ele também é um homem que está acostumado a sair-se com a sua. Ela estará muito melhor com o menino Winterton do que pega a um libertino como você, que a abandonará no mesmo momento em que ponha a vista em um novo brinquedo.

Ele não se incomodou em dizer nada em resposta a sua amargura.

—Já sabia que eu era assim quando a tive. Disse-lhe isso, Cecily, e não é necessário que repita isso de novo.

—Não, não é necessário, —Cecily se lançou para a porta— mas estou segura de que certa juvenzinha estará muito interessada, não importa que já tenha demonstrado ser uma fulana também.

Cecily fechou a porta ao sair.

Mark ficou de pé. Apartou o travesseiro e olhou seu pênis flácido. Seus sentidos ainda estavam no limite pela pura necessidade da liberação, mas seu entusiasmo por buscá-la tinha passado.

Apertou o lenço no punho. Tinha sido bonito enquanto durou. Não duvidava de que Portia se retiraria assim que Cecily lhe cravasse as unhas. Nenhuma mulher, não importa a necessidade de sexo que tenha, quer que a abandonem.

Maldita seja.

Portia abriu a porta de seu quarto e ficou estática. Abriu a boca e a surpresa apagou qualquer prazer residual que tivesse ficado depois do sexo com Mark.

—O que está fazendo aqui?

O visconde Winterton descruzou as pernas e se endireitou desde sua relaxada posição sobre a cama dela.

—Esperando-a para que me castigue.

—O que?

Enquanto ainda tentava se recuperar do que acabava de ouvir, ele entreceitou os olhos, cheio de suspeitas.

—Onde esteve?

—Isso não é seu assunto. — respondeu Portia.

Permaneceu imóvel enquanto via que ele se aproximava dela.

—Ah, não? Leva o cabelo mais alvoroçado que quando deixou o salão de dança esta noite.

Portia inclinou a cabeça.

—Fui dar um passeio.

Se inclinou para ela e seus lábios se curvaram.

—Cheira a sexo.

Ela conteve a respiração. Contava como sexo o que tinham feito embora Mark não a tivesse penetrado?

—Não é certo. —sussurrou.

Winterton a agarrou pelos ombros e a puxou para si.

—Já vejo que me equivoquei com você... Ou, melhor dizendo, que tive razão todo este tempo.

—Não! —negou Portia em voz baixa. Não queria que ninguém presenciasse aquele encontro e tirasse conclusões equivocadas— Como se atreve, senhor? Se eu decido me dar prazer, isso é minha decisão!

Ele inclinou a cabeça.

—Prazer? A você mesma? Enquanto eu a esperava?

Portia teve que pensar rápido.

—Seu castigo tem que ser mais grave que uma bofetada, milord. —Quase riu, apesar de que se encontrava a sério perigo, ao ver que sua expressão passava repentinamente a ser esperançada— Não obterá nada de mim esta noite.

Winterton agachou a cabeça.

—Estou decepcionado, mas é um castigo justo. Porque, não é certo que fui mal educado com você, minha senhora? Não duvidei de você? —Levantou a cabeça e procurou seu olhar— Eu o arrumarei, minha senhora, e depois receberei minha recompensa.

—Só eu decidirei se sua compensação é suficiente. —Portia começou a respirar com mais facilidade. Utilizando os deslizos do homem conseguiria tira-lo de seu quarto.

—Vai me açoitar agora, senhora? —O jovem Winterton se separou dela, ficou de quatro e lhe apresentou sua retaguarda.

—Deveria o fustigar. —grunhiu Portia, dando rédea solta a seu aborrecimento com ele.

—Oh, sim! —O traseiro coberto por roupa de bom corte do jovem Winterton se agitou pela excitação.

Ela pôs os olhos em branco.

—Muito bem. —Cruzou a habitação até o armário e tirou sua vara de montar.

Golpeou brandamente o traseiro do homem com ela. Não queria fazer mal ao visconde.

—Mais forte! Mais forte! —suplicou o visconde— Não mostre piedade, minha senhora!

Portia trocou de postura, se preparando para alargar o golpe. Pensou que se um cavalo não se mostrava muito molesto pelos fustões, tampouco o faria o visconde Winterton. Mas tampouco é que ela tivesse pegado a um animal tão forte como estava se preparando para pegar ao visconde.

Tornou-se atrás no último momento e o golpeou forte, mas não tanto como pretendia um momento antes.

Winterton deu um gritinho de alegria.

—Mais! Mais forte!

—Muito bem. —Portia reuniu todas suas forças e golpeou as nádegas do homem com a vara.

—Sim! Sim!

Se perguntou se esse golpe teria deixado uma marca. Poderia o visconde sentar no dia seguinte? Deu-lhe outro golpe brusco e outro mais.

—E não volte a me faltar ao respeito de novo. Compreendeu?

O ar assobiou pela força do impulso do golpe.

—Não, nunca! —disse Winterton com voz afogada.

—E obedecerá todos e cada um de meus desejos?

Bah.

—Todos e cada um! —soluçou— Cada um de seus desejos! Oh, senhora, me perdoe, me perdoe, por favor.

Portia deteve as palmadas.

Ele a olhou por cima do ombro do chão, seu rosto úmido pelas lágrimas.

—Não, não pare, senhora. Não me castigou suficiente ainda.

Ela levantou uma sobancelha, mordaz.

—E isso não devo decidi-lo eu, Winterton? —chamar «milord» estando ele nessa posição parecia absurdo.

—Sim, sim, é obvio, senhora. —Escondeu a cabeça entre os ombros e esticou seu corpo.

Portia lhe dedicou uma rápida sucessão de três golpes secos.

—Já está. Suficiente por agora. —Winterton não se moveu— Winterton, fique de pé. É hora de que se vá.

O jovem visconde fez o que lhe havia dito, movendo-se com certa dificuldade. Olhou-a. Seu rosto manchado pelos fios das lágrimas a preocupou.

Mas só até que seu olhar topou com seu pênis, manifestadamente duro, que saía da abertura de suas calças. Sua cabeça, torcida e vermelha, gotejava sêmen.

Ela afogou uma exclamação e olhou para outro lado, pondo uma mão ante seu rosto para se proteger.

—Winterton! Por favor, cubra-se!

Seus golpes tinham causado essa reação? Winterton desejava tanto que lhe fizesse mal? Algo assim provocava prazer? Recordou que seus encontros com o Mark se aproximaram deliciosamente à dor. Mas não dessa forma.

Portia ouviu o roçar da roupa e assumiu que ele haveria coberto seu membro. Não se atrevia a olhar.

O jovem Winterton fechou o último botão das calças.

—Me perdoe senhora. —Seu rosto estava manchado por novas lágrimas— Queria agradá-la. Não o consegui?

—Disse-lhe que não ia obter nada de mim esta noite. — murmurou Portia, ainda surpreendida.

—Um beijo. —suplicou.

Ela se aproximou e limpou as bochechas com os polegares.

—Não, nem sequer um beijo. Deveria estar satisfeito.

Winterton deu um passo atrás e fez uma reverência.

—Obrigado, minha senhora. —E saiu. A fechadura da porta estalou ao fechar-se atrás dele.

Portia se deixou cair na cama, cobrindo o rosto. Como tinha se atrevido a jogar a um jogo sexual tão perigoso? Mas, se não o tivesse feito, ele a teria penetrado, a teria tomado contra sua vontade. A teria violado.

Estremeceu-se. Só queria se deitar com um homem. Não importava quanta compaixão despertasse o rosto angustiado de Winterton.

Só com um. As feições de Mark Knightson apareceram ante ela, crispadas pelo esforço de se controlar e não acabar fodendo-a. Talvez devesse ir a seu quarto e aliviar sua frustração.

Mas não. Ele não tinha dito uma vez que o prazer é mais doce após tê-lo visto frustrado uma vez antes? Só ficava esperar até o dia seguinte, até que lhe oferecesse uma oportunidade de uma liberação mais doce.

A neblina da manhã caía sobre o vale no que estava situada a mansão dos Barrington. Essa neblina logo se converteu em uma ligeira chuva e devido a isso as mulheres permaneceram na casa.

Outra manhã de costura, leitura ou outras tarefas sedentárias. Portia voltou a se acomodar em seu lugar acostumado do salão, no assento da janela, lendo um aborrecido e virtuoso livro muito diferente ao que tinha escondido em seu quarto no andar superior.

Mas se retirar a seu quarto resultaria inaceitavelmente anti-social.

O jovem Winterton entrou no salão através da porta aberta com o cabelo vermelho gotejando e completamente pego a seu crânio. Uma das damas soltou uma exclamação de consternação, o que provocou que Portia levantasse a vista do livro.

O visconde a viu e se dirigiu rapidamente para ela. Ela franziu os lábios ao ver os rastros cheios de barro que ele acabava de deixar sobre o muito caro tapete de lady Barrington.

—Senhorita Carew. — disse fincando um joelho no chão. A garota afogou uma exclamação. Ele tirou um pequeno ramo de violetas— Para você, senhorita Carew,

em compensação por minha má conduta e com todas minhas esperanças de que me perdoe por ela.

Portia agarrou delicadamente o ramalhete de suas mãos, as levou ao nariz e inspirou seu aroma.

—Você é muito amável, milord.

—Não tão amável e clemente como você, senhorita Carew. Me dá permissão para me sentar com você?

—Acredito que talvez fosse melhor que subisse e trocasse de roupa. Está cheio de barro e suas roupas estão jorrando.

—Oh, é obvio! —O jovem Winterton se deu uma palmada na testa— Me perdoe, senhorita Carew, por aparecer desta forma em sua presença.

Disse tudo isto com muito entusiasmo.

—Lady Barrington certamente se sente aliviada, milord. — disse com a esperança de que seu sutil aviso de que havia mais pessoas presentes refrear-se um pouco suas efusões.

Ele olhou ao resto das atônitas mulheres, fez uma reverência a Portia e abandonou a estadia apressadamente.

Lady Barrington chamou cansativamente a uma donzela para que limpasse o desastre que tinha Winterton formado.

A mãe de Portia se levantou do lugar que ocupava junto a lady Barrington e se uniu a sua filha.

—Portia! Não sabia que tinha atraído as cuidados do jovem visconde. Oh, querida, mas se eu estava segura de que ele sentia por você um tremendo desgosto...

—Assim é fácil. — murmurou entre dentes a jovem Sophia. Como era seu costume, a senhora Carew tinha falado em voz muito alta.

Lady Cecily Lambeth apartou seu trabalho de bordado, um diminuto lenço branco.

—Nos conte, senhorita Carew. Embora só levo aqui apenas um dia, tinha me dado a impressão de que seu coração estava com o senhor Knightson.

Mamãe olhou com perplexidade a Portia.

—O senhor Knightson? Portia, o que te disse sobre...?

—Mamãe... —A cabeça de Portia pulsava. Como lady Cecily tinha descoberto isso tão cedo?

—Senhora Carew, me alegro de que você seja consciente dos perigos que acompanham ao senhor Knightson. —Lady Cecily sorriu com aprovação.

—Eu só disse que ainda não está preparado para se assentar. Não pode a ele considerar como um bom partido.

—O senhor Knightson é um cavalheiro. — corrigiu lady Barrington.

—Na superfície, sim o é. —assentiu lady Cecily, inclinando a cabeça— Tem em conta todas as convenções sociais em público...

Portia entrecerrou os olhos.

—Será que você conhece por experiência própria qual é seu comportamento em particular?

—Querida, eu era uma viúva recente e muito vulnerável. Me sentia bastante perdida sem um homem para me guiar.

Como não estava muito segura de que as outras mulheres acreditassem na atitude inocente de lady Cecily, Portia decidiu pecar de excesso de cautela.

—E nesses momentos ele a consolou, como deve fazê-lo um cavalheiro.

No rosto de lady Cecily surgiu uma careta maliciosa.

—Poderia dizer-se assim, querida. Ele deixou claras suas intenções e depois me abandonou. Eu seria a mais feliz das mulheres se ele decidisse sentar a cabeça comigo. —Suspirou dramaticamente— Mas o certo é que parece que tem os olhos postos em você.

—Eu não o notei. —Portia esperou não ter se ruborizado.

—Como pode alguém não ter se fixado em um homem como o senhor Knightson, com toda essa energia sexual...!

—Lady Cecily! —lady Barrington espetou furiosa — Faça o favor. Há garotas solteiras presentes. —Depois mudou seu semblante duro antes de se voltar para Portia— Querida, estou segura de que sua mãe estará de acordo comigo em que o visconde é um pretendente excelente.

—Claro que o é. —interveio a senhora Chalcroft, franzindo o cenho— Mas os cuidados que dispensou a minha filha pequena não deveriam passar despercebidas. Não se iluda muito ainda, senhorita Carew. —aconselhou— O jovem Winterton ainda não entregou seu coração.

—Eu não me faço ilusões, senhora Chalcroft, e tampouco você deveria fazer isso, mamãe. —disse Portia dando pequenos golpes à mão de sua mãe— O único que fica claro é que o jovem Winterton se arrependeu de seu anterior comportamento cruel no que diz respeito a mim. De fato, isso é o único que há dito. Todas recordam quão terrivelmente me tratou na outra noite. Agora mesmo não está sendo mais que um perfeito cavalheiro.

Lucy e ela intercambiaram um sorriso. Portia estava desejando poder fazer um aparte com Lucy e ter um bate-papo particular sobre lorde Winterton.

—Não esqueçamos a Sir Guy Symon. —acrescentou Sophia aridamente— Não declarou suas intenções ontem pela manhã?

Portia se enfureceu.

—Me casar com o homem que virtualmente arruinou minha vida com suas mentiras cruéis e impróprias de um cavalheiro? Me casaria antes com a moço das ruas que com esse homem!

O anterior objeto da conversação escolheu esse momento para entrar. Lorde Winterton se trocou para colocar uma bonita jaqueta verde garrafa com calças combinando, um par de tons mais escuros.

Sorriu às mulheres ali congregadas e fez uma reverência a lady Barrington.

—Por favor, desculpe o desastre que causei. —A donzela tinha entrado durante a conversação das mulheres, tinha limpado o pior das manchas de barro e agora não ficavam marcas.

Ele caminhou para Portia. Sua confiança se revelava em um ligeiro ar de arrogância. Com um olhar afastou à senhora Carew do assento que havia junto a Portia sob a janela e o ocupou ele, dando as costas às demais mulheres.

—Senhorita Carew, está ainda mais cativante que a última vez que a vi. — Tomou sua mão e a beijou.

Portia afastou a mão.

—Obrigado, milord, mas estou segura de que isso não é certo.

Ele riu.

—Está se ruborizando, senhorita Carew, só isso já lhe acrescenta beleza. O que está lendo?

Lhe mostrou o livro.

—Um pouco aborrecido. —Olhou ao resto do grupo de mulheres. Todas, exceto a senhorita Sophia, tinham voltado para seus passatempos anteriores. Sophia, entretanto, não deixava de lhes lançar olhadas mordendo o lábio.

Portia baixou a voz.

—Não está dolorido?

—O único que me dói é a lembrança. —A expressão de Winterton passou da confiança altiva a de um cachorro abandonado— Se completou meu castigo?

—Já veremos. —Portia esperava que às demais não parecesse inoportuna sua conversação em sussurros.

—Permita ficar aqui sentado e admirar sua beleza. Siga com o que estava fazendo.

—Estava lendo. —recordou Portia voltando a agarrar o livro e retomando-o na página que o deixou.

A presença próxima de Winterton a desconcertava e fazia impossível seguir lendo. Ele não estava fazendo nada inapropriado, mas suas enternecedoras olhadas só a recordavam o atalho perigoso que tinha escolhido percorrer.

Incapaz de suportar por mais tempo, fechou o livro de repente e se levantou.

—Vou dar um passeio pela galeria. As pinturas que há ali são maravilhosas.

O jovem Winterton ficou em pé de um salto.

—Excelente idéia! Irei com você.

Portia olhou desesperadamente para Lucy.

—Senhorita Chalcroft, quer vir conosco também?

Lucy aceitou rapidamente, guardando seu trabalho na bolsa de costura de sua mãe. Antes que alguém pudesse protestar, os três abandonaram a sala.

Portia se agarrou com firmeza ao braço de Lucy. Os três passearam pela galeria. Por alguma razão que desconheciam, o visconde preferiu os seguir uns passos mais atrás.

Quando estavam na metade da galeria, o senhor Knightson apareceu pelo outro extremo. Portia se deteve e esperou até que chegou a sua altura, prestando só a mínima atenção às divagações de Lucy sobre os trajes dos antigos retratos familiares que tinham ante elas.

—Senhor Knightson. —Portia o saudou com uma breve inclinação de cabeça— Não estou segura de lhe dar permissão ou não para que nos acompanhe também.

—Permissão? —Mark Knightson fez que essa palavra soasse como se nunca em sua vida alguém lhe tivesse denegado absolutamente nada.

—Ouvimos certas coisas sobre você que não são muito agradáveis. —Portia ignorou o tremor aterrorizado de Lucy a seu lado. Inclusive o jovem Winterton pareceu pouco inclinado a se unir ao pequeno grupo.

—Não me surpreende. —declarou Knightson em tom tranqüilo— Provavelmente sejam certas.

—Abandonou a uma pobre viúva? —Portia entrecerrou os olhos.

Uma sobranceira escura se levantou formando um elegante arco.

—Não poderia dizê-lo. Mas não acredito que este seja lugar para falar disso, Por... senhorita Carew. Está espantando a pobre senhorita Chalcroft.

Lucy balbuciou algo e abaixou a cabeça.

—Mas é verdade ou não?

—Talvez pudesse responder se soubesse exatamente do que me acusa. Discutiremos mais tarde.

Portia franziu o cenho. Knightson parecia irritado pela acusação indireta de lady Cecily. Ele passeou o olhar pelo grupo.

—Leva um séquito bastante curioso. Winterton, acreditei que já tinha deixado de ir pego às saias das mulheres...

—Cavalheiro, isso não é justo. —Winterton estufou o peito— Simplesmente admirava a beleza de ambas. Isso é muito diferente do que você insinua.

Portia se voltou para olhar Winterton.

—Milord, faça o favor de não falar sobre nós como se fôssemos peças de gado.

Winterton fez uma profunda reverência.

—Tem razão. Desculpe-me.

Portia temeu ter lido bem seu olhar esperançado e que a esperasse outra sessão de castigo. Tentou não deixar cair os ombros e voltou sua atenção para Mark Knightson.

Ele tinha se afastado caminhando pelo mesmo caminho pelo que tinha chegado.

O tempo melhorou e mais de uma pessoa aproveitou o céu espaçoso para passear pelos amplos jardins.

Sir Guy Symon se aproximou de lady Cecily Lambeth.

—E bem? Fez algum progresso?

Lady Cecily girou seu guarda-sol.

—Nenhum. Mas estou segura de que meu senhor Knightson tem as garras postas sobre sua senhorita Carew.

—Portia? —Suas sobranceiras loiras desapareceram ao levantá-las— Ela não cometeria o mesmo engano duas vezes. Não se mesclaria com um descarado como ele.

—Simplesmente está ciumento. —Cecily golpeou seu braço brandamente com o leque fechado— Além disso, se pensar isso, o que o faz acreditar que ela voltará com você?

—Não tem outra opção. Obrigarei-a mediante a vergonha se for necessário. — Sir Guy sorriu e suas mãos se converteram em punhos. A olhou de esguelha. Lady Cecily parecia a personificação da fria altivez— E como sabe?

—Sei que se está deitando com alguém desta mansão. E que não é comigo. — respondeu Cecily com franqueza— Já viu a forma em que dançou com a senhorita Carew e o curiosamente rápido que se ausentou pouco depois de que ela se retirasse, supostamente, para ir dormir.

—Tudo circunstancial. —grunhiu Sir Guy— Para sabê-lo com segurança teríamos que surpreendê-los juntos.

Lady Cecily afogou uma gargalhada.

—E como propõe que façamos isso?

—Preciso sabê-lo com segurança. —A idéia de que outro homem tivesse tido Portia encheu sua cabeça de uma fúria surda. Ela era dele. Mas também se deu conta de que essa frase estava no passado— É algo que eu poderia utilizar para fazer que se renda ante mim. Temos que vigiá-los. Faz que sua donzela se faça amiga da de Portia. Descobriremos logo.

—Mas, enquanto isso, devemos procurar formas de me colocar em uma situação comprometedora com o senhor Knightson. Certamente a censura o obrigará a se casar comigo.

Por que lady Cecily sempre estava pensando em si mesma?

—Não o esqueça: agora é uma viúva, não uma donzela virginal. Já a adverti sobre essa sua idéia. Pode explodir no seu rosto. O seduzir é uma vaza segura. — Olhou-a durante um longo momento— Qualquer homem cairia ante seus encantos.

Ela voltou a lhe golpear no braço.

—É um Don juán, Sir Guy. Como acha que vai poder manter as mãos só sobre sua futura mulher?

Sir Guy emitiu uma breve gargalhada.

—Essa não foi nunca minha intenção.

—Portia! Querida! —Os gritos da mãe de Portia atravessaram os jardins em calma. Os pássaros levantaram o vôo das sebes.

Portia se incorporou após ter estado cheirando a lavanda. Esperou que sua mãe chegasse até onde estava. Portia tinha conseguido se desfazer do visconde com a convivência de Lucy e ambos estavam agora ao outro lado da casa. Lucy dava conselhos a Winterton sobre como conquistar Portia.

Evitou rapidamente a careta de desgosto que lhe provocava ver Sir Guy e Lady Cecily concentrados em sua conversação e conseguiu franzir o cenho somente. O caminho deles se cruzou com o de sua mãe. Ia realmente a sério Sir Guy com sua proposição esta vez? Resultava-lhe difícil acreditá-lo.

Sua mãe chegou até ela ofegando. Agitava um lenço junto a seu rosto.

—Oh! Oh, querida. Grandes notícias, grandes notícias!

—Que notícias, mamãe? —Portia permaneceu imóvel, incapaz de dizer se a fofoca que trazia sua mãe era boa ou má. Tinha lady Barrington decidido as expulsar apesar de tudo? O que podia ser?

—A solução ideal, minha menina, a todas nossas preocupações. —Ainda ofegando, sua mãe apontou um banco— Preciso me sentar. —Caminhou com dificuldade até o banco de madeira e se deixou cair nele— Oh, querida! Querida!

Portia não gostava da aparência que estavam tomando as notícias de sua mãe. As preocupações de quem eram as que envolviam essas notícias? Se sentou junto a sua mãe e esperou que esta tomasse fôlego.

Mamãe começou ao fim.

—Portia, minha menina, nunca adivinharia quem se aproximou de mim durante o café da manhã esta manhã!

—Quem? — Portia limitou-se a perguntar.

—O duque de Winterton! Me afastou a um lado e sabe o que me perguntou? Por que mamãe não o dizia de uma vez? Portia sacudiu a cabeça.

—Seu filho falou com ele de você e ele deseja a conhecer melhor antes de dar sua bênção. E eu estou de acordo. Os homens jovens podem ser um pouco impetuosos em ocasiões e o jovem Winterton se vê bastante inclinado para esse extremo.

—Mas... —Sua mãe nunca a tinha ouvido rechaçar o matrimônio com antecedência. Portia queria recuperar sua reputação, nada mais. Suspirou. Então, por que tinha permitido que continuasse o assunto com o senhor Knightson?

Uma calidez interior lhe esclareceu por que. Voltou a suspirar enquanto escutava as palavras de sua mãe.

—Está a esperando no salão azul. Antes de ir vê-lo quero que suba a seu quarto e se troque para pôr esse precioso vestido de musselina branca floreada. —A senhora Carew prosseguiu com um dedo levantado— Deve se comportar com o maior decoro, minha querida menina. O convença de que é a esposa perfeita para o visconde e que será a melhor viscondessa que possa encontrar. Cuide de suas maneiras, seja doce e toda bonita como sabe ser quando se propõe a isso.

—Mas, mamãe, não quero...

A mãe de Portia enrugou a testa.

—Não vou tolerar que me desobedeça! É o que deve fazer, Portia. Seu lugar na sociedade ficará assegurado se agradar ao duque e se casar com seu filho. Não há nada melhor aqui. Olhe, inclusive sou capaz de abandonar minhas esperanças e desejos de que se case com Freddy ante esta inesperada oportunidade. Me diga que fará o que pedi.

Portia se levantou e fez uma breve reverência.

—Muito bem, mamãe. Serei amável com o duque, mas, se isso produzir um pedido, direi que não.

Mamãe sorriu.

—Muito melhor para negociar os termos com ele, querida. Uma excelente sugestão. —A mulher se abanou— Acredito que o jovem Winterton está tão perdidamente apaixonado que daria tudo por você. Imagine que oportunidade para você!

Portia preferia não imaginar se desculpou e foi se trocar.

Uma meia hora mais tarde entrou na sala. O duque de Winterton estava de pé junto à janela, lhe dando as costas. O sol entrava pelos vitrais e fazia que seu cabelo prateado lançasse brilhos. Levava-o comprido e recolhido com uma simples fita negra.

Se voltou com um sorriso cortês no rosto.

—Senhorita Carew, feche a porta e se sente.

Portia obedeceu e se sentou na borda de um sofá de brocado decorado com flores. Juntou as mãos em seu colo e olhou ao duque com uma expressão que demonstrava atenção.

—Serei franco com você, senhorita Carew. Você capturou os afetos de meu filho mais novo. —aproximou-se dela com as mãos à costas. Ia vestido com um traje negro simples. O único alívio de seu impenitente negro era o branco níveo da camisa e o lenço. Um homem esbelto que enchia a sala com seu carisma.

Tinha uma forma muito consciente de se mover, de atrair a atenção. Portia pensou que no passado deve ter sido um cavalheiro bastante bonito e atraente.

—Isso foi o que ouvi Excelência. —respondeu Portia com a cabeça baixa em sinal de modéstia.

—Eu não estou de todo convencido de que você seja conveniente para meu filho, mas tem muito caráter, senhorita Carew, o que me faz pensar que ainda há esperança para você.

Portia levantou o olhar.

—Estou segura de que convirá comigo, Excelência, que em ambas as ocasiões me vi claramente posta à prova. Temo que minha única alternativa a meu comportamento teria sido desmaiar com um horror muito pudico.

—Ah, sim, e meu filho me diz que você não é do tipo das que invocam o horror pudico. —O duque se sentou na borda do sofá, aproximando-se.

Portia deu um coice.

—O que lhe há dito, Excelência? Acredito que talvez seu filho recebeu uma impressão errônea de mim.

—Não acredito. Meu filho pequeno me desmamou. As mulheres que o agradam, a maioria das vezes, são inaceitáveis em sociedade.

O duque se referia às prostitutas?

—Me desculpe, Excelência, mas acaba de me insultar?

O duque soltou uma gargalhada.

—Você sabe mais do que deveria saber uma jovem dama, senhorita.

—Levo no mundo suficiente tempo para ter ouvido coisas, Excelência.

A tocou na bochecha.

—Não pretendia insultá-la, querida. Parece que deu com as especiais preferências de meu filho. Não duvido de que seja um instinto natural em você, da mesma forma em que você prefere gritar a desmaiar.

Franziu o cenho enquanto o olhava, preocupada.

—Acredita nisso?

—Dado o deleite com que açoitou a meu filho...

Portia soltou uma exclamação e se levantou de um salto, quase golpeando a cabeça com a do duque.

—Sua... Excelência, eu...

O duque riu.

—Querida, tem a quantidade justa de inocência! Uma dissimulação admirável!

—Acredito que não o entende, Excelência.

—Não, querida, sim que o entendo. —levantou-se do sofá e se aproximou dela, que ficou de pé muito quieta enquanto lhe afastava um cacho da testa— Claro que o entendo e essa é a verdadeira razão para que tenha querido falar com você.

—A verdadeira razão, Sua Excelência?

—Pedi que não nos incomodem. De fato há um laçao na porta para evitá-lo.

Portia conteve a respiração. Apanhada? Mas por quê?

—Não compreendo.

—Deixe que o explique. Tenho que lhe fazer uma pequena prova porque, por cima de todo o resto, minha família e meu título exigem, em público, um certo decoro para manter a dignidade adequada.

O dedo do duque desceu por sua bochecha. Continuou.

—Mas, em particular, querida, os Winterton são os mais apaixonados dentre os homens.

Ela deu um passo atrás.

—Sua Excelência, acredito que não...

O dedo se colocou sobre seus lábios.

—Silêncio, querida. É tradição familiar que as futuras prometidas sejam expostas a todo tipo de, digamos, prova para assegurar que serão capazes de ser as esposas dos Winterton.

Portia se ergueu com altivez.

—E se não tiver nenhuma intenção de me converter na esposa de um Winterton?

—Ninguém rechaça a um Winterton.

—Então talvez eu seja a primeira. — respondeu, e girou sobre seus calcanhares. Se dirigiu à porta, mas o duque, apesar de sua idade, foi mais rápido.

Agarrou-a pelo cotovelo e a puxou.

—Eu disse, ninguém.

O golpeou no peito e se liberou.

—E eu disse que não.

—Vamos, vamos, senhorita Carew. Esperava melhores coisas de você que isso. Asseguro-lhe que estou muito são. Sou mais que capaz de lhe seguir o ritmo. —Seu bonito rosto se torceu em um sorriso lascivo— Vamos, querida.

Portia escapou.

—De novo devo me negar. —Lutou para escapar, pondo o sofá entre ambos.

O duque sorriu e tentou persegui-la.

—Não há nenhum lugar aonde possa ir.

—Posso gritar. —Portia se refugiou atrás de um desvencilhado suporte de vasos que abrigava uma indefinível planta de folhas verdes.

—Grite e sua vida estará arruinada para sempre. Desterrada desta casa e da sociedade por completo. Inclusive, suspeito, desterrada também de sua família. As jovens senhoritas não rechaçam a um duque.

—Eu estou rechaçando a um visconde.

Ele franziu o cenho.

—Está me rechaçando.

Portia escapou de seu abraço e tentou se proteger atrás do piano.

—Não lhe falta atraente, Sua Excelência. É só que não pretendo me casar.

Isso provocou uma risada surpreendida do duque.

—Não quer casar? Querida, está desperdiçando a oportunidade de que seus filhos sejam da aristocracia. Agora mesmo você não está muito acima de ser uma moça qualquer.

—O que? —Portia voltou a se aproximar dele e o esbofeteou no rosto com força— Como se atreve? Tanto meu pai como minha mãe são de boa família.

Ele esfregou a bochecha, uma marca vermelha brilhante contra sua pele pálida.

—Não tente exercer seu domínio sobre mim, Portia. Eu não sou desse tipo. Eu prefiro levar as rédeas.

Agarrou-a pelo braço e o retorceu atrás das costas. Empurrou-a contra uma parede, se apertando contra suas nádegas.

—Vê, querida? Talvez seja velho, mas ainda sou forte.

Portia ficou quieta . Procurou manter seu rosto longe do duque e mordeu o lábio. Não sabia o que fazer e nem sequer tinha esperanças de que Mark Knightson viesse resgatá-la.

Não tinha mais remédio que resgatar a si mesma.

—Sua Excelência, —murmurou— eu não sinto nenhum desejo por seu filho.

O duque de Winterton lhe acariciou a nuca com os lábios, enchendo sua pele de beijos.

—Afrouxe seu sutiã.

—Não, Sua Excelência, não o entende. —Ele relaxou a força que exercia sobre seu braço e ela se voltou para olhá-lo. Com as costas contra a parede se deu conta de que o duque lhe deixava pouco espaço para se mover.

—O que eu não entendo? —O duque inclinou a cabeça para abrir caminho, sem deixar de beijá-la, até a parte superior de seu sutiã— Quer que eu a dispa? Será uma honra. — disse tentando agarrar as fitas de seu sutiã.

Ela cobriu as mãos do homem com as suas tentando pará-las.

—Não, Excelência. Eu... Eu utilizei a debilidade de seu filho contra ele. Juro, eu descobri seus... bom... interesses por acidente. Não me deixava em paz, queria... queria se deitar comigo, assim que eu... Eu o utilizei contra ele para mantê-lo a distância.

O duque enterrou o rosto em seu decote.

Ela puxou seu rosto para cima para olhá-la.

—É certo, Excelência. Seu filho pensou que eu era uma puta porque essa foi a única forma que tive de me salvar dele.

—Se salvar? —O duque só pareceu ligeiramente indignado pelo trato brusco ao que estava submetendo a sua pessoa. Baixou as mãos até sua cintura— Sir Guy me confiou que tudo o que ele diz é certo.

Ela ficou com a boca aberta.

—Que ele o que?

Ele apanhou sua boca com um beijo que machucou seu rosto. Deixou-a sem fôlego, quase asfixiada. Ela se retorceu para se liberar, mas pareceu que isso excitava ao duque ainda mais.

Pressionou contra ela, esmagando-a contra a parede, e suas mãos mediram às cegas para agarrar seus seios, seu traseiro, puxando-a para aproximá-la a seu pênis duro e apanhado.

Ao fim seus lábios a deixaram.

—Contou-me tudo isso. Que seguiu seus ditados sem opor resistência, que o permitiu a tocar, a acariciar. E que chegou a te foder.

Este último o disse acompanhado de uma brusca investida de seus quadris ossudos.

—E a ele não lhe deu nada bem. — respondeu escondendo sua histeria incipiente atrás de sua bravata.

Uma sobancelha branca se levantou.

—Assim Sir Guy não foi seu único amante? É perfeitamente discreta, Portia. Será uma maravilhosa Winterton.

—Não aconteceu assim. —Portia tentou agarrar suas mãos incansáveis— Sir Guy avivou meus sentidos, sim. Fez com que me desse conta do que estava perdendo. Eu verdadeiramente desejava me casar com ele, sabe? Essa é a única razão pela qual lhe permiti... —sacudiu a cabeça e seus cuidados cachos ficaram deslocados— me fazer isso.

Ele riu.

—Não precisa andar com eufemismos comigo.

—Aonde quero chegar é a que aprendi como alcançar a liberação por mim mesma, totalmente sozinha. Não necessito a nenhum homem. E ao que seguro que não preciso é seu filho.

Ele deixou de manuseá-la e examinou seu rosto altivo. Esteve olhando-a durante muito tempo e Portia viu que estava refletindo atentamente sobre suas palavras.

—Tem razão. —disse ao fim— Não é absolutamente conveniente para meu filho, embora teria perfeitamente o colocado no bolso.

—Obrigada. —Portia exalou um suspiro de alívio— Me alegra que o entenda.

—Entendo que seus apetites são mais profundos, mais variados do que tinha imaginado. —Segurou-lhe o queixo com a mão— Querida, seria uma honra para mim a ter por esposa.

—Sua esposa! —Ela sacudiu com força a cabeça, lutando para se liberar de sua sujeição— Não disse tudo isso para que agora a proposta venha de você. Não, Excelência...

A acariciou na bochecha enquanto seu peso seguia mantendo-a contra a parede.

—Querida, tenho me sentido muito sozinho. Não há ninguém como minha defunta e chorada esposa. Ela era puro fogo. Como você, pequena. Levarei-te a cotas que nunca imaginou.

Ela o olhou fixamente. Um matrimônio com o duque duraria pouco e logo ela seria livre como lady Cecily. A situação a tentava; era uma forma de conseguir seu objetivo de ser livre de toda necessidade de um homem. Só teria que suportar um curto matrimônio.

—Vejo que a tenta. —Os olhos verdes do duque quase brilharam.

Portia recreou a cena em sua cabeça. O anúncio de seu compromisso e a expressão de traição no rosto de Knightson ao ouvir a notícia. Só a idéia era como uma punhalada nas vísceras. Inspirou fundo para se tranquilizar.

—Devo declinar.

A mão dele se fechou sobre sua garganta.

—Nem pensar nisso.

Ela abriu a boca em busca de ar e lhe cravou as unhas na mão.

—Lamento-o...

—E eu o lamentarei também. —Sua mão apertou um pouco mais— Eu não sou como meu filho. Eu sou um duque e por isso não permito que ninguém me mande. Eu sou o que domina a situação.

—Então não nos levaríamos bem. — disse Portia quase afogada.

—Ah, mas se adaptaria. É jovem e maleável. —Afrouxou um pouco a pressão da mão.

—Não tenho intenção de ser dominada. —Portia esfregou o pescoço. Tentou não desfalecer sob seu olhar. Não era certo, é obvio. Mark só tinha que grunhir uma palavra e ela se apressava a obedecer.

—Duvido. —Agora trabalhou em excesso em lhe baixar o sutiã para revelar seus seios.

Portia procurou mais razões; tinha decidido lutar com as palavras melhor que com as mãos.

—E o que passará se não puder comigo?

—Não puder com você? —Lhe deu um beliscão brusco em um dos mamilos— Acredito que isso não é muito provável.

Ela fez um gesto de dor. Tal ação só lhe dava prazer quando o fazia a si mesma ou se era Knightson quem o fazia, ao que parecia.

—Se tiver acreditado em Sir Guy, então sabe que eu posso ser selvagem, muito selvagem. Muito selvagem para você.

O duque de Winterton riu.

Ela escapou de seu contato e cobriu os seios.

—Suponho que espera que sua mulher seja fiel, verdade?

—A menos que me agrade de outra forma. —respondeu o duque cheio de mistério, suas sobranceiras prateadas se unindo para formar uma só linha.

—Eu não poderia ser fiel. É muito velho e eu prefiro homens com energia que possam me seguir o passo. —Com cada palavra estava cavando a tumba de sua própria ruína em caso de que Sua Excelência decidisse participar aquela conversação a alguém. Tinha que confiar em que, apesar de seu rechaço, ele manteria tudo aquilo em segredo.

—Confia em mim, querida, não terei dificuldades em te seguir o passo.

—Já tenho amantes e não tenho intenção de deixá-los espetou, desesperada.

Ele a examinou com o olhar e Portia sentiu que suas bochechas avermelhavam.

—Ah, não? E quais são? Meu filho? Sei que não se deitou com ele ainda.

Ela tragou saliva.

—Mas sim o tenho feito com outro.

A sobranceira prateada se arqueou de novo.

—Quem? —Sua voz perdeu seu tom casual e se fez mais intensa. Era sua oportunidade de escapar?

—Não posso dizê-lo. —Viu que o duque apertava os lábios para reprimir uma nova risada ante suas repentinas palavras de cautela. Seus olhos verdes brilhavam

pela diversão— Mas seguro que não estive tão cego para não notar que vários dos cavalheiros hospedados em casa de lady Barrington lutam por meus cuidados...

—Ah, se referir ao Sir Guy, não tem nada que temer. Posso comprar. Sei que não está enrolada com ele.

Portia cruzou os braços.

—Você não conhece os jogos aos que eu me dedico.

—Sei que fala muito. —Voltou a se inclinar sobre ela e estirou os braços para evitar que escapasse. Ela escapuliu sob um deles e pôs o sofá entre ambos. Supôs que não tinha a agilidade para superar o móvel de brocado floreado de um só salto.

—Por favor. —suplicou— Me deixe ir.

O sorriso do velho duque se voltou depredador.

—Ah, por fim suplicando. Já tinha suspeitado que estava desesperada quando disse que não deixaria a seus amantes, depois de me dizer que tinha perdido o interesse pelos homens por completo. Coerência, querida, coerência. —Ele tentou rodear o sofá.

Portia deu um passo atrás, mas tropeçou com uma ruga do tapete.

—E você quer uma mulher desesperada que é incapaz de dizer algo, embora afunde sua reputação, para não casar-se com você?

Ele riu baixinho.

—Eu gosto das provocações.

—Excelência... —protestou uma vez mais.

—Querida, não tem feito nada que me demonstre que tudo o que disse seja certo. Por que ia acreditar que não me deseja? Nenhuma mulher me rechaçou antes.

—Sempre há uma primeira vez. —Portia inspirou enquanto permanecia quieta, lhe avaliando— Muito bem, me deixe demonstrar-lhe.

Se aproximou dele e o empurrou sobre o sofá com as mãos estendidas. Ela o seguiu, subindo as saias e montando-o escarranchada. Apoiou todo seu peso nas mãos que tinha apoiadas sobre seus ombros.

Para seu desespero, o rosto do duque se enrugou enquanto ria. Suas mãos se moveram com rapidez desatando de novo as fitas de seu sutiã. Ela se tornou atrás, as fitas se soltaram e lhe rasgou o lenço. Cravou-lhe as unhas que arranharam a suave pele do pescoço do duque.

Os olhos dele brilhavam com uma luz pecaminosa e um sorriso revoava sobre seus lábios. Como podia lhe fazer ver que ela não era para ele? Abriu-lhe a camisa de um puxão, lhe despindo o peito. Inclinou-se sobre ele, mordiscou-lhe os mamilos e afundou as unhas em suas costas até que o fez sangrar.

Vaiou pela dor e grunhiu. Ela se ergueu, longe de suas mãos.

—Não, tem razão. — disse em resposta a sua diversão. Isto é muito fácil.

Se levantou e se dirigiu à chaminé. Tirou um atizador de seu suporte e o apontou para ele.

Ele tinha se levantado para segui-la, mas se deteve em seco, parecia inseguro pela primeira vez.

—Incline-se, Excelência. Tenho algo para você.

O duque de Winterton levantou as mãos.

—Mas, querida...

Portia deu um passo para ele, com o atizador dirigido a sua braguilha.

—Está suplicando, Excelência? Quero que meu homem esteja bem preparado antes de o ter. Tire as calças, Excelência e se incline.

Em vez disso, o duque abotou as calças.

—A mim não vai sodomizar. Baixa esse atizador.

—Por cima de meu cadáver. —Portia agarrou o atizador mais forte, com ambas as mãos, como se fosse uma espada— Se não for se inclinar, Excelência, sugiro que saia da sala e que esqueça que esta conversa se produziu.

—Ou?—Ele deu um passo adiante.

Ela levantou o atizador.

—Ou lhe abrirei a cabeça com isto e depois o colocarei pelo traseiro, Excelência. Você escolhe.

O duque mostrou um leve sorriso.

—Puro fogo. —suspirou— Talvez chegue o momento de a domesticar. Temo que mostrei uma mão muito dura. —Fez uma reverência— Me perdoará?

Portia se atreveu a respirar e baixou o atizador.

—É obvio. A paixão faz imprudente ao mais sábio dos homens.

—Certo. —assentiu o duque de Winterton— Espero que sigamos sendo cordiais um com o outro e lhe peço que deixe aberta a porta do compromisso matrimonial.

Não parecia ter sentido lhe informar de que ela nunca tinha tido aberta essa porta. Assentiu breve e bruscamente.

—Direi a meu filho que a deixe em paz. Não quero que ele saia queimado por seu fogo. Há dito a verdade ao menos em uma coisa, senhorita Carew: você é muito selvagem. Inclusive para um Winterton.

Portia deixou que a ponta do atizador descansasse sobre o tapete.

—E o que ocorreu aqui...

—Aqui ficará. —O sorriso do duque era tranquilizador— Ainda mantenho minhas esperanças em você, querida, e um Winterton sempre é discreto.

Se inclinou e abandonou a sala.

Portia só se deteve para comprovar sua aparência no espelho. Voltou a colocar o cabelo em seu lugar e se assegurou de que o sutiã conservava sua forma.

Seu ser interior ainda tremia por sua audácia. Um ancião tinha lhe proposto matrimônio? Tinha atacado sexualmente a um duque? O mundo tornou-se louco?

Quando se sentaram para jantar aquela noite, Knightson lhe passou uma nota. Ela a meteu na luva, desabotoando-o à altura do pulso para fingir que o ajustava antes de dobrar os dedos e voltar para sua posição anterior, pronta para comer.

A Portia custava respirar. O que diria a nota? A pele lhe queimava no lugar em que o papel tocava a suave e lisa parte interior de seu antebraço.

Knightson tinha decidido lhe dar outra aula? Quando? Amanhã? Essa noite?

Inclusive morder a comida parecia ficar além de suas possibilidades.

O duque de Winterton chamou sua atenção. Franziu o cenho preocupado e fez um gesto para o prato com o garfo. Acreditaria que sua nervosa falta de apetite se devia a seu encontro daquela tarde? Portia conteve uma risada nervosa.

Ele não tinha acreditado que ela tinha outro amante e, realmente, ela se sentia agradecida por isso. Um homem menos paciente ou menos discreto nunca teria permitido que esse anúncio passasse despercebido e ficasse silenciado.

O que diria a nota? Durante todo o jantar a borda do papel pressionou contra sua pele, as palavras desconhecidas quase a queimavam.

Quando ao fim as mulheres se retiraram para deixar que os homens compartilhassem brandy e charutos, ela escapou atrás um biombo com a desculpa de se aliviar.

Agachada sobre o urinol, com as saias levantadas até um ponto seguro e fora de perigo, utilizou o ruído de suas águas menores para ocultar o ruído do desdobramento da nota de Knightson.

Me espere em meu quarto quando se retirar para se deitar. A seguinte aula começará quando eu chegar.

Portia voltou a dobrar a nota apressadamente e a guardou no espartilho. Nenhuma só ruga trairia essa mensagem secreta.

Se uniu às demais damas e decidiu se sentar ao lado de lady Cecily Lambeth. Desgostava-lhe sobremaneira a mulher, mas se negava a que alguém o notasse.

A sua vez, lady Cecily Lambeth tinha decidido ser agradável e tomar muito interesse nas atividades de Portia durante sua estadia.

Portia respondeu a suas perguntas em um tom amável, consciente da possibilidade de que lady Cecily se misturara muito com essas perguntas. Ela suspeitaria algo da confusão de Portia?

Ao fim os homens se reuniram com elas, mas Portia contava os minutos que ficavam para que chegasse um momento razoável para poder desculpar-se. Logo que notou que o jovem Winterton trazia uma banqueta e se sentava a seus pés.

—Senhorita Carew. — murmurou o jovem Winterton lançando um olhar ao outro lado da sala, a seu pai, que os observava com os olhos entrecerrados— Meu pai não me permitirá falar com você muito tempo...

—O que tem feito agora, senhorita Carew? —disse lady Cecily arrastando as palavras.

Portia a olhou furiosa.

—Suponho que eu não mereço a atenção de um visconde. Não é isso, milord?

O jovem Winterton sorriu, claramente aliviado de que ela o tivesse solucionado tão facilmente.

—Sim, sim, é isso exatamente. Tenho-a em grande estima, senhorita Carew, mas lamento lhe dizer que não posso continuar fixando meus interesses em você.

Ela assentiu, seu rosto estava tranqüilo, mascarado.

—Milord, espero que ao menos possamos ser amigos.

O jovem Winterton se levantou e fez uma breve reverência.

—Se alguma vez me necessitar, senhorita Carew, estarei a seu serviço.

E a deixou para ir se reunir com Freddy Barrington, que conversava com a senhorita Sophia.

—Um verdadeiro golpe, senhorita Carew. — murmurou lady Cecily.

Portia pensou primeiro em negar-lhe até que se deu conta de que lady Cecily acabava de lhe brindar uma oportunidade de ouro para escapar. Ela agachou a cabeça.

—Sim, sim, tem muita razão. Oh, o que dirá mamãe quando se inteirar? — retorceu as mãos, esperando não atuar demais— Acredito que talvez seja melhor que me retire antes que minha mãe faça uma cena... Já viu quão direta pode chegar ser.

E com essas palavras, Portia se levantou, estirando as saias. Murmurou suas desculpas a lady Barrington e abandonou a sala. Já sozinha, entrou no quarto de Knightson sem ser vista.

Esperava que lady Cecily não fosse tão malvada para enviar a sua mãe atrás dela, porque se não a encontrava em seu quarto, estava perdida.

Esse pensamento fez que se detivesse. Se tinha identificado corretamente o caráter de lady Cecily, isso era exatamente o que faria. Suspirou e voltou correndo a seu quarto. Chegou só uns momentos antes que sua mãe.

A tempestade de sua mãe caiu, como era de esperar, completamente sobre sua cabeça. Com esta agachada, Portia se beliscou forte, provocando-se lágrimas que realmente não sentia.

Ao fim os trovões da fúria de mamãe se diluíram em suas próprias lágrimas.

—Oh, minha menina, minha menina querida! Como pude te atribuir todas essas coisas? Seguro que fez tudo o que pôde... Devia ter sido mais prudente e não me permitir aspirar tão alto!

E com outro gemido, a mãe de Portia se foi de seu quarto.

Portia secou suas falsas lágrimas e se sentou na beira da cama, esperando se por acaso sua mãe voltasse.

Mas não voltou.

Escapuliu de seu quarto e se dirigiu de novo ao de Knightson. Por que não estariam mais perto? Já estaria esperando-a?

Estava. Knightson estava de pé com os braços cruzados e a olhava fixamente.

—Me desobedeceu. Devia estar me esperando.

Um olhar rápido ao quarto revelou uma grande cama com quatro postes e coberta de veludo verde escuro, além de outros móveis de mogno.

—Minha mãe...

—Não é suficientemente lúgubre para me ter esperando. De fato, esperei um intervalo decente antes de subir. Suficiente para que se desse tempo tratar com sua mãe e me esperar.

—Não conhece minha mãe...

—Não, graças a Deus. —Ignorou sua exclamação indignada— Já está então? Tem que ir?

Era isso o que o preocupava? Ela inclinou a cabeça, estudando-o.

—Não me olhe assim.

—Assim, como? Como se houvesse ficado louco? Esqueça, senhor Knightson. Eu não estou sempre a seu dispor. Além disso, estou começando a pensar que todo o sexo masculino deve ter se tornado louco...

—Não, estamos bastante cordatos, obrigado por se preocupar. São as mulheres as que são irracionais e desobedientes.

—Eu não te pertenço! —disse se voltando e se dirigindo à porta. Não tinha ido ali para que a insultassem.

A segurou pelo braço, só para mantê-la onde estava, sem pretender exercer mais violência.

—Um aluno obedece a seu professor.

Ela se liberou e o encarou.

—Seguimos com isso então?

Olharam-se aos olhos durante um longo momento. Não pôde ler o que havia nele, a ira mascarava o resto de suas emoções.

—Devemos começar com a lição. — disse ao fim, com os dentes apertados.

—E que lição é?

Capítulo 9

Knightson, sério, não piscou.

—Paciência.

Portia rompeu a rir a gargalhadas. Tampou a boca com a mão; tinha os olhos totalmente abertos. E se alguém a tivesse ouvido? Ficaram quietos, silenciosos como sentinelas de pedra, esperando que chegasse algum tipo de reação do corredor.

Nada.

—Paciência? —Portia permitiu que a diversão e o alívio se mesclassem em sua voz— E isso não é algo que você também deveria aprender?

Ele soprou.

—Talvez, —reconheceu— mas você se apressa muito por conseguir a liberação, Portia. Precisa se provocar, permitir que a precipitação chegue quando tiver que chegar, sem pressões.

—E já não temos feito isso antes? —perguntou.

—Precisa se submeter.

Ela pôs os olhos em branco.

—Ao diabo com a submissão.

Ele piscou.

—Essa não é uma linguagem muito apropriada.

—E esperava mais de mim? —burlou-se ela— De uma mulher que é uma puta conhecida? Senhor Knightson, possivelmente seja o momento de terminar com nossas aulas.

—Não. —Puxou-a para si, a desafiando a negar seus sólidos músculos, seu poder. Ela levantou a cabeça para olhá-lo— Não —repetiu— Não podem terminar.

Quase incapaz de respirar, ela seguiu contradizendo-o.

—Não?

—Não. —A boca do homem cobriu a sua. Sem compaixão, sua língua lhe abriu à força os lábios, os dentes. Isso a arrastou a um torvelinho de sensações.

Se agarrou a ele e cravou as unhas em sua jaqueta. Agora não importava nada: nem as aulas, nem as ordens de que se submetesse, nem nada. Não queria nada mais que ter sua carne nua contra o seu e seu membro pulsando em seu interior.

E o queria agora.

Aos puxões, tiraram-se a roupa um do outro. Knightson arrancou os cordões de seu espartilho e rasgou sua regata em duas enquanto lhe arrancava o lenço.

Caminharam tropeçando para a cama, se agarrando, se beijando, nenhum dos dois estava disposto a ceder ante o outro, ambos queriam tudo. Somente respiravam quando era estritamente necessário para continuar aquela luta sensual.

Com um rápido movimento, ele a agarrou nos braços e a lançou sobre a cama. Meio fôlego depois ele se reuniu com ela. Abriu-lhe as bem dispostas pernas e a aproximou dele.

O ataque de risada que a embargou o deteve com mais eficácia que suas mãos contra seu peito. Dirigiu-lhe um olhar inquisitivo.

—Paciência? —conseguiu articular ela entre risadas.

Ele lhe concedeu um sorriso reticente. Se inclinou para beijá-la apaixonadamente, sem margem para seguir rindo.

—Quer que a ensine paciência, moça?

—Isso é possível? —provocou-lhe ela. Em seu interior, a respiração entrecortada a fez se sentir um pouco enjoada, tensa como estava em busca dessa incrível liberação que sabia que Mark podia lhe proporcionar e desfrutando tremendamente do momento, o agora. Ambos compartilhavam o calor. Sentia suas mãos grandes sobre ela, tomando liberdades que não tinha pedido... Era tudo tão delicioso!

—É. —Ele se deslizou fora da cama e recolheu seu lenço destruído. Antes que se desse conta, lhe tinha rodeado o pulso com uma parte de tecido e a tinha prendido ao poste que tinha atrás. A longitude do lenço lhe permitiu fazer o mesmo com o outro pulso da jovem.

Ela não resistiu. O olhava no rosto enquanto ele a atava à cama. Observava como se movia seu corpo e como se balançava seu pênis. Depois utilizou suas meias para lhe atar os pés aos postes restantes.

Ela mediu os nós e comprovou que estavam tensos. Agora que já estava atada, Knightson parecia muito mais relaxado.

—Me ensina a ter paciência. —ronronou— Por que se detém?

Ele riu e seu rosto se transformou no de um menino perverso.

—Paciência, recorda? —burlou-se ele.

Agarrou-se o pênis e começou a acariciá-lo lentamente. Portia ficou fascinada pelo movimento. Ele tinha entre suas mãos o que ela mais desejava dele: essa pele sedosa e aveludada que escondia um poder duro e essa cabeça protuberante que inclusive agora já tinha começado a deixar escapar algumas gotas pela excitação. Nessa postura despreocupada se via algo incrivelmente poderoso em Knightson.

Estava segura de que se ruborizou dos pés a cabeça. Se retorceu e puxou suas ataduras.

—Vai se dedicar a jogar sozinho toda a noite? —desafiou-o ela.

—Se gostar, sim. —foi sua indiferente resposta— Você pode recordar isto quando se tocar em busca de prazer.

Portia quase explodiu de prazer ali mesmo. Apareceu em sua mente sua própria imagem brincando com seu sexo úmido com o Mark ali, ante ela, estimulando o pênis até chegar a gozar sobre seu corpo, que não pararia de retorcer-se.

—Deus, sim. — ofegou.

Mark ficou sem fôlego. Ela viu que seu peito se detinha e ficava congelado. Subiu à cama, entre suas pernas abertas, sentou-se sobre seus calcanhares e continuou com a estimulação de seu membro.

—O que estava imaginando? —perguntou com a voz grave e rouca.

Ela o contou com todo detalhe, encantada de ver que inalava bruscamente, surpreso.

—Deus. —deixou o pênis por um momento e se inclinou para frente para tomar um de seus mamilos entre os dentes. Ele roçou a crueldade, mordendo e puxando seu mamilo já duro, até que seus seios se converteram em uma fonte de calor.

Ela choramingou arqueando as costas, aproximando os seios de sua boca. Era possível gozar somente com o que sua boca fazia em seu peito, sem que chegasse nem sequer a lhe tocar o sexo?

Gemeu, baixo e grave. Lhe beliscou o outro mamilo, duplicando o êxtase que estava acumulando. Ela começou a suplicar incoerentemente; se ele entrasse nela agora mesmo, chegaria a gozar, sabia.

—Por favor, por favor...

Seu pênis roçou sua coxa e deixou um atalho pegajoso. Tinha lido sua mente? Ela tinha os movimentos muito limitados, assim não podia obrigá-lo a entrar em seu sexo molhado e quente.

—Mark... Oh, Mark... —Uma grossa veia de prazer pulsava desde seu peito até seu sexo. Em qualquer momento. .. qualquer momento...

Mark se separou dela e se ajoelhou entre suas pernas.

—Mas... se deteve! —Portia não sabia de onde tinha tirado o fôlego para o acusar.

Ele seguiu agarrando o pênis. Ela se fixou em que, embora agora não a acariciava, ainda continuava expulsando um pouco de sêmen.

—Paciência. —sussurrou— Deve ter paciência.

Lhe fez uma careta ao notar que o clímax de sua excitação, a possibilidade de chegar ao orgasmo, se desvanecia. Sua respiração se fez mais regular.

—Isto é o que planejou? Estar me provocando toda a noite?

—Tudo o que seja possível. — respondeu ele assentindo e se acariciando de novo. Ela pôde ver claramente a delineação de cada músculo, o que sugeria que ele lutava por manter o autocontrole— Já verá por que.

—Será melhor que isso seja certo. — murmurou se sentindo rebelde e franzindo o cenho ao ver que ria dela.

Mas ele compensou seu mau comportamento colocando as palmas das mãos sobre seus seios. Ela mordeu o lábio e arqueou as costas para que os seios se aproximassem mais a essas mãos, esperando que esse ato lhe animasse a levar para a liberação.

As mãos se deslizaram até seu ventre. Suspirou entre decepcionada e esperançada. Esperava que seguissem seu caminho para baixo. As leves carícias sobre seu estômago se elevavam para lhe rodear os seios e quase a arrulhavam para dormir.

Exceto porque a faziam muito consciente de sua presença. A delicadeza de seu contato atrás de sua forma anterior brusca de excitá-la a alagou de uma tênue felicidade. O calor incrível foi se convertendo em uma lânguida calidez.

Tudo aquilo era sexo também? Portia, incapaz de se concentrar o suficiente para encontrar uma resposta à pergunta, olhou ao Mark com os olhos semicerrados.

Seu rosto não demonstrava outra coisa que não fosse prazer, concentração para esquentar cada parte de seu corpo nada mais que com suas mãos. Com uma suavidade e uma consideração... Portia ficou sem fôlego. Teria Mark Knightson se apaixonado por ela?

Ao menos se isso era realmente uma de suas aulas, como ela ia completar um trabalho tão consciencioso sem ter que chegar a se contorcer?

Esta excitação dos sentidos era muito diferente das anteriores. Antes ele tomava sem prévio aviso ou procurava que ela gozasse como um homem possuído, impossível de afastar do caminho escolhido.

Roçou a parte interior de suas coxas e o pulso começou a martelar nela de novo. Acabou-se a espera, suave e deliciosa como estava sendo? Ficou muito quieta porque não queria parecer muito ansiosa.

Ele deve ter ouvido sua brusca inspiração e a olhou divertido.

—Sua paciência melhorou. —murmurou.

—Bem. —respondeu apressadamente— E você vai terminar agora?

Ele riu de forma franca, um som profundo e meloso que fez que seu ventre tremesse.

—Paciência, Portia, paciência.

Mark Knightson quase riu de novo quando a viu fechar as pálpebras com força. Tinha a cabeça pressionada contra o travesseiro como se estivesse se preparando para suportar uma tortura. A careta que formavam seus lábios revelava que só estava jogando.

Gostava disso dela. Tão disposta a jogar, tão desejosa de lhe seguir aonde a levasse. Para ser uma senhorita solteira, se comportava com a solicitude de uma fulana. E isso por que sabia que ele a tinha levado mais longe que nenhum outro homem.

Deus, sua pele era tão suave... distraiu-se desses pensamentos perturbadores sobre a garota (não, não devia pensar nela como Portia) para se concentrar na tarefa que tinha se auto-imposto.

Tão suave, tão maleável sob as mãos que não deixavam de acariciá-la. Seu aroma natural se elevou até lhe encher o nariz. Desejava com todas suas forças enterrar a cabeça entre suas pernas e inalá-lo profundamente, lhe dar a excitação que ela queria.

Mas não devia ceder ante suas demandas não pronunciadas. Não podia explicar exatamente por que, mas queria que sentisse o sexo em sua total amplitude, absolutamente tudo.

Esperava convencê-la de algo? Seguro que não. Ela tinha mimado esse encontro e outros com uma avidez que sugeria que já estava mais que convencida.

Nesse ponto, o jogo deveria ficar aborrecido, mas tudo o que ele queria era seguir sondando aquelas profundidades.

Se inclinou para lhe beijar o estômago, riscando um intrincado atalho por sua pele branca e aveludada. Com minúsculas lambidas, beijos e o simples fôlego sobre sua pele úmida foi baixando mais e mais até alcançar o início de seu sexo.

Soprou em sua fenda e pôde ver as primeiras gotas de sua excitação.

Ainda não, ainda não. Repetia essa frase como um mantra para conseguir se refrear uma vez mais, seguir com sua viagem oral por sua coxa e acabar lhe mordiscando o joelho.

Depois lhe acariciou a panturrilha e retrocedeu por onde tinha vindo até que se viu de novo frente a seu sexo exposto.

Não pôde evitar. Se inundou ali e deu uma rápida lambida ao clitóris. Ela gemeu e se retorceu, o convidando a continuar.

Ainda não, ainda não. Se perguntou se ela teria imaginado alguma vez esta doce tortura que estava lhe proporcionando. Sorriu e se dedicou a salpicar de beijos a outra perna. Por fim decidiu contar-lhe.

—Portia. — murmurou na voz baixa, em um grave ronrono com um tom que lhe garantia que ia lhe provocar mais excitação— Portia, quero... —se deteve para esconder um beijo na parte interior de seu joelho— Quero te foder.

Ouviu sua exclamação de alegria e continuou:

—Quero me introduzir profundamente em você... —Mais beijos— E te foder até que grite.

—Oh, sim. —ofegou ela.

—Mas primeiro... —Sussurrou contra a outra panturrilha— quero te saborear... —seus dentes se cravaram na carne— Quero apurar seus quentes fluidos...

Conseguiu alcançar a coxa uma vez mais.

—Te lambar e beber de você até deixá-la seca, até levar todo seu doce líquido... Até que fique inconsciente de tanto gozar...

Voltou a se deleitar com a magnífica visão dos lábios de seu sexo abertos, brilhantes e preparados para ele.

Deus e ele não estava também?

—Quero fazer com que goze tantas vezes, Portia,— deixou escapar sua promessa junto a seu sexo úmido— tantas vezes que não seja capaz de se manter em pé quando terminar com você. E depois... —Roçou com a língua seu clitóris protuberante. O calor dela o alagou como se já estivesse muito dentro dela. Seu pênis se estremeceu em resposta, pressionando a colcha de veludo, procurando uma forma de entrar. Deus, o faria com as mantas se fosse necessário— E depois seguirei te fodendo...

—Mark! —suplicou entre suspiros.

—Estarei dentro de você, sobre você, respirando com você... —Enfatizava cada frase com lambidas incitantes sobre seus clitóris— Estarei dentro de seu pequeno sexo que me rodeará... investindo... E, Meu deus, se sentirá bem... —Suas seguintes palavras se afogaram ao passar a língua por toda a extensão de sua fenda úmida. Como tinha prometido, bebeu dela até deixá-la seca.

O doce néctar seguia saindo e os quadris imobilizados dela, davam sacudidas contra a boca dele. Introduziu a língua em seu interior e explorou todo o círculo da entrada.

Não deixou nenhuma só parte de sua úmida fenda sem tocar com um contato leve, excitante. Um pouco mais e ela chegaria ao clímax só com isso, ou ficaria tão sensível que passaria do prazer à dor e ele teria que parar e começar tudo de novo.

Se deteve: suas bochechas e seu queixo estavam tensos por uma capa de seus fluidos sexuais. Tinha o nariz e os lábios cheios de seu aroma e cada respiração e cada vez que tragava saliva era um pequeno êxtase.

Lhe passou pela cabeça uma idéia perversa.

—Portia? —Manteve sua voz despreocupada e superficial— Me perdoe, mas acredito que estou muito cansado...

Sua queixa o interrompeu.

—Nem se atreva, Mark Knightson! —Sua língua voltou a roçar seu sexo e introduziu sem dificuldade um dedo em seu interior— É uma tentação terrível.

—Paciência, lembra? —respondeu ele quase em um grunhido provocado pelo esforço de se conter. O que daria por fode-la sem lhe importar nada mais nesse momento. Seu pênis pedia isso a gritos.

Mas ainda não, ainda não.

Com a boca e a língua voltou a levá-la até o limite. Seu clitóris estava agora duro e inchado e os lábios de seu sexo eram de um vermelho raivoso. Viu que esse minúsculo botão palpitava, afundou dois dedos nela e encontrou esse lugar.

—Sim! —gritou Portia.

Ele sorriu de novo sem deixar de lhe lambe o clitóris. Ela devia sabê-lo, devia recordar a última vez que ele a levou até a liberação.

—Goze para mim. —pediu com um grunhido— Goze com força. —Queria que os lençóis ficassem empapados com seus fluidos ao gozar para que ele pudesse enterrar seu rosto neles quando ela já não estivesse ali.

Ela gemeu, seu corpo ficou rígido e, como recompensa para ele, um pequeno jorro caiu sobre seus lábios. Deu-lhe umas lambidas mais em seu sexo e depois avançou pelo corpo dela.

Beijou-a, aprofundando no beijo imediatamente para cobrir toda sua boca, para compartilhar com ela seu sabor. Notou só um breve momento de dúvida antes que lhe devolvesse o beijo com avidez.

Uma mulher atrevida. Sem sequer pensar, introduziu seu pênis nesse canal molhado. Um gemido escapou de seus lábios. Esse primeiro momento da entrada, a pressão de seus músculos ao redor dele... adorava, não importava de quem viesse: viúva ou fulana.

Mas isto... isto...

Saiu e voltou a entrar nesse canal que não deixava de pulsar com uma investida e logo outra e outra, tentando afogar essa estranha sensação que provocava o som de ambos os sexos ao chocar um com o outro.

Incapaz de se livrar da incômoda sensação, ficou dentro dela. Agarrou-a em seus braços e baixou o olhar até seu rosto avermelhado. Tinha os olhos fechados, perdida na satisfação que de repente tinha ficado negada a ele.

A calidez do líquido envolveu seu pênis. Tinha a impossível sensação de estar se fundindo em seu interior, de que, se tentasse se retirar, deixaria atrás a massa fundida de seu membro.

Castrado. Deus, sentia-se castrado e por uma simples menina que...

Os músculos dela apertaram. Um estremecimento de alívio o percorreu. Ainda estava intacto.

Saiu e voltou a penetrá-la, só para ficar tranqüilo. Sim.

Voltou a investir e se manteve dentro, desafiando-a a tentar fundi-lo. Era ridículo pensar que podia, mas, oh Deus, estava tão bem dentro dela...

Se retirou lentamente e abriu caminho de novo a seu interior, lentamente, perdido na sensação de seu sexo que o envolvia. Alheio a tudo. Inclusive à estranha sensação que tinha tido há pouco.

Entrou em um estado de sonolência e se moveu como se o fizesse em águas profundas. Diminuiu cada movimento e cada vez permanecia um pouco mais, um pouco mais, em seu interior.

Alcançou um estado mental que nunca pensou que chegaria a experimentar. Um torvelinho infinito de sensações se agarrou a seu pênis e envolveu todo seu corpo. Mas havia algo mais que só sensações. Deus, era tão doce que quase podia...

Chorar. Abriu os olhos. Portia o estava olhando, lágrimas silenciosas escapando de seus olhos. Se inclinou para beijá-la, para tranqüilizá-la, piscando para ocultar suas próprias lágrimas.

Ficou quieto e a beijou com tal doçura que uma só lágrima lhe escapou e se estrelou contra seu cabelo, espalhado sobre o travesseiro. Esperava que ela não a tivesse sentido.

Se afastou, estendeu o braço para trás e desatou seus tornozelos, liberando-a para que pudesse rodeá-lo com suas pernas. Levantou-lhe os quadris e entrou mais profundamente, trocando de ângulo e irradiando um novo calor entre eles.

Esse calor consumiu o estranho enternecimento de sua luxúria, fosse qual fosse sua causa, e voltou a velha sensação selvagem. Seguiu saindo e entrando, arrancando gritos excitados da mulher que se retorcia sob seu corpo.

Não qualquer mulher. Portia.

Lhe escapou um soluço uma vez que se derramava dentro dela. Seu jorro quente chegou até ele, molhando suas bolas. Saiu, possivelmente muito apressadamente, mas ainda alguns vestígios dessa estranha sensação seguiam pegos a ele.

Desatou-lhe as mãos e rodou até ficar convexo, ofegando, a seu lado. Durante um momento, Portia também emitiu ofegos muito pouco próprios de uma dama e depois rodou até se colocar sobre ele. Levantou a cabeça para olhá-lo.

Ele lhe limpou com o polegar os restos dos fios que tinham deixado as lágrimas com uma doçura que o deixou perplexo.

—O que... —sussurrou ela— o que foi isso?

Ele fingiu ignorância, o coração pulsando com força no peito. Ela também o tinha sentido? Maldita seja.

—O que foi o que?

—Quando você... —Deixou a frase sem acabar, sacudindo a cabeça, o que provocou que os últimos cachos que ainda se mantinham seguros pelos grampos saíssem disparados— Suponho que esse é o resultado da paciência...

Ele esperava que não.

—A paciência não é um esforço. Quando estimular a si mesma, recorda-o. Tome seu tempo. Detenha. Tudo irá crescendo brandamente.

—Brandamente?

Talvez não devesse ter utilizado essa palavra. A suavidade que o tinha estremecido o tinha feito mais profundamente do que estava disposto a admitir. Recordou o fio da conversa.

—Portia, nem tudo é dureza e brutalidade. Temo que você viu muito disso e eu queria que conhecesse...

—Obrigada. —Não havia nem um só matiz em suas educadas palavras.

O que havia dito? Tinha parecido como um idiota exímio que queria mimar à mulher, querê-la. Mas ele era mais preparado que tudo isso.

Abraçou-a e ambos rodaram até que ele ficou sobre ela.

—Doce Portia, temo que obtive prazer com você, mas esqueci a aula.

—A paciência? —perguntou ela. Algo frágil apareceu na borda de seus olhos.

—Ah, sim, mas não tinha planejado te ensinar isso precisamente agora. De certa forma me empurrou a isso. —Seu sorriso teve um leve eco em seu rosto.

—E o que era então?

—Não nega que desfruta ao sentir um homem em seu interior, não é?

Portia permaneceu em silêncio, com a expressão cautelosa. Pelo pouco que lhe havia dito, ele sabia que nunca chegaria a admiti-lo. Ainda não.

—Há certos... elementos que podem se utilizar em lugar do pênis de um homem.

Sua sobrelanceira direita disparou para cima e a animação voltou para seu rosto.

—Está me dizendo que posso o substituir?

—Exatamente. Não é isso o que quer?

Seu sorriso se fez mais amplo.

—Exatamente.

Ele se incorporou e se sentou, olhando para o outro lado. Tomou um momento com as mãos descansando delicadamente sobre os joelhos. Estava tão decidida a viver sem nenhum homem, a viver sem ele...

Bem, ele tinha feito a promessa de lhe dar os meios para que pudesse fazê-lo.

Se levantou e cruzou o quarto para a cômoda. Rebuscou entre vários objetos e por fim tirou uma grande bolsa de couro. Ao voltar para a cama soltou as tiras que mantinham a capa fechada.

—Olhe isto. —Tirou uma grossa bengala de madeira esculpida com a forma do pênis de um homem.

Portia tampou a boca, mas ele ainda pôde ouvir sua risadinha amortecida.

—E leva um destes com você? —Há outros usos para isto além do que vou te ensinar. —E talvez chegasse a acostumar-se em algum momento, embora isso não entrasse entre suas funções como professor de masturbação— Tem vários nomes, mas um deles é «consolador».

O estendeu.

Ela o examinou e passou as mãos por toda sua superfície lisa. Estava bem lubrificado e seu tato era suave. O pênis de Mark se endureceu só vendo-a jogar com o brinquedo de madeira.

—E eu posso usá-lo igual a uma... igual a você...

—Sim. —Murmurou entre dentes, cobrindo-se com os braços em um esforço por ocultar seu efeito sobre ele.

—Mas não é muito duro?

—Não é tão grande como o meu. —Mark não pôde evitar se exhibir para a comparação. Por Deus, estava preparado para tombá-la e voltar a abrir caminho até seu interior. Seu pênis se estremeceu ante a idéia.

Portia riu.

—Tampouco se move como você.

—Não, temo que não. Mas não te fará mal se estiver preparada.

—O que quer dizer?

—Que quando te tiver levado até um ponto próximo à liberação, coloque isto em seu interior. Pode atuar como se a fodesse com isso ou simplesmente deixá-lo em seu interior para apertá-lo. Isso é sua escolha.

Ela o estendeu a ele

—Me ensina como?

Agarrou-o de sua mão, notando que a sua tremia um pouco. Esperou que ela não o tivesse notado.

—Já sabe aonde vai.

Portia se tombou deixando que suas panturrilhas pendurassem sobre a borda da cama.

—Me ensina.

—Portia, está mais que acostumada...

—Não levarei isso se não me ensina a usá-lo.

—Já a ensinei.

Ela levantou a cabeça.

—Mark. —Estendeu os braços para ele e lhe acariciou as costas— Tem medo de que te tire o posto?

—Que me tire o que posto? —exclamou ele. Se ajoelhou sobre a cama, seu pênis cabeceante e doloroso ante o rosto dela.

O olhar dela ficou fixo em seu pênis. Não disse nada, mas umedeceu os lábios.

—Então —murmurou— talvez possa me ensinar algum de seus outros usos.

—A que se refere? —Ele conteve a respiração.

Ele tirou o consolador das mãos dela.

—Me refiro a isto. — disse e fechou os lábios sobre a ponta do consolador e o colocou um pouco na boca.

—Portia. —disse com voz rouca e as mãos convertidas em punhos por uma ira repentina— Onde você...?

Tirou o consolador da boca com um ruído seco.

—E quem ia me ensinar isso a não ser Sir Guy? Gostava, me disse isso. Naquele momento eu teria feito tudo para o fazer feliz. E olhe o que me ocorreu. —terminou com amargura.

Lhe apartou o cabelo da testa com uma carícia.

—Eu estou aqui para te dar prazer. —murmurou— Me dê isso e a ensinarei como se satisfazer.

Ficou olhando-o com os olhos muito abertos. O consolador trocou de mãos e ela rodeou seu rosto com as mãos.

—Me beije.

Ele o fez, saqueando sua boca.

Fez baixar a ponta úmida do consolador entre seus seios e sobre seu ventre. Deslizou-o entre suas pernas, sentiu-o tentar sua abertura e o empurrou dentro.

Portia afogou uma exclamação dentro de sua boca. Empurrou-o até dentro, até que foi capaz de alcançar o clitóris com o polegar. O roçou e ela voltou a gemer. Se agarrou com força a seus ombros.

Não passou muito tempo antes que ela estivesse se retorcendo em seu abraço. Manteve sua boca sobre a dela. Sustentava-a ali só com a boca e a mão em seu sexo.

Seus gemidos fizeram vibrar seus lábios. Sentiu, mais que viu, que esses gemidos alcançavam maior intensidade. Ela se sacudiu sob seu corpo uma vez e logo outra e no final ficou rígida. Mordeu-lhe o lábio inferior, em seguida perdeu força e se deixou cair sobre ele.

Tirou-lhe o consolador e se separou daquele beijo interminável. Limpou a boca e viu o rastro de sangue.

—Sinto muito. —murmurou roçando com os dedos o lábio inflamado.

—Curará-se. —disse afastando sua a mão— Não se preocupe por isso.

Ela assentiu e rodou para se afastar, ocultando suas sedutoras curvas, mas deixando a descoberto as doces redondezas de seu traseiro.

—É necessário que o limpe e o seque bem depois de cada uso. Se não cheirá muito mal. —Sorriu olhando suas costas— E resultará difícil de esconder.

Ela não disse nada. Se levantou para colocar o que ficava da regata e depois se agachou para recolher o espartilho.

—Portia, como vai esconder isso?

Ainda de costas a ele, deu de ombros e respondeu:

—Isso não é seu assunto.

Isso o pôs em seu lugar, o recordando que seu trabalho era ensinar, não se preocupar. Cruzou o quarto até a bacia e lavou o consolador. Inundou-o na água da

bacia lamentando a cada momento não tê-lo limpo ele mesmo com a língua. Ah, o que pensaria Portia se o visse fazer isso?

Ainda lhe doía o pênis. Só a esperança de que ela encontrasse isso excitante, excitou-lhe ainda mais. Suspirou. Ele era um caso sem salvação.

Secou bem o consolador, voltou a guardá-lo em sua capa e se voltou para dar-lhe. Ela se tinha posto o vestido e tentava atar as fitas e embutir seus seios no apertado sutiã. Seu espartilho seguia no chão.

Portia agarrou o objeto.

—Não preciso pôr o espartilho só para voltar até meu quarto. Poderia me ajudar...?

—É obvio. —Arrumou-lhe as fitas do vestido até que, por fim esteve bastante apresentável, embora seu cabelo pendurasse solto sobre suas costas.

Apertou o consolador e o espartilho contra seu peito.

—Obrigada. —murmurou— Poderia comprovar que não há ninguém no corredor?

O fez e, em uns segundos, ela tinha ido.

O quarto parecia vazio. Esfregando a cabeça se sacudiu ante essa estranha idéia. Precisava dormir; isso resolveria todos os seus problemas.

Capítulo 10

Portia fechou a porta atrás dela. Se retorcendo um pouco conseguiu soltar as fitas do vestido. Deixou-o junto a sua roupa de baixo, em um monte sobre o chão. Depois se meteu entre os lençóis.

Se deitou de barriga para cima. O fino algodão, frio contra sua pele quente, absorveu o calor de seus mamilos inchados e se pegou à união de suas coxas.

Tinha que sair. Tinha que escapar. A última coisa que ela esperava era... era que lhe fizesse amor. Se não, como podia se explicar essa delicadeza repentina? Essas investidas lentas e rítmicas...

Portia estremeceu. Nunca tinha estado em um navio, mas imaginou que essa mareada de emoções indefiníveis seria como um pequeno navio embalado por uma maré suave.

A emoção se transformou em algo real, um líquido quente que a mantinha na flutuação e, de uma vez, afogava-a. O céu e o inferno, um gozo incrível que invadia seu coração e suas extremidades, a puxando para baixo, para... Bom, isso não queria saber, mas não queria que se acabasse nunca.

Oh, Deus.

Não podia se apaixonar por esse homem, não o faria. Tudo aquilo não tinha sido mais que um acerto temporário para lhe ensinar as habilidades necessárias para se dar prazer. Oh, sabia desde o primeiro momento que Knightson a perseguia, desejava-a, e ela tinha pensado que ter sexo com ele seria suficiente pagamento por seus conhecimentos.

Mas não esperava por isso.

Tampou os olhos com um braço. O que ia fazer? Era realmente...? Realmente era amor?

E se fosse, ele correspondia a esse amor? Apertou as pálpebras. E como ia saber? E se não fosse mais que uma variedade silvestre de luxúria, os mesmos sentimentos que tinha por Sir Guy?

Mas quando acreditava que estava apaixonada por Sir Guy não se sentia como agora. Disso sim estava segura.

Mas amor? Portia seguia sem estar convencida. Knightson era um amante atraente, delicioso e fantástico. Se só fosse sexo, só sexo, o deixaria possuí-la, se apropriar dela. Mas agora parecia algo mais que isso.

Isso não tinha sido foder, tinha sido fazer amor.

O que ia fazer?

Portia não sabia como tinha podido agüentar o café da manhã. A comida, que lhe tinha resultado deliciosa ao vê-la na bandeja, agora lhe parecia insípida, como se mastigasse madeira. Brincou com os ovos mexidos, ainda temperados, pelo prato, esquivando a torrada que ficou abrandada pela manteiga.

As paredes douradas da sala onde tomavam o café da manhã não a animaram muito. Já não queria seguir estando em Willowhill Hall. A fuga lhe parecia a melhor opção.

Mas mamãe não estava de acordo. Assim estava ancorada ali até que terminasse a festa campestre ou até que se promettesse...

Se promettesse.

Valia a pena aceitar uma oferta de matrimônio só para abandonar aquele lugar?

Apartou o guardanapo e recolheu seu guarda-sol. Era possível que um longo passeio resolvesse seus problemas.

—Senhorita Carew? —A voz de lady Cecily a deteve ao cruzar o vestíbulo— Lhe importaria ter um pouco de companhia?

Portia hesitou entre se mostrar mal educada ou fingir que não tinha ouvido a sugestão. Por outro lado, parecia que lady Cecily já conhecia Knightson. Talvez iluminasse o mistério que supunha esse homem, Knightson. Se deteve e sorriu:

—É obvio que não.

A casa projetava uma sombra de três andares. Por cima de suas cabeças, se estendia o verde prado. Ao chegar na metade da primeira extensão de erva da frente da casa, lady Cecily rompeu o tenso silêncio.

—Não esperava que se mostrasse tão amável, senhorita Carew.

—Minha reputação de arpia não se corresponde com meu verdadeiro caráter.

— respondeu Portia com uma careta amarga nos lábios.

—Talvez.

Portia olhou de esguelha a fina e afetada linha que formava a boca de lady Cecily.

—Agradeço sua amabilidade.

Lady Cecily inspirou com força.

—Me perguntava se não lhe importaria ser mais franca sobre o senhor Knightson.

O guarda-sol de lady Cecily se sacudiu.

—Ah. Assim que cravou as garras em você.

—Ele é tão mau?

—Pior. Eu ainda o quero, sabe? Se puder, o expulse de seu coração.

—E o que é que ele tem que seja tão terrível?

—É bastante simples, realmente. Se deita com uma mulher cinco vezes e logo passa a seguinte. Não há nenhum adiamento, nem misericórdia nenhuma. Vai. Fim.

Portia conteve a respiração. Como tinha podido esquecer sua advertência? Contou mentalmente as vezes em que se deitaram. Devia contar as vezes em que não tinha havido penetração? A da noite anterior tinha sido a quinta? Era por isso pelo que se mostrou tão delicado? Inspirou profundamente e girou o guarda-sol.

—E o que o faz tão duro?

—Eu gostaria de saber. Só sou capaz de pensar que está procurando à mulher perfeita. —Lady Cecily se deteve e segurou o braço de Portia, a obrigando a olhá-la— E você deve saber que eu acredito ser essa mulher. O único que ocorreu é que essas «cinco vezes» se converteram em um mau hábito e ele ainda não sabe que deixou escapar à mulher adequada.

—E essa é você? —Portia deixou que o guarda-sol arrastasse pelo chão.

—Sou. —Lady Cecily a olhou de cima abaixo— Vai se afastar de meu caminho?

Agora foi o turno de Portia para examinar lady Cecily. A mulher parecia arder com uma mescla de determinação e desespero. Portia viu o fogo em seus olhos verdes, na tensão de seu rosto.

—Se o que diz é certo...

—É.

—Tem provas?

Lady Cecily riu, mas soou crispada.

—Senhorita Carew, já não tem suficiente experiência com ele para saber que o que digo é verdade?

—Eu não me deitei com esse homem. — respondeu Portia, ofendida.

—Vamos, vamos, só somos duas mulheres sozinhas. Juro que não repetirei suas confidências a ninguém. Posso ver o efeito de seu toque em você.

Ela conseguiu rir.

—Duvido muito!

—Pobre senhorita Carew. De verdade você é tão infantil? —De novo voltou a soar essa risada frágil— A marcou tão claramente como se o tivesse feito com um ferro ao vermelho.

—Se isso for assim, não me explico como virtualmente todos os cavalheiros puseram suas miras em mim. Até o velho duque me tem feito uma proposta!

—Sua Excelência o duque de Winterton não faz proposições a juvenzinhas inocentes.

—Pois me fez isso. —disse Portia tranqüilamente— Não se atreva a sugerir que eu sou algo que não seja uma dama.

Lady Cecily soltou uma gargalhada.

—Querida, você é uma puta. Sir Guy me contou exatamente o que ocorreu entre ambos e, acredite, se soubessem que está disposta a abrir as pernas ante qualquer homem que o proponha, isso somente suporia sua rápida saída da sociedade.

Veloz como uma flecha, Portia esbofeteou à viúva.

—Não poderia se saber tal coisa porque não é certa, lady Cecily. Agradeço-lhe a conversação, mas acredito que tive suficiente por hoje. Que tenha um bom dia.

E caminhou de volta à casa, desejando poder se por a correr. Não tinha podido evitá-lo. Lady Cecily tomaria represálias por sua violência.

Talvez devesse ir-se.

Conseguiu de algum jeito que ninguém a visse e decidiu se esconder na biblioteca. Possivelmente Knightson estivesse ali, mas se arriscaria por conseguir um pouco de privacidade.

Ao menos isso era o que dizia a si mesma. Examinou a biblioteca para se assegurar de que não havia nenhum homem escondido em um sofá alto ou atrás das cortinas. Depois se acomodou no assento da janela. Poderiam vê-la de fora, mas quase ninguém passava por essa parte da casa, se é que alguém passava alguma vez.

Rodeou os joelhos com os braços, comprovando que as saias tampavam completamente suas partes e olhou pela janela. O que ia fazer?

Tinha sido algum tipo de milagre que tivesse conseguido evitar Sir Guy durante todo o tempo que o tinha feito. Só o ver a tinha feito estremecer, mas, felizmente, ele não tinha continuado cortejando-a. E, para seu alívio, ninguém mais em Willowhill Hall a tinha animado a aceitar a proposição.

Mas o que ela queria?

Não teve tempo de refletir muito. Ouviu que a porta da biblioteca se abria e se fechava. Portia ficou muito quieta, com a esperança de que a cortina ocultasse sua presença e que quem quer que tivesse entrado na biblioteca agarrasse um livro e se fosse.

—Portia? —Sir Guy a chamou em voz baixa— Sei que está aqui.

Algo por não ficar a sós com ele. Contra toda esperança seguiu imóvel, agüentando a respiração.

—Aqui está. —Correu a cortina e a visão loira de Sir Guy apareceu ante ela, olhando-a— Por que se esconde?

—Esbofetei lady Cecily. —Soltou pela boca o primeiro que lhe passou pela cabeça. Não tinha intenção de lhe contar as estranhas sensações que tinha tido enquanto fodia com Knightson.

Foder. A palavra a ajudou um pouco a aliviar essa estranha dor em seu coração.

Sir Guy apertou os lábios e deixou escapar uma breve risada.

—Provavelmente o merecia.

—Como pode dizer isso? É sua amiga!

Sir Guy se sentou, sem que o convidasse previamente, no assento da janela junto a ela.

—É uma conhecida, nada mais. Ela precisava estar aqui e eu lhe proporcionei os meios.

—Vai atrás do senhor Knightson.

Sir Guy assentiu.

—Vi você dançar com ele essa valsa. Está desenvolvendo algum tipo de afeto por ele? Sua reputação não é precisamente recomendável.

—Conforme diz lady Cecily. —Tentou que seu tom cortasse a conversação.

—Não, também é bem sabido entre os cavalheiros. —Puxou um pouco o punho de sua casaca verde garrafa, impecavelmente engomada sobre o de sua camisa branca— Todos sabemos com que homens não quereríamos que nossas irmãs se vissem envolvidas.

Portia entrecerrou os olhos.

—Você não tem irmãs.

Apartou esse detalhe com um grácil gesto da mão.

—Isso é irrelevante. Talvez algum dia tenha uma cunhada.

Portia pensou em sua irmã Viola, já a ponto de ser apresentada em sociedade.

—Em seus sonhos.

Sir Guy riu e se inclinou para a frente. Portia se apertou contra a ampla ombreira da janela.

—Meus planos são fazer meus sonhos realidade.

Ela estendeu as mãos para o afastar de si.

—Não, Sir Guy. Quantas vezes vou ter que dizer isso a você. Você foi o que rompeu o compromisso, que sujou meu nome. O que o faz pensar que vou me expor a uma nova proposição?

—E o que posso fazer, Portia, para...?

—Senhorita Carew.

Ele fez uma careta.

—E o que posso fazer, senhorita Carew, mais que me desculpar um milhão de vezes? Cometi um engano. Pensei que estava preparado para me casar, mas não estava. Pensei que queria uma esposa apaixonada, mas estava convencido de que uma esposa virtuosa era mais necessária. Mostrou tal paixão que eu... Bom, que a rechacei. Levou um tempo me dar conta de meu engano. Precisei conhecer uma senhorita virtuosa para me dar conta de que é a última coisa que eu queria em

minha cama. Você é tão ávida, tão desejosa... E eu agora quero arrumar tudo, até a menor fresta.

—Como?

—Me casando com você. Ao me casar com você desaparecerão todas as horríveis palavras que disse. Voltará para a sociedade com passo firme. Prefiro que essa mancha negra fique sobre mim, que digam que, furioso depois de ter discutido, eu tentei destruir sua reputação.

Isso fez que Portia fizesse uma pausa. Isso se sabia dele, Sir Guy tinha sido sempre um egoísta.

—E faria isso?

—Isso e mais. Porque se me perdoa por meu deslize, por meu abandono, se casando comigo, juntos arrumaremos tudo. Podemos voltar exatamente aonde o tínhamos deixado.

Ela o examinou. Parecia absolutamente sincero.

—Não há volta atrás —murmurou— Sinto muito. Terá que viver com a culpa de ter sujado meu nome injustamente durante o resto de sua vida. Não me casarei com você, nem sequer para restaurar minha reputação.

Sir Guy a observou com um ar de despreocupação invejável.

—Vejo que você desenvolveu um profundo desagrado para mim e não posso te culpar.

—Não é só isso. Desde que me tirou a força dos algodões da donzela inocente que era, provei algo mais da paixão que eu acreditei que compartilhávamos. Não poderia conseguir o mesmo.

Sir Guy se levantou, suas pálidas bochechas se viam agora de um vermelho ardente.

—Está me empurrando para que a abandone. Não transcorreu suficiente tempo para que formasse outra relação. Além disso, quem ia te querer em seu estado de ruína?

—Quase ruína. —corrigiu ela— Se de verdade estivesse de todo marginalizada, não estaria aqui, sob o teto dos Barrington.

—Teve sorte. —Sir Guy segurou seu queixo e puxou seu rosto até que o olhar dela se encontrou com a amargura que ele tinha em seus olhos— Não deveria contar tendo sempre essa sorte. Se case comigo, Portia.

—Não. —ela voltou a murmurar— E faz o favor de tirar as mãos de minha pessoa.

Sir Guy soltou uma gargalhada incrédula.

—Faça o que diz.

Portia girou para olhar para a porta. Mark Knightson estava ali, de pé, com o rosto enrugado pelo desgosto. Ou era ira? Ciúmes? O coração de Portia se inchou pelo alívio.

Sir Guy deu um passo atrás.

—Só estava falando com a moça.

Tensos, ambos os homens pareceram ver um ao outro como competidores.

—Tinha suas mãos sobre ela e a garota acabava de lhe pedir que as retirasse.

—Acredito que não compreende a natureza de minha relação com a senhorita Carew.

Portia se apertou no assento contra a ombreira da janela enquanto observava aos dois homens. Reivindicar sua posição nessa situação parecia inútil. A biblioteca cheirava a duelo entre machos.

—Acredito que é você quem não o entende. Como se atreve, senhor, a acosar a uma mulher quando está sozinha?

—Não o esperava. Simplesmente aproveitei a oportunidade.

—Senhor, sugiro que terminemos com esta conversa antes que me veja obrigado a pedir que arrumemos isto em algum outro lugar devido a sua conduta imprópria.

Sir Guy bufou, mas se afastou de Portia e se encaminhou para a porta.

Knightson se fez a um lado e deixou a via livre. Esperou até que a porta se fechou atrás de Sir Guy e depois levantou uma sobrancelha em direção a Portia.

—O que estava fazendo a sós com ele?

—Ocorreu como ele disse. Não o esperava. Vim aqui para estar sozinha.

Knightson cruzou a sala e se encarapitou sobre o braço do sofá.

—Para estar sozinha? Ou estava me buscando?

Ambas as respostas eram afirmativas, Portia se deu conta disso no tempo de um batimento do coração. Permaneceu em silêncio.

Ele baixou a sobrancelha.

—Tem te feito mal?

Ela negou com a cabeça.

—Foi uma sorte que a tenha encontrado aqui.

Seus olhares se encontraram e a calma a embargou.

—Sim, não estava tendo muito êxito para me liberar de Sir Guy. Assim tenho que o agradecer, senhor Knightson.

Seu rosto ficou impassível, imóvel.

—Senhor Knightson? Portia, o que a preocupa?

—Somente tento manter um pouco de perspectiva. —disse atropeladamente.

—Ah. —A resposta pareceu o satisfazer a julgar por seu crescente sorriso infantil. Se uniu a ela no assento da janela. Seu joelho roçou sua coxa, o que enviou faíscas a percorrer todo seu corpo— Eu também estive pensando na nossa situação.

Piscou sem deixar de olhá-lo, surpreendida. Ele também tinha sentido as mesmas emoções estranhas que ela na noite anterior? Estava a ponto de cortar qualquer vínculo com ela ou essas doces sensações o levariam a uma conclusão mais respeitável? Será que ia fazer uma proposição?

Mas, ela queria ouvir isso?

—Que interessante. —disse, esperando soar pouco receptiva— Há muitas coisas mais que tenha que me ensinar?

Passou uma mão pela mandíbula, sem responder imediatamente a sua pergunta.

—Já não é questão de aulas, Portia. Com certeza se deu conta disso.

Ela levantou o queixo.

—Eu entendia que isso era o pagamento pelos serviços prestados, senhor Knightson.

Ele amaldiçoou. Amplamente. E com uma criatividade bastante notável. Portia não conhecia nem a metade das palavras que pronunciou. Suas negras sobrancelhas se uniram.

—Esteve pensando todo este tempo que estava me vendendo seu corpo em troca de umas míseras aulas?

—E não era isso o que estava fazendo? —exclamou ela.

—Eu... esperava... que estivesse sentindo algo mais que isso. —Ele deixou cair um pouco os ombros.

Mas será que ia fazer a proposição?

—Senhor Knightson... Mark... Eu... —O que podia lhe dizer? A verdade— O desfrutei.

A comissura de sua boca se curvou.

—Sei. E eu não esperava nenhum tipo de pagamento. Não queria que me pagasse.

—Eu pensei... —Portia levou um segundo para se recuperar— Pensei que, por causa de nossa intimidade, minha disponibilidade se dava por suposta. Além disso, lembro certo momento nas escadas em que inclusive me ordenou isso... —Conteve um segundo a respiração; a visão de si mesma inclinada sobre o corrimão enquanto ele a fodia até deixá-la sem fôlego fez com que desejasse isso (e a ele) de novo.

Se esforçou por tranquilizar sua respiração e fazer voltar seu coração para seu ritmo normal. Não podia perder o controle agora. Colocou uma mão sobre o peito para se acalmar.

O olhar dele seguiu essa mão, baixou até seu decote e logo se apartou.

—Maldita seja, Portia. Perdi os estribos. —Sua testa se alisou, perdendo as rugas que tinha tido um momento antes— Mas tem que admitir que esteve bem.

Ela riu afastando a mão de seu decote. O que acabava de admitir fez que sua vontade fosse mais forte contra a dele.

—Isso, eu tenho que admitir?

—Desejava-me então, Portia, não tente negá-lo. E com certeza que se, agora mesmo colocar a mão entre suas pernas, estará pronta outra vez.

Ela deu um coice. Não precisava que o fizesse. Estava preparada.

—Que grandes se vêem seus olhos agora, senhorita Carew. —ronronou. Atraiu seu corpo, que não ofereceu nenhuma resistência, para seus braços, abraçando-a contra as duras linhas de seu peito. As pontas dos dedos dos pés dela descansavam sobre o chão.

—Alguém nos verá. —Ofegou sem deixar de olhar seus olhos obscurecidos pela luxúria e esses lábios que tanta vontade tinha de beijar.

—Deixemos que olhem. —Inclinou a cabeça para cobrir com sua boca a dela. Se fundiu em seus braços. Isso era o que queria sentir: a deliciosa faísca do desejo que se via avivada até provocar verdadeiras chamas.

Com uma mão ele fechou as cortinas.

—Acreditava que não se importava. —provocou ela sem fôlego, quase sem se separar de sua boca.

—A sua é a única mente lúcida nisto. —Aparentemente, ele ainda podia recordar suas palavras, mas a mente dela ficou em branco no mesmo momento em que tocou seus lábios— Portia, disse que não quer se casar.

Ela inspirou com força.

—E não quero.

—Isso segue sendo assim?

—Não acabo de dizê-lo? — se animou para permanecer forte. Para seguir irremovível embora ele a tivesse tão perto de seu corpo.

—Isso está bem. Pensei que, talvez, depois de ontem à noite... —Mark não terminou a frase e sacudiu a cabeça para se livrar desse pensamento, dessa lembrança.

—Ontem à noite foi... diferente —aventurou Portia. Para poder tirar algo em claro, precisava falar com alguém disso.

—Acredito que passamos a outro nível. — disse Mark com voz tensa. Seu corpo irradiava tensão e Portia recebeu a impressão de que essa experiência não lhe tinha resultado prazenteira.

Mas, por quê? Que não lhe havia dito?

—Isso é o que foi?

Ele assentiu levemente.

—Alegra-me que não o confundisse com amor. É mais sábia que o que sugere sua experiência.

Queria dar de ombros, mas ficou quieta em seus braços com essas palavras lhe ressoando na cabeça. Amor. Era por isso que ele se empenhava em se distanciar? Ou Mark tinha razão ao explicar que isso era uma ilusão, nada mais que outro nível dentro de sua vida sexual?

—Isso me leva a razão que me tem feito te buscar. —Sorriu ao ver que seus olhos se abriam desmesuradamente de novo— OH, sim, estava te procurando, Portia. Antes de seguir adiante, devemos tomar algumas decisões.

—Decisões?

—Não deseja se casar. Bem, eu tampouco.

A alma de Portia caiu aos pés. Assim que ele não queria se casar com ela. Não deveria se sentir assim. Ela tampouco queria isso. Ou sim?

—Entretanto... —deixou a frase pela metade, seu olhar fez arder seu rosto. Estava procurando algo nela, mas ela não sabia o que— Portia, querida, temo que isto pode chegar a te indignar...

—Então será melhor que acabe de uma vez. — exclamou com brutalidade. O que era que ele queria?

—O que sabe de mim?

—O que dizem os falatórios. — respondeu, lhe evitando o olhar.

—O que é... —inquiriu ele.

Seu olhar desafiou a dele.

—No melhor dos casos, que é um cavalheiro sem nada de especial, e no pior, que é um verdadeiro descarado. Lembra-se de que me advertiu que só fodia com uma mulher cinco vezes antes de se aborrecer dela? Pois alguém me repetiu essa informação recentemente.

Ele mostrou seus dentes apertados.

—Seguro que isso saiu de boca de lady Cecily.

Portia conseguiu esboçar o mais doce de seus sorrisos.

—E como pôde adivinhar que foi lady Cecily? Disse isso a ela também?

—Sim. —Knightson articulou a resposta com as mandíbulas fortemente fechadas.

Portia se esforçou por parecer calma, por mostrar indiferença.

—E exagerou no que me disse?

À pergunta seguiu um longo silêncio. Portia o viu lutar consigo mesmo, observou como suas mãos se convertiam em punhos.

—Não. —disse por fim— Mas há razões para isso.

—Sou toda ouvidos. —Portia juntou as mãos e adotou uma postura de atenção exagerada.

Ele afastou a idéia com um gesto brusco. Sua expressão trocou significativamente da ira frustrada e a vergonha a um gesto indefinível que lhe recordava da noite anterior.

—Agora não importa, —disse carinhosamente— porque estou a ponto de romper essa regra.

Sem dúvida se referia a uma proposição que estava por chegar. Portia esperou pacientemente. Diria-lhe que sim? A um homem que tinha lhe proporcionado um sexo brilhante, mas sobre o que não sabia nada além de fofocas?

—Portia, estive pensando muito nisto. Tendo em conta o que você quer e os desejos que compartilhamos, só pude chegar a uma conclusão.

Fez uma pausa. Seus olhos azuis se obscureceram e procuraram nela alguma resposta. Portia decidiu ser precavida.

—Não vai me perguntar qual é essa conclusão?

—Estou segura de que vou ouvir logo. —Portia sorriu esperando não parecer muito infantil, muito estúpida.

Ele segurou uma de suas mãos entre as suas.

—Portia, não sabe o que me custa te perguntar isto. O que vai custar a você. Quando penso em como reagirá sua mãe... E, claro, teremos que ir daqui imediatamente...

—Mark. —Portia interrompeu sua corrente de frases incompletas, um pouco assustada por sua intensidade— A conclusão.

Ele mostrou um brilho de sorriso.

—Sim, sim, é obvio. Portia, não posso negá-lo. Desejo-a. Minha norma ridícula e auto-imposta das cinco vezes não se mantém por cima desses sentimentos. Oh, tentei lutar contra isso, tentei me convencer de que me cansarei de você. Mas não o consegui. —Lhe apertou a mão— Portia, nem sequer sei como perguntar isto. Não quero que nos separemos quando acabar esta estadia no campo. Quero que fique comigo. —Seus lábios formaram um sorriso cheio de ironia— Não quero que ponha em prática minhas lições. Tenho intenção de a satisfazer, Portia, durante muito tempo.

—O que é que está me pedindo? —Que proposição mais peculiar! Mas, é obvio, do que podia estar falando que não fosse sua luxúria compartilhada? Isso era tudo o que tinham.

—Estou te pedindo que se converta em minha amante oficial.

Os ouvidos dela se encheram com um rugido de uma força desconhecida até então. Amante? Amante! A ira e a necessidade lutavam por se fazer com o controle de seu interior.

—Você não quer se casar e eu tampouco. Espero que, com o tempo, nos cansemos um do outro. —Sua testa se encheu de rugas e voltou a apertar sua mão. Tão transparentes eram suas emoções?— O divórcio é muito público e humilhante. Farei que se redijam papéis onde lhe assegurem uma casa e uma anuidade para toda a vida. Não terá que depender de nenhum outro homem depois de mim.

—É muito amável por sua parte. —Portia cuspiu cada palavra e liberou a mão de entre as suas.

—Portia, o que ocorre?

—Você, senhor, está me propondo arruinar minha vida completamente, e espera que me alegre por isso?

—Mas sua reputação já está arruinada.

—Mas ninguém mais sabe! —Portia se levantou e se afastou como um furacão. Se voltou e apontou com o dedo— Se me estabelecer como sua amante oficial, todo mundo saberá. Não poderei voltar a ver nenhum membro de minha família nunca mais. A minha mãe dará um ataque de histeria... —Não pôde terminar. Ficou olhando-o com os olhos totalmente abertos— Meu Deus. Isso é o que queria dizer quando falava da reação de minha mãe. E eu pensando que só o dizia por que não o agrada!

Mark cruzou os braços, a intensidade tinha desaparecido de seu rosto.

—Está rechaçando minha proposição.

Surpreendida, Portia assentiu.

—Prefiro os termos originais do acordo.

—Bem. Suas aulas terminaram. Isso a faz mudar de opinião?

Em seu foro interno, hesitou. Seu estômago se encolheu pela perda que essas palavras supunham. Já sabia bem como se dar prazer, ao menos no que Mark... o senhor Knightson, tinha insistido.

Dizia-o a sério ou era só o prelúdio de sua sedução? Muito tarde para se preocupar por isso agora.

—Terminado? —repetiu.

Sua ira desapareceu, mas franziu a testa mostrando preocupação. A expressão de seus olhos... Senhor, Portia quase preferia seus olhares luxuriosos.

—Olhe, Portia. —Mark se aproximou e colocou as mãos sobre seus ombros— Reconheço que pedi que faça algo pouco convencional, mas você é uma mulher muito pouco convencional. Agora mesmo está desconcertada pela idéia, mas se dê um pouco de tempo e pensa-o, assim como eu tenho pensado.

—Posso... Poderia fazer isso. —Portia concordou. Sua voz tremia. Poderia? Realmente poderia abandonar tudo por Knightson?

—Se encontre comigo esta noite no telhado, junto às balaustradas da ala direita do edifício principal. —Ele parecia muito seguro do que dizia— No edifício principal, não em uma das alas, não se confunda.

—E por que deveria fazer isso?

—Me dê sua resposta definitiva então. Se sua resposta for não, farei-te uma prova sobre os conhecimentos que adquiriu e se ficar satisfeito, terminaremos com as aulas. —Seu olhar se obscureceu— Se não aceitar minha proposição, não quero continuar com nossa associação, Portia. Assim evitaremos a dor que acompanha à separação a que nos forçaria uma resposta negativa por sua parte.

—Irá?

—Ainda não decidi. —foi sua duvidosa resposta— Talvez.

Portia levantou o queixo.

—Não me levarei como uma menina estúpida por você. Reafirmarei-me em minha decisão e o deixarei ir.

—Decida esta noite. —repetiu Mark com tom urgente e... podia ser que tivesse ouvido uma nota de desespero também?— Não falemos mais do assunto até então.

—Até esta noite, quando todos se deitarem. —Portia fez uma reverência e se encaminhou à porta. Tinha que escapar para pensar e, provavelmente, também chorar.

—Não se retire logo. Não devemos levantar suspeitas nestes últimos momentos.

—De acordo. —Portia fechou a porta atrás de si ao sair. Sentia a garganta dura pela pressão das lágrimas não derramadas.

OH, maldito seja. Que se vá ao inferno.

E com esses pensamentos, fugiu.

Capítulo 11

—Portia! —O tom doce e melodioso da voz de Lucy Chalcroft ressoou no grande vestíbulo.

Portia continuou subindo as escadas apressadamente, escondendo seu rosto úmido com as mãos. Lucy não devia vê-la assim: faria-lhe muitas perguntas.

Ouviu que Lucy subia correndo as escadas atrás dela e Portia se voltou, surpreendida de que a senhorita Chalcroft fosse capaz de caminhar de uma forma que não fosse tranqüilamente.

—O que ocorre? —perguntou Lucy segurando-a pelo braço— O que passou?

Portia sacudiu a cabeça em silêncio, mas notou que Lucy se consumia na preocupação.

Lhe estendeu um lenço, mas Portia não o aceitou. Precisava chegar até seu quarto. Ninguém se atreveria a abordá-la ali.

—Portia. — murmurou Lucy colocando firmemente o braço de Portia sobre o seu— Vamos dar um passeio, longe da casa. Seja o que for o que a preocupa, tem que falar disso. Isso fará com que se sinta melhor.

—Duvido. — respondeu Portia, mas deixou que Lucy a guiasse até descer as escadas e cruzar a porta principal.

Quando já tinham atravessado o prado dianteiro e alcançado o refúgio que proporcionavam as árvores, Lucy por fim a soltou.

—Agora me conte qual é o problema. —Lucy voltou a apresentar o lenço uma vez mais.

—Oh, não posso dizer isso Lucy. —Portia retorceu o lenço, desconsolada— Não posso dizer isso. Já não seria minha amiga se o fizesse.

—Não poderei seguir sendo sua amiga se segue guardando silêncio, Portia. — Lucy resgatou o lenço e lhe limpou as bochechas úmidas— Há um tronco por ali. Vamos, nos sentemos e me conte tudo.

Já sentada, Portia voltou a olhar para a casa, mas não viu nada exceto a tela que formavam as árvores e as samambaias que bloqueavam a vista. Essa pequena zona tinha sido «naturalizada» pelo desenhista do jardim para ser um espaço profundo e sombrio sob os amplos ramos das faias¹, rodeado de samambaias, alhos silvestres e outras árvores que Portia não podia identificar.

Mas sim podia cheirar o alho silvestre.

Levantou a cabeça e se encontrou com o olhar paciente de Lucy. Que conselho podia lhe dar a senhorita Chalcroft? Seu comportamento doce não escondia nenhum toque de corrupção.

—Não estou segura de que possa entendê-lo. — murmurou Portia.

¹ Árvore pequena, da família das icacináceas (*Emmotum nitens*), de flores amarelas por fora e purpúreo-escuras por dentro, com pilosidade roxa, dispostas em panículas axilares, e cujo fruto é drupáceo, suberoso-lenhoso, tendo a madeira utilidade para cercas.

—Acredito que posso adivinhar que tem a ver com um homem. — foi a resposta de Lucy em voz igualmente baixa. Retorcia os extremos de seu comprido xale de encaixe.

Quem poderia as ouvir nesse canto afastado? Mas algumas coisas não deviam se dizer em voz alta.

—Sim, —admitiu Portia— mas não da forma que você pensa.

—Você disse que não queria se casar. —Lucy, ao repetir as palavras de Mark Knightson momentos antes, fez que um novo ataque de pranto afluísse.

Portia conseguiu evitá-lo.

—Juro que não sou tão chorona normalmente. É que não sei o que fazer!

—É pelo Sir Guy Symon? —aventurou Lucy— Continua a perseguindo?

Portia fez uma careta de desgosto com os lábios.

—Sim, mas isto não é por ele. —Suspirou e deixou descansar as mãos em seu colo. Como podia parecer tranqüila quando a terra tinha se aberto sob seus pés?

Respirou profundamente.

—Lucy, já conhece minha má reputação.

—Bom, agora Sir Guy diz que são tudo mentiras. — confirmou Lucy.

Portia fez um gesto de dor e assentiu.

—Sim, bom, pois verás, nem tudo são mentiras. —A olhou de esguelha— Quer que continue?

Lucy deu uns tapinhas em sua mão.

—Não passa nada, Portia. Já sei que a trataram muito mal.

—Isso resume o assunto muito bem. Digamos que tudo isso foi suficiente para que eu chegasse a desejar ser completamente independente com respeito aos homens.

—Sim, já havia me dito isso antes, embora eu siga me perguntando como conseguirá isso. —O cabelo loiro de Lucy brilhou com os raios de sol que se filtravam sobre suas cabeças.

—Eu também me pergunto isso. — admitiu Portia sem reservas e com um delicado encolhimento de ombros— E pensei que o senhor Knightson tinha me proporcionado a resposta.

—A resposta? Ele?

—Dá-me vergonha admiti-lo, mas me surpreendeu em um momento, bom, bastante incômodo, e se ofereceu para me ensinar... —Portia se interrompeu e lançou um olhar desesperado a Lucy— Temo que vou escandalizar você.

Lucy lhe fez um gesto para que continuasse.

—Me escandalize. Será uma agradável mudança dentro de minha aborrecida existência, e asseguro que guardarei o segredo.

Portia tragou saliva. Deveria ter perguntado a Lucy se estava segura disso antes de seguir com sua história, embora até o momento Lucy não tenha soltado nenhuma só palavra dos planos de futuro de Portia.

—Obrigada. —Portia voltou a tragar— O senhor Knightson me ofereceu a possibilidade de aprender como dar prazer a mim mesma.

Lucy se inclinou para a frente.

—Dar prazer a você mesma?

Portia mordeu o lábio e avaliou a sua amiga.

—A ensinarei, se quiser. Provoca umas sensações deliciosas.

—Como mamãe não tem planos de que me case, uma sensação deliciosa de vez em quando não me virá mau. —O sorriso de Lucy desapareceu— Mas o senhor Knightson lhe ensinou isso?

Portia assentiu.

—Oh, sim, foi uma estupidez por minha parte, sei, mas não pude resistir a uma oferta como essa e como ele tinha presenciado minha, já sabe, tentativa anterior, a barreira da intimidade se quebrou irremediavelmente.

—Assim que a ensinou... —Lucy conteve a respiração— E a tocou?

—Lucy, juro que não sei o que me embargou. Não podia lhe negar nada... Nada! Nunca tinha sentido assim antes: é como uma intoxicação, mas com multidão de coisas das que é plenamente consciente, não se trata de um ataque de inconsciência. É... Ele é... verdadeiramente delicioso. —Fez uma pausa para tomar fôlego— Ao menos até agora.

—E o que pede agora, tem que negar.

Portia assentiu e uma lágrima deslizou até a ponta de seu nariz.

—Conhece meus sentimentos quanto ao tema do matrimônio, assim não me propôs isso.

Estendeu a mão e agarrou com força as de Lucy.

—Quer que seja sua amante oficial. — disse Portia com a voz baixa e grave— Sua amante! Se atreveu...

Lucy inclinou a cabeça para um lado.

—Mas, não é isso o que está fazendo agora... ser sua amante?

Portia soltou sua mão e sacudiu a cabeça.

—Tínhamos um acordo: me daria aulas. —Inspirou com força para evitar voltar a chorar de novo— Mas as aulas terminaram, Lucy. Quer continuar com o resto como se não se tratasse mais que de ataques de luxúria.

—E o são?

Portia afundou os ombros e cobriu a rosto.

—Não sei. —soluçou— Realmente não sei. —Levantou o rosto úmida e se encontrou com o olhar sério de Lucy— Mais que luxúria é amor, não é verdade? Mas, se for amor, por que não me propôs matrimônio?

—Porque você não o quer. — respondeu Lucy com um breve sorriso— Por que um homem ia se expor assim a ser rechaçado?

Portia deixou cair a cabeça.

—Tem razão, é obvio. Inclusive talvez tivesse recusado se tivesse sido uma verdadeira proposta de matrimônio. Conheço cada parte de seu corpo, mas e ao

homem? Ao homem não conheço absolutamente. Como posso amar a um homem que é um mistério para mim, um homem no que todo mundo diz que não se pode confiar?

—Então é uma sorte que as aulas tenham acabado. —Lucy puxou Portia pelo braço— E você deve vê-lo assim. Ele é um homem perigoso, e muito, já que parece que está decidido a arruinar sua vida para sempre.

Portia fez uma careta.

—Lucy, sei que tem razão, mas meu coração, ou talvez minhas vísceras, querem seguir vendo-o, seguir com ele.

—Até o ponto de se converter em sua amante?

—Temo que sou um caso sem esperança. —Olhou a seu redor, ao prado escondido onde minúsculas margaridas salpicavam a erva, onde os ramos se inclinavam para lhes ocultar, e Portia se perguntou se ela realmente estava viva nesse momento.

Os braços de Lucy se fecharam sobre ela e Portia descobriu a calmante calidez de seu abraço.

—Não seja tão autodestrutiva. Seja forte, Portia.

Portia se agarrou a sua amiga e as lágrimas apareceram de novo.

—Tentarei! —soluçou— Estou tão contente de que não tenha me rechaçado, Lucy.

—Não o farei nunca, porque me deve algo.

—Eu te devo algo? —Portia se soltou do abraço, piscando para afastar as lágrimas ao ouvir o tom brincalhão de Lucy.

—Esse pequeno assunto de aprender a me dar prazer... —Lucy pareceu hesitar. Enxugando as últimas lágrimas, Portia sorriu.

—Quer que a ensine isso agora? —Olhou a seu redor, ao lugar em que estavam— Necessitaremos uma manta e algo que tenho que recolher em meu quarto.

O sorriso de Lucy acompanhou o retorno do bom ânimo de Portia.

—Eu agarrarei a manta. Se alguém me vir, ninguém duvidará de que seja para minha mãe.

—Excelente idéia. Nos vemos aqui?

—Logo que possa.

Portia, sem fôlego, encontrou Lucy já esperando-a. Estava sentada em uma manta xadrez verde musgo que tinha estendido junto a um tronco. Portia atirou primeiro seu porta-níqueis sobre ela e logo deitou também.

—Por onde começamos? —Lucy brincava com as dobras de seu vestido.

Portia lhe passou o livro que tinha tomado emprestado da biblioteca dos Barrington.

—Abre-o pela página quinhentos e vinte e três. Mostra a anatomia feminina, nossas partes mais íntimas.

Lucy colocou a cabeça no livro.

—Parece... um pouco complicado.

—Alguma vez teve sensações que saíssem daí?

—Eu... Não acredito.

O diagrama estava colorido com um suave rosa e uma linha azul mais escura marcava as veias que percorriam a zona. Portia assinalou a página.

—Isto é o clitóris. Se se tocar da maneira correta é a melhor parte para conseguir prazer.

—Isto não é por onde...? —Lucy agitou a mão, se ruborizando.

—Não, isso está mais abaixo. —Portia lhe assinalou a uretra— E este é o lugar pelo que o homem introduz seu membro. Podem se usar os dedos para imitar isso. Não é o mesmo, mas há um lugar...

Se interrompeu, olhando fixamente para Lucy. O decote de Lucy subia e descia em respirações curtas e rápidas e suas bochechas ainda estavam tintas de um brilho rosado.

—Lucy, talvez seja melhor que lhe mostre isso. —Se deteve mordendo o lábio— Terei que ver suas partes e você as minhas.

—Temos que tirar nossa roupa?

—Acredito que será suficiente subindo as saias até a cintura. E se alguém vem poderemos nos recompor facilmente.

Lucy se estremeceu.

—Alguém pode nos ver?

—Da casa, não. — disse Portia rapidamente para tranquilizá-la. As mãos de Lucy se retorceram em seu colo.

—Não temos que fazer isto se não quiser. — disse Portia brandamente— Podemos falar disso somente.

—Não, não. —A prega da saia de Lucy começou a subir— Quero sabê-lo. — Tragou saliva com dificuldade— Quero sentir essa maravilha.

Trocou de postura para que a maior parte de sua saia ficasse atrás dela, deixando à vista suas pálidas pernas. Uns cachos loiros apareceram no lugar onde se uniam suas coxas.

Portia também subiu as saias, se inclinou para trás e apoiou os ombros contra o tronco. Abriu as pernas, introduziu um dedo na boca e tocou o próprio clitóris. Nesse mesmo momento a calidez começou a se estender no meio de suas pernas e deu um suspiro de agradecimento.

—Eu... Acredito que não está funcionando. Vejo brilhos, mas não...

Portia levantou a cabeça para ver como Lucy se esfregava o clitóris.

—Talvez necessite um contato mais suave. Posso te tocar?

Lucy assentiu mordendo o lábio.

Portia se ajoelhou entre as pernas de sua amiga e lhe abriu os lábios do sexo. Não havia mais que uma leve umidade e a zona que rodeava o clitóris de Lucy estava avermelhada. As coxas de Lucy tremiam e estavam tensas.

—Relaxe, Lucy. Não passará nada a não ser que você relaxe. —Portia se aproximou e lambeu o clitóris de Lucy, provando.

Lucy soltou uma exclamação e se retorceu.

—Oh! O que foi isso? Faz de novo!

Sorrindo, Portia voltou a se aproximar e passou outra vez sua língua sobre o clitóris de Lucy. Teve que segurar firmemente os quadris dela para evitar que a pélvis de Lucy lhe golpeasse no nariz.

Lucy balbuciou algo entre gemidos e gritinhos. Seu corpo se agitava cada vez que a língua tocava seus clitóris e as fossas nasais de Portia se encheram com o almiscarado aroma da excitação de Lucy. O pé de Lucy, calçado com uma bota, golpeou-a nas costelas.

Portia grunhiu e se sentou de repente.

Lucy ficou deitada um momento, ofegando, antes de levantar cansativamente a cabeça.

—Estava tão perto, —se queixou— por que parou?

Portia sorriu, desfrutando da frustração de sua amiga.

—Me esqueci de dizer três coisas: a primeira é que recorde isto, porque as lembranças a ajudarão a se dar prazer quando estiver sozinha. Talvez devesse imaginar que eu sou um homem que está entre suas pernas.

Lucy tragou saliva.

—Talvez.

Portia notou algo mais de calor nas bochechas.

—Outra coisa é que atrasar todo o possível a liberação final faz que esta seja maior. Não se apresse para consegui-la, a menos que saiba que terá pouco tempo a sós.

—Recordarei isso. — respondeu Lucy, se apoiando sobre os cotovelos.

—E a terceira é que é melhor que tire suas botas!

Lucy riu e se agachou para realizar a tarefa, mas levantou o olhar para perguntar.

—Como é? Me tocar assim, com a boca.

O rubor de Portia se acentuou e agachou a cabeça com a desculpa de tirar as botas também.

—É quente e úmido... Agora está muito úmida, sabe? E o aroma é... bom, excitante.

—Posso provar? —perguntou Lucy se endireitando e envolvendo os joelhos com os braços— Com você?

—Comigo? —Portia conteve a respiração e assentiu— Vejamos quanto você aprendeu... —se deitou e fechou os olhos. Sentiu que Lucy se movia entre suas pernas e o roce do ar quente contra seus cachos escuros.

—Você está muito úmida. —observou Lucy em um tom que teria parecido quase desenvolto se um tremor não a tivesse traído.

Portia apertou as pálpebras ao sentir o primeiro contato da língua e suspirou. Lucy apenas a teria saboreado; seu contato tinha sido muito leve.

O seguinte foi mais intenso e o seguinte.

—Sim, —ofegou Portia— sim, sim. Isso.

O calor erótico começou a correr por suas veias a enchendo de uma necessidade crescente da liberação que estava por vir. Soluçou e tentou se manter quieta para facilitar para Lucy, mas não o conseguiu.

—Oh, para, para. —suplicou Portia.

Lucy se apartou rapidamente.

—O que acontece? O que tenho feito mal?

Portia se sentou.

—Nada. —disse entre ofegos— Mas é você quem necessita essa liberação e não eu.

Ficou olhando o queixo de Lucy, que brilhava por seus fluidos sexuais. Abriu os olhos de par em par e viu que Lucy também se detinha em olhá-la. Portia se aproximou e beijou o queixo de Lucy. Depois seus lábios se deslizaram até lhe cobrir a boca.

Lucy lhe devolveu o beijo e envolveu o pescoço de Portia com os braços. Portia pôde notar seu sabor e o de Lucy mesclados e sentiu que uma quebra de onda de desejo subia desde o meio de suas pernas.

Deixou de beijá-la e se separou. Ambas ficaram sentadas, ofegando. Portia estendeu as mãos e mediu para desatar o vestido de Lucy e afrouxar o sutiã. O tirou e os seios pequenos e brancos de Lucy ficaram ao descoberto.

—Outra forma de se dar prazer é brincar com os seios. —Portia lhe mostrou como, tentando ignorar Lucy, que se mantinha em silêncio com os olhos como pratos. Colocou a palma da mão sobre o seio de Lucy e logo foi apartando até que só ficaram seus dedos lhe rodeando o mamilo. Apertou-o com muita suavidade e o puxou um pouco.

—Aí está. —sussurrou— Assim. Se deite e se toque assim. Quero te saborear um pouco mais.

Deixando escapar um sutil suspiro, Lucy obedeceu e abriu as pernas outra vez. Portia se agachou entre elas e passou sua língua pelo pequeno clitóris inchado de Lucy.

Logo foi baixando, deslizando a língua por toda a extensão da fenda de Lucy e enterrando-a, ao fim, em seu interior. Girou a língua por toda a circunferência da flexível entrada e voltou pelo mesmo caminho até terminar onde tinha começado, no clitóris de Lucy.

—Não poderíamos...? —A mesma Lucy se interrompeu com um suave gritinho quando a língua de Portia alcançou seus clitóris de novo— Não poderíamos nos fazer isto uma à outra ao mesmo tempo?

Portia levantou a cabeça e viu os mamilos de Lucy, duros e vermelhos, apontando para o céu. Os dedos de Lucy seguiam trabalhando com eles. Portia

deixou que seu dedo se deslizesse pelo sexo úmido de Lucy, estimulando a entrada com a ponta.

—Os vestidos nos incomodarão.

—Vamos tentar. —suplicou Lucy— Por favor...

Portia se voltou, se colocando de quatro sobre Lucy e tirando as saias do meio. Puxou as fitas de seu sutiã e deixou seus seios ao ar também, quentes e pesados. O ar fresco os acariciou, fazendo que seus mamilos ficassem ainda mais duros.

Baixou seu corpo para que ficasse mais perto do rosto de Lucy. Sentiu que as pontas dos dedos de Lucy se afundavam em seus quadris e, seguidamente, o primeiro contato da língua contra seus clitóris.

Portia grunhiu e se inclinou para imitá-la, lambendo e chupando o clitóris de Lucy. Se estremecia de cima abaixo graças ao trabalho da língua de Lucy, que não deixava sem atenção nenhuma parte de seu sexo. Portia fez o mesmo; as exclamações de ambas ficavam amortecidas pelo sexo da outra.

Aquilo era como estar na glória e Portia sentiu que se aproximava do clímax.

—Lucy. —suplicou, colocando um pouco um dedo no interior de sua amiga— Me coloque um dedo, Lucy.

E gemeu quando Lucy introduziu um dedo com uma lentidão insuportável.

—Outro —voltou a suplicar— e me faça isto. —Portia utilizou dois dedos para empurrar um pouco dentro de Lucy. Não os introduziu muito, já que temia danificar a virgindade de Lucy.

Lucy obedeceu, mas seus dedos eram pequenos e não a enchiam como ela queria. Se remexeu contra o corpo de Lucy, tratando de conseguir o que pretendia.

A liberação a rondava, atormentava-a com sua proximidade. Portia tinha o corpo tão tenso que pensou que ia explodir.

Lucy apartou o rosto de seu sexo e gritou. Seu corpo ficou rígido e logo se retorceu sob o de Portia. Esta seguiu lambendo e chupando seus clitóris até que a liberação de Lucy perdeu intensidade.

Portia se separou dela e voltou a cabeça para olhar a sua amiga.

—Chegou ao clímax? Alcançou essa liberação?

Lucy jazia sem forças sobre a manta. Sorriu a Portia e estendeu a mão para agarrar a dela.

—Oh, sim. —ofegou— Foi maravilhoso, maravilhoso.

—Me alegro. —Portia se inclinou para beijá-la levemente na bochecha— Ao menos algo bom saiu de todo este assunto.

—E você? pode...? —Lucy procurava as palavras— Alcançou o clímax?

—Não. — teve que admitir Portia— Mas fiquei muito perto. —A expressão decepcionada de Lucy foi como uma punhalada no coração de Portia— Tenho uma coisa mais que te ensinar. —disse, e agarrou seu porta-níqueis.

Lucy tratou de se endireitar, mas jogou as mãos à cabeça.

—Sinto-me enjoada. —murmurou.

Portia sorriu.

—Isso ocorre. —Tirou do porta-níqueis o consolador que Mark lhe tinha dado— Aqui está. É a réplica do membro de um homem. Se usa como eles fazem, mas não pode te deixar grávida.

O passou a Lucy, que o tocou com respeito.

—Mas é muito grande!

—Entra bem. Bom, —se corrigiu Portia— entra em mim, que já perdi a virgindade. Não sei se te entrará de tudo; possivelmente melhor só a ponta. — disse e envolveu com os dedos a cabeça do consolador.

—Quer... quer que lhe coloque isso? —perguntou Lucy.

Portia deu um coice.

—Faria isso?

—Depois do que acaba de me dar, Portia, é o menos que posso fazer. — Recolheu o suave lenço de seda que tinha ficado a um lado e atou o consolador no meio das pernas— E se me atar isso assim?

Levou-lhes uns minutos e algumas tentativas extravagantes, mas o conseguiram.

—Me ensine como... —disse Lucy entre ofegos— como se deitam juntos um homem e uma mulher.

—Há muitas formas diferentes.

Lucy lhe acariciou a bochecha.

—Me ensine alguma.

Portia se tombou e estendeu os braços.

—Venha, se deite em cima de mim e entre minhas pernas. —O consolador que Lucy levava pendurava estranhamente entre elas.

Olhando fixamente para Lucy, cujo rosto estava muito perto, Portia se deu conta de que lhe acelerava a respiração.

—Tem que colocar o consolador em um ângulo de forma que possa entrar dentro de mim.

Ambas tiveram que colaborar, mas logo conseguiram dirigi-lo para sua entrada.

—Agora, empurra contra mim com os quadris.

Portia gemeu ao sentir que o consolador se afundava nela.

—Dói? —O rosto de Lucy estava cheia de preocupação.

—Não. —Sorriu Portia— Ao perder a virgindade dói, um pouco. —Ofegou— Segue para dentro, mais dentro.

Seus quadris se juntaram e suas saias se emaranharam a seu redor.

—OH, sim. —As paredes da abertura de Portia apertaram com força o objeto imóvel em seu interior, mas não era suficiente— Lucy, recorda como empurrava dentro de mim com os dedos?

Lucy não necessitou que lhe desse mais instruções. Tirou o consolador quase de tudo e logo voltou a empurrar para dentro.

Portia se agarrou aos quadris de Lucy sem deixar de gemer enquanto Lucy a enchia de novo. E outra vez. Portia sentiu que a liberação se aproximava de novo; a

cabeça lhe dava voltas e sua mente se afastou de tudo o que as rodeava, se concentrando no fogo que ardia em seu sexo.

Sem prévio aviso, Portia abraçou Lucy com força e rodou para se colocar sobre ela.

—Outra postura? —perguntou Lucy.

Portia assentiu, embora sua cabeça já pendurava para trás. Nessa postura podia introduzir o consolador mais profundamente. Assim tinha o controle. E começou a foder com o consolador, subindo e baixando seu corpo. Tocou-se os seios, fazendo que estes também ardessem, sem deixar de subir e baixar sobre o pequeno corpo de Lucy, com o enorme consolador profundamente dentro dela.

Gemeu. Perto, tão perto.

Olhou para baixo e viu que Lucy tinha imitado seus movimentos e que agora seus mamilos estavam dilatados e duros.

Portia colocou a mão entre suas pernas e sentiu como o consolador entrava e saía dela antes de encontrar o clitóris de Lucy. Ficou a estimular o botão duro, fazendo círculos com os quadris para variar a pressão e intensificá-la.

Lucy gritou.

—Oh, Portia. Isso...

Não precisava que o dissesse, Portia sentiu que a cabeça lhe pulsava pela liberação e que todos seus sentidos exploravam. Se deixou cair sobre o consolador, apertando tão forte que chegou a lhe doer.

Chiou e ouviu o grito de Lucy, que acompanhava fracamente ao dela. Se derrubou sobre sua amiga.

Lutando por respirar, apartou seu corpo do duro objeto e rodou para se colocar ao lado de Lucy. Uniram suas mãos, olhando para cima, às bolinhas de luz que se filtravam entre as folhas de faia.

—Portia... —disse Lucy por fim— Nunca teria esperado alcançar a liberação duas vezes!

Tampouco Portia o esperava. Sossegou a breve pontada de ciúmes.

—Estou tão contente de te ter ensinado, Lucy. E se tivesse passado o resto de sua vida sem saber que existia essa intensidade e que você podia se proporcionar isso, será suficiente para você?

—Oh, sim. —respondeu Lucy, o ardor ressoava claramente em sua voz— Este presente faz que o passar do tempo pareça que pode ser mais prazeroso.

—Cuidando de sua mãe? —Portia bufou— Não estou segura de que isto possa te aliviar disso, mas me alegro de que encontre algo de prazer em sua vida. —Apertou a mão de Lucy— Temos que nos levantar e voltar para a casa antes que alguém saia para nos buscar.

Lucy se sentou com uma mão na cabeça.

—Não podemos ficar deitadas um pouco mais?

—Não deveríamos. Fica melhor dentro de um momento. —Portia se levantou e colocou o vestido como pôde.

Lucy se deu por aludida e foi em sua ajuda, puxando as últimas fitas. Depois Portia ajudou Lucy e quando ambas conseguiram recuperar as forquilhas e voltar a se pentear com as singelas caudas de cavalo com as que tinham começado, suas respirações já tinham voltado para a normalidade.

Portia examinou Lucy.

—Já está. Um pouco enrugada, mas isso não deveria chamar a atenção dado que estivemos percorrendo os bosques.

—Isso é o que vamos contar?

Portia assentiu.

Lucy se aproximou e fez uma careta com os lábios.

—Um último beijo?

Portia a agarrou pelos ombros e a manteve a distância.

—Melhor que não. Se nos acostumarmos a nos dar amostras de carinho, os outros podem suspeitar.

—Que suspeitem. —murmurou Lucy.

Portia não disse nada, rezando para que o entendesse. Tinha desfrutado do episódio com Lucy, mas era em Mark que pensava e era o pênis de Mark que imaginou entrando e saindo dela.

Lucy suspirou.

—É por ele, não é?

Portia assentiu e se agachou para recolher a manta.

—Não sei o que vai passar quando o vir esta noite.

—Não deveria ir. Em minha opinião, passou no exame com acréscimo. Merece um sobressalente.

Portia sorriu, segurando a manta e o porta-níqueis com o consolador. Teria que lavá-lo e secá-lo antes dessa noite.

—Obrigado, mas já temos que ir.

Lucy agarrou a manta das mãos de Portia e pôs seu braço sobre o dela.

—Ama-o, verdade?

—Não sei. —respondeu Portia. Com quem podia ser sincera se não com Lucy?— Não sei se é amor ou sexo. Faz com que me sinta viva, isso é tudo o que sei.

Deixaram atrás o pequeno bosque e atalharam pela ampla extensão verde que havia na frente da casa.

—Não posso te deter, —disse Lucy— mas tome cuidado, Portia. Sentiria muito perder nossa amizade agora.

Portia apertou um pouco o braço de sua amiga.

—Eu também.

O tinha rechaçado?

As mulheres eram um mistério que nunca entenderia. Mark golpeou com força as luvas contra sua coxa, mas inclusive essa pontada de dor não conseguiu mitigar seu aborrecimento.

Tinha lhe apresentado a solução óbvia, inclusive tinha tido em conta seus malditos sentimentos enquanto o considerava, e assim era como o pagava? O rechaçando?

Ela não queria se casar, ele tampouco, mas, Por Deus, não podia ver quanto a desejava? Cada vez que estavam perto ficava sem fôlego ante esse ligeiro toque que despidia seu aroma. Juraria que a maior parte do tempo simplesmente imaginava o aroma.

Tinha lhe faltado grandemente força de vontade nos momentos em que tinha que lhe dar aulas de autosatisfação. Um olhar a essas bochechas rosadas, esses seios bicudos, somente ouvir esses suspiros e esses gemidos reprimidos, e sua anatomia ficava mais dura do que tinha estado em sua vida.

Ele sabia que a afetava da mesma forma. Todas as vezes que haviam fodido, seu sexo úmido o tinha aceito com avidez e o tinha ordenhado até que se derramasse em seu interior.

Demônios. E se a tinha deixado grávida? Não era próprio dele ser tão descuidado.

Mark caminhou sem ser visto pela casa e escapou para o jardim. Se se convertia em pai... Faria o mesmo que o seu e hesitaria na hora de reconhecer o menino? Ver Portia grávida mataria todo o desejo que sentia por ela?

Sua brilhante (embora rechaçada) solução incluía estabelecê-la com a independência que ela desejava uma vez que ele se cansasse dela, o que acabaria passando quando ela ficasse grávida.

Com certeza?

Mordeu-se o lábio enquanto escutava o som de suas botas esmagando a erva de uma vez que soava o canto dos pássaros.

Pensou em Portia, enorme, levando em seu interior um filho, seu filho, e lhe retorceram as vísceras. Quase rompeu seu coração da dor. Não poderia deixá-la, abandoná-la.

Ou sim poderia?

Já tinha quebrado sua regra de ouro uma vez, realmente esperava que esse desejo durasse algo mais que uns poucos meses, ficasse Portia grávida ou não?

Se encarregaria dela, decidiu. Se asseguraria de que não acabasse em algum albergue para indigentes com um bastardo repudiado. Qualquer filho seu merecia ser amado.

Tudo o que ele não foi.

Mas como conseguir isso?

Coçou a cabeça enquanto tomava um atalho que o levava até os belos bosques que rodeavam o amplo prado de Willowhill Hall.

Portia teria que lhe dizer que sim, tinha que fazê-lo. Tinha que se dar conta de que tinha encontrado a melhor solução para os dois, uma que faria fácil a separação quando indevidamente chegasse. Uma que a mataria a salvo.

Um suave gemido fez com que ficasse congelado no lugar que estava. Um suspiro feminino soou de novo com uma urgência maior.

Se aproximou com cuidado, notando-se para não escorregar com um pau ou uma folha podre. O atalho se abria para formar um pequeno espaço.

Mark ficou de cócoras e seus olhos não puderam acreditar o que viam.

Portia, sua Portia! Copulando com a mais velhas das garotas Chalcroft! Com as saias pela cintura, ambas as mulheres jaziam entrelaçadas com as bocas pegas ao sexo palpitante da outra.

Deus Santo.

Mark esqueceu de respirar. Por isso Portia o tinha rechaçado, porque tinha desenvolvido afeto pela garota Chalcroft? Podia ser que Portia desejasse a ela mais que a ele?

Sua garganta se fechou e lhe resultava impossível respirar. Tinha que sair dali.

Mark voltou para seu caminho, silencioso como um caçador, e abandonou os bosques caminhando de volta para a casa, ainda mais perturbado que quando saiu.

Capítulo 12

Muito poucas coisas escapavam ao duque de Winterton. Presenciou como a senhorita Chalcroft interceptava à senhorita Carew na parte superior das escadas. O leve som dos pés femininos o alertou de que havia uma certa desarmonia na casa.

E observou sem ser visto como a senhorita Chalcroft tirava a chorosa senhorita Carew da casa. Fosse qual fosse o segredo da senhorita Carew, se asseguravam de que ninguém as ouvisse por acaso.

Um velho tem que ter seus pequenos prazeres.

Deixou escapar o ar lentamente e se aproximou de uma janela de onde pôde ver as mulheres cruzarem o prado. Não ia se inteirar de nada.

Uns novos passos sobre o magnífico chão de parquet dos Barrington fizeram que sua atenção voltasse para a casa. Pôde ver brevemente o rosto do senhor Knightson, escuro como uma noite de tormenta, quando o homem passou como um furacão para sair pela porta.

No momento seguinte, um novo movimento nos confins do pequeno bosque o avisou da volta das mulheres.

Não sabia o que a senhorita Chalcroft tinha feito, mas a senhorita Carew parecia muito recuperada. Ambas pareciam entusiasmadas, inclusive. Que curioso.

O duque se serviu um pouco de chá. Já quase apegado à idéia de mandar a seu filho mais novo longe de Willowhill Hall. O menino ameaçava destruir a reputação dos Winterton e abandonar tudo o que lhe tinha inculcado desde menino sobre a discrição, embora não pudesse dar muito crédito à ameaça do menino de raptar à senhorita Carew. Essa mulher tinha suficiente guelra para pôr ao menino em seu lugar.

O que está acontecendo agora? O duque posou sua xícara de chá no pires enquanto olhava pela janela. A senhorita Chalcroft caminhava decidida com uma manta sob o braço; uns momentos depois, a senhorita Carew apareceu levando um porta-níqueis bastante cheio. Que curioso.

Colocou a valiosa porcelana de lady Barrington na mesa auxiliar com uma elegância totalmente inconsciente, mas sem afastar a vista das duas mulheres. Um picnic improvisado ... ou algo mais?

Ao fim Willowhill Hall lhe proporcionava um pouco de diversão. Agarrou sua cartola, afastada atrás de seu passeio matutino, e saiu atrás delas.

Sacudiu sua negra bengala de ébano para a frente sem nenhum esforço. Observou que o senhor Knightson seguia no exterior, caminhando pelo extremo mais afastado do prado.

Quando alcançou o pequeno bosque no qual as mulheres tinham estendido a manta, elas já tinham começado. Os olhos quase lhe saíram das órbitas. Sabia da intensidade da paixão da senhorita Carew, mas não tinha nem idéia de que a senhorita Chalcroft a compartilhasse.

Tragou saliva olhando a seu redor em busca de um lugar mais cômodo onde se esconder que ali, no meio do atalho. Pôde ver um pequeno caminho similar que se bifurcava para um lado e, depois de uns momentos caminhando com cautela para não ser ouvido, acomodou seus velhos ossos atrás de uma tela de arbustos e samambaias.

O teria agradado ter algo mais cômodo onde se sentar que as abas de sua jaqueta, mas o arco que formavam as samambaias lhe proporcionava a visão de duas mulheres copulando e logo esqueceu seu desconforto.

O traseiro da senhorita Carew se retorcia pela excitação enquanto se aplicava em lambar o sexo da senhorita Chalcroft. Depois intercambiaram os lugares. Oh, céus.

As calças tensas começaram a lhe apertar a sexo e Winterton roçou seu pênis apanhado com a mão. A senhorita Carew suplicou à senhorita Chalcroft que se detivesse. Podia ouvir quase cada palavra, já que o lugar onde estava lhe proporcionava uma posição excelente para espiar.

As mulheres se beijaram. Winterton conteve a respiração e acreditou que seu coração lhe parava. Seu olhar não se apartava nem por um momento do bosque e temeu voltar a tocar o pênis no caso de que isso o fizesse gozar antes que terminasse a sessão de sexo.

Quando a senhorita Carew tirou o consolador, Winterton desabotoou as calças e liberou seu membro. Viu como ambas as mulheres criavam um arnês para segurar o consolador e o atavam ao redor dos finos quadris da senhorita Chalcroft.

Deitaram juntas, a senhorita Carew gemendo enquanto a senhorita Chalcroft lhe colocava o consolador. Fechou a mão ao redor de seu pênis e o acariciou seguindo as inexperientes investidas da senhorita Chalcroft.

Quando a impertinente senhorita Carew rodou para pôr à senhorita Chalcroft sob seu corpo, ele se acomodou ao ritmo que se acelerava. Oh, céus, céus!

Winterton mordeu o lábio ao ver como o sêmen saía disparado de seu pênis. Com mão trêmula voltou a guardar seu pênis flácido e abotoou as calças.

Oh, céus. Se pudesse ver essas mulheres praticando esse entretenimento pessoal sempre que quisesse... A senhorita Carew ficava fora de seu controle, mas a senhorita Chalcroft...

As mulheres jaziam exaustas sobre a manta. Winterton pôde ouvi-las falar e se inteirou da rápida sucessão dos orgasmos de Lucy e de seu destino, difícil de aceitar, como acompanhante de sua mãe.

Esperou até que ambas se fossem e se levantou do lugar onde estava agachado. Grunhiu pela agonia do rangido de seus ossos e o protesto de seus músculos. Estava ficando muito velho para isso.

Da próxima vez, observaria comodamente.

Depois de se arrumar, Portia se uniu aos hóspedes que se congregaram para jantar. Lucy lhe sorriu de onde estava sentada junto a sua mãe. Estava muito bonita, seu rosto brilhava.

Essa é a aparência que eu tenho depois do sexo? Portia se perguntou unindo-se ao círculo exterior do grupo. Como era impossível falar com Lucy, não queria falar com ninguém.

Especialmente com seu companheiro de mesa, Knightson.

—Senhorita Carew? —se inclinou ante ela e lhe ofereceu seu braço para acompanhar à mesa. Sua voz, tranqüila e educada, só mostrava a calidez de um estranho, quer dizer, nenhuma.

Entraram na sala de jantar e ela o olhou. Suas feições duras e imóveis não mostravam nenhuma emoção, e inclusive seus olhos não eram mais que lagos de gelo. Não sorria a ela, mas tampouco a ninguém mais.

Sir Guy compartilhava o humor sombrio de Knightson e não deixava de olhá-los, a ela e a Knightson. Portia franziu o cenho. Se Sir Guy tinha detectado uma conexão, podia utilizá-la em seu benefício. Que não parecesse se dar conta da rígida frieza entre ela e Knightson podia não ser mais que uma estranha bênção.

Lady Cecily não tinha olhos para ninguém mais que para Knightson, e sua acuidade quanto à linguagem corporal parecia superar em muito a de Sir Guy, porque dedicou a Portia um olhar triunfante antes de se concentrar na conversação com as pessoas que a rodeavam.

Freddy Barrington conseguiu manter sua parte da conversação. Tentava falar por cima das pessoas que havia entre ele e a senhorita Sophia para cercar uma conversação com ela, uma necessidade desesperada se desenhava em seu rosto.

Sophia se ruborizava e flertava, e não parecia se importar quão difícil resultava transmitir seus sentimentos por cima de outros dois casais.

O duque de Winterton assentiu em resposta à conversação da cabeceira da mesa, mas não parecia ele mesmo, ensimesmado como estava em seus pensamentos. Seu olhar encontrou o de Portia uma ou duas vezes e recebeu um gesto de reconhecimento, mas nada mais. Seus olhos pousavam com freqüência na senhorita Chalcroft, mas Portia se perguntava se realmente via Lucy, dada sua expressão ausente.

O jovem Winterton olhava sua sopa com ar ressentido, deixando que a mãe de Portia se arrumasse sozinha. O que, por outra parte, ela fazia com grande habilidade, se inundando na animada conversação que lady Barrington liderava, sem dúvida desesperada por evitar o absoluto silêncio que se abatia sobre a mesa.

Depois de um jantar bastante tenso, as mulheres fugiram para o salão adjacente. Lady Barrington serviu o chá e pediu a Lucy que passasse as xícaras.

Lucy agarrou as duas últimas xícaras e se sentou junto a Portia perto da chaminé. Portia levantou o olhar que tinha concentrado nas chamas tremulantes e aceitou a xícara de chá.

—Agora que posso pensar de novo, —começou Lucy em voz baixa— quero saber por que quer que Knightson te faça a proposta. Você não quer se casar.

—Já disse que não sei. —Portia suavizou seu tom brusco e repentino— Sinto muito, Lucy, mas não pude pensar em outra coisa. Não quero me casar porque sei que me utilizarão, como Sir Guy me utilizou, e logo me abandonarão para que cuide do herdeiro e as reservas enquanto meu marido se vai por aí e busca uma nova amante. Prefiro ficar sozinha, de verdade; prefiro isso a viver com a hipocrisia de um matrimônio assim. Não acredito que haja um homem sobre a terra que possa me ser fiel, nem sequer Knightson.

—E então? —inquiriu Lucy.

—Pode parecer tolo, mas este tempo ele tomou coisas, mas também deu. Inclusive sua proposta para que me converta em sua... —A voz de Portia se apagou e ela olhou nervosamente às outras mulheres. De todas elas, só lady Cecily se inclinava para elas, tentando ouvir sua conversação em sussurros.

—Inclusive sua proposta para que me converta em sua... sua amante oficial está cheia de carinho. Prometeu se preocupar e cuidar de mim uma vez se cansasse.

—Me parece uma horrível forma de encarar a situação. —Lucy franziu os lábios— Quero me deitar com você, mas vou deixar você para depois.

—É prático. —argumentou Portia. Agora ficava a defender ao canalha?

—Mas pode confiar em que logo mantenha o que diz?

—Disse que poria tudo por escrito em um documento legal.

—E se logo a renega?

Portia ficou olhando a sua amiga, espantada.

—Lucy, ele é um cavalheiro! Nunca renegaria sua palavra.

Lucy se retorceu da risada.

—Oh, Portia. A verdade é que está apaixonada por ele.

—Não. —A negativa em voz baixa de Portia era sincera.

—Temo que é certo. —disse Lucy lhe dando tapinhas no braço— Agora deve escolher entre seguir esse amor e arriscar tudo ou me afastar dele neste momento. Não vá ao encontro dele esta noite. Não se exponha a isso.

Não ir ao encontro?

—Não posso sair fugindo. Tem razão, tenho que terminar com isto. Melhor lhe dar a resposta esta noite que me ver forçada a fazê-lo em outro lugar e em outro momento que não tenhamos escolhido. —Agora foi a vez de Portia de agarrar a mão de Lucy— Compreende?

—Ou é o paradigma da descrição. —suspirou Lucy— Ou uma estúpida.

Portia aceitou o golpe com um sorriso.

—Lucy! —A senhora Chalcroft a chamava, fazendo gestos à garota.

Lucy voltou a suspirar, mais profundamente desta vez, mas se levantou e deixou Portia a sós, em comunhão com as chamas.

Pouco depois daquilo os homens entraram, todos eles muito alegres à exceção do jovem Winterton. Se mesclaram com as mulheres e Sir Guy ocupou o lugar que tinha Lucy deixado junto a Portia.

—Querida, por que está tão taciturna? —Pôs a mão sobre seu joelho.

Portia afastou a perna.

—É você é quem me põe assim —mentiu.

—Eu? —Sir Guy colocou a mão ofensora sobre o coração— Será que está se arrependendo de ter rechaçado minha oferta?

—Absolutamente. —Portia não se dignou a olhá-lo e seguiu com a vista fixa no fogo.

—Portia, querida, suponho que está muito impactada pela aparição de Knightson na biblioteca hoje. Esse inculto a deixou de lado?

—Sir Guy, deixe essas tentativas rasteiras. Pode fazer insinuações com qualquer dos homens aqui presente, mas eu não lhe direi nada. —se voltou para olhá-lo e o encontrou mais perto do que gostaria. Não se atreveu a ampliar essa distancia— Por tudo o que você sabe, pode dizer que meus gostos têm caído tão baixo para desfrutar da companhia dos lacaios.

Sir Guy soltou uma gargalhada.

—Seus gostos nunca cairão tão baixo, querida.

Os lábios de Portia se curvaram.

—E por que não? Caíram até o ponto de incluir a você.

Agarrou-a pela parte superior do braço e a puxou para si.

— Puta desavergonhada. — grunhiu entre dentes.

Uma sombra se abateu sobre eles.

—Tenho que lhe pedir que não trate assim à senhorita Carew. —O jovem Winterton estava diante deles, seu rosto invadido pela ira.

—E por que não? —inquiriu Sir Guy sem soltar a sua presa - Ouvi que você tem feito coisas piores.

—E pedi desculpas por elas. —respondeu o jovem Winterton— Fiz mau. A senhorita Carew é uma deusa e não permitirei que a trate desta forma.

Sir Guy riu e Portia tragou saliva.

—Uma deusa? Você não é mais que um menino se realmente pensa isso.

O jovem Winterton estufou o peito.

—Sou um homem, senhor e se o duvidar sugiro que se encontre comigo no prado ao amanhecer, amanhã. As pistolas lhe parecem bem?

Lady Barrington deixou escapar um guincho que se uniu ao de Portia.

—Não o permitirei! —Portia ficou de pé, escapando de Sir Guy e agarrando Winterton pelo cotovelo. Se voltou para olhar a Sir Guy, que ainda ria deles— Sir Guy Symon, se tiver o mínimo de decência, se desculpará ante nós dois.

—Eu apóio essa sugestão. —Foi o duque de Winterton quem falou, levantando a voz sem se mover de sua posição no sofá junto à senhora Chalcroft— Já desprezou à senhorita Carew uma vez, Sir Guy. Não o aconselho que o faça de novo, porque senão, eu também terei que me encontrar com você fora destas paredes.

—E eu também. —disse Freddy, ignorando o cenho franzido da senhorita Sophia— A senhorita Carew é uma boa garota e Gareth é um tipo educado.

Sob a pressão que aplicava todo o grupo (Knightson murmurou algo também, junto com outros), Sir Guy não teve outro remédio que se desculpar. Fez uma reverência elegante ante Portia.

—Querida, é sua beleza o que me priva de toda forma delicada de conversação. Por favor, me desculpe. —Fez outra reverência, algo menos pronunciada— E você também, Winterton.

Sem esperar a que nenhum dos dois aceitasse as desculpas, Sir Guy se afastou em direção a lady Barrington e a reverência desta vez foi mais florida.

—Me perdoe, milady, por perturbar sua noitada. Temo que consumi muito brandy.

—Então será melhor que se retire já. —disse lady Barrington com um tom de voz gélido.

Sir Guy voltou a se inclinar e abandonou a sala.

A tensão se reduziu em sua ausência. Portia se voltou para Gareth Winterton a quem ainda segurava pela manga de sua jaqueta.

—Como posso o agradecer?

Um olhar risonho iluminou suas feições.

—Me ocorrem muitas maneiras. —murmurou. O sorriso pícaro desapareceu— Não tem que me agradecer isso senhorita Carew. Só cumpri com meu dever de cavalheiro. —E tomou a mão, a levou aos lábios e beijou o dorso. Junto a esta, sussurrou— Meu pai não o permitirá.

—Sei. — foi seu sussurro de resposta, e lhe apertou a mão para transmitir compreensão. Não tinha nenhum desejo de se casar com o jovem Winterton, nem com o velho, mas não podia evitar sentir lástima pelo menino.

—Por que não me acompanha para jogar uma mão de whist? —perguntou o jovem Winterton.

—É obvio.

Olhou de esguelha para Knightson, que estava preso em uma conversação com lorde Barrington, com quem tinha passado toda a noite entre risadas. Freddy Barrington e a senhorita Sophia se uniram a eles e se dedicaram a uma partida animada e ruidosa.

Necessitava. Riu ao ver a expressão melancólica de Winterton quando perdiam alguma ou outra mão e gritou de alegria pelo triunfo quando venceram a Freddy e a Sophia.

Quase os últimos em abandonar o salão e com Lucy se fazendo de carabina ao fim deixaram a mesa de jogo. Ainda rindo por sua última vitória, Freddy e Sophia subiram as escadas na frente dos outros e quando Freddy pediu um beijo ao chegar à parte mais alta, Portia o animou de uma vez que outros.

O jovem Winterton a agarrou pela cintura e lhe deu um breve abraço com uma só mão antes de deixá-la ir.

Quando chegaram acima fez a Lucy e a Portia uma reverência formal e se encaminhou a seu quarto sem uma palavra.

Apesar do rosto alegre de Lucy, o terror se apoderou de Portia. Knightson já estaria esperando-a? Estava realmente preparada para se ver catapultada à infâmia? Para abandonar o último vestígio de respeitabilidade?

Estremeceu durante o breve abraço de compreensão de Lucy e se meteu em seu quarto.

Sua donzela a despiu e, finalmente, deixou-a em paz. Se sentou diante do espelho da penteadeira e se observou. O que poderia lhe responder que não fosse «não»?

Como ia fazer outra coisa? Apesar de seus ares despreocupados dessa noite, ela tinha sido consciente em todo momento da perturbadora presença que permanecia em segundo plano. Fazia todo o possível para esquecer que estava ali e quase o tinha conseguido.

Desejava-o. Não podia negá-lo. E não queria que essa noite fosse a última com ele.

Mas deixar tudo?

Sem ter clara a resposta ainda, foi subindo as escadas até que o estreito oco da escada se abriu para dar espaço ao telhado. Se não tivesse sido companheira de jogos ocasional de Freddy, nunca teria encontrado esse lugar.

Rodeou uma chaminé e ali estava Knightson.

Tinha estendido mantas listradas de vermelhos e azuis sobre o liso chão e tinha acendido grande quantidade de velas. O telhado transbordava luminosidade.

Knightson não levava nada mais que uma bata da qual a luz das velas arrancava bonitos reflexos carmesins. O pescoço e as lapelas eram de veludo negro e Portia, quando se aproximou, desejou acariciá-los com as mãos.

Lhe fez um gesto para que se sentasse na manta. Ela se envolveu mais em sua bata de seda e se sentou no chão, colocando as pernas sob seu corpo.

—Reconsiderou sua decisão? —De seu rosto, em sua maior parte em sombras, ela só via o plano de uma das bochechas e a protuberância do queixo.

—Pensei, mas não mudei de opinião. —Tentou manter a voz firme e fria, mas lhe tremeu um pouco no final. Que outra coisa podia lhe responder? O instinto de sobrevivência por cima de tudo.

O que, por outra parte, não queria dizer que ela não ardesse por se submeter a ele nesse preciso momento.

Ele permaneceu imóvel. Quando falou por fim, sua voz átona lhe deu mais calafrios que o ar da noite.

—Então vejamos o que você aprendeu.

Portia afastou a bata e deixou que lhe caísse pelos ombros. Fez ondas a seu redor. Sob ela levava uma camisola de encaixe translúcido que silhuetava suas curvas sob à luz das velas que a rodeavam.

Estirou as costas e procurou seu olhar oculto. Sabia o que tinha que fazer. De alguma forma, seu entretenimento com Lucy aquela tarde tinha sido um ensaio.

Exceto pelo fato de que agora estava sozinha.

Portia começou a falar com um tom de voz grave enquanto subia a camisola pelos joelhos.

—O primeiro que me ensinou foi utilizar a imaginação. Assim que te estou imaginando...

Não deveria, já que isso acrescentava novos perigos para sua independência, mas o fez.

Mas primeiro tragou saliva.

—Estou imaginando que você é um sultão deitado entre almofadas. E me olha enquanto faço uma demonstração. Se te agradar, fará que me una a seu harém. Se não, me jogará nas ruas.

Agachou a cabeça e voltou a tragar saliva para afastar as lágrimas. A fantasia tinha surgido em sua mente espontaneamente, mas se aproximava muito à situação real.

Bom, ela tinha tomado sua decisão.

—Sei que está nu sob a bata, preparado para me possuir quando o agradar. Se o fizer, saberei que tive êxito.

Levantou as mãos e as pôs sobre seus seios, ainda cobertos.

—Imagino sua boca cobrindo meus mamilos, chupando-os por cima do fino tecido.

Fechou os olhos e tocou e estimulou seus mamilos. Os últimos vestígios de desconforto desapareceram entre o calor crescente que emanava de seu próprio contato.

Não o necessitava.

Puxou a fita que atava o pescoço da camisola, tão perto da pele. O nó se desfez e as dobras do suave tecido caíram para trás formando duas asas. Sua palmas ocultaram seu decote nu se movendo sutilmente sobre os mamilos duros.

Sua respiração se converteu em um longo suspiro. Se reclinou sem deixar de tocar os seios sobre umas almofadas que esperavam para dar apoio a seus ombros e sua cabeça.

Seu sexo já gotejava umidade; cheio e preparado, suplicava sua atenção. Foi acariciando o corpo em direção descendente, sua camisola ia se pegando a cada curva, seus seios escapavam cada vez mais de sua prisão.

Suspirou quando o ar frio lambeu seus seios, gelo contra fogo. Seus mamilos se estirostom ainda mais, enviando uma deliciosa dor por seu corpo.

Colocou as palmas sobre os seios de novo, esperando liberar um pouco de tensão. Em vez disso, esse ato a excitou mais. Não ajudava sentir o olhar de Knightson sobre ela, devorando-a sem ter que levantar um dedo. Como o sultão.

O que ele estará pensando?, Portia se perguntou enquanto seguia acariciando seu corpo em busca de outro nível de excitação. Encontraria isto tão excitante como lhe parecia antes ou estava muito zangado para permitir que o desejo interviesse?

Suspirou e deixou o meio de suas pernas por fim. Aproveitou os fluidos viscosos e cobriu todo seu sexo com o líquido embriagador.

Ao roçar o clitóris estremeceu em uma advertência de que o final andava perto. Tocou esse órgão sensível uma e outra vez, enquanto este crescia sob o contato incessante.

Os músculos do sexo lhe contraíram, a primeira incitação, a primeira petição de que um membro masculino os fizesse se estender ao máximo.

Parou sua brincadeira para abrir o porta-níqueis que havia trazido consigo. O consolador recém limpo estava dentro. Tomou seu tempo, um aviso silencioso a Knightson de que uma de suas aulas tinha tratado sobre a paciência para permitir atrasar o clímax final.

Ele trocou de postura, o primeiro movimento que fazia desde que ela tinha começado a representação. Se negou a o olhar, a reconhecer sua presença.

Apesar do romântico do cenário, a noite era fria. Era melhor imaginar que ele não estava, em vez de pensar que estava ali, olhando. Melhor pensar em algum sultão de olhos gelados.

Voltou a se levar ao limite tocando os seios e o sexo. O sultão teria barba, decidiu e os cabelos desta lhe cravariam a pele do sexo. Sua larga e ágil língua entraria em seu sexo com facilidade.

Introduziu dois dedos e se retorceu sobre a manta; ainda não estava pronta para o consolador. O calor subiu desde seu sexo, se elevando até lhe cobrir o ventre e os seios.

—E agora já sei que ganhei. —ofegou— O sultão me ordena que monte sobre seu pênis. —Incorporando-se até ficar de joelhos, colocou o consolador entre suas

pernas e baixou sobre ele até o afundar. Seu sexo estava tão cheio de fluido que entrou até dentro sem problemas

Até o fundo, até que o suporte do consolador lhe tocou o útero. Duro, penetrou-a pressionando o ponto mais sensível.

Se esfregou com ele, subindo e baixando para imitar o impulso. Sua respiração se voltou entrecortada. Deixou cair a cabeça para trás. Estava perto, muito perto.

—Para. —A ordem pronunciada com a voz grave de Knightson interrompeu suas sensações. Mas não fez caso a suas ordens e continuou procurando a liberação.

Com um grunhido, Knightson se aproximou e lhe arrancou o consolador.

Com os olhos totalmente abertos pela surpresa de sua interrupção, Portia perdeu o equilíbrio. A bata dele tinha caído e seu pênis se via claramente, uma lança ávida por penetrá-la. Ela aceitou sua oferta e, sem dizer uma palavra, sentou-se em seu colo e lhe rodeou o torso com as pernas.

Ele a encheu, estendeu-a. Seu pênis crescia sem deixar de pulsar, superando com acréscimo ao consolador. Foi entrando até que ela o rodeou por completo.

Ela ficou sem fôlego. Uma só palavra constituiu sua súplica.

—Mark...

Ele flexionou a pélvis e de algum jeito conseguiu entrar ainda mais profundamente antes que seus músculos se relaxassem. Mark continuou com o movimento lento, se balançando dentro e fora dela.

Cada breve investida a fazia afogar um grito porque seus clitóris se enterrava e se via estimulado pelos cachos do pêlo dele, e seu pênis empurrava algum lugar de seu interior que a fazia desejar mais e mais.

A estranha sensação de necessidade e pertença voltou a embargá-la, rodeou-a do fogo crescente da liberação que se aproximava. Ela a recebeu de boa vontade, deixando que as doces sensações a afligissem, se agarrando a Mark, lhe cravando as unhas na carne. Cada fôlego dela era um dele.

Se aproximou mais e mais ao clímax, embora seguia ainda fora de seu alcance. Portia arranhou as costas dele, lhe rogando com seus gemidos que a fizesse terminar.

Ao fim, com um grunhido, agarrou-a pelas nádegas e a colocou sob ele, cobrindo-a com seu corpo.

Seus quadris se sacudiram e investiu seu sexo com toda sua potência.

Ela se agarrou a ele e seus sentidos se dissolveram na liberação. Toda fogo e líquido, se afogou em seu próprio orgasmo.

Interminável, parecia não concluir nunca, um batimento do coração e um estremecimento contínuo. Sem força em seus braços, outro clímax a embargou, uma última labareda de fogo.

Ele se agarrou a ela com força, um grunhido emanava das mesmas profundidades de seu ventre. Ficou rígido e seu pênis se fundiu em seu interior, absorvendo seu orgasmo até que se derramou fora dela.

Descansou apoiado nos cotovelos, com o rosto escondida no ombro dela e o torso ainda se estremecendo.

Portia olhava as estrelas rodeando Mark em um abraço sem força. O que veriam essas estrelas chamejantes? Se dariam conta de sua cópula animal? Da ternura que a seguia?

Seu coração se encheu de uma estranha emoção. Queria se desculpar por cada palavra irritada, desfazer e beijar sua testa suarenta até que ele sorrisse e a beijasse, alheio a tudo.

Queria coisas impossíveis. Sua garganta se fechou e teve que se concentrar em respirar. As lágrimas formavam redemoinhos em seus olhos, mas piscou para as evitar.

Ele não podia vê-la vulnerável. Não ali nem dessa forma.

Mark levantou a cabeça, suas feições quase invisíveis a cambaleante luz das velas.

—Está tensa. —murmurou.

Ela tentou relaxar e enfrentou a sua preocupação com um sorriso tremulo.

—Suspendi, não foi?

—O tem feito muito bem, muito bem. Não pude resistir a você, Portia. Queria me unir. —Apertou os lábios e fez uma careta— Foi egoísta por minha parte fazê-lo, agora que sei que prefere as companheiras de seu mesmo sexo.

Ela piscou de estupefação.

—De meu... o que?

—A vi com a senhorita Chalcroft no pequeno bosque. E vi suficiente para saber que estava desfrutando. Agora entendo por que me rechaçou.

Portia soprou e riu exasperadamente.

—Lucy não tem nada a ver com que eu tenha rechaçado sua proposta. Eu estava ensinando a ela, como você me ensinou. Ela também tem pela frente um futuro sem amor e me pareceu mal deixar que enfrentasse a essa viagem sem o equipamento apropriado. —Riu— Certo que foi um pouco a mão, mas não era a suavidade de Lucy o que me excitava; era imaginar sua boca sobre meu corpo e seu pênis em meu interior.

Ele inclinou a cabeça para um lado.

—Utilizou o consolador?

—Estraga. —umedeceu os lábios, reunindo a coragem para falar—Me... me pareceu necessitar... algo dentro de mim.

Roçou seu nariz com os lábios.

—Não, não é certo. Posso recordar alguma que outra liberação bastante explosiva.

—Sim...

Mark parecia não querer se mover, mas deixou que reinasse o silêncio. Ela se deleitou com sua calidez, sua proximidade, mas não quis pensar o que significava tudo isso. O mais seguro é que não significasse nada absolutamente.

Imagine jazendo em seus braços todas as noites, satisfeita depois de que te tenha feito o amor...

Amor, não. Luxúria. Se fosse amor, ele queria algo mais permanente.

—Portia. — murmurou, sua voz um ronrono baixo e delicioso que lhe fez curvar os dedos dos pés de deleite— Estamos bem juntos.

—Sim. —A palavra escapou de seus lábios antes que lhe desse tempo de pensar em negar que estava de acordo.

—Esta é a quinta vez que me deito com você e ainda quero mais. Se não for... Se não quiser se converter em minha amante oficial... —A voz do Mark hesitou pela incerteza— consentiria em que seguíssemos sendo amantes o tempo que fica antes de deixar esta casa?

Portia conteve a respiração.

—Tenta-me. —Levantou a mão e lhe acariciou a bochecha— E se nos descobrirem?

Ele capturou a mão e beijou sua palma.

—Não nos descobrirão. Ainda não o têm feito. —Seus dentes se afundaram em sua pele— Diga que o fará, Portia.

—E o que passou com o final rápido se o rechaçava?

Mark se apartou se afastando dela com o sexo já flácido.

—Preferiria isso?

—Mark... —repreendeu-lhe, sua voz era cálida e incitante.

—Ah. —Ele inspirou com força— Não pensava em outra coisa enquanto a via se masturbar. Pensava uma e outra vez que teria que ir amanhã, mas não posso. Não posso resistir. Ainda não saboreei suficiente de você, Portia. Quero mais.

Sem fôlego, Portia encontrou a resposta.

—Eu também quero mais de você, Mark.

Uma aceitação imprudente, mas todo aquele assunto tinha sido sempre selvagem e estúpido.

Capítulo 13

Portia despertou envolta em calidez. Colocou a cabeça mais profundamente no travesseiro. Seu corpo doía. Faziam amor de novo... Oh, muito bem, já sabia que não devia chamá-lo «fazer amor», mas senão, como ia qualificar seu intercâmbio sexual? Não era algo frio e cínico, nem tampouco era tudo pura luxúria. A segunda vez tinha sido deliciosa e terna.

Depois, ele tinha apagado as velas que estavam ainda acesas. Ela tinha ficado ali deitada, observando sua silhueta musculosa enquanto realizava uma tarefa tão pouco própria de sua classe como era a de dobrar as mantas. Portia pensava que não seria capaz de voltar a se mover. Suas extremidades se converteram em gelatina.

Na escuridão, iluminados só pela lua crescente, ele a agarrou nos braços e a desceu pela escada. Ela ficou dormida pelo caminho, embalada por seus fortes braços e acalmada pelo batimento de seu coração.

Agora pestanejou um pouco para abrir os olhos, piscando ante a visão tão pouco familiar.

Essa não era sua mesinha. Suas paredes não eram azuis.

Virou sobre si mesma, os lençóis despertaram seu corpo à vida consciente.

—Bom dia. —O ronrono familiar da voz de Mark chegou dos pés da cama— Tomei a liberdade de pedir o café da manhã para os dois.

Portia se incorporou de um salto, sem se importar revelar sua nudez ante ele.

—Está louco? Se supõe que devemos ser discretos!

Mark sorriu tranqüilamente. Estava sentado em uma grande poltrona de orelhas, com a bata meio aberta envolvendo seu corpo musculoso. O pêlo escuro salpicava seu peito riscando uma linha que chegava até onde descansava, por agora, seu membro.

—E somos. —disse— Ninguém a viu, querida Porta. Ainda é cedo. Tem tempo de tomar o café da manhã e voltar para seu quarto antes que alguém se levante.

—E por que não me levou a meu quarto? —Portia não podia... não queria se mover da cama até que lhe desse uma resposta. No que estava pensando?

—Venha. — disse ele fazendo um gesto com a mão— Tome uma xícara de chá. A razão pela qual não está comodamente deitada em sua própria cama é que eu não sei onde está.

Ela piscou.

—Não sabe?

—Se soubesse a teria assaltado nela mil vezes antes de ontem à noite. —Seu sorriso selvagem combinava com a repentina sacudida de cabeça de seu pênis.

O calor a envolveu. Com uma palavra, com um olhar, já era dele.

Saiu da cama e caminhou nua para ele. Ela sorriu ante a nova sacudida de seu pênis e agarrou despreocupadamente uma xícara da bandeja do café da manhã.

Se acomodou em uma banqueta ante ele e procurou uma torrada para morder. Mordeu o pão com os olhos fixos no tapete.

Incapaz de explicar esse acanhamento repentino, terminou a pequena torrada e estendeu o braço para se servir outra xícara de chá.

—Mudou de idéia? —A suave voz de Mark interrompeu seu mastigar.

—Não. —Sua rápida resposta foi seguida de um intercâmbio de olhares— Só estava me perguntando o que se passa depois.

Seu amplo sorriso lhe proporcionou alguma outra sugestão. No momento imaginou seu corpo sobre o dela, como o rodeava com suas pernas e como ele a enchia com esse gozo indescritível, o poder da liberação sexual.

—Deus Santo. — murmurou ela.

—Amém. —Mark arqueou uma sobrancelha escura— Deveria se ver, Portia. Está tão cheia de vida... Brilha. Uma mulher com sua paixão não deveria se desperdiçar.

Ela bufou.

—Não estou me desperdiçando...

—Depois desta festa...

—Não, Mark. Já te dei minha resposta sobre isso e não vou mudar.

Seu sorriso se voltou perverso e se inclinou para ela.

—Talvez sim.

Ela se levantou e se ergueu, embora seus seios lhe faziam cócegas pelo quente desejo. Pôs todo o gelo que pôde em sua voz.

—Se insistir nesse tema de conversação, terei que terminar esta relação agora mesmo. Assim não terá que romper sua estúpida norma.

—Já o tenho feito. —disse ele com toda a calma do mundo, fechando a bata— Toma o café da manhã —acrescentou.

Ela sorriu e examinou a bandeja. Se serviu uma salsicha. Em Willowhill Hall faziam suas próprias salsichas. A pele fina e cremosa dos intestinos encerrava a carne de porco picada e as especiarias. Três centímetros e meio de largura e quinze de comprimento não faziam delas precisamente um bocado que pudesse se comer de uma vez.

Seus lábios se fecharam sobre o extremo da salsicha, saboreando a superfície salgada. Antes que mordesse, Mark recuperou seu bom humor e voltou a abrir a bata. Seu pênis estava se endurecendo.

Portia viu a conexão no mesmo momento. Sorriu com a boca deformada pela larga salsicha. A tirou da boca e a deixou descansar sobre seus lábios.

Seu estômago rugiu, mas ela o ignorou.

—O que está me sugerindo?

—Portia, amor, eu saboreei a você, por que não faz o mesmo comigo? Me ensine o que você faria. —Seu pênis se moveu, tentando-a.

Não necessitava mais incitação. Sua língua rodeou o extremo da salsicha. Já lhe tinha tirado o sal da superfície, mas o forte sabor da carne permanecia.

Mark teria o mesmo gosto daquela salsicha? Afogou uma risadinha e estendeu a língua, lambendo os lados da salsicha com lambidas largas e lentas.

A textura lisa e firme da salsicha se parecia mais ao consolador que Mark lhe tinha dado que ao aço aveludado e latente de seu pênis.

—Coloque isso na boca e chupa. —A ordem de Mark deteve sua língua.

Ela obedeceu, metendo a salsicha parcialmente na boca. Fechando os lábios, sugou. Um jorro de suco gorduroso lhe desceu pela garganta. Tossiu, em parte pela risada.

Colocou e tirou a salsicha de sua boca, imaginando sua boca como se fosse seu sexo e a salsicha, naturalmente, como seu pênis. A fricção em sua boca transferiu um comichão ao meio de suas pernas.

Gemendo brandamente, separou os lábios, roçando a salsicha com os dentes.

Mark também gemeu, acariciando o membro a um ritmo compassado com o que ela tinha chupando esse substituto de seu pênis.

—Mais dentro. — grunhiu, a pele do pênis se franzindo ao redor de sua cabeça.

Mais dentro? Tirou a salsicha da boca.

—Se colocar isso mais dentro, o engolirei.

Ele abriu a boca para protestar, lhe piscou um olho e ele a fechou de repente.

Porta mordeu o extremo da salsicha. Sorrindo enquanto mastigava engoliu o bocado e seguiu com o que ficava.

—Minhas desculpas, —disse— estava esfomeada. Deu um passo por volta dele— Mas agora, —disse tentadora— vejamos quão dentro pode chegar.

Ficou de joelhos entre suas pernas abertas e se agachou, o que proporcionou a ele uma visão de seu cabelo negro caindo por suas costas e roçando suas nádegas.

O fato de saber que ele a olhava nua a excitava mais e um calor úmido começou a crescer entre suas pernas. Meteu-se o pênis na boca e deixou que se deslizasse profundamente em um movimento longo e lento, até que notou que lhe tocava a parede da garganta.

Inalou com força, o nariz se encheu de seu aroma almiscarado e de algo mais, um toque de seus próprios fluidos mesclados com os dele.

Mesclados. Se pudesse ser sempre assim...

Porta afastou o pensamento, inspirou de novo e relaxou a garganta, deixando que a cabeça de seu pênis se deslizasse um pouco para o interior. Tinha necessitado muita prática com Sir Guy antes que pudesse fazer isso sem que lhe dessem arcadas, mas agora, ao menos, ela tinha algo que dar a Mark.

O pênis lhe pulsava dentro da boca. Portia moveu a cabeça e o membro entrou e saiu da garganta com pequenos impulsos. Diminuiu o ritmo, mantendo-o muito dentro e utilizando a língua para estimular sua pele aveludada.

Com os dedos se dedicou a acariciar suas pelotas, um momento aí e longe ao seguinte.

De repente experimentou uma sensação de poder. Ele jazia sob ela, respondendo ante cada contato. Tinha enredado as mãos quentes em seu cabelo, mas não a forçava nem tampouco movia os quadris para que o pênis entrasse e saísse de sua garganta.

Ele se inchou mais, se alargando e se endurecendo, chegando à máxima excitação. Ela supunha que perderia o controle então. Sentiu que se esticava e se removia, mas, não sabia como, conseguiu se manter controlado.

Levantou um pouco a cabeça e o olhou através dos cachos que lhe caíam sobre a testa.

Tinha os olhos fechados com as pálpebras apertadas, o corpo em uma postura tensa para manter o controle, cada músculo em tensão. O rosto lhe brilhava, estranhamente invadido pelo prazer e... e algo mais.

Baixou o olhar de novo antes que ele a descobrisse o olhando. Suas mãos puxaram seu cabelo um segundo. Tinha-o notado.

Redobrou seus esforços para lhe dar prazer, colocando e tirando o pênis de sua boca. Deteve a sutil estimulação de seu testículo para passar a acariciá-los e apertá-los com suavidade.

Faria que gozasse, que gozasse com força. Com mais força do que jamais o tinha feito. Ela queria que ele sentisse o mesmo que ela quando alcançava o clímax por seu contato.

Talvez então...

Seus dentes percorreram toda a extensão de seu pênis até que a ponta ficou entre seus lábios. Ele se estremeceu sob seu corpo e suas mãos se convulsionaram em seu cabelo.

Uma e outra vez voltou a meter-lhe na boca. Todo o corpo dela pulsava com o eco de sua excitação. O que mais queria nesse momento era que ele a obrigasse a se deitar de barriga para cima e a penetrasse com seu membro, fodendo-a sem compaixão.

Mas mais que isso, ainda mais que isso, queria lhe dar esse prazer. Esse assunto não ia durar: ele o tinha deixado medianamente claro, mas o marcaria com a lembrança... disso.

Já tinha conseguido o levar ao limite. Flexionou as coxas e tentou empurrar com cuidado em sua boca.

Portia tirou o pênis da boca. Umedeceu os lábios e levantou o olhar.

—Vamos, Mark. —disse em um sussurro— Me foda. Foda minha boca. Deixe ir. Relaxe.

Ele deixou escapar uma risada afogada que se converteu em um gemido quando ela voltou a meter seu membro até o limite na boca.

Esperou até que chegou ao mais profundo de sua garganta e começou a empurrar, com cuidado no princípio, mas foi crescendo em urgência, lançando um fio prateado de desejo da boca dela até seu sexo.

Ela nem sequer tinha se tocado, mas seu sexo formigava com a promessa iminente da liberação. Enterrou o nariz em seu pêlo, se levantando um pouco para deixar que entrasse mais dentro e lhe sobreveio a urgência da liberação.

Surpreendida, sugou com força, o apertando. Ele grunhiu e perdeu o controle. Segurou-lhe a cabeça contra seu sexo e a fodeu com força enquanto ela sentia como seu próprio orgasmo empapava seus cachos.

Ele gozou em uma explosão, lhe enchendo a boca com o fluido salgado. Ela não deixou escapar nada e engoliu até a última gota.

Por fim permitiu que seu pênis escapasse de sua boca e deixou descansar a cabeça contra sua coxa trêmula.

Respirando lenta e profundamente, Portia ficou ali, satisfeita ao ouvir o pulso acelerado em sua coxa. Podia ver seu pênis através de seus olhos entreabertos, úmido de saliva e sêmen, rendido em seu estado aquiescente e caindo sobre os testículos.

Mark se moveu e se inclinou para frente para agarrá-la em seus braços. Levantou-a seguindo a linha de seu corpo sem esforço aparente.

Ela se apoiou no respaldo que havia atrás dele, olhando-o e sentindo que seu colo estava úmido e pegajoso sob seu traseiro.

Ele também a olhava. Seus olhos azuis tinham perdido o frio por uma vez.

—É uma maravilha. —disse com voz rouca— Juro que não posso mover nem um músculo.

Portia riu e não se atreveu a mencionar a forma em que ele, sem nenhum esforço, a subiu no seu colo. Se aproximou mais dele.

—Está satisfeito.

—Além das palavras. —Com o dedo indicador riscou a linha que ia de sua maçã do rosto a seu queixo. Seu rosto tinha uma expressão maravilhada e sua mão lhe envolveu a nuca e a puxou para beijá-la.

Teve que saborear seu próprio sêmen, mas Portia não se importava e aprofundou o beijo, lhe exigindo a sua boca, desejando se meter em seu interior e desfrutar de seu calor.

Ele interrompeu o beijo e ambos ficaram ofegando em busca de ar.

—Tem que se vestir. —murmurou— Os habitantes da casa se levantarão logo. —Acariciou-lhe o cabelo— Desejaria que não tivesse que abandonar este quarto.

Portia assentiu efusivamente. Se enroscou em seu colo e o mundo exterior deixou de existir. Quase o odiava porque ele acabava de a recordar sua existência.

—Quando podemos...? —Deixou a frase sem terminar, não muito segura de como poder terminá-la.

—Encontrarei a forma. —Apesar de que acabava de lhe dizer que tinha que ir-se, começou a lhe tocar um mamilo até que se converteu em uma protuberância aguda—. Amanhã pela manhã, antes do amanhecer, nos estábulos.

—E os moços de quadra?

—Eles não falarão. Farei que meu criado os embebede como cubas esta noite. —Sua confiança fraquejou—. Irá?

—Tentarei deixar ir, se me ajudar. — disse Sorrindo, e se levantou. Encontrou sua camisola e a pôs. Ao tirar a cabeça pela abertura o viu sorrindo divertido, olhando-a— Será difícil. Esperar até amanhã.

Ele fez uma careta com os lábios.

—Talvez possa dar outra aula à senhorita Chalcroft.

Deu um golpezinho na sua bochecha.

—Não fique ciumento, Mark. Não tem nada que temer a esse respeito. — colocou a bata—. Mas... tem outro... consolador?

—Acha que levo todo um lote deles comigo por aí?

—Imagino que tem vários usos para essas coisas além do que me ensinou. — Ela agachou a cabeça com acanhamento— Eu gostaria de aprendê-los.

—Os outros usos... não são para consumo exclusivamente próprio. —adverteu enrugando a testa.

Entretanto ficou em pé e caminhou até uma cômoda. Tirou uma bolsa pequena.

—É menor, mas se a senhorita Chalcroft ainda conserva a virgindade...

—Sim, a conserva.

—Então seguro que desfrutará mais com este. Dirá a ela de onde o tirou?

Portia olhou fixamente o tapete.

—Desde onde tirei o meu... —Inspirou profundamente e enfrentou com estoicismo seu olhar— Ela sabe o seu... o nosso.

Ouviu que Mark dava um coice.

—Confia nela?

—Teria ensinado a ela o que você me ensinou se não confiasse nela? —Portia atou o cinturão da bata com um puxão brusco.

Mark, cujo rosto voltava a ser uma más rosto, entregou-lhe a bolsa.

—O seu deixei no telhado. Terá que ir buscá-lo mais tarde. Ou posso fazer que meu ajudante de câmara o recolha e o entregue a sua donzela.

Portia sacudiu violentamente a cabeça.

—Não. Diga a seu mordomo que o deixe. Eu já irei para buscá-lo.

Passeou o olhar pelo quarto e depois dirigiu a Mark um longo último olhar antes de fugir de seu quarto. Não sabia o que tinha visto em seu rosto. Não queria sabê-lo, mas esperava que a sua não mostrasse sua necessidade dele, seu desejo de que não tivessem que fazer vida social... bem, todo o tempo.

A senhorita Lucy Chalcroft entrou no salão azul com as mãos primorosamente unidas diante de seu corpo. Fez uma profunda reverência ao duque de Winterton, que lhe dava as costas.

—Sua Excelência mandou me chamar? —perguntou com voz alta e clara. O duque era mais velho que sua mãe e na conversação que tinha mantido com ela na noite anterior, Lucy se deu conta de que sofria uma ligeira perda de audição.

O duque, com o cotovelo apoiado sobre o suporte da chaminé, voltou a cabeça para olhá-la.

Ela reprimiu a necessidade repentina de se estremecer e voltou a se inclinar em uma reverência estudada.

—Necessita algo Sua Excelência?

—Sim, necessito. —se separou da chaminé e fez um gesto em direção ao sofá de brocado cor creme—. Senhorita Chalcroft, sente-se, se não lhe importar.

Lucy obedeceu e se acomodou na borda do sofá. Teve que retorcer um pouco a parte superior de seu corpo para poder seguir olhando para ele.

Ele deu a volta ao sofá e ficou de pé ante ela sobre o espesso tapete de tons outonais. Apoiado sobre sua bengala com ponta de prata, pigarreou.

—Temo que não sei por onde começar.

Um duque, inseguro? Lucy sorriu para animá-lo e lhe dar coragem.

—Eu estou completamente a seu serviço, Sua Excelência.

Winterton pigarreou e tomou assento junto a ela.

—Ah, sim. Quanto a isso, querida, entendo que não tem expectativas de se casar?

—Nenhuma. —Lucy conseguiu que sua resposta fosse firme e tranqüila. Sua mãe parecia estranhamente excitada ao lhe comunicar que o duque desejava vê-la, mas Lucy pensou que a causa seria simplesmente o fato de ter recebido um aviso de tal personalidade.

—Mas, ninguém ocupa seu coração? —continuou o duque, ao receber, ao que parecia, a resposta que esperava— Quero que seja sincera comigo.

Lucy inclinou a cabeça e o estudou. Que direção mais peculiar está tomando a conversação.

—Não há ninguém, Excelência. Bom, houve alguém, uma vez, mas já faz tempo que se casou e engendrou filhos.

—Está segura? Não há ninguém especial?

—Não sei por que me interroga dessa maneira, Excelência. Não, não há ninguém.

—Pressuponho que não me diria isso se o houvesse.

Se arriscou ao dizer o que pensava, mas o duque parecia lhe pedir sinceridade.

—Certo, Excelência. Não é seu assunto.

—Isso está bem. —O duque lhe dedicou um sorriso de aprovação— Os Winterton se orgulham da discrição por cima de todas as coisas.

Lucy se perguntou onde ficavam a honra e a moral. Mas não deveria abrigar um pensamento tão hipócrita: seu episódio com Portia punha em questão sua pureza e sua inocência. E, além disso, só o fato de que Portia fosse uma mulher tinha evitado que ela ficasse despojada de sua virgindade.

Não é que importasse a ninguém e a ela muito menos, condenada a ser a acompanhante de sua mãe.

—É muito boa cuidando de sua mãe. — disse o duque como se acabasse de ler sua mente.

—Obrigado, Excelência. —Seguia se perguntando o que era que ele queria dela, mas não se atrevia a voltar a perguntar. Se tratando de alguém do nível aristocrático de um duque, dilatar tanto uma petição era algo que ia dentro das concessões que faziam à alta aristocracia.

—Não há nada como o cuidado pessoal que vem de alguém próximo. — Winterton brincou com a brilhante ponta de sua bengala— Como viúvo, eu sei bem.

Lucy não sabia muito bem o que dizer.

—Sente falta de sua esposa?

—Ela era minha companheira da alma. —reconheceu o duque— Não pode haver outra como ela.

Esse tom melancólico a sumiu no silêncio. Ela supôs, enquanto observava seu bonito perfil aristocrático, imóvel como o mármore, que qualquer emoção se congelaria logo.

Mas seu sorriso fundiu tudo isso.

—Sei que tem curiosidade, senhorita Chalcroft, e vou explicar tudo para que possa entendê-lo. A verdade é que sei que tem a alguém especial, apesar de que o tenha negado, e você me intriga desde que me inteirei.

Lucy franziu o cenho.

—Excelência, acredito que se equivoca.

Ele sacudiu a cabeça, impaciente.

—Estou falando da senhorita Carew.

—Ela é uma grande amiga, —reconheceu Lucy, possivelmente muito rapidamente— mas não vejo...

Para ser um velho, se movia como uma pantera; em um segundo seu dedo indicador lhe rodeava o queixo.

—Eu sim que o vi.

Lucy conteve a respiração e ficou olhando-o, aterrada ante sua expressão divertida.

Winterton continuou com voz baixa e suave.

—Vi-as, a você e à senhorita Carew, copulando de uma forma bastante íntima em um bonito campo nos bosques.

Lucy se esforçou por respirar.

—Viu-o?

—Virtualmente tudo. —Seu sorriso se voltou feroz— E para mim foi muito gratificante.

— Gratificante. —Lucy repetiu a palavra como se fosse a primeira vez que a ouvia.

—Já sabia que a senhorita Carew era uma mulher de uma grande paixão. — continuou Winterton, ignorando o rubor de Lucy. Sabia alguém o segredo de Portia?— Não obstante, ela não é de meu agrado. Me recorda muito a minha defunta esposa, mas agora sou mais velho e não seria capaz de satisfazê-la adequadamente.

Ele estendeu o braço e pegou uma das mãos tremulas da moça.

—Querida, não tem expectativas de se casar, só tem uma existência tediosa pela frente. Por outro lado, a senhorita Carew certamente levará uma vida muito aventureira e no final acabará mal. Assim que você, querida senhorita Chalcroft, necessita de mim.

—Necessito? —repetiu Lucy.

—Precisa—afirmou o duque, lhe apertando a mão— A experiência com a senhorita Carew não despertou desejos em você?

Suas bochechas ardiam.

—Excelência, eu...

Deu uns tapinhas em suas mãos unidas.

—Querida, não há necessidade de que diga nada. Meu plano, no princípio, era tomá-la como amante oficial... —Ignorou a exclamação afogada de indignação de Lucy— Sua mãe preferiria que fosse a amante de um grande homem antes que a tachassem de fulana... O que ocorreria se sua sessão com a senhorita Carew chegasse a sair à luz.

Lutando por respirar sob a pressão dos férreos laços de dor que lhe atendiam o peito, Lucy se agarrou a um prego esperançado.

—Disse... disse que foi seu plano, no princípio...

Ele riu.

—Rápida para ver a saída, senhorita Chalcroft... Sim, isso foi no princípio; logo me dei conta de que não funcionaria. Como amante, outros homens poderiam se ver atraídos por você e tentar conquistá-la e afastá-la de mim, meus filhos entre os piores competidores potenciais. Não, senhorita Chalcroft, decidi que devo fazê-la minha.

—Sua? —Sua voz, que de repente havia se tornado aguda, tremeu.

—Sim, senhorita Chalcroft. Há algo que devo pedir antes de fazer uma oferta.

—E o que é? —perguntou Lucy com um grasnido.

—Devemos ser compatíveis no tálamo matrimonial e só há uma maneira de descobrir isso.

Lucy se afastou.

—Quer se deitar comigo?

O duque se inclinou para ela.

—Quero, senhorita Chalcroft. — disse com o olhar fixo em seus lábios.

—E então, se não o satisfizer o que evitará que diga que sou uma fulana depois?

O duque sacudiu a cabeça lentamente.

—Esqueceu o lema dos Winterton: discricção acima de tudo. Se não formos compatíveis, a deixarei ir sem problemas.

Lucy franziu o cenho.

—Mas com a vida arruinada.

—Vejo que insiste em me pôr isso difícil. —Ele a soltou e cobriu a boca com os dedos enquanto a examinava— Esperava que se mostrasse mais aberta ante a situação, dado o que pude observar.

Lucy ergueu as costas.

—Sinto o decepcionar, Excelência.

Ele se levantou e caminhou pela sala, se apoiando pesadamente em sua bengala. Até agora Lucy tinha pensado que o da bengala era pura afetação.

—Darei-lhe uns minutos para considerá-lo, senhorita Chalcroft. Estou lhe proporcionando uma grande oportunidade...

—Excelência, eu não rechacei nenhuma oportunidade. —Lucy se inchou pelo orgulho ao ouvir sua voz firme— Talvez você deva considerar que estimou em demasia a importância de nossa compatibilidade no tálamo matrimonial.

Ele voltou a olhá-la.

—Que fale com tanta calma, me devolve parte das esperanças. —Estudou-a enquanto ela permanecia quieta sob seu olhar implacável.

—No pior dos casos, —disse ele em voz alta— poderia tê-la como assistente para aliviar minha próxima velhice.

Lucy não mencionou que pensava que ele já tinha entrado nesse estágio.

—Mas não tem comparação com minha falecida esposa. — continuou.

Lucy se esforçou por manter sua expressão impassível. Se o aceitasse, ia compará-la com a falecida duquesa durante o resto de sua vida?

—Mas talvez a sorte me sorria e você possa me dar tanto prazer, se não mais, que o que recebi ao observando ontem. —Deixou cair a mandíbula inferior— Esperava que você estivesse encantada ante a possibilidade de se converter em uma duquesa.

—Oh! —A compreensão a golpeou— Oh, não o tinha pensado!

A idéia lhe resultava atraente. Lucy inspirou uma vez para se acalmar e depois outra vez.

O duque de Winterton a observou durante todo o processo. Assentiu ante a conclusão a que acabava de chegar em particular.

—Você é uma mulher pouco comum, senhorita Chalcroft.

Voltou até onde ela se encontrava e ficou de pé justo diante de onde estava sentada. Ela levantou o olhar para encontrar o seu.

—Espero que me perdoe porque não me ponho de joelhos, senhorita Chalcroft, mas seria uma honra se quisesse se converter em minha esposa.

Lucy o olhou fixamente, tentando perfurar sua máscara de respeitabilidade. Devia lhe dizer que sim?

—Asseguro-lhe que minha palavra é certa. Se me aceitar, me casarei com você, aconteça o que acontecer.

Isso arrumava tudo. O matrimônio com o duque significava a via de escape de sua mãe e uma possibilidade, por fim, de ser o que sempre sonhou, mas que pensou que nunca se faria realidade: esposa de alguém.

—Sim, Excelência, aceito sua proposta.

—Excelente. — se acomodou no sofá junto a ela e lhe rodeou os ombros com o braço— Agora, me beije.

Disse-o em um tom tão baixo e estremecedor que Lucy obedeceu sem pensar duas vezes. E foi o suficientemente inteligente para lhe dar algo mais que um beijo casto. Ele sabia que lhe faltava a inocência nesse aspecto ao menos. Pressionou sua boca contra a dele e lhe roçou os lábios com a língua.

Os lábios dele se abriram sem dificuldade e sua língua entrou em sua boca como uma tromba, tomando posse dela com mais segurança que a que lhe dava sua aceitação expressa.

Lucy uniu os braços atrás de seu pescoço e gemeu dentro de sua boca. Não se esperava essas sensações entristecedoras. Ele não tinha um sabor horrível, nem a velho, mas sim se apropriou do controle do beijo como um amante jovem.

Ele a guiou para que se deitasse no sofá enquanto seu corpo pressionava contra o dela sem deixar de percorrê-lo com as mãos. Em apenas um momento lhe evocou a mesma doce sensação que Portia tinha lhe produzido enchendo seu peito de pequenas espetadas quentes.

As mãos desceram por seu espartilho até alcançar suas coxas. Lucy o deixou lhe levantar as saias e a maior parte do tecido ficou apanhada sob a parte inferior do corpo do duque.

Ele terminou o beijo lhe apanhando o lábio inferior entre os dentes. Seus olhos se encheram de lágrimas pela repentina dor.

—Sim. —grunhiu ele, já empurrando com seus quadris contra ela— Nos arrumaremos bem juntos, senhorita Chalcroft.

Ela conseguiu de alguma forma recuperar a respiração.

—Acredito, Excelência, que agora talvez já possa me chamar Lucy.

—Lucy. — repetiu seu nome, baixando a cabeça em busca de outro beijo— Doce Lucy, é minha.

Capítulo 14

Portia se apressou para chegar ao salão onde todos os hóspedes dos Barrington esperavam que os avisassem para jantar. Cada momento em que estava separada de Mark Knightson tinha sido uma tortura.

Não só era necessidade física, mas também o temor de que ele, apesar de tudo, a traísse ante os outros e fizesse que a jogassem. Esse era seu pior pesadelo: perder a todos, inclusive a ele.

Ele respondeu a seu brilhante sorriso com um cauteloso. No mesmo momento ela escondeu essa repentina transparência e lhe deu as costas para se reunir com sua mãe.

Portia dedicou outro sorriso a Lucy, que agachou a cabeça. A senhorita Chalcroft estava sentada entre sua mãe e o duque de Winterton, com a senhorita Sophia zangada atrás.

Chegou o último dos cavalheiros e o duque de Winterton se levantou.

—Está todo mundo aqui? —Passeou o olhar sobre os hóspedes ali reunidos. Portia sentiu o calor de seu olhar durante um momento antes que o movesse para a seguinte pessoa. Será que estava a ponto de revelar seu enredo?— Excelente, porque tenho que fazer um anúncio. —continuou o duque.

Portia inspirou com força e conteve a respiração.

—É um prazer para mim os apresentar à próxima duquesa de Winterton. —O duque girou e sorriu para Lucy ao tempo que a puxava pela mão— A senhorita Chalcroft tem me feito a honra de aceitar ser minha esposa.

Ao ver que o rubor de Lucy aumentava os olhos de Portia quase saíram das órbitas. Lucy? E o duque? Mostrava ela algum sinal do que fosse que a tivesse convencido a se casar com ele?

O jovem Winterton pôs voz a sua perplexidade.

—Vai converter a essa ratinha na duquesa de Winterton? Me nega o desejo de meu coração e agora, agora... —Fez um gesto no ar e seu rosto se voltou púrpura— E agora, isto!

O duque de Winterton ficou de pé, imóvel e frio como um pedaço de gelo. Portia esperava que Lucy se encolhesse atrás do duque, mas, em vez disso, se aproximou dele e lançou a Portia um olhar breve e suplicante.

Ela suspirou. Supôs que, posto que o jovem Winterton se submeteu a sua vontade uma vez, Lucy acreditaria possível que o conseguisse de novo. Cruzou a habitação e pôs uma mão sobre o braço em tensão do jovem Winterton.

—Milord, está fazendo uma cena.

Ele estremeceu ante seu sutil contato.

—Senhorita Carew, perdoe que a tenha decepcionado. Me retirarei. —inclinou-se para lorde e lady Barrington— Voltei a perturbar sua festa. Me desculpem, por favor.

Fez outra reverência e saiu, deixando à senhorita Carew como novo centro de atenção da sala.

O gelo do duque se fundiu um pouco.

—Obrigado por seus esforços, senhorita Carew.

Portia sorriu e cruzou a sala em direção ao casal.

—Estou muito feliz por ambos. —Olhou para Lucy em busca de algum sinal de coação, mas não encontrou nada. Já conhecia as táticas do duque.

Rapidamente seguiram as felicitações de todo o grupo e o aviso do mordomo de que o jantar estava pronto passou quase inadvertido.

A ausência do jovem Winterton alterou a ordem preferivelmente no jantar, o que significou que Portia perdeu Knightson e o trocou pela companhia da triste senhorita Sophia.

—Não está feliz pela boa fortuna de sua irmã?

—Feliz? E por que ia estar feliz? É muito velha para se casar.

—Sua Excelência não parece opinar o mesmo.

Sophia soprou.

Portia sorriu.

—Não pensou nas repercussões? Será a irmã de uma duquesa. Assim você poderá encontrar um duque, um visconde ou um marquês.

—Sim, sei.

Mas a informação não pareceu animar à senhorita Sophia.

Portia se rendeu e se concentrou na comida.

Depois do jantar, as mulheres se reuniram ao redor de Lucy para lhe repetir as felicitações.

—Mas, —perguntou lady Cecily— como conseguiu atrair a atenção do duque?

Lucy se ruborizou.

—Ele... fixou-se em quão bem cuidava de minha mãe e isso o agradou. Não sei que mais lhes dizer.

O olhar que dirigiu a Portia fez que lhe arrepiasse o pêlo das costas. O que Lucy estava tentando lhe dizer?

Infelizmente, Lucy seguiu sendo o centro da atenção durante toda a noite. Ao fim, Portia encontrou um momento de privacidade com ela quando os hóspedes se dispersavam para se deitar.

Ambas ficaram atrás.

—Lucy, o duque? —sussurrou Portia— Quase não posso acreditar nisso.

—Obrigada. — respondeu Lucy com um movimento contrariado de sua loira cabeça.

—Oh, não queria dizer... —Portia amaldiçoou sua língua descuidada— É que não tinha mostrado nenhum interesse.

—Nada até ontem pela manhã. —Lucy tragou saliva e seus olhos azuis olharam desafiantes para a frente— Nos viu, Portia.

Portia deixou escapar uma exclamação.

—Oh, não.

Lucy assentiu.

—Mas não há nada a temer. Ele não o dirá.

A mente de Portia começou a pensar a toda velocidade. O duque teria coagido Lucy para que se casasse com ele por isso?

—Não posso te deixar fazer esse sacrifício. Seus apetites...

—Não sou nenhuma mártir. Acredito... Acredito que estarei razoavelmente satisfeita. —O sorriso tímido de Lucy animou o coração de Portia. Essa era a aparência do amor?— É mais do que nunca imaginei que me passaria. —Tocou o antebraço de Portia— Se alegre por mim.

Portia lhe devolveu o sorriso e conseguiu murmurar.

—Se você for feliz, eu me alegro. —Seu sorriso se tornou pícaro— E já tenho um presente de bodas para você.

Fez-lhe uma piscada e Lucy se ruborizou.

—Então talvez seja melhor que me dê isso agora. —conseguiu dizer Lucy entre risadinhas.

Ambas sorriram inocentemente às mulheres que iam na frente e que se voltaram ao ouvir o som de suas risadas.

Lucy entrou no quarto de Portia e recolheu o presente, dissimulado com um lenço. Lucy se fixou na grande banheira de cobre.

—Vai tomar um banho de noite? Pegará um resfriado.

—Vou me encontrar com Mark amanhã. Queria me banhar primeiro. —Portia se ruborizou, fazendo uma careta ante a expressão decepcionada de Lucy.

—Oh, Portia. Oxalá não o fizesse. Está correndo um grande perigo.

Portia afastou suas preocupações.

—Sei o que estou fazendo. Terei muito, muito cuidado, prometo-lhe isso.

—Isso espero. —Lucy lhe tocou o braço uma vez mais e lhe desejou boa noite.

Chegaram duas criadas com cubos de água quente. Logo chegou outra com um cubo de água fria e toalhas.

Portia as despediu todas e quando sua donzela a ajudou a se despir, a despediu também. Queria estar sozinha. Completamente sozinha. Uma petição incomum, mas as criadas obedeceram.

Ainda com a regata, se inundou na água, que já estava temperada. se ensaboou sem molhar o cabelo porque não havia tempo para que lhe secasse antes de se deitar.

O sabão se deslizou brandamente sobre sua pele e ela colocou a mão sob sua regata.

Se afundou mais na banheira e fechou os olhos. A borda desta lhe cravava na base do crânio, evitando que dormisse.

O anúncio do compromisso ainda permanecia em sua cabeça. Tinha lhe surpreendido a rápida mudança de opinião do duque, embora fosse certo que tinha feito todo o possível para o afastar dela.

Um sorriso encheu seu rosto. Mark. Só pensar nele provocava uma quebra de onda de prazer. Não deveria se render a ela, nem sequer por um momento, mas ali, a salvo em seu espaço privado, deixou voar sua mente. Se permitiu sonhar com um possível futuro.

Se negou a que as restrições sociais empanassem seu sonho. Isso chegaria durante o dia, quando tivesse que voltar a rechaçar a oferta de Mark de se converter em sua amante oficial. Porque simplesmente não podia fazer isso.

Deixou que esse desagradável aviso se desvanecesse e se centrou na lembrança do rosto de Mark, rememorando as expressões de ternura dos anteriores encontros.

Recordando seu contato, levantou as mãos para cobrir os seios. A fina regata de linho se pegava à sua pele e a água a fazia transparente. O material roçava seus sensíveis mamilos, que se endureceram rapidamente ao pensar que era Mark quem a tocava.

Ela se beliscou esses botões endurecidos, o que enviou correntes de calidez até seu ventre. Deixou escapar um suspiro longo e profundo e voltou a cobrir os seios. Com os polegares rodeou seus mamilos sem cessar.

Deixou que uma mão se deslizasse entre suas coxas. Abriu as pernas e deixou que a água entrasse em sua fenda, sentindo como a corrente da água se chocava contra seus clitóris.

Queria algo mais que esse joguinho infantil. Roçou seu clitóris, tocando-o apenas, estimulando-o. A água tentou refrescar o calor que sentia.

Em vez de imaginar a Mark ali, estimulando seus sentidos, imaginou olhando-a. Ele também estaria se tocando, decidiu, fazendo mais elaborada a fantasia.

Imaginou seu pênis, se elevando duro e faminto por debaixo de sua bata.

Sua enorme mão estaria bombeando sobre seu pênis, fazendo que a cabeça se inchasse e se voltasse de um vermelho escuro.

Uma gotinha se formaria no olho de seu pênis; ele a aproximaria e deixaria que a saboreasse. Salgada e amarga, ela desfrutaria do sabor. Meteu os dedos em seu interior antecipando o recebimento do pênis de Mark.

Portia gemeu muito baixinho, não queria que ninguém a ouvisse e se retorceu sob sua mão que não deixava de esfregar. Empurrou para cima com os quadris, derramando água por cima das bordas da banheira.

Mordeu o lábio com força, tentando afogar os ofegos e os soluços.

Uma mão se fechou sobre a que ela tinha enterrada em seu sexo.

Portia abriu os olhos de repente e soltou uma exclamação. Seu traseiro golpeou contra o fundo da banheira. Ficou olhando fixamente ao produto de seus sonhos, que acabavam de se fazer realidade enquanto tentava tomar ar.

Mark Knightson estava ajoelhado junto à banheira, com a mão ainda afundada na água, porque não tinha afrouxado sua sujeição. A manga de sua camisa, recolhida sobre o braço mas empapada, revelava a musculatura que havia debaixo.

—O que está fazendo aqui? — sussurrou Portia.

Seu sorriso pícaro teria acelerado o batimento de seu coração se este já não estivesse correndo ao triplo de sua velocidade após vê-lo aparecer.

—Não podia esperar até amanhã.

Ele pressionou com a palma sobre a mão dela. Ela apartou a sua, lhe deixando o acesso livre ao que já estava desejando em silêncio. No momento colocou um dedo em seu interior e o curvou contra as paredes da vagina.

Ela deu um coice e se arqueou para ele.

—Quer que a faça gozar agora... ou depois? — grunhiu brincando com o polegar em seus clitoris.

—Agora. — ofego — E depois.

Ele riu entre dentes.

—Quero-o dentro de mim. — acrescentou.

—E o que é exatamente o que quer dentro de você? — Seu dedo rodeou a vagina, estimulando suas paredes.

Portia ofegou.

—Algo mais que seu dedo.

—Me diga isso - murmurou com um ronrono grave e vibrante.

Ela inspirou fundo.

—Quero seu pênis dentro de mim.

—Mais.

—Mais? — perguntou.

—Me descreva mais. — explicou ele, sorrindo.

Portia lhe devolveu o sorriso e disse em voz muito baixa.

—Quero seu grosso e quente pênis, em meu interior. E quero que me foda até que grite.

—Me diga como quer que a foda.

—Grosseiramente, quero que me foda rápido e com força, eu...

—Em que postura? —murmurou.

—A que você... —O fôlego ficou atravessado na garganta ante as possibilidades. Mordeu o lábio inferior— Por detrás, quero que me foda por detrás. Quero que me cubra. Sentir seu calor. Quero sentir como arde.

—Acredito, —disse Mark quase arrastando as palavras— que será melhor que saia dessa banheira para que possa a penetrar como você deseja.

Se levantou e a água foi abandonando seu corpo em ondas quebradas, a regata se pegava a seu corpo, revelando todas as suas curvas e as duas pontas que deixavam clara sua excitação.

Mark também ficou de pé e se agachou para aplicar sua boca quente sobre os mamilos que se sobressaíam por debaixo do fino tecido. Agarrou sua cabeça à altura de seus seios; os joelhos começaram a lhe falhar.

Ele a agarrou nos braços e depositou sua silhueta gotejante sobre o tapete. Com uma eficiência implacável lhe tirou a regata tirando-a pela cabeça. Deixou cair esta de novo na banheira. Agarrou uma toalha e a estendeu no chão diante do pé da cama.

—De joelhos. —ordenou.

Ela se colocou sobre a toalha e voltou a cabeça por cima do ombro. Seus cachos úmidos se soltaram das forquilhas.

Ele se ajoelhou atrás dela e colocou a mão na fenda de seu traseiro. Ela se abriu para ele, se inclinando para a frente e elevando o traseiro.

Com os dedos abriu seus cachos úmidos. Colocou dois em seu interior. Ela gemeu.

Mark se agachou para ela e lhe mordeu o ombro.

—Calada. —murmurou— Não quererá despertar a sua mãe... —E converteu a dentada em um suave beijo.

Trocou de postura para se ajoelhar entre suas panturrilhas, lhe cobrindo os seios com suas grandes mãos. Pela frente e por trás, seu calor a envolveu, aguçando seu próprio desejo.

Seu pênis se deslizou entre suas nádegas. Ela afogou um grito quando fez um pouco de pressão sobre a porta traseira. Todos seus músculos se estiraram. Mark voltou a apertar os lábios contra seu ombro, murmurando sons tranquilizadores.

Moveu o quadril e seu pênis baixou. A seguinte vez que tomou fôlego, o pênis já estava pressionando contra seu sexo. Arqueou as costas ainda mais e lentamente, muito lentamente, o pênis de Mark lhe abriu os lábios do sexo.

Ele ficou tenso contra o corpo dela e, em um longo e suave movimento, o pênis entrou, abrindo caminho em sua carne como se fosse manteiga. Ela exalou um longo suspiro.

Mark lhe agarrou os quadris.

—Quieta. —murmurou. E lhe deu o que ela tinha pedido: a fodeu com força, seu corpo golpeando contra o dela, colocando seu pênis profundamente uma e outra vez, uma e outra vez.

Ela recebia seu impulso, já além da excitação. Cada sentido gritava pela urgência da liberação que se aproximava. Mais à frente do pensamento coerente, Portia se abriu a ele, devolvendo o que lhe dava com a mesma ferocidade, apertando o sexo ao redor de seu grosso pênis até que seus gemidos em voz baixa se mesclaram com os dele.

Seus seios dançavam e, apesar de sua férrea sujeição, sua cabeça esteve a ponto de golpear contra a cama de madeira.

Seguiu investindo seu sexo cada vez mais rápido e seu suor se deslizava pelas costas molhadas dela. Se agachou até cobrir suas costas, se pegando e se deslizando contra sua pele.

O calor formava redemoinhos ao redor de seu encontro frenético. Cada investida fazia que o ar abandonasse os pulmões de Portia. Começou a se enjoar, se agarrando à cama até que os nódulos ficaram brancos.

A dourada liberação floresceu em seu sexo e abriu caminho através de seu ventre até explodir em seus seios. Emitiu um grito rouco, se esticou e tremeu.

As unhas de Mark se cravaram com força em seus quadris, segurando seu corpo, que já arqueava contra sua sexo. Um grunhido que lhe saiu do mais fundo das vísceras escapou de seus lábios. No sexo maltratado de Portia a sensação foi como se seu pênis se inchasse até o dobro de seu tamanho antes de enchê-la com todo seu sêmen.

Depois ele caiu sobre ela, atraindo-a para si, sem que suas palmas abandonassem seus seios. O tremor dela contagiou a ele, sentiu como se estremecia e o ouviu inspirar ar profundamente.

Ela se apoiou contra ele, se atrevendo a desfrutar de seu amparo.

—Meu Deus... —disse Mark por fim— Acredito que não posso me mover...

Portia lhe cobriu a mão com a sua.

—Venha para a cama comigo. — murmurou. Seu pênis, que ia perdendo sua firmeza, ainda estava dentro dela.

Ele cobriu de beijos sua omoplata, pressionando seus lábios contra as sombras suarentas de seu pescoço.

Ela gemeu no mais profundo de sua garganta.

—Não me atrevo a ficar. —sussurrou— Se nos descobrissem...

Se separou dela e ficou em pé. O frio gélido da noite percorreu a pele de Portia. se incorporou sobre os joelhos e o olhou enquanto recuperava suas calças.

Guardou o pênis, que já adoecia, sem afastar o olhar de sua figura nua.

—Eu adoraria ficar, Portia. —Inspirou fundo— A verei antes do amanhecer nos estábulos.

Seu sorriso torcido não a consolou muito. Recolheu outra toalha e a pôs em cima dos ombros. Assentiu.

—Vai.

Seu sorriso se converteu em um cenho franzido, mas se voltou e se foi.

Portia se deixou cair no tapete e descansou a cabeça contra a cama. Durante um momento infinito, tudo tinha sido brilhante, quente e vivo.

Agora se sentia congelada e vazia.

Soou um pequeno golpe na porta de lady Cecily. Ela se estirou na cama. Outro tamborilar a despertou de tudo.

Franzindo o cenho, Cecily afastou as mantas e caminhou até a porta.

—Quem é? —sussurrou.

—Sir Guy. —foi a resposta.

Cecily abriu a porta e se afastou para lhe deixar entrar.

—O que ocorre? —perguntou esfregando os olhos—. Que horas são?

—Falta pouco para amanhecer. —disse Sir Guy.

Cecily curvou os lábios. Como podia ir tão imaculadamente vestido a uma hora tão inoportuna?

—O criado de Knightson por fim confessou. Necessitei duas garrafas de porto para consegui-lo.

Lady Cecily despertou de tudo de repente.

—E?

—Knightson preparou um encontro com a senhorita Carew nos estábulos em algo mais de uma hora. Chama a sua donzela e se vista.

Cecily olhou ao cavalheiro.

—Não vou despertar a minha donzela a estas horas e muito menos deixar que te veja em meu quarto. Os falatórios percorreriam toda a casa em menos de um dia.

—Entrecerrou os olhos—. E isso arruinaria suas possibilidades com a garota.

Sir Guy deu de ombros.

—Então me permita que a ajude a se vestir.

Aparentemente despreocupada, que parecia ser a forma em que o queria Sir Guy, lady Cecily deixou que a bata caísse de seus ombros e se amontoasse no chão. De pé, com nada mais que uma fina regata, Cecily ignorou o olhar que a esquadrihava e se voltou para tirar um vestido algo robusto do armário. Se deitou sobre a cama e recuperou um par de meias opacas e o espartilho.

Se sentou em uma cadeira e colocou a primeira das meias.

—Por favor. —Sir Guy se moveu com uma rapidez surpreendente e se ajoelhou a seus pés— Me permita.

Ela riu.

—Acredito que não. —subiu a meia por cima do joelho. Sir Guy não se moveu. Seu olhar ardia sobre a carne exposta da coxa.

Bom, ela já sabia que era um libidinoso. Sem prestar muita atenção atou uma fita ao redor da meia. Seus movimentos se fizeram lânguidos. Tinha uma hora para se vestir, depois de tudo. A segunda meia foi se deslizando sob o olhar ávido de Sir Guy.

Ficou de pé e cruzou até a cama.

—Necessito ajuda com o espartilho. —murmurou.

Cecily colocou o objeto com baleias com a parte traseira na frente e lhe deu as costas. Olhou por cima do ombro ao cavalheiro.

—Sabe como fazê-lo?

Sir Guy ficou em pé, sorrindo.

—A asseguro que me vi com muitos espartilhos.

Fiel a sua palavra, passou o cordame pelas casas de algodão, puxando e assegurando durante todo o processo.

Ao sentir seu fôlego quente na nuca, Cecily fixou o olhar na parede que tinha ante ela, se assegurando de que estava direita. O espartilho lhe dava sua forma natural, sem se cravar na cintura, mas elevando o peito.

Sentiu a ratazana final e como atava um nó, e deu a volta para olhá-lo, lhe oferecendo uma visão completa de seu peito transbordante. Cecily não quis lhe recordar que a que ele deveria estar olhando com luxúria não devia ser outra que a senhorita Carew.

Os homens transbordavam luxúria. Eram coisas da vida.

Se meteu no robusto vestido de lã e afastou os cabelos acobreados soltos para colocá-los por cima dos ombros.

—Estou preparada.

Sir Guy assentiu e sua luxúria se converteu em um sorriso educado.

Assim tinha recordado à senhorita Carew. Ela igualou seu sorriso e lhe fez um gesto para que fosse na frente.

Sir Guy permaneceu em silêncio até que saíram ao pátio traseiro.

—Nos esconderemo no mezanino. O feno a faz espirrar?

—Não.

Uns poucos faróis trêmulos iluminavam o pátio traseiro e um leve cinza no horizonte sugeria a proximidade do amanhecer. Cecily esteve a ponto de tropeçar com um paralelepípedo desigual, mas recuperou o passo antes que Sir Guy o notasse.

Ele a deixou subir primeiro pela escada de madeira até o mezanino, lhe recolhendo amavelmente as dobras do vestido.

Ela sabia que ele não podia ver nada e, embora pudesse, não lhe importava. se apressou a se afastar da escada e recolheu as saias enquanto observava Sir Guy aparecer pela abertura quadrada no chão de madeira.

No princípio a ignorou e caminhou engatinhando pelo chão com o olhar fixo nas pranchas cobertas de feno.

—O que está procurando? —sussurrou Cecily, tentando distinguir sua sombra na escuridão. Uma luz cálida chegava desde algum lugar por debaixo deles e se filtrava através das gretas do madeiramento.

—Knightson fez preparar um lugar. —Sir Guy nem sequer girou para falar com ela porque tinha a atenção dirigida para outra coisa—. Ah. —Fez-lhe um gesto. Cecily nem se moveu—. Venha aqui. O melhor será que venha engatinhando.

—Com as saias? —Suspirou e as arrumou para engatinhar. Avançou se arrastando até onde estava ele.

Sir Guy afastou mais palha e um raio de luz os iluminou.

—Olhe.

Cecily viu uma quadra que tinha palha fresca empilhada. Um só farol assegurado a um poste enchia o espaço de luz, o farol dos dois amantes.

—Deveríamos ter outras testemunhas além de nós. —sussurrou Cecily se aproximando de Sir Guy para lhe falar ao ouvido.

—Ainda não. —murmurou Sir Guy em resposta, sem afastar o olhar do lugar que havia sob eles— Temos que estar seguros de que podemos confiar na palavra do criado. Como ficaríamos se arrastássemos o lorde Barrington até aqui e logo não passasse nada?

—Por isso me arrastou até aqui em vez de a ele.

Esta vez sim a olhou.

—Você queria estar nisto comigo. Então volte se...

Cecily o obrigou a calar lhe pondo uma mão sobre os lábios quentes.

Debaixo deles, o rangido de advertência que tinha ouvido Cecily logo revelou à senhorita Carew, que levava uma pequena vela. Ela rodeava a chama com a mão para se assegurar de que não saltasse uma faísca e produzisse um incêndio.

Chegou até a quadra e a senhorita Carew soprou a vela e a colocou sobre a parte inferior da parede do compartimento. Cruzou os braços e examinou o lugar com uma profunda ruga em sua tensa testa.

Cecily conteve a respiração enquanto observava a forma silenciosa da senhorita Carew. Knightson tinha enganado a todos?

A senhorita Carew se voltou ao ouvir algum ruído que eles não podiam ouvir de cima. Um sorriso surgiu em seu rosto. O do Cecily o imitou.

Knightson acabava de chegar.

Entrou na pequena quadra com largas pernadas e, sem uma só palavra, abraçou à senhorita Carew e ambos se fundiram em um beijo apaixonado que fez que o sangue de Cecily fervesse.

A senhorita Carew (Portia, pensou Cecily, deveria chamá-la assim se realmente iam presenciar um ato tão explícito) rodeou o pescoço de Knightson com os braços, fazendo que ele se inclinasse sobre ela.

Terminaram o beijo e uma ofegante Portia esperou enquanto Knightson se inclinava para lhe acariciar o pescoço com a boca.

—Você tem feito com que preparassem tudo isto? —perguntou Portia entre ofegos.

Knightson levantou a cabeça.

—Sim, fiz. —Olhou a seu redor, à quadra, examinando o trabalho de seu criado— Não é muito, sei, mas não quis fazer mais se por acaso alguém se encontrava com isso por acidente.

—Muito prudente por sua parte. —Portia parecia ter recuperado o fôlego.

—Já falamos suficiente. —grunhiu Knightson de uma forma que provocou que os dedos dos pés de Cecily se curvassem. A boca dele se fechou sobre a de Portia e seu suave gemido de desejo chegou até o mezanino.

Junto a ela, Sir Guy se remexeu. Cecily o olhou de esguelha. Arqueou as sobrelanceias em sua direção e conseguiu transmitir luxúria de uma vez.

Ela pôs os olhos em branco e voltou sua atenção à cena que se desenvolvia abaixo.

Os dois amantes se agarravam um ao outro, ávidos de chegar a uma intimidade maior, embora ainda houvesse várias capas de roupa entre eles. Portia pressionou seus lábios contra a garganta nua de Knightson, sem lenço a essa temprana hora da manhã.

Ele a abraçava e gemia enquanto seus lábios brincavam com sua pele. Deixou cair a cabeça para trás com os olhos fechados e Cecily custou tragar ao ver uma vulnerabilidade tão clara em seu rosto.

Nunca o tinha visto tão ao descoberto. Conteve a respiração: sua rosto era uma verdadeira obra de beleza masculina. Que injusto que tivesse decidido derrubar seus cuidados nessa senhorita Carew. Por que não podia ver que ela, lady Cecily Lambeth, era a adequada?

Agachou a cabeça para capturar a boca de Portia em outro beijo explorador. Portia puxou sua jaqueta, tentando tirar-lhe pelos ombros, mas seus braços a rodeavam, o que evitou que pudesse despi-lo, assim deixou cair as mãos, que desapareceram entre os dois corpos.

Os quadris dos dois se roçavam até que Portia forçou um pouco de espaço entre eles. Suas mãos seguiam fora da vista, dedicadas a algo.

Cecily sabia a que. Portia tentava liberar o pênis das calças.

Knightson grunhiu dentro da boca dela e se afastou. Tirou a jaqueta e a camisa de linho branco desapareceu por cima de sua cabeça pouco depois.

As calças estavam abertas sobre seu estreito quadril. Portia parecia estar desfrutando da vista.

Cecily não podia culpá-la. Seus músculos brilhavam à luz do farol e as gretas faziam que algumas sombras fossem ainda mais escuras.

Knightson rodeou a Portia em um estranho arrebatamento de privacidade. Não sabia que Cecily também estava desfrutando da vista. Seu pênis, duro e preparado, saía das escuras sombras que provocavam as calças.

Cecily umedeceu os lábios. Sua necessidade dele cresceu em seu ventre. Que delicioso seria que ele a fodesse com esse grande pênis perfeito que tinha. Quase podia sentir o órgão ávido empurrando no interior de seu sexo quente.

Ele arrancou as botas, tão velhas que estavam a ponto de se romper em pedaços. O seguinte que desapareceu foram suas calças, e ficou ao descoberto cada centímetro de sua perfeita masculinidade.

Cecily se inclinou para se aproximar, lhe desejando, desejando poder cheirar seu incrível aroma masculino, desejando poder se perder nele.

Ele voltou a se aproximar de Portia e suas mãos ficaram rapidamente a trabalhar. Portia já tinha desabotoado o casaco. As mãos dela foram para a frente das dele e trabalhavam em excesso para soltar as fitas do vestido.

—Rápido. —ofegou Portia— Te desejo agora.

O grunhido de Knightson afogou o som afogado de Sir Guy. Cecily o olhou. O próximo amanhecer ia destacando na sutil luz cinzenta. A tensão transbordava por todos os poros de seu corpo.

Cecily mordeu o lábio de preocupação. Poderia Sir Guy sair de repente de seu esconderijo e deter o sexo que se estava praticando abaixo?

Capítulo 15

Sir Guy permaneceu em seu lugar, toda sua atenção estava posta em Portia e nesse maldito Knightson que a manuseava.

Seguramente não estava gostando muito disso. A desavergonhada nem sequer se incomodou em colocar espartilho... Knightson despiu sua ágil figura em segundos.

Os olhos cheios de deslumbramento de Portia provorostom uma pontada de dor no coração de Sir Guy. Uma vez ela se entregou a ele com o mesmo abandono.

Olhou as bonitas curvas de sua pálida perna que agora envolvia a coxa mais escura de Knightson. Tão bela... ficou nas pontas dos pés para tentar puxar ele para si.

Knightson se deixou fazer. Levantou-a e suas pernas lhe rodearam rapidamente a cintura. Apoiou as costas dela contra uma parede de madeira coberta por uma velha manta de cavalo, maltrapilha, mas menos áspera que a madeira que havia debaixo.

Ele também teria planejado isto? Sir Guy teve que admitir que estava, impressionado pela previsão do homem.

Só um momento para se ajustar e Knightson a penetrou.

Ela deixou cair a cabeça e um grito suave escapou de seus lábios.

—Sim!

As nádegas dele se flexionaram de novo e logo outra vez enquanto Knightson fodia o pequeno sexo tenso de Portia. Oh, Sir Guy podia recordar perfeitamente essa suculência doce. Tinha sido sua uma vez.

A expressão enlevada de Portia fez que seu rosto passasse para vermelho escuro. Estava perdida nas profundidades da luxúria. Sir Guy sentiu que sua braguilha se esticava e notou uma pressão contra o chão de madeira que tinha debaixo dele. Deus, quanto a desejava.

Nem sequer Knightson podia manter muito mais tempo a posição erguida. Se separou da parede com Portia nos braços. Sir Guy admirou o férreo controle que Knightson demonstrava enquanto caía lentamente sobre o chão coberto de feno. Portia se colocou escarranchada sobre seu corpo sentado.

Sir Guy soprou. Dar à mulher a posição dominante, será que Knightson estava louco? Esse era um caminho seguro ao matrimônio.

A postura deixou livres as mãos de Knightson, que passaram a cobrir os seios dela, estimulando-os e beliscando-os como se jogasse com algum instrumento frágil. Portia adorava; deixou cair a cabeça para trás e os quadris se aproximaram de sua sexo.

Sua pele cremosa e avermelhada brilhava por uma fina capa de suor. Um grito entusiasmado surgiu de algum lugar no mais profundo de seu ser até que todo seu corpo ressoou com ele.

Caiu para a frente e sua rosto rosada desapareceu sobre o ombro de Knightson.

Ele a abraçou e acariciou docemente suas costas agachada. Que coisa mais incomum que ele expressasse tal ternura. Será que Knightson já tinha caído na armadilha do matrimônio?

Rodou sobre si mesmo, o que provocou que Portia ficasse deitada sob seu corpo, e tirou seu pênis, brilhante pelo fluido sexual dela. Ainda não estava satisfeito. Como tinha sobrevivido a incrível pressão do interior de Portia?

Deitada sobre um fofo montículo de palha, o olhar lânguido de Portia passeou por todo o corpo de Knightson.

Estendeu os braços e ele se aproximou até que seu enorme pênis se abateu ante seu rosto.

A mão dela subiu e desceu por seu pênis escorregadio. As nádegas de Knightson voltaram a flexionar-se pela necessidade de empurrar.

Portia o soltou e lambeu os dedos, chupando cada um deles ao passar por seus lábios franzidos.

—Faz que goze de novo. —Sua voz suave e clara escondia uma provocação brincalhona.

Oh, Deus. Se eu pudesse, pensou Sir Guy. Penetraria-a com tanta força...

Knightson se atrasou brincando com os seios bicudos de Portia uma vez mais. Sir Guy entendeu sua fascinação: a forma em que os mamilos se inchavam e se endureciam era suficiente para fazer que qualquer homem alcançasse o clímax.

Sir Guy ouviu uma exclamação afogada junto a ele. Olhou de esguelha para lady Cecily e o que viu lhe fez deixar de olhar a cena que se desenvolvia abaixo. Na pálida luz amarela do amanhecer, lady Cecily tirou os seios do espartilho e jogava com eles. A vasta palha fazia cócegas sobre eles.

Respirava com dificuldade pela boca. Lambeu os lábios avermelhados. Ele viu com uma claridade repentina que agora mesmo podia colocar o pênis na boca de lady Cecily até a garganta e ela nem sequer pestanejaria; essa idéia quase lhe fez afastar a mente da tarefa de espiar a cena do piso inferior.

Bom, que se desse prazer a si mesmo. Pelos roteiros que Knightson estava tomando, isso era tudo o que ia obter desse tipo.

Com dificuldade voltou para a cena de baixo. Knightson tinha incorporado Portia até a pôr de joelhos e percorria seu corpo desejoso com as mãos.

Rodeou-a, mantendo-a perdida em um furacão de sensações, sem deixar de mover as mãos, sem deixar de excitá-la. Persuadiu-a para que ficasse de quatro e se colocou atrás de suas pernas abertas.

Oh, sim. Assim que se tratava disso.

—Sim. — vaiou lady Cecily junto a ele, retorcendo-se. A palha caiu pela ampla greta entre as pranchas e Sir Guy se apartou por medo de ser visto.

Portia levantou a cabeça bruscamente. Seu cabelo escuro se pegava à seu rosto.

—O que foi isso?

O olhar de ambos seguiu o atalho que riscava o pó e a palha que caíam.

—Um camundongo. —decidiu Knightson— Talvez um rato.

Portia se estremeceu junto a ele.

—Relaxe. —Seu sorriso lhe chegou ao coração— Não é nada.

Ela se conformou com seu sorriso tranquilizador e voltou a agachar a cabeça. Só a sensação de tê-lo sobre seu corpo e seu pênis enterrado nela, a fazia se sentir segura.

Seguiu empurrando devagar, lânguido, deixando que a doce tensão dourada aumentasse com a deliciosa lentidão. Ela, por sua vez, empurrou seus quadris contra ele; queria mais, mais rápido.

Ele as agarrou para mantê-la quieta, não importava quanto se retorcesse contra ele. Ela deixou que o movimento de balanço a embargasse, deixando-se ir e ficando completamente a sua vontade. A fricção em seu sexo avivou uma chama de necessidade que se estendeu por cada centímetro de sua pele até que lhe formigou todo o corpo.

Gemeu. Seu movimento de entrada e saída se notava deslizante graças a seus fluidos. Ela mal era capaz de pensar: tudo eram sensações, calor e necessidade.

Mark seguiu e aumentou a velocidade das investidas até que um se fundiu no outro. Ela apertou com força seu pênis procurando sua liberação. Gemeu de forma entrecortada, lhe urgindo para que fosse mais e mais rápido. Ela alcançou o clímax,

uma liberação dourada que caiu sobre ela como uma cascata que arrastava tudo exceto a ele.

Os dedos dele se cravaram em seus quadris e investiu uma última vez profundamente o interior de seu sexo, esvaziando-se em seu interior com um longo grunhido de satisfação.

Ambos se deixaram cair ao chão. O feno cravava seu corpo nu, mas Portia não se importou. Estava exausta, satisfeita e se sentia deliciosamente viva.

Nem o ir e vir dos ratos no mezanino lhe incomodava.

Nem sequer ter que se vestir em silêncio (não necessitou a ajuda de Mark nesta ocasião). Nem tampouco a incomodou que Mark saísse dos estábulos sem sequer voltar o olhar para ela.

Uns segundos depois, lhe seguiu, se perguntando por que os ratos escolhiam a manhã para estar tão ativos. Mas não eram criaturas noturnas?

Estremecendo-se ao pensar em um camundongo caindo sobre ela, apressou-se para voltar para a casa.

Knightson sabia foder muito bem. Lady Cecily se estremeceu de êxtase somente o vendo dispensar seus favores à afortunada Portia. Que mais podia fazer que se tocar?

Só imaginar as mãos de Knightson sobre seus seios fez que tivesse que tirar os seus do confinamento. Suas mãos não eram tão grandes como as de Knightson mas ela sabia como fingir...

Estimulou os seios com os dedos com a visão enviesada dos amantes abaixo dela. Tentou não se retorcer para não fazer nenhum ruído, mas, oh, era tão difícil não fazê-lo.

Quando Knightson se preparou para montar Portia por trás, as vísceras de Cecily se fundiram e vaiou:

—Sim.

Portia olhou para cima, diretamente onde estava ela, mas não pôde atravessar o madeiramento opaco do mezanino.

Lady Cecily ficou de pedra, mas com uma investida dos quadris de Knightson ela já estava ardendo de novo. Mordeu com força o lábio inferior e sua pélvis ia se movendo ao mesmo ritmo pré-histórico que marcavam os quadris de Knightson.

Sir Guy se remexeu a seu lado, mas não prestou atenção nele, nem sequer quando se afastou até ficar fora de sua vista. Não lhe importava se ia embora, ela ficaria para presenciar a cena até o final. Talvez não fosse ela a que estava debaixo de Knightson, mas sua imaginação fazia que se visse precisamente ali.

Notou uma repentina tensão na barra da saia. Teria se enganchado com um prego? Como?

Uma breve corrente de ar frio da manhã. Uma mão cálida lhe tocou a parte traseira da coxa. Cecily deu um coice. Parecia que Sir Guy não tinha ido depois de tudo.

Empurrou-lhe brandamente as panturrilhas com o joelho. Com um movimento fluido, Cecily ficou de quatro e abriu as pernas. Ela estava quente, úmida e pronta, e Sir Guy poderia fazê-lo igual de bem que Knightson. Só por esta vez.

O pênis de Sir Guy estava mais que pronto. Se deteve na fenda de seu traseiro, pressionando seu ânus durante um excitante momento. Fechou os olhos durante um segundo para não ver os amantes que copulavam.

AO pênis se deslizou mais abaixo, se introduzindo entre os lábios cobertos de pêlo. Seu sexo úmido o aceitou sem dificuldade. Agarrou-lhe os quadris e empurrou para seu interior.

As unhas dele se afundaram em seus flancos. Durante um segundo ofegante, Cecily pensou que ele tentava se controlar. Mas não se importava. Queria sexo, queria-o duro e o queria agora.

Elevou e esfregou suas nádegas contra ele, sentindo como os botões de suas calças se cravavam na pele. Se aproximou mais a ele, apertando habilmente seu pênis escorregadio.

Ele se inclinou para frente e a agarrou pelo cabelo, puxando para trás até que suas costas se dobraram como um arco. O ar escapou dos pulmões dela em um suspiro silencioso. Apertou as coxas a seu redor para lhe fazer saber que gostava disso.

Sir Guy aceitou a rendição de seu corpo e afrouxou a força que exercia sobre seu cabelo. Entrou com força nela e seu pênis penetrou e dividiu sua carne mais íntima.

Ela se concentrou na respiração, engolindo seus gemidos e algo que pudesse revelar sua presença. Se esqueceu de espiar ao casal que tinham debaixo, consumida por sensações que rivalizavam com as que tinha imaginado um momento antes.

Um desejo ardente surgiu em sua cabeça: não havia pensamentos, só desejo, necessidade. Ela pulsava sob ele, devolvendo cada investida. Perdida nas sensações, quase não se inteirou das suaves palavras de Sir Guy.

—Foram-se. —Voltou a puxar seu cabelo— Deixe ir, Cecily. Me deixe ouvir como goza.

Ela reagiu rápido ante estas palavras. Seus sentidos se liquidificaram até se converter em mercúrio, algo explodiu nela e saiu em forma de um grito irregular que encheu o mezanino. Depois se rendeu aos soluços de prazer salpicados de agudos gritinhos enquanto Sir Guy seguia empurrando grosseiramente em seu interior.

Ele gozou com um grito rouco, lhe cravando as unhas tão forte que fez sangrar seus flancos. Saiu dela quase de uma vez e ela caiu ao chão com as saias enredadas sob seu corpo.

Seus ofegos encheram o ar.

Ela baixou as saias até um lugar mais decente e se voltou para olhar a Sir Guy. Cecily recuperou o primeiro fôlego.

—Oh, Deus. —sussurrou.

Sir Guy terminou de fechar as calças e ficou de cócoras.

—Querida, isto não muda nada. Sei que estava pensando nele enquanto eu a fodia.

Cecily não negou. Assim é como tinha começado, ao menos. O resto tinha sido um amontoado de sensações. Todo Sir Guy.

—E você na senhorita Carew.

Ele deu de ombros e tampouco se incomodou em negá-lo.

—Devemos permanecer concentrados em nossos planos. Quem esperaria que presenciássemos como fodiam e não nos víssemos afetados?

Quem? Lady Cecily voltou a meter os seios no vestido e no espartilho.

—O que fazemos agora?

—O criado falará de novo. Pensará que mantive em segredo sua primeira falta de confidencialidade e confiará em mim outra vez. Na seguinte vez que se encontrem para ter sexo, os teremo. —Seus lábios se curvaram—. Todo mundo verá como a senhorita Carew mentiu para sujar meu nome.

Cecily ficou muito quieta. Assim que tudo isso ia além de que queria pedir a mão da senhorita Carew.

—Acreditei que a amava.

Sir Guy enxugou a testa com um gesto brusco.

—Eu a amo. E me casar com ela fará que tudo isto não tenha importância.

Se levantou, agachado para não golpear com a coberta baixa, e se encaminhou à escada. Baixou e ajudou lady Cecily uma vez mais com suas saias incômodas.

Se suas mãos permaneceram em suas coxas e em sua cintura durante mais tempo do que era realmente necessário, lady Cecily se absteve de lhe recordar o conceito de propriedade. Depois do que acabava de passar entre ambos, falar de um comportamento apropriado parecia absurdo.

Ela o seguiu ao exterior, entrecerrando os olhos contra a repentina luz da manhã.

—Deveria falar com o senhor Knightson.

Sir Guy deu a volta para olhá-la.

—Com que propósito?

—Com o propósito de conseguir que concordem com nossas demandas sem ter que lhes destruir. Nós também ficaremos marcados por isso.

—Você não. —Sir Guy cruzou os braços—. Knightson não verá manchado seu nome atrás disto e, se vê afetada, o tempo o eliminará rapidamente.

—E a senhorita Carew?

—Levará meu nome para demonstrar sua honra. —Suas palavras soaram firmes.

Lady Cecily mordeu o lábio.

—Se estiver tão seguro...

—Estou. —Deu um passo para ela, utilizando sua maior estatura para dominá-la—. Não falará com o senhor Knightson deste assunto.

Ela só se atreveu a estender as mãos e lhe estirar a jaqueta. Foi uma ação estúpida, mostrar delicadeza a um homem que estava se pondo à frente do assunto, mas funcionou como tática dilatória.

A noz do homem subiu e baixou enquanto tragava com dificuldade.

—Cecily, —tinha baixado a voz— acha que Knightson irá em sua busca se o chantagear para que deixe à senhorita Carew? Necessitará alguém a quem recorrer se vir à tona esta ação pouco cavalheiresca por sua parte. A sociedade afastará dele suas senhoritas virginais. E a quem recorrerá a não ser a você? —Sir Guy lhe acariciou a bochecha—. Querida, se chegar a suspeitar que você tem algo a ver com o descobrimento, nunca o terá.

Lady Cecily estremeceu e se afastou.

—É obvio. Tem razão. — disse sem olhá-lo.

Ele lhe tocou o braço e ela ficou imóvel.

—Cecily.

Ela levantou a cabeça para olhá-lo.

—Guy. —respondeu— Tem minha palavra.

Ele assentiu brevemente.

—Bem. —E a soltou.

Lady Cecily caminhou até a casa diante dele. Os pensamentos se agitavam em seu interior e os sentidos que ainda lhe pulsavam tampouco a deixavam em paz. Sir Guy tinha razão.

Tinha que se concentrar em seus objetivos. Em seu objetivo: o senhor Knightson.

Portia se deixou cair em um sofá junto a Lucy.

—Parece muito descansada para ser uma futura noiva.

Lucy deixou seu bordado e a olhou longamente.

—Você não. Segue com sua louca aventura?

Portia olhou a seu redor no salão dourado para se assegurar de que ninguém as podia ouvir.

—Não posso pará-lo. — respondeu Portia.

—Quer dizer que não vais fazer.

A manhã ensolarada tinha dispersado às mulheres. Através das janelas abertas que deixavam entrar o ar fresco, Portia viu lady Cecily Lambeth perambular sozinha pelo jardim de ervas. Lady Barrington havia dito que tinha intenção de visitar seus arrendatários e a senhora Carew, a senhora Chalcroft e a senhorita Sophia tinham ido com ela. Quase não havia espaço para todas as cestas de lady Barrington.

—Sei que isto não vai durar. — disse Portia enquanto recolhia o trabalho de bordado de seu colo e cravava a agulha, embora sem chegar a completar o ponto—

Sei que antes que se acabe a semana, mamãe querará ir-se daqui porque pensará que não consegui atrair a ninguém que valha a pena.

—Não tem esperanças postas em Sir Guy?

—Mamãe não é tão cruel. —Portia fez uma pausa, mordendo o lábio— Embora possa que sim esteja assim de desesperada.

—O que pensa fazer uma vez que terminar essa relação?

Portia sorriu.

—Vestir de negro, chorar e me arrancar mechas de cabelo.

Lucy pigarreou; não lhe divertia a brincadeira.

—E depois?

—Não sei. Eu gostaria de viver tranqüila, talvez acompanhando a alguém.

—Você não gostará. —Lucy falava com a voz da experiência.

—Não posso me permitir o luxo de viajar ou me retirar a algum lugar e me converter na louca do povo. —Portia deu de ombros— Mamãe se passa a maior parte do tempo na cidade e papai é bastante complacente. Será agradável e estarei tranqüila.

Lucy fez uma careta.

—Você? Tranqüila?

Portia lhe devolveu um sorriso.

—Tenho alguns conhecimentos novos com os quais me entreter.

—Mas... —Lucy se interrompeu, levantou-se e fez uma reverência— Excelência. —disse com voz suave.

Portia se levantou com rigidez e imitou as ações de Lucy, embora não com a mesma suavidade na voz.

—Senhorita Chalcroft. —O duque disse essas palavras como se tivessem sabor de glória. Depois sua voz se voltou mais fria— Senhorita Carew.

As duas mulheres voltaram a se sentar e o duque tomou assento junto a Lucy. Agarrou-lhe a mão e a levou aos lábios para beijá-la. O bordado de Lucy caiu a seu colo sem que ninguém se desse conta.

Depois estendeu o braço em busca da outra mão de Lucy, beijou-a também e ao fim se inclinou, pedindo um beijo nos lábios. E não se tratou de um beijinho educado, a não ser um beijo que se fez profundo.

Portia conteve a respiração; sensações familiares se revolviam em seu ventre. Não pensava no duque, mas a idéia de que Knightson pudesse entrar na sala assim e a beijar dessa forma... Não só com uma paixão reprimida, mas também com uma doce ternura que quase fez que aparecessem lágrimas aos olhos.

Lucy rodeou o pescoço do duque com os braços, se apertando contra ele sem nenhuma vergonha. Suas mãos abriram caminho até seus seios, fazendo que seus mamilos cobrassem vida.

Portia pigarreou. Tinha pensado em fugir dali, mas ficou sentada como se tivesse jogado raízes no lugar, observando o carinho.

Lucy se separou do duque, agarrou as mãos que a acariciavam e as beijou.

—Estamos escandalizando à senhorita Carew. —Sua voz estava cheia de ternura.

—Duvido. —disse o duque arqueando uma sobrancelha prateada em direção a Portia— É bom que a senhorita Carew se dê conta do que perdeu.

—Oh, isso foi cruel! —Lucy lhe golpeou o peito com o bastidor de bordar.

—Certo. —O duque voltou sua atenção a Lucy— Porque eu encontrei um prêmio maravilhoso em seu lugar. —Voltou a se inclinar para beijá-la de novo, mas se deteve a meio caminho.

Se dirigiu a Portia com um olhar cheio de desejo e amor. Mas não por ela. Por Lucy.

—Tem minha permissão para ir, senhorita Carew.

Portia recolheu seu bordado e saiu apressadamente da sala. Nos ouvidos lhe rugiam as risadas do duque e as risadinhas de Lucy.

Jogou sua bolsa de costura em uma mesinha auxiliar do vestíbulo e se encaminhou para os jardins após agarrar um guarda-sol do porta-guardachuvas ao passar.

Toda a cena com o duque e Lucy a tinha alterado. Não queria pensar nela, assim passearia até que se diluísse essa sensação e logo tudo voltaria para a normalidade.

Mas sua mente começou a trabalhar ignorando a ordem que acabava de lhe dar. Se arrependia de ter rechaçado ao duque? Não, nem por um segundo.

Então o que? Será que não estava absorvida pela excitante paixão com Knightson? Não deveria ser isso suficiente?

Mesmo assim, queria que Knightson a beijasse, dessa forma, tão íntima. E não necessariamente como prelúdio ao sexo, só porque sim.

Mas isso não passaria nunca. Sua história terminaria com sua saída de Willowhill Hall. Com uma partida tão iminente, a ternura não tinha lugar em sua relação.

Recordava o suave beijo que lhe deu na nuca depois de fazer o amor da forma tão emocionante em que o tinham feito essa manhã e os olhos voltaram a se encher de lágrimas. Era inútil acreditar que ele era tão terno assim de propósito. Inútil pensar que ela lhe importava mais à frente do sexo cataclísmico que compartilhavam.

Como pôde pensar alguma vez que poderia ir sem mais? Umas semanas ou meses mais dessa paixão valiam a pena para arruinar sua reputação e o retiro tranquilo que dizia que desejava?

Enxugou as lágrimas com o dorso da mão e começou a subir a suave colina que havia atrás da casa. Nada de perambular pelas estufas. Queria estar completamente sozinha.

Se pudesse ter Mark Knightson igual a Lucy tinha ao duque de Winterton... Não, queria uma relação mais profunda que essa. Mais que sexo, mais que carinho. Queria amor.

Uma coisa em que já não acreditava. Uma risada amarga lhe escapou ao dar-se conta. Seu tolo coração de mulher a estava traindo uma vez mais.

Knightson queria prazer, não uma vida juntos. Não importava que sua presença fizesse que saltassem faíscas pelo ar ou que ambos se complementassem. Não tinham compartilhado confidências, mas sim as coisas cotidianas como se o tivessem feito sempre.

Ela podia esperar esse nível de comodidade com Freddy Barrington, a quem conhecia de toda a vida, mas não com Knightson.

Quando tinha se produzido essa mudança? Não importava. Agora se encontrava apanhada nele. Knightson nunca saberia que seu coração se tornou fraco ante ele, que ela queria mais.

Ele nunca saberia que ela... que ela o amava.

Deixou escapar um grito afogado e convulso. Oh, que atoleiro! Lucy tinha razão, muita razão, quando lhe falou do dilema de continuar essa relação, mas a realidade era que ela já estava perdida desde muito antes.

Tinha que terminar com isso, agora, antes que chegasse a sucumbir ao desejo de se converter em sua amante oficial. Agora, antes que se cansasse dela e a abandonasse, lhe rompendo o coração.

Acreditava que poderia se recuperar do golpe agora.

Portia caminhou pelo caminho de terra e deu um amplo rodeio de volta à casa. De volta a fingir que tudo o que queria era sexo e uma experiência para reviver o resto de sua vida.

Que vazio lhe soava tudo agora.

Mark Knightson estava cavalgando com outros cavalheiros. Só o duque tinha preferido ficar na casa, sem dúvida desejava permanecer junto a sua nova prometida e não agitar seus velhos ossos nesse duro passeio a cavalo.

Os homens fizeram saltar aos cavalos por cima de troncos caídos, cercas e muros baixos de pedra. O sol brilhava entre as nuvens cinzas e baixas, dando um tom dourado à campina verde.

Mark agradeceu o cansaço que lhe provocava o exercício. Seus pensamentos voltavam com muita frequência a Portia Carew e a seu belo e grácil corpo. Necessitava um descanso e uma boa dose de ar fresco para clarear cabeça.

Mas aí estava de novo, pensando nela. Ela se enredava em cada um de seus pensamentos, até o ponto de que temia o momento de romper com ela quando deixasse Willowhill Hall.

O intoxicava. Não queria nada mais que abraçá-la e não deixá-la ir nunca, tê-la sempre aí para lhe fazer amor.

Não podia recordar a última vez que uma mulher o tinha afetado assim.

Não ia voltar a lhe ocorrer. Só porque nunca tivesse experiente nada como essa tormenta de paixão desde sua primeira conquista, isso não era desculpa para se render ante isso. A tormenta acabaria levando-lhe pelos ares.

Se dissiparia até ficar em nada. Sempre o fazia. Tinha-o comprovado no passado e voltaria a se repetir.

É obvio, se não tivesse quebrado sua regra de ouro de limitar o tempo que dedicava a cada bela mulher que fazia dela, essa tormenta não teria alcançado suficiente força para conseguir que ele andasse com a cabeça nas nuvens como uma velha.

Apertou os dentes. Com uma exclamação brusca incentivou os seus arreios para que comesse um galope e saltasse uma cerca próxima. Atrás dele ouviu os gritos surpreendidos dos outros e o repico dos cascos contra a dura terra.

Capítulo 16

Knightson prometeu a si mesmo que não voltaria a tocar em Portia Carew esse dia. Não importava que isso lhe torturasse, já que tinha que se reunir com ela para as atividades mais mundanas da casa. Uma vez mais teve que ser seu companheiro de mesa, o jovem Winterton tinha afastado seu aborrecimento e tinha voltado a se unir à concorrência.

Não gostava das olhadas ambiciosas que o jovem lançava a Portia, mas lhe era impossível fazer nada a respeito.

Junto a ele, Portia cercou conversa com a senhorita Sophia. Antes que, se desse conta, ele também se uniu, apesar de que o assunto era uma tolice sobre as várias delícias botânicas do jardim de lady Barrington.

Portia lhe dedicou um olhar surpreendido que lhe pareceu injusto. Será que não lhe estava permitido saber um pouco de botânica? Um sorriso adornou seus lábios. Se havia algo que gostava mais que nada era surpreender a Portia.

—Passei minha mais temprana infância engatinhando atrás do jardineiro chefe —explicou em tom neutro.

Os olhos que Portia abriu de par em par lhe suplicavam que seguisse. Bom, não tinha intenção de compartilhar sua infância com toda a mesa.

—Eu passo todo meu tempo livre no jardim! —trilou Sophia.

Deus, será que agora a mucosa ia atrás dele?

Não. Dedicou um sorriso a Freddy Barrington, que estava algo mais à frente na mesa. Bem. Não necessitava a complicação que supunha uma senhorita inocente atrás dele também.

Ele assentiu, sorriu ante sua afirmação e lhe perguntou pelo conteúdo de seu jardim.

Ao terminar o jantar, as mulheres deixaram que os homens se dedicassem a seus próprios assuntos. Portia passou o dedo pelas suas costas muito brandamente, sem dúvida com a intenção de que parecesse um acidente.

Ele estremeceu, mas fingiu que não havia sentido absolutamente nada.

Logo teve que se ver com as brincadeiras bem-intencionadas do resto dos homens por ter mantido entretidas às duas juvenzinhas.

—Nunca pensei que você fosse uma muda de alface. — comentou o duque, seus olhos entrecerrados pareciam só duas frestas brilhantes.

Mark arqueou uma sobrancelha inquisitiva que sabia que não ia funcionar com o velho.

—O afã conquistador se considera muda de alface?

—Isso é mais próprio de você! —trovejou lorde Barrington— Nada bom isso de que gostasse de sujar as mãos, Knightson. Eu prefiro ser o general de meu exército de jardineiros.

Os outros riram para lhe dar a razão.

Mark apurou seu brandy e fez um gesto para que lhe servissem mais. Por que estava ali outra vez?

Quando chegou o momento em que os cavalheiros decidiram entrar nos domínios das senhoras, o licor já nublava o cérebro de Mark. Embargava-lhe uma prazenteira sensação de intumescimento, mas não permitiu que isso lhe levasse até Portia.

Lady Cecily se aproximou. Tendo em conta que ela era o menos mau dos dois demônios, dedicou-lhe um sorriso torcido deixou que lhe levasse até a janela. Por ali entrava uma brisa ligeira de ar fresco que quase o serenou. Mark não se incomodou em adular lady Cecily, assim que deixou que ela abrisse a conversação e mostrasse sua tática.

—Senhor Knightson. —Lady Cecily brincou com um dedo com a borla que pendurava de seu vestido de corte alto de veludo verde.

Não estava tão bêbado para não se dar conta de que lady Cecily pretendia lhe seduzir, esperou que ela continuasse.

—Senhor Knightson, só temos uns minutos...

Maravilhoso... Pretendia lhe seduzir realmente?

—Disse que não o faria mas... —Olhou a sua direita e Mark seguiu seu olhar.

Sir Guy se uniu a eles e deslizou seu braço no de lady Cecily.

—Aqui está, querida lady Cecily. A senhorita Sophia estava perguntando pelas novidades quanto a entretenimento em Londres e eu estou seguro de que você é a pessoa adequada para lhe responder. —Sorriu ao Mark—. Temo que Freddy e eu poderíamos mencionar temas, não muito adequados para uma jovem dama. Se nos desculpar...

Mark inclinou a cabeça para assentir. Os viu se afastar. A cabeça de Sir Guy se agachou para se aproximar da cabeça funda de lady Cecily. Sir Guy estava lhe fazendo um favor e agora andava atrás de lady Cecily?

Portia parou diante dele com o braço entrelaçado com o da senhorita Chalcroft. Uma faísca de ciúmes se acendeu no interior de Mark. Recordou as duas fundidas em um abraço apaixonado: duas ninfas em uma cena silvestre.

Seu pênis despertou pela urgência de possuí-la, a reclamar dos braços da senhorita Chalcroft, e começou a se elevar. Deu-lhes as costas para reprimir essa necessidade primitiva.

—Senhor Knightson. — disse a voz da senhorita Chalcroft. Portia estava de pé em silêncio junto a ela, com os escuros olhos brilhantes.

Mark lhes sorriu.

—Senhoritas. —Insinuou uma breve reverencia— No que posso lhes ajudar?

—A senhorita Carew quer ter umas palavras com você. —A senhorita Chalcroft sorriu revelando uma covinha pírosto em sua bochecha esquerda— Eu sou sua alcoviteira.

Portia uniu suas mãos diante dela, firme no mesmo lugar, em que lady Cecily se mostrou frívola. Suas bochechas se coloriram.

—Senhor Knightson, estava me perguntando por nosso seguinte encontro.

Seu tom frio foi como um golpe. Nenhum pingo de desejo em sua voz, embora o rubor de suas bochechas dava amostra de seus verdadeiros sentimentos.

—Lorde Barrington me comentou que vai se celebrar uma caçada, embora não sei o que vai se caçar. —Lançou-lhe um breve sorriso— Mas temo que não vou assistir. Quais são os planos das mulheres?

—É o dia de receber de lady Barrington. — respondeu a senhorita Chalcroft ao ver que Portia permanecia em silêncio— Acredito que vamos conhecer alguns dos vizinhos. Me agradecerá de ver rostos novos.

—Que aborrecido. — murmurou Portia ganhando assim outro sorriso de Mark. Ele supunha que o seria: sentar-se diante de um desfile de gente do lugar ansiosa por ver os glamurosos visitantes. Nunca o tinha pensado antes.

—Certo. —assentiu— Nesse caso, Portia, sugiro que nos encontremos na sala de bilhar. Os homens estarão fora e nenhuma mulher se atreverá a entrar nos domínios dos homens.

—Nenhuma mulher, exceto eu. — respondeu recuperando parte de seu caráter. Ergueu-se ainda mais, enfrentando a seu olhar.

—Nenhuma exceto você. —Ao notar a brusca aspiração dela, Mark se deu conta do que havia dito e de como o havia dito. Um tom suave e cantarino diante da senhorita Chalcroft? A garota pensaria que ele estava realmente assanhado com Portia.

Não. Era um assunto temporário. Nada mais. Devia seguir recordando-lhe.

—A que hora? —A voz dela tremia. Ele apostaria que sua mente já estava se encaminhando para o sentimento amoroso. Tinha que cortar isso pela raiz.

—Uma hora depois do almoço. —disse, e seu tom seco deixou claro que uma entrevista com ela estava ao mesmo nível que uma com seu alfaiate. Depois fez uma breve reverencia— Se me desculpam, senhoritas...

Aduzindo uma dor de cabeça, Portia abandonou a recepção de lady Barrington exatamente uma hora depois do almoço. Em vez de subir outro lance de escadas até seu dormitório, se encaminhou para a planta principal.

O estranho comportamento de Knightson na noite anterior só serviu para confirmar suas próprias dúvidas. Hoje seria a última vez. Tinha que acabar com isso agora, antes de abandonar Willowhill Hall.

Cruzou a soleira da porta aberta que levava a sala de bilhar, situada no extremo da asa esquerda da casa. Fechou a porta atrás dela.

Embora era a primeira hora da tarde, a sala de bilhar estava em penumbra. Alguém (Knightson, supôs) tinha fechado as grossas cortinas de veludo azul marinho e não tinha acendido nenhum abajur.

O móvel principal da sala, a mesa de bilhar, ficava no centro da estadia e o pano verde que a cobria quase brilhava nessa escuridão.

Ao redor dela tinha dispersados vários sofás nos que os homens podiam descansar e uma larga mesa auxiliar onde Portia imaginou que se serviriam licores e deliciosos aperitivos.

Essa tarde havia uma só garrafa e dois copos de cristal esculpido sobre a deslumbrante chaminé.

Portia se aproximou onde estava o vinho enquanto examinava a sala em que se encontrava.

—Portia. —A voz profunda de Knightson ressoou a suas costas.

O coração quase lhe saiu pela boca. Girou bruscamente.

—Mark. —Odiava o tom ofegante de sua voz. A fazia soar como se não pudesse esperar para se deitar com ele.

Não importava que isso fosse completamente certo.

Knightson se deslizou para onde ela estava, sua jaqueta azul marinho quase se mesclava com as sombras da sala. Agarrou a garrafa de vinho e serviu dois copos.

Estendeu um copo a ela.

—Por nós. —disse.

Ela aceitou contente de que a mão não tremesse.

—Por nós? —Embora gostaria de dizer o mesmo de sua voz.

—Portia, tomei uma decisão. Sei que concordamos continuar esta relação até que abandonasse Willowhill Hall...

—Quer terminá-la agora. —Sua voz átona não deixou transluzir nem seu alívio nem sua angústia— Bem, eu também.

Ele pareceu surpreso pelo que acabava de dizer e o vinho vermelho rubi se agitou em seu copo.

—Quer isso?

—Cada vez que nos encontramos, se faz mais perigoso para nós, estou segura de que estará de acordo. —Nunca lhe diria que seu coração corria o risco de se romper.

—Completamente. E também pensei que seria melhor acabá-lo agora, enquanto ainda é bom. Não há nada mais doloroso que as largas e dilatadas despedidas.

—Estou de acordo. —Mas mentia; mentia como se nada disso lhe preocupasse. Que sentido tinha montar uma cena? Levantou o copo— Por nós então.

Ambos esvaziaram o copo e Mark os preencheu. Ela voltou a beber, desfrutando do doce toque afrutado na língua. E agora o que? Beberiam e logo cada um tomaria seu caminho?

Lambeu uma gota de vinho dos lábios. Mais forte que o vinho amendoado que estava acostumado a tomar, esta bebida a encheu de um calor crescente, muito parecido e de uma vez diferente às sensações que lhe provocava fazer o amor com Knightson.

Não, não devia pensar nisso como fazer amor. Era intercâmbio, sexo, foder. Nada a ver com o amor.

Por que não...? —Inspirou fundo e continuou, o coração acelerado de só pensar no sexo— Mark, uma última vez?

Ele parecia saber do que estava falando.

—Seria uma conclusão adequada. —Terminou sua bebida e voltou a pôr o copo sobre a mesa de ébano.

Para Portia esse móvel lhe pareceu um objeto feio agora, com muitas folhas de parra e outros arabescos esculpidos. Imitou o que Mark acabava de fazer; bebeu o último gole de vinho e lhe devolveu o copo.

—Agora... —Em um segundo ele se colocou a menos de um milímetro dela. Rodeou-lhe o rosto com as mãos, os polegares lhe acariciavam as bochechas como se quisesse recordar a suavidade de sua pele.

Se inclinou e a beijou. Seus lábios tinham sabor de amoras. No momento em que ela roçou com a língua sua boca fechada, os lábios dele se abriram e sua língua se enredou com a dela.

Ele não parecia inclinado a levar o beijo mais à frente e, por uma vez, tampouco Portia.

Este pode ser o último beijo, pensou unindo as mãos atrás de seu pescoço. Sua doçura fez que as lágrimas aparecessem nos extremos de seus olhos.

O último beijo. O último abraço. A última vez que fodiam. De verdade era o final? Realmente isso era o que queria?

Seu corpo se amoldou ao dele, cada curva se alinhava com suas duras linhas. Sua excitação pressionou seu ventre, uma pressão que ela agradeceu.

Gemeu dentro de sua boca, apartando a doçura com seu primo escuro, o desejo.

Ele respondeu ao momento, abraçando-a com mais força e levantando-a até que só ficaram os dedos de seus pés tocando o chão. Se fundiu em seu abraço e deixou que seu contato a afligisse.

Para ela no mundo não existia nada mais que ele. Seu calor, a força de seu corpo duro, a ternura de seus lábios...

Ele lhe mordiscou a linha do pescoço, cada beijo suave e terno, a espetada de seus dentes o único sinal de um desejo mais profundo. Ainda assim, Portia ficou sem

fôlego. Ela era dele para que fizesse com ela o que quisesse, maleável para cada uma de suas necessidades.

Mark a subiu à mesa de bilhar. Ela abriu as pernas, mas suas saias evitaram que ele se aproximasse tanto como ela queria.

Portia tomou a iniciativa, liberando-se de seu abraço para lhe desabotoar as calças e liberando seu pênis crescente. O colheu com ambas as mãos, maravilhando-se de seu calor e sua suavidade. Se perguntou se voltaria a ver tal delicadeza rodeada por todo esse músculo.

O pênis de Mark pulsava e se alargava com suas carícias; uma gota cinzenta saiu de seu olho enviesado. Ela enfrentou seu olhar intenso. Leu o desejo em suas feições; a tensão de sua mandíbula indicava controle.

Sorriu-lhe lenta e sedutoramente. Ele queria penetrá-la, mas se conteve. Ela umedeceu os lábios e se inclinou para frente. Impulsionado para ela, encontrou-a a meio caminho. Os lábios dela roçaram os seus e sua língua lhe acariciou o lábio inferior.

Ela evitou sua boca e lhe deu um beijo na bochecha, terminando o beijo com uma pequena lambida. Logo o beijou no queixo e abriu os lábios para lhe chupar a covinha.

Ele agachou a cabeça, mas ela baixou o queixo e seus lábios lhe tocaram a testa.

Beijou-lhe a comissura da boca, permitiu-lhe beijá-la só um momento e se afastou sem deixar em nenhum momento de lhe acariciar o pênis, até que este alcançou uma dureza dolorosa.

—Bruxa. — murmurou em seu cabelo, se rendendo, de momento, em seu afã de capturar sua boca. Tirou-lhe as forquilhas do cabelo e lhe cavou os cachos para que caíssem por suas costas— É uma tentação.

Ela riu, baixo e rouco.

—E isso você adora.

Mordeu sua nuca e cobriu com a boca a leve dentada. Gemeu do mais profundo de sua garganta.

Ele tocou as panturrilhas de Portia. Com uma risadinha se deu conta de que Mark lhe tinha levantado as saias.

—Se entregue a mim. —ronronou— Se renda a mim completamente.

Suas palavras fizeram que lhe custasse respirar. Assentiu, agarrou-lhe a rosto com as mãos e fundiu sua boca com a dele.

Devolveu o beijo, faminto e insistente. Trabalhou em excesso para lhe afrouxar o sutiã, em procurar que seus seios escapassem do espartilho.

Os acariciou com a boca, muito altos ao escapar de suas restrições, e foi guiando-a para que se deitasse sobre o pano verde da mesa de bilhar. Ele se inclinou sobre ela, beijando-a, acariciando com as mãos seus seios e descendo por seus flancos.

Agarrou-lhe um mamilo com os dentes e depois o lambeu longamente para aliviar qualquer dor e lhe transmitir mais calor.

Portia estendeu os braços para ele, mas ele se ergueu, lhe cobrindo o decote com as mãos. Levantou o olhar para vê-lo: seu cabelo escuro despenteado por suas mãos, seus magníficos ombros quadrados esticando o tecido da jaqueta que levava e que tirou enquanto ela olhava.

Levava o lenço inclinado para a esquerda, ocultando a forte coluna que era seu pescoço. O largo peito estava escondido sob o tecido branco da camisa, que tinha ficado desabotoada não sabia como, e de suas calças abertas saía seu pênis erguido.

Ela ficou sem fôlego. Deus, era fantástico. E queria deixar isso? Afastou o pensamento no mesmo momento que surgiu ao ver um pequeno eco da dor que ela sentia cruzar suas duras feições.

Enrugou a testa e fez uma careta com os lábios.

—É minha Portia. Por agora.

—Por agora. — repetiu ela, sentindo que seu coração se esvaziava.

Levantou seus quadris e colocou suas saias enrugadas sob ela para lhe dar altura e comodidade. Se agachou um pouco, guiando seu pênis para que pressionasse contra ela.

O pênis encontrou a entrada, escorregadia e pronta para ele, e entrou. Se deteve a meio caminho e ela choramingou para protestar.

Mark deu um passo atrás e seu pênis saiu. Esfregou seu pênis acima e abaixo por toda a extensão de sua fenda, a pressão da mudança de seu pênis aumentando seu prazer.

Acariciou-lhe as coxas nuas, as levantando e puxando para o exterior, até que ela ficou completamente aberta ante ele.

Seus gritinhos suaves e incoerentes lhe rogavam que detivesse sua estimulação. Estendeu os braços em sua busca, desejando o aproximar mais a ela.

Ele denegou tudo menos uma coisa.

Mark empurrou para seu interior em uma investida dura, larga e profunda. O novo ângulo lhe dava espaço para entrar mais profundamente do que nunca tinha entrado com antecedência.

Portia deixou escapar um grito surpreso e excitado. Em sua posição ficava tombada a sua mercê e seus quadris não podiam fazer muito mais que seguir o movimento de seu pênis que empurrava.

Com cada impulso a cabeça de seu pênis esfregava a parte superior de seu túnel, cada novo ataque lhe provocava um golpe estremecedor, sensual.

Mordeu o lábio tentando não chiar de prazer.

—Não há ninguém que possa a ouvir. —sussurrou Mark— Quero ouvir como grita Portia.

Portia se abandonou completamente. Com cada investida, um gemido saía de seus lábios. Além de todo autocontrole, ela se deixou levar pela crescente onda de desejo para alcançar o topo de seu prazer.

Ele brincou com seus mamilos, rodeando-os e beliscando-os, e seguiu fodendo-a até que ela soluçou pedindo clemência.

Um chiado penetrante atravessou o ar.

Portia piscou olhando para Mark; sabia que o grito não podia ter vindo dele. Ele a olhou durante um desconcertado momento e logo olhou além dela.

Reagiu imediatamente, puxando-a para levantá-la da mesa de bilhar e abraçando-a contra ele. A prega da saia caiu e ocultou suas pernas.

Portia olhou por cima de seu ombro através da massa enfraquecida de seus cachos escuros. As mulheres enchiam o espaço que havia entre as portas duplas e a sala de bilhar.

Na frente estava lady Barrington com o rosto branco e mudada. A senhorita Lucy Chalcroft se agarrava por seu braço, mostrando em seu rosto a aflição que sentia por Portia.

Inclusive lady Cecily parecia um pouco impactada, de pé à esquerda de lady Barrington.

Felizmente parecia que sua mãe não estava. As outras desapareceram atrás de uma cascata de lágrimas.

Fechou os olhos e apertou a testa contra o peito de Mark. Todo o prazer desapareceu, apesar do batimento do coração de seus clitóris.

—Oh, Deus. —sussurrou.

Para sua perplexidade, Mark a separou dele de um empurrão e se voltou para abotoar calças. Ela apoiou o quadril contra a sólida madeira da mesa de bilhar. Com mãos trêmulas escondeu seus seios sob o confinamento do espartilho e o vestido. Não parecia ter muito sentido voltar a atar as fitas.

Mark a apontou com o dedo.

—Você organizou isto.

Portia o olhou fixamente, sem compreender. O que ele estava dizendo? Organizar o que? Encontrar-se ali tinha sido idéia dele.

—Queria me apanhar em um matrimônio. Agora entendo por que estava tão aberta a concordar com meu desejo de terminar com este assunto.

Muda, Portia sacudiu a cabeça. Suas acusações a deixaram além das palavras.

—Eu diria que é uma forma muito curiosa de terminar com nada. — interrompeu lady Barrington, seu tom cortante era um sinal de que se recuperou da impressão— A adverti, senhorita Carew. Faça suas malas e abandone esta casa.

Portia se agarrou na borda da mesa de bilhar. Seguia dizendo a si mesmo que sabia que passaria isso. Sabia que passaria.

Inspirou, se separou do lugar onde se apoiava e caminhou para as mulheres congregadas. Odiava à senhora Chalcroft, que sorria com um gozo malévolos.

—O que acontece? O que ocorre? —Portia reconheceu a voz gritalhã de sua mãe. A multidão de mulheres, hóspedes e locais, se abriu para deixar que chegasse à primeira linha— Portia? O que ocorreu? Estava jogando uma sesta e alguém foi me buscar...

Entrecerrou os olhos ao ver a aparência desalinhada de Portia. A senhora Carew dirigiu um olhar à figura meio vestida de Mark.

—Portia, o que tem feito?

E agora o que? Tinha que confessar em voz alta o que todo mundo naquela sala tinha presenciado?

—Mamãe... —começou a voz tremendo.

Lady Barrington se voltou para sua amiga.

—Senhora Carew sua filha foi descoberta fornicando. —disse com gelo na voz. Fez uma pausa e endireitou os ombros— Sinto dizer que isto termina com nossa amizade para sempre.

—Bruxa. — murmurou Portia pelo baixo.

Um movimento brusco de Mark, que estava perto dela, sugeriu que a tinha ouvido.

Com lágrimas lhe correndo pelas bochechas, a senhora Carew se voltou para Mark.

—Senhor Knightson, rogo-lhe que faça o que resulta honorável e se case com minha filha.

As costas de Mark ficaram rígidas. Rodeou a mesa de bilhar pelo lado oposto onde estava Portia, sem sequer olhá-la.

—Senhora, sinto muito, mas não o farei.

—Senhor, mas se deitou com ela! Deveria fazer o correto com respeito a ela.

Mark agachou a cabeça só um momento.

—Não posso.

Um soluço estrangulado saiu dos lábios de Portia. Tampou a boca com a mão. Estava renegando dela. Estava perdida, destruída.

Mark caminhou para onde estavam reunidas as mulheres e estas se dispersaram. Escapou primeiro da mão suplicante da senhora Carew e logo depois da de Lucy, e deixou que Portia enfrentasse sozinha às mulheres.

A senhora Carew retorceu as mãos.

—Foi cruel. Muito cruel. —Fez um gesto a Portia— Vamos, menina. Temos que ir.

Portia avançou, seus passos eram rígidos e difíceis. Tampouco desejava ver-se apanhada em um matrimônio, mas ele nem sequer tinha tentado encontrar alguma medida conciliadora com a sociedade.

Ao rechaçá-la a tinha deixado à margem, como se não fosse mais que uma fulana, uma prostituta guia de ruas muito suja para levar seu nome.

Portia mordeu com força o lábio, se negando a chorar diante de todas aquelas mulheres que estavam ali de pé, olhando-a passar em silêncio. Ninguém a tocou, como se sua luxúria fosse uma enfermidade infecciosa.

Odiava a todas.

Para sua surpresa, sua mãe não disse nenhuma palavra quando chegaram a seu quarto. Foi se ocupar de fazer sua própria bagagem e deixou a Portia para que fizesse o mesmo.

Sua donzela já tinha começado. As fofocas já teriam se estendido por toda a casa. Logo todo mundo saberia. Quando os homens voltassem...

Deixando cair em uma cadeira, Portia observou o chão com o olhar perdido. Quando os homens voltassem, Sir Guy saberia de sua desgraça e viria reclamá-la. Então teria que enfrentar a uma vida miserável com ele.

Preferia ser miserável em solidão.

Sua mãe a obrigaria a se casar com ele se o pedia? E por que não? Não acabava de provar que todas as coisas maliciosas que Sir Guy havia dito eram certas?

Escondeu a cabeça entre as mãos, mas seguiu sem chorar.

Depois de descobrir aos amantes, as mulheres da vizinhança supuseram que sua visita tinha alcançado seu momento mais excitante e partiram. As hóspedes da mansão dos Barrington se refugiaram no salão azul e falaram do incidente em sussurros apagados e escandalizados.

Lady Cecily se fixou em que a senhorita Lucy Chalcroft não dizia nada e ocupava o solitário assento da janela que Portia estava acostumada a utilizar. Lucy olhava ao exterior, sem dúvida esperando a volta dos homens. Lady Cecily também queria o apoio de um prometido em um momento como esse.

Escapou da sala e subiu ao piso superior apressadamente. Apostava que, embora ninguém o tivesse pedido, Mark Knightson também estava fazendo as malas.

Ficar significava enfrentar à cólera do jovem Winterton como mínimo, e pode talvez inclusive Sir Guy se visse forçado a «montar um espetáculo» para defender a honra ultrajada da pobre senhorita Carew.

Tinha acertado em suas hipóteses. Ao entrar encontrou ao ajudante de quarto de Knightson fechando o baú deste.

—Não esperava que fugisse tão rápido. — disse lady Cecily.

Knightson girou; estava examinando o lenço no espelho com o que se barbeava.

—Parece que meu mordomo ouviu o rumor do desastre antes que eu. —Fez uma pausa— David, está despedido.

O criado gaguejou.

—Senhor?

—Não quero traidores em meu pessoal. —Knightson ficou olhando-o— Saia de minha vista e não espere nenhuma referência.

Lady Cecily se afastou a um lado para deixar o mordomo passar. Encontrou o olhar colérico de Knightson e lhe respondeu com o seu, que só mostrava uma preocupação tranqüila.

—Há algo que eu possa fazer?

—Tenho um pênis furiosamente duro que poderia encontrar satisfação em sua boceta, mas isso seria um desastre.

Sua brutalidade não a scandalizou, mas sim fez que seu sexo se molhasse.

—E por que ia ser? —Cecily caminhou rebolando para onde ele estava—. Não tenho nenhuma enfermidade. —Que ela soubesse, corrigiu a si mesma em silêncio.

—Não tenho nenhuma necessidade de sanguessugas absorventes, Cecily, e você é uma das piores. Sua insidiosa pressão sufocou a seu marido. Eu não vou ser outra de suas vítimas.

Ela ficou congelada.

—Eu o amava.

O momento de surpresa passou e ela levantou o braço para esbofeteá-lo, mas ele o agarrou.

—Você gosta de duro, né? Não tenho nenhum problema com isso. —Arrastou-a para a cama, agarrou-a pela cintura e a atirou nela— Vou, esteja lista ou não!

Cecily lutou com ele, tentando tirar-lhe de cima. Suas ações bruscas a estavam excitando.

—Mark!

Ele se separou dela com uma careta de desagrado em sua rosto.

—Como disse, um engano. Sai daqui, Cecily.

Ela se endireitou e ficou sentada, apoiando o peso nas mãos que tinha colocadas atrás de seu corpo. Isso punha seus seios em uma posição vantajada.

—Não será um engano. —sussurrou— Eu conseguirei que a esqueça.

—Duvido—exclamou. Caminhou para a porta e a abriu— Te sugiro que vá antes que alguém a veja sobre minha cama com as pernas abertas dessa forma tão desavergonhada. Não desejaria arruinar a reputação de duas mulheres no mesmo dia.

Ela suspirou e se levantou, estirando as saias.

—E por que arruinou a sua, Mark? A paixão se pode perdoar se está benta pelo matrimônio. Poderia tê-la salvado. Agora a expulsarão da boa sociedade.

Ao menos fez um gesto de dor.

—Isso não é seu assunto. Agora, sai daqui.

Ela o fez e deu um salto quando a porta se fechou com força atrás dela.

E assim terminou seu grande plano de ocupar o lugar de Portia.

Lady Cecily voltou a baixar as escadas e se uniu à senhorita Lucy Chalcroft junto à janela, esperando também a chegada dos homens.

Capítulo 17

Portia se sentou junto a sua bagagem já feita, esperando que sua mãe aparecesse e lhe desse o sinal de que era hora de ir. Não tinha se movido em uma hora, o tempo que tinha necessitado sua donzela para terminar a bagagem.

Em algum momento, Portia tinha chegado a aceitar uma manta que ela lhe ofereceu e se enrolou nela. Sentia frio no interior dos ossos.

E um vazio, um vazio enorme.

Um golpezinho discreto soou na porta. Portia se levantou. Era hora de ir.

—Adiante.

Ficou sem fôlego: o jovem Winterton estava de pé na soleira com uma expressão de cão espancado em seu rosto.

—Deveria ter ficado comigo. —olhou as próprias mãos— Eu te teria feito minha esposa.

—Gareth. —Portia nunca o tinha chamado pelo nome de batismo antes e agora lhe soou estranho— Por isso veio me ver?

—Não. —retorceu as mãos uma vez. Dirigiu-lhe um olhar suplicante— Por que não eu, Portia? Por quê? Não posso ficar com o que deixou outro homem, mas todo meu ser clama por você.

—Seus sentimentos são profundos. — disse Portia, pensando que em seu caso era possível que nunca voltasse a sentir nada.

Ele entrou no quarto e segurou suas mãos.

—Me deixe te tirar daqui. Tenho medo do que possa passar com você quando sair deste lugar. Não posso me casar com você, mas pode se converter em minha amante oficial. Eu sempre serei seu escravo e a mantereí a salvo.

Ela franziu o cenho.

—Rechacei ser a amante de Knightson e a de seu pai. O que o faz pensar que vou aceitar ser a tua?

Ele respondeu como se lhe tivesse esbofeteado com suas palavras.

—Não pode se permitir ser cruel, Portia. Me deixe a salvar.

Atrás dele, a mãe de Portia pigarreou.

—Sua súplica é inútil, milord. Não há forma de que Sua Excelência lhe permita casar-se com minha filha. Já o proibiu com antecedência e o proibirá de novo, e de forma tripla agora.

—O que pretende fazer com ela? —o jovem visconde se atreveu a perguntar.

—Isso não é assunto seu milord. —A senhora Carew cruzou os braços sobre seu amplo peito e se afastou a um lado para deixar o jovem Winterton sair.

Ele se inclinou sobre a mão de Portia e a beijou.

—Portia.

—Obrigado por se dignar a me dizer adeus. — sussurrou.

A porta se fechou atrás dele e Portia ficou a sós com sua mãe e sua donzela.

—Com quantos dos que há nesta casa se deitou? —perguntou sua mãe— Rameira!

Portia inspirou profundamente. Levava longo momento esperando que estalasse a tormenta. Merecia todas as acusações.

—Só com outro mais. —enfrentou o olhar espantado de sua mãe com uma calma irritante.

—Putá! —gritou sua mãe— Já discutiremos isto mais tarde. Neste momento, Sua Excelência e sua prometida a esperam em meu quarto. Vá com eles e seja dócil e humilde, desgraçada.

—Sim, mamãe. —Portia afastou a manta dos ombros e fez um esforço por se arrumar um pouco.

—Não. Você não é minha filha. —A senhora Carew a agarrou pelo braço e a puxou para que se fosse.

Ainda esfregando o bíceps, Portia entrou no quarto de sua mãe. Fechou a porta atrás de si. Ninguém devia ter conhecimento desse encontro.

—Oh, Portia! —Lucy se lançou a seus braços, abraçando-a até deixá-la sem respiração— Supliquei ao duque que me deixasse te ver antes que fosse, mas só me permitia isso se ele estivesse comigo.

Portia assentiu e olhou ao duque por cima do ombro de Lucy.

—Isso foi muito acertado por sua parte, Lucy.

Lucy se separou um pouco e segurou Portia pelos ombros, lhe examinando a rosto.

—OH, Portia, querida, a adverti sobre isso!

Dando uns pequenos golpes no braço de Lucy, Portia assentiu.

—Não se pode fazer nada agora. —Deu-lhe a mão— Guardarei como um tesouro as lembranças de nossa amizade, já que não poderei voltar a te ver.

O duque pigarreou, som que se ouviu por cima dos soluços de sua prometida.

—Me alegro de ter esta oportunidade para lhe agradecer o presente de bodas que fez a minha Lucy. —Rodeou com seu braço os ombros trêmulos de Lucy— Demonstra que pensa nela com uma ternura que não acreditei própria de você.

—Vejo que cada vez ficam menos de meus mistérios femininos... —brincou Portia, se separando de Lucy— Confio em que ambos saberão utilizá-lo sabiamente.

—E diligentemente, querida. —acrescentou o duque.

Lucy levantou a vista em direção ao duque. Portia reconheceu uma expressão de súplica em seu rosto. Será que todo mundo ia tentar interceder por ela?

Acariciando o cabelo dourado de Lucy, o duque voltou sua atenção a Portia.

—Minha querida Lucy está me recordando outra das razões pelas que estamos aqui. —Inspirou profundamente— Deixe que enviemos a procurá-la quando estivermos casados.

—Enviar para me buscar? —repetiu bobamente Portia— Seguro que Sua Excelência não quererá ter nada que ver comigo.

—Estaremos em minha propriedade no campo, Portia, longe da cidade e das fofocas. No campo podemos fazer o que nos venha em vontade.

Portia não podia acreditar nessa repentina generosidade.

—Em qualidade do que?

—Perdão?

—Em qualidade do que querem que eu fique em sua casa? —Portia conseguiu tirar as palavras com dificuldade; a pena e o aborrecimento se mesclavam até formar uma dura bola dentro de seu peito.

—Como nossa hóspede de honra. —Lucy estendeu os braços, mas os deixou cair ao ver o cenho contrariado de Portia.

—Excelência? —O olhar direto de Portia atravessou ao duque.

—Não estou acostumado a que se dirijam a mim de uma maneira tão inculta, juvenzinha. —Sua irritação tirou o valor da sua oferta— Como nossa hóspede, é obvio, mas também como companheira de jogos de minha esposa. Não acha que não sou consciente da alta avaliação que ela tem por você.

Lucy se ruborizou, mas não disse nada.

—E no que diz respeito a você? —A altivez do duque já não a acovardava.

—Eu espero que consiga chegar a me agarrar um pouco de carinho também e que me permita observar como jogam as duas. Eu não participarei a menos que o desejem.

Portia ficou sem fôlego e o aborrecimento se dissipou ante tão generosa oferta.

—Devem me permitir que pense nisso. — conseguiu articular, sua garganta parecia fechada pelas lágrimas não derramadas— Não quero lhes dar esperanças. Não sei se poderei...

—Por isso não enviaremos para te buscar agora mesmo. —explicou Lucy - Pensamos que precisaria se recuperar de... da crueldade do senhor Knightson.

Esboçando um sorriso, Portia voltou a respirar fundo. Por que necessitava tanto esforço até para fazer a coisa mais simples?

—Estarei bem. Aconteça o que acontecer.

—Ele não virá procurá-la, espero que saiba. — esclareceu o duque com um sorriso breve e inseguro— Já abandonou Willowhill Hall. Não pode se permitir ter esperanças de que sua situação vá mudar, de que ele virá para fazer o correto.

Um soluço escapou dos lábios de Portia. Tampou a boca com a mão tentando amortecer o pranto.

Lucy voltou a abraçá-la e o duque se afastou.

—Vamos, vamos. Tudo sairá bem.

Não, nunca sairia bem.

—Oh, Deus, Deus. Fui uma estúpida!

Ao fim terminou o arrebatamento de pranto e ela escapuliu dos braços calmantes de Lucy. No fundo de seu coração sabia que ela nunca seria capaz de aceitar sua proposição. Simplesmente ela não sentia igual a eles, não podia se entregar a eles e fingir que o desejo era uma solução para o desastre.

Portia secou as lágrimas com o dorso da mão.

—Obrigado, graças a ambos. Me avisem quando estiverem preparados para me receber. Eu os comunicarei minha decisão então.

—Muito inteligente de sua parte. —O duque a beijou na testa ao passar— Vamos, querida.

Portia voltou para seu quarto, onde sua mãe a esperava. Não, sua mãe não, já não. Sorvendo pelo nariz decidiu que de agora em diante se dirigiria a ela como «senhora Carew».

—Estou preparada. —Portia evitou chamá-la de maneira nenhuma e colocou o casaco.

Desceu pela majestosa escada que dava ao vestíbulo, temendo a cada passo que em qualquer momento alguém decidisse desprezá-la mais. Depois de tudo, ela tinha ido a essa reunião com o fim de que chegasse o momento em que a senhora Carew desistisse de sua obsessão de casá-la.

Agora teria o desterro da sociedade que tinha desejado, sem reputação e sem apoio familiar.

Lorde Barrington e Sir Guy as esperavam junto à enorme porta principal. Sir Guy deu um passo adiante.

—Senhorita Carew, não sabe quanto sinto o desastroso giro que deram os acontecimentos.

Pela extremidade do olho, Portia pôde ver lady Cecily rondando entre as sombras da enorme escada.

—Muito amável por sua parte vir a se despedir. — disse Portia, toda gelo e calma. Esconder suas emoções a manteria a salvo de um ridículo maior.

—Ao contrário, senhorita Carew. Espero poder conseguir que fique.

—Que fique? Não poderia permanecer aqui. —Fez uma breve reverência— Desculpe-me, lorde Barrington.

Ele aceitou a desculpa.

—Perfeitamente compreensível senhorita Carew.

Seguro que está encantado de se livrar de mim também, pensou Portia, que desejava ir imediatamente. Por que Sir Guy insistia em alargar aquilo?

—Que fique como minha esposa. —Sir Guy nem se incomodou em se ajoelhar— Já tenho uma licença especial.

Portia o olhou fixamente.

—Tão seguro estava de que aceitaria?

—Absolutamente. —O sorriso fácil de conquistador de Sir Guy fez com que o estômago de Portia se revolvesse—. Eu a tive primeiro, Portia. Por direito, é minha.

Isso fez que a senhora Carew rompesse a soluçar de novo.

—Não sou nem nunca serei sua. —Portia manteve o tom de sua voz. Estava de pé, erguida e só no centro do enorme chão de mármore.

Lorde Barrington interferiu.

—Portia, por favor, pense duas vezes. Todo este assunto foi muito lamentável, mas Sir Guy lhe oferece uma saída frente à perdição.

—Isso faria que eu lavasse as mãos no que diz respeito a você. —A senhora Carew se enxugou os olhos com um lenço de encaixe— Uma vez acreditei em sua inocência, mas me enganou e enganou a esse homem. Se submeta a ele, menina se souber o que é melhor para você.

Outra palavra e Portia sentia que podia se partir em duas ali mesmo. O sorriso triunfal de Sir Guy a fez afundar-se em um desespero ainda maior.

Sua voz cortou o ar da estadia como uma faca.

—Senhora Carew, preferiria qualquer horror que esteja me esperando antes de me casar com este homem. —Dirigiu-lhe um olhar cheio de ódio ao Sir Guy— E essa licença especial? Onde está? Me deixe vê-la.

Sir Guy a tirou do bolso interior de sua jaqueta e a mostrou.

Portia a arrancou da mão e a rasgou em duas. Atirou os pedaços ao chão e os pisou.

—Aí tem sua estúpida licença. Não ficarei com você, Sir Guy. Dá-me asco.

A expressão de Sir Guy se converteu em pedra.

—Mulher, é uma desgraçada. Sua beleza mascara uma fealdade que nenhum homem quereria a menos que tivesse que pagar pelo duvidoso prazer de fodê-la.

Ignorou a exclamação espantada da senhora Carew e saiu do vestíbulo.

Portia se voltou para sua mãe... para a senhora Carew.

—Acredito que já podemos ir.

E abandonou Willowhill Hall com a cabeça alta. Estava despossuída, degradada e destruída, mas ninguém seria capaz de adivinhá-lo ao vê-la assim.

Lady Cecily abandonou seu esconderijo nas sombras da escada do vestíbulo de Willowhill Hall e saiu atrás de Sir Guy. Ele dava pernadas pelo corredor com os punhos apertados aos flancos.

—Sir Guy. — chamou em voz baixa.

Ele se deteve e se voltou para olhá-la.

—O que quer?

—Sinto que seus planos não tenham funcionado. —Lady Cecily se absteve de lhe dizer que temia que algo assim passaria. Portia Carew não parecia o tipo de mulher que se calasse facilmente ante as ameaças— Há algo que eu possa fazer?

Seu olhar não se aplacou, mas suas sobrancelhas loiras se uniram.

—Por que está ainda aqui? Knightson se foi faz horas. Se supõe que devia estar com ele.

—Os fatos tampouco ocorreram como eu esperava. —Lady Cecily se aproximou dele e tocou seu cotovelo— Aí ficaram nossos planos.

Sua testa se relaxou e o olhar desceu de intensidade.

—Essa puta merece tudo o que lhe passe. Com certeza acabará como prostituta de ruas.

Lady Cecily fez uma careta.

—Não pense nela. —Suspirou ao ver o cenho que voltava a surgir— Temos feito tão boa equipe... por que não funcionou tudo isto?

Ele sacudiu a cabeça, distraído e deu de ombros.

—Necessito um gole.

—Posso tomá-lo com você? —Lady Cecily fez que o pedio fosse suave, nada peremptória.

—Por que não? Barrington tem um contrabando escondido na sala de jantar. — Ele arqueou uma sobrancelha em sua direção, isso é claro, se pode suportar as bebidas fortes.

Ela assentiu.

—É obvio.

Lady Cecily o seguiu ao interior da sala de jantar. Sir Guy cruzou até uma mesinha auxiliar e abriu uma porta revestida com painéis de madeira. Agarrou uma garrafa e dois copos de cristal que tilintaram quando os segurou com uma só mão.

Ela o observou servir a bebida e ficou de pé junto a ele. Aceitou o copo que lhe estendia e seus dedos roçaram os dele antes de segurar o copo.

Ele não pareceu notá-lo, levantou seu copo e o esvaziou de um só gole. Golpeou a mesa com o copo tão forte que lady Cecily acreditou que ia se fazer pedaços.

Não se rompeu e ele se serviu outra vez. Deteve-se e, levando o copo aos lábios, disse:

—Não bebeu nada.

Obediente, levou o copo à boca, inclinou-o e deixou que a bebida se deslizesse por sua garganta. O líquido ardente queimava, mas já o tinha bebido antes. Tomou seu tempo, mas não baixou o copo até que esteve vazio.

Lambeu os lábios e colocou o copo ao lado da garrafa.

—Serve.

Sir Guy obedeceu e desta vez beberam juntos. Lady Cecily observou como a olhava enquanto ambos bebiam. Uma neblina cálida lhe subiu do estômago. Seu intenso olhar provocou que seus seios e seu ventre despertassem.

Ele a desejava.

Estendeu-lhe o copo vazio, a mão firme.

—Outra.

De novo Sir Guy fez as honras.

Lady Cecily elevou seu copo.

—Por nós.

—Nós? —Um olhar penetrante e suspicaz lhe fez entrecerrar os olhos.

—Os que lutaram e perderam. — esclareceu lady Cecily.

—Por nós. — Sir Guy repetiu o brinde, e tragou o licor. Lady Cecily não ficou atrás. A pele dele estava avermelhando e a ira tinha abandonado suas feições.

—Me dê, bebe como um peixe.

—O luto de uma viúva permite muitos privilégios. —Lady Cecily se inclinou para onde ele estava. A sala de janta, a brilhante mesa de ébano, as paredes decoradas com raias azuis, tudo estava desfocado.

—O brandy subiu à cabeça. —Sir Guy a endireitou com as mãos postas na parte superior de seus braços.

—Oh, sim... —assentiu. Cambaleou para frente e Sir Guy a agarrou em seus braços. Piscando, olhou-o fixamente— Me leve a cama.

Ele assentiu.

—Sim, será melhor que durma a bebedeira antes que deixe em vergonha lady Barrington.

—Não. —Sacudiu a cabeça, despenteando seus cachos acobreados— Não queria dizer isso. Nos deitemos.

Ele a examinou e a sacudiu para que saísse de seu estado de confusão.

—Não pode falar a sério.

—Me possua. — espetou, seu cérebro estava muito obstinado para abandonar a idéia— Por que não? Não pode possuir a ela. Eu não posso ter a ele. Por que não? —Seus dedos se deslizaram por sua jaqueta até alcançar seu queixo— Estamos bem juntos.

Seu pênis pressionou o fino material de seu vestido.

—Me faça o que queira. Deseja-me.

Agarrou-a com mais força.

—Tudo? Se submeterá a mim completamente?

—Muito mais do que já o fez essa mocinha, asseguro-lhe isso. —Seu lábio superior se curvou um momento— Sim, completamente.

—Me reprimi muito com ela. Não queria assustar a essa mucosa. —Sir Guy acariciou seu rosto.

Ela piscou sem deixar de olhá-lo.

—Não me assusta. Excita-me.

Sua boca se aproximou da dela, exigindo e possuindo. Lady Cecily se fundiu com ele, lhe devolvendo o beijo com a mesma ferocidade.

Ele terminou o beijo e lhe mordeu e puxou seu lábio inferior.

—Seu quarto ou o meu?

—O seu. — ofegou.

Agarrou-a nos braços, abriu a porta da sala de jantar de um chute e, para a surpresa de um servente que corria por ali, levou-a escada acima a seu quarto.

Acontecimentos menos alegres rodeavam a Portia. Toda a viagem a casa se produziu em silêncio; sua mãe não lhe disse nenhuma palavra.

A sua chegada a casa (sua casa de campo, não a casa que alugavam na cidade), a mãe de Portia desapareceu no estúdio do senhor Carew. Chiados e gritos de ira chegaram desde atrás da porta, respondidos pelos tons baixos, apenas audíveis, do pai de Portia.

Portia subiu as escadas. Uma donzela já tinha aberto as malas e estava tirando a roupa.

—Será melhor que volte a colocar tudo dentro, Bessie. —murmurou Portia enquanto se sentava na borda da estreita cama— Não acredito que fique aqui muito tempo.

—Sim, senhora. —A reverência triste de Bessie indicou que o pessoal da casa já conhecia os Acontecimentos acontecidos em Willowhill Hall.

O que deixava só por resolver a questão de suas irmãs menores.

A mais velha das duas, Viola, colocou a cabeça pela porta aberta. Viola fez uma careta ao ouvir um grito particularmente alto que vinha do piso de baixo. Junto a ela, a mais nova, Bianca, apareceu por trás das saias de Viola.

—O que você que tem feito? —sussurrou Viola com os olhos muito abertos— Mamãe nem sequer está chorando como a última vez.

A última vez, o nome e a reputação de Portia tinham ficado manchados, mas sua mãe acreditou nela. Portia baixou o olhar a seus dedos enluvados. Nem sequer tinha tirado o casaco.

—Viola, tenho caído em desgraça. —Olhou a ambas— Será melhor que não a descubram falando comigo.

Os olhos de Viola se fizeram maiores e mais redondos.

—A vão enviar embora?

Portia assentiu.

—Acredito que sim. —Abriu os braços— Rápido, um último abraço e logo devem ir.

A pequena Bianca se lançou a seus braços; seu rosto de menina parecia cheia de confusão.

—Por quê?

Viola, só três anos mais nova que Portia e já quase pronta para ser apresentada em sociedade, trocou um olhar cheio de tristeza com Portia e abraçou seus ombros com brutalidade.

—Eu explicarei isso, pequena Bi. —Puxou Bianca para tirá-la dos braços de Portia e, com um último olhar de comiseração por cima do ombro, tirou a menina do quarto.

A donzela de sua mãe subiu as escadas. Portia ouviu o pesado tamborilar do pé artrítico desta. Nem sequer fez uma reverência ao entrar.

—Seu pai quer vê-la em seu estúdio.

Portia assentiu, despediu-se da donzela e baixou as escadas. Tinha um peso no coração. Sua hora tinha chegado. Pela frente só tinha o desterro. Tudo o que ficava era a generosidade de seu pai para mitigar isso de alguma forma.

Se tivesse sorte.

Golpeou brandamente a porta do estúdio e entrou. Felizmente sua mãe se foi. Diante da parede repleta de livros, seu pai estava sentado atrás da grande escrivaninha com as mãos entrelaçadas sobre seu ventre proeminente.

—Bem, filha. O que tem a dizer em sua defesa? —Um cenho profundo danificava seu rosto redonda.

Portia conteve o fôlego. Davam-lhe a oportunidade de se explicar? Sacudiu a cabeça.

—Estou segura de que tudo o que há dito minha mãe é verdade. Descobriram-me em uma situação delicada com outro hóspede do Willowhill Hall e essa é a razão pela que voltamos para casa.

Seu pai tirou os óculos e esfregou a ponte do nariz enquanto a olhava com seus olhos míopes.

—Não pensou em sua família? Em sua irmã Viola? Ela terá que levar sua mancha quando se apresente em sociedade o ano que vem.

Com um gesto de dor, Portia agachou a cabeça.

—Não tinha planejado que saísse à luz. O mantivemos em segredo para que minha reputação não sofresse.

—Esse homem se negou a fazer o que se considera honorável, Portia. Como pôde se relacionar com um homem assim? Como pôde sucumbir ante uma relação desse estilo?

A voz fria de seu pai a golpeou. Como poderia se explicar de uma forma que não ferisse a sensibilidade de seu pai? Tentou ficar com a resposta mais curta.

—Sua conduta também foi uma surpresa para mim. — admitiu.

Sentiu como se algo lhe oprimisse o peito. Não, não ia chorar. Não por um homem que não merecia essas lágrimas.

—Fui uma estúpida confiada, papai. — disse com a voz carregada de lágrimas.

—Por que, Portia, minha menina, por quê? — Em sua voz havia um eco de sua dor.

Ela levantou os ombros e logo os deixou cair.

—Depois das acusações de Sir Guy, não queria me casar. Não queria passar por isso outra vez. Mas ele tinha me feito provar algo... — Tragou saliva ao ver o gesto de seu pai— E, bom, o senhor Knightson me ensinou como... como me dar prazer sem necessitar a um homem.

O senhor Carew tampou os olhos.

—Isso não é o que parecia.

—Os acontecimentos se precipitaram depois. — confirmou Portia.

—Menina tola. — murmurou, sua voz soava afogada pela emoção e a ternura. Levantou-se de seu assento— Sabe que temos que a enviar para fora daqui. Pelo bem de Viola, tem que entendê-lo. Ajudará a mitigar o desastre que se abate sobre nós.

Portia assentiu.

—Entendo.

—Necessito uns dias para te encontrar um lugar. Mandarei-te ao norte, a casa de minha irmã. Não mostrará nem sua rosto até que chegue a seu destino final. Escreverei a sua tia Maria e o explicarei tudo. Não posso me permitir luxos para você, Portia. Levará uma vida muito precária, sem donzelas, e terá que cultivar a maior parte de sua própria comida.

Ao menos não a tinha jogado à rua. Agradeceu gaguejando, mas Portia permaneceu congelada em seu lugar. Seu pai não tinha feito nenhum gesto para que ela entendesse que podia lhe dar um abraço.

Ao fim saiu e correu escada acima, as lágrimas corriam por seu rosto.

Capítulo 18

Dois meses depois

Portia se ajoelhou sobre a terra negra. Sua velha saia de lã não impedia que a umidade se filtrasse através dela. A minúscula casinha, um velho refúgio de pastores construído em pedra, não proporcionava suficiente sombra, de modo que a luz quente do sol se refletia sobre suas costas.

Plantou outra fileira de sementes, um presente de sua tia, e levou seu olhar para um lado, ao livro manchado de terra que tinha a sua direita. O gasto manual de jardinagem já tinha lhe salvado de mais de um desastre, mas, mesmo assim, estava preocupada se por acaso não tinha comida suficiente para todo o inverno.

Em consequência disso estava estirando suas provisões todo o possível, aliviada porque ao menos tinha aprendido a conservar comida na cozinha de sua mãe.

Sua mãe. Estirou-se projetando para frente a parte baixa das costas. A senhora Carew não tinha voltado a lhe dirigir a palavra. Nenhuma palavra, nenhuma carta da família após tampouco.

Tinha querido essa vida, não era? Uma vida de isolamento.

Um movimento lhe chamou a atenção na parte mais afastada do verde vale.

Fez tela com a mão e pôde discernir um cavaleiro solitário que se aproximava seguindo a borda do rio.

Não prestou muita atenção nele e voltou para sua tarefa. Ninguém vinha até sua casinha, nem sequer o pároco local. Tampou com terra suas preciosas sementes e as regou. Levantou-se e trocou de lugar para examinar outra fileira onde os focos já começavam a brotar em gloriosa confusão.

Consultou o manual uma vez mais e passou as páginas até que encontrou a que se referia às ervas daninhas. Comparou os brotos com as ilustrações e se atreveu a arrancar uma planta de raiz.

Ouviu um pigarro.

Portia ficou em pé de um salto e o livro caiu do lado das páginas sobre a terra negra. Deveria ficar direita. Deveria... Oh, Deus. Knightson.

—Desculpe-me, estou procurando uma jovem. Vive sozinha. Tem uma casinha perto de... —Knightson se inclinou da cadeira, entreabrindo os olhos— Meu Deus, Portia? É você?

Ela chiou e correu para a casa. Fechou a porta com força e passou a tranca e o fecho. Apoiou-se contra a porta, ofegando e analisando a situação.

Só uma cerca de madeira que lhe chegaria à altura do peito diminuiria seu avanço até a porta principal; isso não lhe dava tempo para escapar. Esperava que ficasse a esmurrar a porta em qualquer momento. Ele não se renderia facilmente.

O que estava fazendo ali?

Knightson golpeou a porta.

—Portia! Me deixe entrar.

Ela fechou os olhos e sentiu que uma lágrima caía por seu rosto suja. Tinha a palma apoiada contra a porta maciça como se assim pudesse sentir seu calor através dela.

—Portia! —Os golpes na porta fizeram que lhe doesse a cabeça.

—Vá embora! —gritou golpeando a sua vez a porta com o punho— Como se atreve a vir aqui!

—Portia, estive te procurando. —Sua voz, que ainda conservava esse delicioso acento ronronante, a adulava e tentava convencê-la para que abrisse a porta.

Fazê-lo seria um desastre.

—Para me converter em sua amante? Acredito que não. Estou muito bem aqui, obrigada.

—Para a converter em minha esposa.

—Mentira! —replicou através da porta fechada.

—Portia, por que não abre a porta para que ao menos possamos parar de gritar como lojistas de mercado? —Baixou muito a voz até que ela mal pôde ouvi-la através da madeira da porta— Não quero que todo o vale conheça suas circunstâncias. Abre a porta. Não irei até que o faça.

Com mãos trêmulas tirou a tranca, correu o fecho e abriu a porta. Colocou-se firmemente em seu caminho, cruzando os braços. Que nem sonhasse que lhe ia convidar a passar.

O olhou. Duro e encantador, como sempre. Tinham aparecido novas rugas em suas bochechas e seu precioso cabelo negro estava enredado pela viagem a cavalo.

—É você de verdade. — disse. Olhou-a com incredulidade.

Portia tocou a cabeça, coberta por um trapo velho de linho.

—Já sei a pinta que tenho senhor Knightson. Não há necessidade de que me olhe como se tivesse me crescido uma segunda cabeça.

Seus lábios se curvaram em um sorriso irônico.

—Era assim como tinha planejado, Portia? Viver como uma criada em um lugar tão afastado da mão de Deus como este?

Ela inclinou a cabeça e o examinou.

—Não saiu de todo mal, depois do que aconteceu.

Ele sacudiu a cabeça.

—Como pode...? —Deu um passo adiante e pôs as mãos nos ombros dela— Tem que se casar comigo, Portia.

—Por mim pode ir ao inferno. —escapou de suas mãos e deu um passo atrás— Por que ia me casar com você? Teve sua oportunidade... e me abandonou.

—Não foi um de meus melhores momentos. —Sua pele bronzeada se obscureceu— Seus pais me deram sua permissão.

—Se isso for assim, por que passou tanto tempo me buscando?

—Portia...

—Já disse o suficiente, senhor. Não tenho nenhum interesse em me ver forçada a casar com você, o mesmo que você tem em se casar comigo. Não tem que se preocupar... Não se concebeu nenhum filho como resultado de nossa relação. — Algo que a tinha feito chorar amargas lágrimas, mas não era necessário que ele soubesse isso.

—Mas eu quero me casar com você. —Inclusive parecia sincero.

—Teve sua oportunidade. —Voltou a fechar a porta de repente entre ambos e correu o fecho.

Para sua surpresa, ele não voltou a golpear a porta nem exigiu que o aceitasse.

Ela se entreteve em preparar o jantar na cozinha. Depois de pôr o bule no fogo, esquadrinhou o pátio dianteiro através da minúscula janela.

Knightson tinha ido.

Portia se deixou cair ao chão e chorou com profundos soluços que estremeceram seu corpo.

Maldito seja, maldito seja por ter voltado.

Se levantou ao amanhecer. Não podia desperdiçar nenhuma hora, necessitava a todas para as tarefas que mantinham sua pequena casa em bom funcionamento.

Agarrou o cubo de madeira do gancho junto à porta e saiu à luz do amanhecer. Uma neblina se elevava do rio estendendo um leve brilho esverdeado sobre o resto do vale.

Abriu a desvencilhada portinha da cerca que conseguia que a maior parte da fauna se mantivesse afastada de sua horta e parou em seco.

Knightson estava adormecido junto à cerca, dentro de uma trouxa de mantas. Ao ouvir o rangido da portinhola, despertou e se sentou de um salto.

O coração de Portia pulsava com uma força que chegava a ser dolorosa. Ficou olhando sua garganta escura e nua, e as cerdas escuras que saíam de suas bochechas sem barbear.

—Não se foi. —murmurou.

—Não. — respondeu em voz baixa.

Estendeu o cubo para ele.

—Seja útil e me traga água.

Girou sobre seus calcanhares e voltou caminhando à casa. Deixou a porta aberta. Ao menos tinha lhe economizado um passeio até o rio para trazer água.

Tentou arrumar o cabelo em sua ausência e lavou a rosto com o que ficava da água do dia anterior. Tinha dormido em meio às lágrimas. Devo ter uma pinta horrorosa.

Voltou sua atenção ao café da manhã e começou a cozinhar uns ovos e um pouco de beicon que tinha comprado do vizinho com seus preciosos e minguantes recursos.

Knightson reapareceu, deixou o cubo junto a ela e se sentou à minúscula e gasta mesa da cozinha. Não disse nada; cruzou os braços e a observou trabalhar.

Serviu o café da manhã em pratos de porcelana um pouco descascada (um presente de sua tia) e se sentou em frente a ele. Portia comeu ignorando os sons de aprovação que chegavam do outro lado da mesa.

—Sabe cozinhar. — disse Knightson ao fim— É uma verdadeira jóia.

Ela levantou o olhar e entrecerrou as pálpebras.

—Não me casarei com você.

Ele apartou o prato.

—Por que não? Estamos bem juntos.

Portia curvou um pouco os lábios.

—O sexo não é tudo. —mordeu-se o lábio inferior antes de continuar— Se aproveitou de mim e me abandonou, e agora espera que volte a o aceitar?

—De verdade quer viver assim? —Sua mão abrangeu com um gesto a minúscula casinha.

—Será que eu disse o contrário? —respondeu.

—Portia, seja razoável.

—Serei razoável quando se desculpar, quando me explicar o porquê de seus horríveis atos, senhor. E temo que são indesculpáveis!

Ele suspirou e passou uma mão pelo cabelo, onde encontrou uma herva seca que jogou para um lado.

—Pensei que pretendia me apanhar.

—Sim, deixou isso muito claro. —Portia não pôde suportar seguir olhando-o. Se levantou, recolheu os pratos sujos e os levou a pia lascada de porcelana branca.

—Fui um idiota. —Soava frustrado— Não queria me casar e sabia que você tampouco o queria, assim por que ver forçados a esse fim? Esse foi meu raciocínio.

—Raciocínio? Estava furioso porque se viu apanhado. —Portia esfregou a frigideira com mais força.

—Estava. —concedeu— Essa foi a parte estúpida.

Ouviu a cadeira que se arrastava e os golpes amortecidos de suas botas sobre o chão de pedra. Ficou de pé atrás dela, o fôlego quente em sua nuca.

—Tentei me esquecer de você, Portia. Mas não pude te tirar de minha mente nem de meu coração.

Abraçou-a por trás, mas ela permaneceu rígida em seus braços, olhando para cima, às vigas expostas do teto.

—Necessito mais que umas quantas adulações, Mark.

Pressionou os lábios contra sua nuca.

—Não são adulações. Portia, movi céus e terra te buscando, isso não demonstra quanto a necessito?

Ela se voltou dentro de seu abraço e suas mãos lhe tocaram o peito.

—Como posso estar segura disso? Não é possível que isto seja um assunto temporário para você?

—Perguntei em todas as partes. —Seu olhar azul se fixou no dela— Inclusive sei que rechaçou a oferta do duque de Winterton e sua nova esposa.

Portia deu um coice.

—Sabe isso? —O duque e a nova duquesa tinham ido em sua busca ao saber que tinha uma tia em York. Ela tinha se mostrado chorosa, mas firme.

—Sei. Convenci à nova duquesa da sinceridade de minhas intenções com você. Assim é como encontrei a sua tia.

—Mas ela não lhe disse isso.

Portia adorava o sorriso irônico que cruzou suas feições, mas se esforçou em não demonstrá-lo.

—Certo. Me deu uma boa reprimenda por meu mau comportamento. Quase prefiro a tranqüila decepção de seu pai.

—Viu a meu pai? —Portia recordou que no dia anterior tinha mencionado seus pais, mas estava muito furiosa para perguntar. Em sua necessidade de ouvir as notícias se inclinou para frente, reduzindo a distância entre eles.

—Sim, o vi. Parece estar bem. —Apartou-lhe um cacho solto da bochecha— Se tivesse visto sua mãe, estou seguro de que não teria escapado vivo.

Portia soltou um bufido sarcástico.

—Nada mais que o que merece.

—Portia, meu amor, como pode estar aí sorrindo e me dizendo isso?

Ela o separou de si e trocou seu sorriso por um cenho franzido.

—Esse sorriso era para meu pai, não para você.

—Se você o diz... —Knightson se encarapitou na borda da mesa da cozinha— Me ama, admita.

—É um bruto arrogante! Não penso admitir nada. —Cruzou os braços sobre seu vestido de lã e o olhou.

—Portia, como posso a convencer de que sou sincero?

Ela tragou o que queria dizer. Queria dizer: que tal me fazendo uma proposição de matrimônio em toda regra, em vez de ficar aí e me dizer que devemos nos casar?

—E como posso o convencer eu de que é muito tarde? Teve sua oportunidade, Mark.

—Me dê outra oportunidade, Portia. Como pode ser tão cruel? —Voltou a se aproximar dela— Por favor.

—Não há nada que possa fazer que me faça mudar de opinião. Assim sugiro que vá.

—E o que te parece isto? —Knightson a abraçou com força. Ela abriu a boca para protestar só para encontrar que ele a tinha coberto com a sua. Ele a despojou de seus sentidos, roubou-lhe todas as palavras de protesto e ela se afundou nele, lhe rodeando o pescoço com os braços.

O céu a tinha ajudado e ela decidiu lhe devolver o beijo, e com ele toda a solidão que tinha sofrido durante os dois últimos meses.

Ele gemeu dentro de sua boca, suas grandes mãos envolveram suas nádegas e a atraíram para ele.

—Me diga que não sentirá falta disto.

Ela levantou a vista para olhá-lo arqueando as sobrancelhas.

—Estou segura de que poderei encontrar a algum bom pastor jovem que possa treinar. — disse arrastando as palavras— Uma vez que me canse do que você me ensinou, está claro.

—Moça, está me provocando. —Sorriu olhando-a— Não pode negar que me deseja. Acaba de me mostrar que assim é.

—Te desejo, sim. —Sua voz se voltou rouca— Mas, o necessito?

—Eu necessito de você. —Mark voltou a beijá-la, um beijo longo que a deixou sem fôlego— Me deixe te mostrar quanto a necessito.

Ela concordou com um suspiro. E quando o tinha negado?

Ele encheu seu pescoço de beijos.

—Sinto muito, sinto. — sussurrou em uma agonia em voz baixa contra sua pele úmida.

Portia fechou os olhos para evitar as lágrimas incipientes e se agarrou a ele. Queria lhe perdoar, mas ainda não. Ainda não.

Ele a levantou e girou para colocá-la sobre a mesa da cozinha. Se afastou um pouco e ficou olhando-a. Só a olhava.

Ela se remexeu, incômoda ao se dar conta de sua triste aparência.

Ele se aproximou e lhe rodeou a rosto com as mãos.

—Senti sua falta. —murmurou. Beijou-a de novo antes que ela pudesse responder— Senti falta de te ver, te falar e, sim, também me deitar com você. Por Deus, Portia, era como se alguém tivesse arrancado uma parte de mim. Sinto não ter me dado conta antes...

—E por que não o fez? —sussurrou ela.

—Estava muito furioso. Furioso por ter sido traído, manipulado. Furioso com meu mordomo quando descobri que foi ele quem nos traiu. O despedi, por certo. — Respirou fundo. Suas mãos davam calor a suas bochechas— Furioso comigo mesmo. E depois não havia ninguém mais com quem pudesse estar furioso. Comecei a sentir sua falta e comecei para te buscar. —Acariciou-lhe a bochecha com o dorso do dedo indicador; seu intenso olhar azul a atravessou até lhe chegar à alma.

Seu coração se encheu de uma emoção que acreditava desterrada fazia tempo. Sua única opção tinha sido enterrar seus sentimentos por ele, esquecê-lo. Ela acreditava que nunca viria em sua busca depois de tê-la rechaçado dessa forma em público.

Mas aí estava.

Portia se inclinou para frente para beijá-lo e esteve a ponto de cair da mesa. No fundo de sua alma o tinha aceito, mas se negava a dizer. Ainda não.

—Por quê? —sussurrou de novo— Por que me envergonhou diante de todo mundo?

Seu rosto mudou e fechou as pálpebras com força em um gesto de dor.

—Isso não é algo do que me orgulhe. —murmurou— Acreditei que tinha me enganado. Estúpido, sei, mas por minha isso experiência é o que as mulheres costumam fazer.

—Deveria se relacionar com mulheres melhores.

Ele deu de ombros. Sua boca mostrava um rictus de dor.

—Depois da primeira traição, escolhi me relacionar com mulheres que soubessem que se iriam por onde tinham vindo ao terminar nossa relação.

Ela ficou rígida dentro de seu abraço.

—A primeira traição?

—Era jovem. —Engoliu em seco— Me apaixonei por ela e pensei que ela se apaixonou por mim, mas me manipulou para que passasse diretamente de seus braços aos de sua sobrinha. Por isso pus um limite a minhas relações: cinco consumações não dão tempo suficiente para tramar nada.

—Nós superamos esse limite das cinco vezes. —Franziu o cenho, preocupada se por acaso ele voltava a desaparecer e rompia de novo seu coração.

—Você é diferente. —Mark lhe beijou a testa, mas ela pôde ver o brilho das lágrimas em seus olhos— Não posso estar sem você, Portia. A quero.

Ela fez que baixasse a cabeça para se aproximar da sua até que ambas as testas chorostom.

—Me convença. — sussurrou justo contra seus lábios.

Seus lábios se curvaram em um sorriso contra os dela.

—Será um prazer.

Cobriu-a de beijos, explorações largas e lentas de seus lábios que excitavam e incentivavam seu desejo por ele a partes iguais. Enquanto a beijava, suas mãos percorriam suas pernas cobertas por meias de lã até a parte de trás de seus joelhos. Com muito cuidado foi dobrando a saia por cima das coxas, deixando ao descoberto sua pele suave e pálida.

Mark se separou de sua boca faminta e ficou de cócoras diante dela, cobrindo de beijos com a boca aberta, a tenra carne do interior de suas coxas.

Portia se recostou se apoiando nas mãos colocadas a suas costas enquanto os beijos de Mark foram se aproximando pouco a pouco de seu sexo. Tentou seguir respirando de forma sossegada, mas ela queria que sua boca chegasse a seu sexo nesse mesmo instante.

Tinha passado tanto tempo (meses...) que inclusive, dar prazer a si mesma parecia um pobre reflexo do que supunha a hábil forma de fazer amor de Mark.

Se deitou completamente em cima da mesa da cozinha, cruzada sobre ela, sua cabeça perigosamente perto do pico. Suas pernas abertas caíam sobre a borda.

Mark colocou suas pernas sobre seus ombros. Sentiu o fôlego quente sobre sua fenda úmida. Levava ela úmida para ele desde o mesmo momento em que o tinha visto de novo? Certamente sua confissão lhe tinha arrancado essa reação.

Esperou, tremendo, o primeiro toque de sua língua, sua primeira carícia. O ouviu respirar profundamente. Por que não a tocava? Os batimentos de seu coração se aceleraram pelo medo de que algo tivesse quebrado tudo, de que, ao se ver, de novo, ante a visão de seu sexo, Mark se tivesse dado conta de seu engano e estivesse procurando uma forma educada de sair dali.

Mas não havia necessidade de manter a educação com ela, dado que se encontrava no nível mais baixo da escala social.

A primeira lambida tentadora chegou sem avisar e ela se sacudiu sob ele; um alarido de alívio escapou de sua boca.

Ele riu e se inundou para seguir com uma longa lambida de cima abaixo que lhe abriu os excitados lábios exteriores. Sua língua rodeou a entrada de sua abertura e absorveu os fluidos sexuais que ela liberou.

Ela estava preparada. Mais que preparada.

Mesmo assim, Mark tomou seu tempo, beijando e lambendo seu sexo. Não tinha se barbeado essa manhã e sua barba raspava sua sensível pele. Ela se retorceu ao notar as espetadas dos cabelos de sua barba e ele se retirou depois de enterrar seu rosto completamente em seu sexo úmido.

Então deu uma atenção especial a seus clitóris ereto, estimulando-o até que se converteu em um duro botão que pulsava. Somente o fôlego sobre seus clitóris a fez suspirar.

Portia se retorceu sob ele, se agarrando com mais força a saia à medida que a necessidade de liberação ia se fazendo mais e mais peremptória. Ela soluçou e ofegou, desejando que ele estivesse mais perto, querendo-o em seu interior, mas ele manteve a distância, consciente de sua barba incipiente.

—Mark! —ofegou— Por favor!

Ele levantou a cabeça do meio de suas pernas e se inclinou sobre ela até que pôde sentir sua ereção dentro das calças, pressionando contra seu sexo desejoso.

A metade inferior de seu rosto brilhava com seus fluidos.

—Quero sentir sua liberação enquanto esteja dentro de você. Onde está seu dormitório?

Ela apontou a suas costas.

—A outra porta. —Havia somente duas.

Ele a levantou, carregando com ela sem esforço e a levou a outra habitação. Deteve-se na soleira.

Com um gesto de dor Portia fechou os olhos, imaginando o que devia parecer a ele seu quarto, com apenas uma estreita cama individual e o fino colchão sobre umas cordas gastas. Mas a cama tinha lençóis limpos; não tinha querido se privar dessa pequena comodidade.

O tempo e a fumaça das velas tinham enegrecido às paredes, as deixando opacas e amareladas, tão diferentes do branco puro da cozinha. Os únicos móveis eram uma cômoda e uma estante estreita. Portia se ocupava da correspondência na mesa da cozinha, embora ainda não tivesse recebido nenhuma resposta.

Mark a beijou no cabelo.

—Oh, Portia, meu amor. —Voltou a lhe beijar o cabelo, levou-a a interior do quarto e a baixou. Seu olhar de comiseração desapareceu e foi substituída por um sorriso bastante lascivo.

—Quero a ver nua. —disse.

O êxtase de seu olhar cheio de luxúria excitou ainda mais a Portia.

—E eu a você. —disse sem fôlego.

Ele soltou uma gargalhada e tirou a jaqueta. A camisa a seguiu pouco depois. Trabalhou em excesso para desabotoar as calças e a olhou.

—Bom, mulher, por que não se está despindo?

Portia lhe sorriu e seus dedos se dirigiram a soltar as fitas do vestido enquanto olhava como ele acabava de se despir, seu pênis se mostrava magnificamente erguido enquanto lutava para tirar suas botas.

—Maldita seja. —disse puxando o objeto de couro escuro— Acredito que vou necessitar sua ajuda. —Sua expressão se suavizou para se converter em uma especulativa— Termina de se despir primeiro.

Sorrindo, Portia se livrou do vestido e da regata que levava debaixo.

—Não leva espartilho?

—Não tenho ninguém que me ajude com ele. —Ainda não tinha conseguido encontrar uma alternativa aceitável. Que os vestidos ficassem pendurando não parecia ser um problema agora. A quem lhe importava se levava espartilho ou não?

Portia se aproximou dele e ficou escarranchada sobre sua perna estendida, agarrando a bota com força pela sola e o salto.

—Preparado?

Ele colocou seu outro pé, ainda calçado com a outra bota, sobre seu traseiro.

—Preparado.

Mark esteve a ponto de atirá-la ao chão com a força de seu impulso, mas ela se manteve firme e a bota saiu. Subiu sobre a outra perna sem fazer nenhum comentário. O traseiro lhe doía um pouco e ainda sentia o rastro da bota que lhe queimava na pele.

Já sem as botas, Portia voltou para a cama esfregando o traseiro para diversão de Mark.

Observou-o enquanto acabava de se despir. Suas calças, embora ajustadas, davam-lhe um pouco de margem de movimento, dado que tinha estado cavalgando com eles, assim pôde tirar-lhe sem muita dificuldade.

Ficou de pé ante ela, fantasticamente nu, uma força primitiva contida nessa carne e esses ossos. O pêlo escuro e encaracolado formava redemoinhos ao redor de seu pênis e se convertia em uma fina linha que subia por seu ventre.

Mark a distraiu enquanto se alegrava a vista com seu corpo e começou a acariciar o pênis. Já duro, o movimento de bombeamento fez que parecesse que a cabeça se sobressaía ainda mais.

Ele caminhou para frente e uma minúscula gota se formou no orifício de seu membro. Ela estendeu a mão e tomou a substituição acariciando seu pênis e levando-lhe à boca.

Tirou-lhe essa promessa do sêmen que estava por chegar e depois rodeou a cabeça com sua língua, umedecendo-a bem com sua saliva. Apertou os lábios ao redor de seu pênis e chupou com força até que ele grunhiu.

Pôs uma mão em sua testa, lhe indicando que se apartasse.

—Quero chegar ao clímax dentro de você e já estou perto dele, querida Portia. Passou muito tempo.

Ela tirou o pênis da boca sem deixar de olhá-lo com os olhos muito abertos. Ele não tinha tido nenhuma outra mulher da última vez que tinha estado com ela?

—Não desejei a nenhuma outra mais que a você. — ronronou. Suas mãos descansavam sobre os ombros dela e a empurraram sobre a cama.

Abriu as pernas, sentiu seu pênis pressionar contra seu sexo e se remexeu, encantada com seus gemidos.

—Esteja quieta, moça, ou acabarei gozando em cima de você. —disse com os dentes apertados.

Beijou-a com paixão, sua língua pressionava em sua boca enquanto a penetrava. Gemeu ao redor dessa língua imparável, sentindo como lhe abria a carne torcida e se enterrava nela até o fundo.

Afogou um soluço no fundo de sua garganta enquanto lhe devolvia o beijo e seus músculos apertavam seu pênis. Sentia-se bem, completa, perfeita.

Ele se moveu em seu interior e Portia sentiu crescer a primeira quebra de onda de tensão. Gritou, se agarrando a Mark e lhe cravando as unhas nas costas.

Outro ligeiro movimento e ela já estava na borda do abismo, a liberação só a uma investida.

—Portia. —grunhiu Mark— Não posso me conter.

—Me foda, Mark. —suplicou Portia entre gritos entrecortados— Faz que goze.

Agarrando-a em seus braços e lhe agarrando os ombros, Mark a investiu. Uma e outra vez e outra e outra mais...

Perdida na repentina propulsão da liberação, Portia se esticou e se deixou cair com força, abraçando-se a Mark com todas as suas forças. Queria que ele ficasse em seu interior, que nunca saísse.

Através do rugido de seus ouvidos pôde ouvir que Mark gritava, o último som de um estribilho delicioso de liberação enlevada.

Ela se afundou em seus braços, beijou sua testa úmida e sentiu sua respiração ofegante e cálida contra sua pele. Enquanto recuperava o fôlego, olhou-a com os olhos cheios de algo insondável.

—Portia, se casará comigo agora?

Secou o suor que caía por um lado de seu rosto.

—Se me pergunta isso desta forma tão agradável, sim, me casarei com você.

Abraçou-a com mais força, ainda convulso.

—Está em meu sangue, Portia. Não sei o que teria feito se me houvesse dito que não.

Sorriu.

—Me foder até que te dissesse que sim, suponho. —Fez uma careta com os lábios— Acredito que teria claudicado muito em breve.

Ele riu e a beijou na testa, no queixo e finalmente na boca. Ela respondeu ao beijo, dando a ele tanto como dava a ela.

—Fica o sexo de celebração.

—Maravilhoso. — murmurou concentrada em lhe beijar o queixo.

—Mas acredito que deveríamos esperar até que estejamos casados.

Ela se separou dele, embora não muito, e ficou olhando-o.

—Mas podem passar semanas antes disso!

Ele voltou a rir.

—Não se tivermos uma licença especial. E dá a casualidade de que a tenho. Está no bolso de minha jaqueta. Só temos que nos vestir e nos encaminhar à igreja mais próxima.

Portia gritou e o abraçou com força.

—Sim, sim, sim!

Fim

1 No título da obra há um trocadilho com os nomes das protagonistas: «Godown» significa algo assim como «Mais abaixo» e «Bottom» é a palavra inglesa para culo.

2 Guia genealógica da aristocracia britânica que resultava a pedra angular da sociedade britânica. Começou a publicar-se em 1769 e segue editando-se na atualidade. (N. da T.)